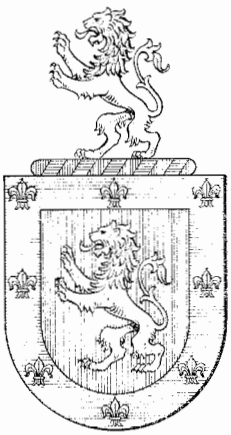
VELHAS CASAS

IV

(FREGUESIA DE CREIXOMIL)

Casa de Laços



Vamos para a Rua Nova do Muro. Para a casa de Pedro Borges. Na parede da sala, encaixilhada, a licença «para que possa sarrafar, lamsar ventosas e tirar dentes em todos os Reinos e senhorios de portugall» [1]. À porta, a bacia de barbeiro, cheia de água, sabão a escorrer das bordas. Dentro, lanças, chuços, espadas do Porto e de Valença, airosas, floreteadas, prontas a serem limpas, embainhadas, enfeitadas de veludo nos punhos. Atiradas para os cantos «foices, cutelos, facas, enxós, tesouras, trinchantes, sovelas e outras» [2].

---

(1) Não encontrei a carta de barbeiro e sangrador de Pedro Borges; as primeiras que vi são de 1655 e estão no livro 9-1-27 do Arq. Mun. A. Pimenta. Em todos os documentos em que vem Pedro Borges (assentos paroquiais, livros de notas, etc.) aparece como barbeiro a não ser nos últimos anos de sua vida onde já não é mencionada a profissão. Todas as cartas de barbeiro usam a fórmula que reproduzo no texto.

(2) *«Os Mesteres de Guimarães»*, de A. L. de Carvalho, vol. V, pág. 177. Do mesmo livro, copio da pág. 181 as antigas taxas da barba e do cabelo (1522);

«It. nam levara mais hum barb.° de fazer a barba a hum home trabalhador à navalha, de dous rs ij rs

«E semdo a tisoura, quatro rs iiij rs

«E pollas outras das pesoas homrradas sêdo feyta a dita barba à tisoura com seu cabelo e trosquea, dez rs X rs

«E semdo feyta a navalha com fazer o cabelo entre tanto X rs

«E se as ditas pesoas homrradas lhe quiserem dar mais podello hão fazer

«E fazendo o cabelo somente levara, dous rs ij rs

«It. de rapar hu moço à navalha, dous rs ij rs

«E de o trosquearem sobre pemtem, quatro rs iiij rs

Ali! Ali a horrenda bacia das «vixas» pegajosas, viscosas, medonhas! Casa de Pedro Borges, barbeiro! Está a navalha pronta para uma barba, uma tosquia; a lancêta pronta a rasgar, a curar a carne ferida; os ditos e novas recolhidos por toda a vila a renascerem vivos, banhados em graça. Eis aqui Pedro Borges: pronto a entrar na história da Casa de Laços, foreira à Senhora Rainha, em S. Miguel de Creixomil.

Casado em primeiras núpcias com Cecília Nogueira,[3] dela

(Bib. S. M. S. ms n.° 37) e da pág. 178 copio o seguinte preçário:

«E nam levara mais hû barbr.° de guarnecer hûa espada, dalimpalla e êvernizalla e bainha de novo com punho de couro, coremta rs XI rs

«It., nam valera mais hua boa espada nova do porto ou de valemça, guarnecida, de cimquoêta rs I rs

«It., de guarnecer hua bainha de veludo e de alimpar a espada damdo-lhe o veludo e o punho, cimquoêta rs I rs

«E de feitio de hûa bainha somete para espada, vinte e cinquo rs XXb rs

«E de alimpar hûa espada e emvernizar os cabos, dez rs X rs

«E de alimpar o ferro de hûa lamça, cimquo rs b rs

«E de hûa chuça, dez rs X rs

«It dalimpar hûa aste de lamça de ferro e êdireitalla, dez rs X rs

«It nam valera mais hûa aste de lamça de duas astas comprida de vimte pallmos pera riba, de cem rs c rs

«E de hûa asta de chuça, sesemta rs lx rs

«E se for aste da remesam nam valera mais de cimquoêta rs I rs

(S. M. S., ms. n.° 37)

(3) Cecília Nogueira era f.ª de Aleixo Gonçalves, sr. de uns prazos em S.t° Estevão de Regadas, (v. nota 36), m.or em Guimarães, e irmã de Deniz Nogueira que «em 1634 estava ausente nas partes da Índia há mais de cinquoenta anos». «Fiansa q da ant.° Borges nugeira e inocencia nugueira e c.a nug.a suas primas ao provedor». Tab. Fr.co Peixoto de Carvalho (12-3-21), pág. 73v.° Arq. Mun. A Pimenta.

Além desta, encontro por esta época cinco Cecílias Nogueiras residentes em Guimarães: 1.ª — a m.er do Juiz dos Orfãos, madrinha do filho mais novo do 1.° casamento de Pedro Borges (nota 4). Era f.ª de Jerónimo Nogueira, Juiz dos Orfãos na vila de Guimarães; levou em dote este ofício ao casar com Gonçalo de Morgade Golias (1628). Não tendo geração passou este cargo a sua enteada Margarida de Morgade, filha de seu marido, que casou 3 vezes e em cuja descendência seguiu o ofício de Juiz dos Orfãos. 2.ª — A m.er de Luis Paes do Amaral (v. nota 25), f.ª de António Nogueira e m.er Ana de Morgade. 3.ª — a m.er de Gaspar de Crasto, mãe de Ant.° Nogueira † em Gôa, do Padre P.° Nogueira, de M.ª Nogueira casada com João Fernandes, pais de Cristovão Nogueira, ourives. 4.ª —

tem tres filhos: Maria, António e João [4]. E, *«aos 9 dias de feverero de 604 faleceo Cezilia nogueira molher de pero borges barbeiro fez testamento foi sepultada em nosa snora da olivr.ª»* [5] Aparece então nos assentos da freguesia de S. Torcato o segundo casamento *«a 30 de mayo de 604 recebi a p.º borges cõ Marg.da mor.ª f.ª de João mor.ª rend.º deste mosteiro e de sua m.er victoria alvres»* [6]. Correrão por estas linhas Maria, Paulo, Bartolomeu, Angela, Torcato e Pedro, filhos deste segundo matrimónio [7]. Em Guimarães, na Rua Nova do Muro, «em suas pousadas», arrenda Pedro Borges, barbeiro, os dizimos e primicias da igreja de S. Tomé de Abação, a 8-2-1614. Entre as testemunhas está seu irmão João Borges, mercador, morador na Rua dos Gatos [8].

---

a f.ª de Bartolomeu Vaz e m.er Catarina Nogueira, (pais, de entre outros, de Helena Nogueira, citada na nota 22 da Casa de Caneiros, Fermentões), × em 1639 com Manuel de Faria. 5.ª — a m.er de António Gonçalves, mãe de Sebastião Nogueira, Infanção da Vila de Guimarães em 1629. A 1.ª e 2.ª são citadas no *«Nobiliário»* de Felgueiras Gayo em tit.º de Morgades & 1 e 3, e por Cristóvão Alão de Moraes, na *«Pedatura»*, vol. II. Tomo I, pág. 216. Não descobri parentesco entre a m.er de Pedro Borges e qualquer delas, embora seja provável que isso se verifique.

(4) Maria, a primogénita, foi bap. a 23-8-1596; foram seus padrinhos o Lic. do Bartolomeu Roiz e Paula de Resende, m.er de Gervas Leite, cirurgião, (M 1 Olv.ª), s. m. n., suponho que tivesse † menina. António Borges Nogueira, referido no texto, b. a 11-4-1598, sendo afilhado de João Nogueira, Tesoureiro da Colegiada, e de Catarina Golias, m.er de Manuel da Cunha. O mais novo, João Nogueira, recebeu o baptismo a 13-5-1601, foram padrinhos André Afonso Peixoto e Cecília Nogueira, m.er do Juiz dos Orfãos (mesmo livro, pág. 29), † solt.º em Sevilha.

(5) Mesmo L.º citado na nota anterior.

(6) M 2 S. Torcato. Arq. Mun. A. Pimenta.

(7) Maria b. a 21-4-1605, foram padrinhos Salvador de Meira e Isabel de Matos, m.er de Marcos de Andrade (mesmo L.º da nota 4, pág. 39v.º), dela nada mais sei. Paulo b. a 20-1-1607, foi afilhado do Padre Miguel Leite e de Maria Fernandes, m.er de João Alvres (mesmo L.º, pág. 42). Bartolomeu a 29-8-1609, sendo afilhado de Paulo Francisco, ourives e Damásia Moreira (mesmo L.º, pág. 49). De Ângela não encontrei o assento de baptismo. Torcato, ainda nasce, como os outros, na Rua Nova do Muro, é b. a 15-7-1618 e são padrinhos o Padre Bartolomeu de Mesquita e sua irmã Isabel de Mesquita (M 2 Olv.ª, pág. 18). Pedro é o único que nasce em Laços.

(8) «Arendam.to que faz fr.co alvres abade de abasão a p.º borges barbeiro». Tab. João de Abreu (12-2-17), pág. 230. Arq. Mun. A. Pimenta. João Borges, irmão de Pedro, comprou por 74$00, em 10-3-1613, as casas,

Procuremos saber mais da vida de Pedro Borges: «deve-lhe João Martins do lugar de villar da veigua conselho da ribeira de soaz vinte mill reis e seus juros»; [9] recebe os «cem mill reys em di.° de cõtado q elle dera por cotrato de companhya a Ant.° da fonseca m.or na q.ta do cerrelo do couto de pombeyro os coais cem mill reys como os ganhos q a parte delle p.° borges couberão no tempo q andou na dyta companhya e trato ...» [10]; empresta a Bastião Francisco do Casal das Cortinhas em S. Torcato «pera elle tratar de seu negocio de lynho e lynhaça e outras mercadorias da terra lycytar» [11]; «guarda, conta e acha certos» os sesenta mil reis que dera por contrato de companhia, em 1621, a Paulo Francisco, tambem barbeiro [12].

Vive a família de sua segunda mulher no Assento, do Mosteiro de S. Torcato. O sogro, João Moreira, enxambrador, é rendeiro do mesmo Mosteiro; pelas «muitas boas obras cervyssos e grasalhados» aceita de Gonçalo Pires, o Grato, a doação de um quarto do Casal do Assento [13]. A sogra, Vitória Alvres, passa em 1615 uma procuração geral [14]. Ligam-se as cunhadas a outras familias [15]. Abrilhanta os fer-

---

da Rua dos Gatos, onde viviam o Lic.do João Nogueira e m.er M.a Nogeira (L.° citado acima, pág. 152). João Borges † a 16-4-1627; foi sua m.er a herd.a e testamenteira (M 1 freg.a de S, Paio, pág. 199). Desconheço o nome da mulher e se tiveram geração.

[9] «Procuração q fez p.° borges a allvro frz solycytador a 16-7-1614». Tab. João Bertoles (10-1-70). Arq. Mun. A. Pimenta.

[10] «Quitação q deu p.° borges a ant.° da fonsequa de di.°», a 31-3-1615. Mesmo L.° da nota 9, pág. 142.

[11] «Contrato de di.° a perda e guanho q fez p.° borges cõ bastião fr.co», a 30-10-1618. Tab. João de Abreu (10-2-2), pág. 40. Arq. Mun. A. Pimenta. Continua Pedro Borges a viver na Rua Nova do Muro.

[12] «Quitação q deu p.° borges a paulo fr.co he a seu fiador dioguo ferreira», em Janeiro de 1621. Tab. João de Abreu (10-2-5), pág. 113. Arq. Mun. A. Pimenta.

[13] «Doação q fez g.lo piz o grato a Jm.° moreyra ao dr. t.° do coarto do assento do mosteyro de São trocade», a 30-1-1613. Tab. João Bertoles (10-1-68), pág. 75. Arq. Mun. A. Pimenta.

[14] «Procuração q fes vitorya allvres m.er de Jm.° moreyra a bento barbosa e outros», a 8-10-1613. Tab. João Bertoles (10-1-69), pág. 29.

[15] João Moreira e sua m.er Vitória Alvres † no Assento de S. Torcato a 20-3-1629 (M 2 S. Torcato) tiveram: Custódio Moreira, suc. a seus pais, João Moreira, que foi para o Brasil, Margarida Moreira, m.er de Pedro

teis campos do Casal do Assento uma miragem longinqúa, prateada e rica: «da baya do salvador rumo ao Rio da Prata» ([16]) parte um cunhado, João Moreira como o pai. Na terra fixa-se o outro rapaz: Custódio Moreira, o primogénito.

Laços surge em 1621, ao nascer «Pedro filho de Pero Borges e sua m.er Marg.a Moreira de Lassos», baptisado na igreja de Creixomil a 22-9-1621 ([17]). Começamos então a sua história. Das suas pedras cinzentas, ainda frias, tentemos tirar as menos esbatidas: as que nos contam a vida de Pedro Borges e seus filhos. Claras, simples como as duas Marias, pequeninas, cedo levadas para Deus. Com laivos de ternura e pureza, as de Angela Moreira, filha solteira, as do Rev.º Torcato Moreira, o filho sacerdote, abade da freguesia de Gémeos ([18]). Incolores, as de Bartolomeu Borges, efémera assinatura num contrato do pai ([19]), deixando adivinhar tons mais ricos as de João Nogueira, falecido em Sevilha. Fortes, desafiando os séculos, as do primogénito, António Borges Nogueira, Tabelião do Judicial; as de Paulo Borges, futuro senhor de Laços. Negras, roubadas à luz, as do mais novo, Pedro Borges, o cego, o único nascido em Laços, para quem as suas pedras não têm vida, não têm cor.

«... mercadorias tostoins e reales moedas de prata corẽte em este reino para tratar e negocear em mercadorias de seu

Borges, no texto, Maria Moreira, x a 11-2-1601 (M 2 S. Torcato) com António Rodrigues, Damázia Moreira x a 22-8-1610 (mesmo L.º) com Gonçalo de Crasto, Ana Moreira b. a 29-11-1592 (M 1) x com João Fernandes de Morgade, mercador («Quitação do dote q dão a sua mãe e sogra vitória alvres», em 1629. Tab. João Bertoles (10-2-7), Joana, b. a 28-7-1595, e Beatriz, b. a 28-2-1598 (M. 2). Neste mesmo L.º mas sem declarar a filiação dos noivos vem o casamento de Joana a 23-2-1647, com Francisco de Meyra. Provavelmente neta de João Moreira, e m.er, é Margarida Moreira, x a 21-1-1658 com Torcato Fernandes, do Casal de Codeceda, S. Torcato, com muita geração.

([16]) «Pr.çam q faz Jm.º Moreira de São Torcade a g.º lopes m.or na baya», a 6-4-1616. Tab. João Ribeiro (12-3-23), pág. 105. Arq. Mun. A. Pimenta.

([17]) M 1 de S. Miguel de Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta.

([18]) M 1 da frg.a de S.ta M.a de Gemeos é a 2-7-1659. A partir daí até 1679, assina todos os assentos, acrescentando ao seu nome-abade de Gemeos, desde 5-10-1670. Arq. Mun. A. Pimenta.

([19]) Num contrato feito em 1631 por Pedro Borges é testemunha, entre outros, seu filho, Bartolomeu Borges. Tab. Ant.º Barreiros (22-1-7) Arq. Mun. A. Pimenta.

trato e os nam metera no mar nem em cousas defesas nem as aventurarar sobre o mar nem em cousas vivas nem defesas nem de hu Reino pera outro ...» ([20]) Fortuna de Pedro Borges, senhor de Laços, dinheiros emprestados a juros, quintas que lhe são hipotecadas, ([21]) quitação que ele e sua mulher «genro e filha de vitoria alvres dona viuva que ficou de Jm.° moreira» dão a seu cunhado e irmão, Custódio Moreira ([22]); papeis amarelecidos, presos em capas de pergaminhos. Valores a mudarem, a subirem, a guardarem ciosos a maior parte da vida de Pedro Borges. Finda esta em Laços a 8-4-1641 ([23]).

António Borges Nogueira, o primogénito, Tabelião do Judicial, está já casado há muitos anos. Recebeu-se no Hospital da Rua Sapateira, a 15-1-1624, com Maria Paes do Amaral, ([24]) filha de António Paes do Amaral e de Helena da Cunha, e meia irmã de Luis Paes do Amaral e da mulher de Afonso Martins de Macêdo. Vem a sua ascendência no Gayo. ([25]) Vivem

---

([20]) «Contrato de companhia entre p.° borges e g.l.° glz boreco», na Rua Nova do Muro a 7-7-1631. Doc. na nota anterior.

([21]) «Contrato à rrezão de juro de cem mil reis q deu P.° Borges a M.el João foleiro», a 26-2-1636. Tab. Ant.° Nogueira do Canto (10-2-56). Manuel João hipoteca a Pedro Borges os seus casais de Tresmonde e Vinha da Lage, em S. Martinho do Conde, e as suas casas nas Lages do Toural. «Distrato e reformação de contrato q fazem P.° Borges e Giraldo Sodré e fr.co mendes», a 19-3-1638. Mesmo Tab. acima citado (10-2-57). «Contrato de di.° à Resão de Juro que faz P.° Borges com matheus de andrade e fr.co frz», a 17-12-1640. Mesmo Tab. (10-2 59). Pedro Borges empresta a juros a Mateus de Andrade, imaginário de madeira e a Francisco Fernandes; o 1.° hipoteca-lhe o casal da Bouça, S. Torcato, o 2.° o casal da Espinhosa, Azurém.

([22]) «Quitasão que dão p.° Borges e sua m.er a custódio moreira», a 17-12-1640, na Q.ta de Laços. Mesmo Tab. citado na nota 21 (10-2-59), pág. 117v.° Arq. Mun. A. Pimenta.

([23]) Jaz na Igreja da Sr.a da Oliveira, M 2 da freg.ª de Creixomil, pág. 11v.° da parte dos óbitos. Arq. Mun. A. Pimenta.

([24]) M 2 da freg.ª da Olv.ª pág. 155v.° Arq. Mun. A. Pimenta.

([25]) «*Nobiliário*», de Felgueiras Gayo, Tomo VIII, t.t.° de Cardosos, & 2. Diz F. Gayo que António Paes do Amaral casou duas vezes: a 1.ª com D. Margarida Gomes Pedroso, de quem teve D. Isabel, m.er de Afonso Martins de Macedo, e a 2.ª com D. Helena da Cunha, mãe de Maria Paes do Amaral. Verifica-se, ao consultar os livros de notas, que a 1.ª m.er foi Helena de Almeida, de quem teve Luis Paes do Amaral, c. c. Cecília Nogueira (v. nota 3), c. g. A 2.ª esposa foi Margarida Gomes e tiveram, pelo menos: Maria b. 26-8-1593 (M 1 Olv.ª) e Isabel Ferraz

em Guimarães, no Campo da Feira. Em seus filhos [26] começam os Pais do Amaral, da Rua da Caldeirôa. Começam desenhando à espada as fronteiras violadas do norte de Portugal. Começam com António Paes do Amaral, filho de Antonio Borges, citado pelo Padre Carvalho e no *Guimarães* do Padre Caldas [27].

Pelos «serviços obrados nas províncias de Tras-os-Montes e Minho em praça de soldado e Capitão de Auxiliares, Alferes, Tenente de Cavalos, Ajudante de Cavallaria e Cap.m de infanta.ª pago cujos serviços continuou por espaço de dezassete anos cinco meses e dezassete dias desde 4 Janeiro 1648 athe 20 Mayo 1688 achandose no decurso do tempo referido em muitos assaltos choques e dez ... nas campanhas do inimigo particularmente na Campanha de Vallença no rompimento do quartel do inimigo fazendolhe largar o forte de Bellem e duas atallayas ajudando depois a socorrer a praça de Melgaço a todo ... procedendo tambem como devia na peleja do sitio de Ninho ... coao e rendimento do forte de Gayão, na obra do forte da Conceição na campanha do rendimento do forte

---

do Amaral x a 6-11-1623, com Afonso Martins de Macedo (M 2 Olv.ª). A julgar pela certidão do casamento da filha, Margarida Gomes estava viva em 1623, e no assento do matrimónio de António Borges Nogueira com Maria Paes do Amaral vem somente o nome dos pais da noiva, não se mencionando se são ou não casados. Com estes elementos, julgo que Maria Paes do Amaral era filha natural de António Paes do Amaral e de Helena da Cunha. A 1-8-1640, António de Freitas do Amaral (f.º de Alvaro Paes Ferraz e de sua m.er D. Mécia Ferraz do Amaral, neto mat. de António de Freitas do Amaral, sr. do Morg. de Cezim e Casa Nova, e de sua m.er Vitória Ferraz do Rego, no «Gayo») e sua m.er Ana do Amaral (f.ª de Luis Paes do Amaral e de sua m.er Cecília Nogueira, acima) e Isabel Ferraz do Amaral e marido, Afonso Martins de Macedo (acima), partilham a herança que ficou de seu avô e pai António Paes do Amaral e suas 1.ª e 2.ª mulheres, uma avó pat. de Ana do Amaral, outra mãe de Isabel Ferraz. Tab. Ant.º Nogueira do Canto (10-2-59).

[26] Foram: Luis. b. a 29-11-1624, Domingos, b. a 11-2-1626, Maria, b. a 1-6-1628 (M 2 Olv.ª, pág.s 60, 70 e 87), António Paes do Amaral, citado no texto, b. a 8-8-1631, Mécia, b. a 10-8-1635 e Angela Ferraz do Amaral, * a 24-7-1639 (N 1 Olv.ª pág.s 18v.º, 55 e 73) x 15-9-1660 (H 3, pág. 23v.º) com Jerónimo de Sousa Homem, f.º de António de Sousa Homem e de Ângela da Silva, c. g.

[27] «*Corografia Portuguesa e Descripçam Topografica*», do P.e A. Carvalho da Costa: «De outros sogeitos naturais da Villa de Guimaraens que ilustraram este Reino & outras partes do Mundo», pág. 89, Tomo I e pág. 267 do vol. II do «*Guimarães*», do Padre Caldas.

da Guarda e outros lugares havendo-se em tudo com grande valor e resolução», é António Paes do Amaral feito Cavaleiro Professo na ordem de Cristo, e «por isso dispensado apesar do facto do avô paterno ter sido oficial de barbeiro» [28].

«Paulo Borges mansebo solteiro e filho de margarida moreira dona v.ª de p.º borges defunto e moradora em Laços» arrenda como procurador de sua mãe uma pipa de vinho por nove anos ao Casal do Lugar, freguesia de Polvoreira [29]. Na mesma freguesia e no casal da Mouta toma de renda 180 medidas de *«Pão meado milho e senteio paguos em seis annos»* [30]. António Borges Nogueira dá a sua madrasta, Margarida Moreira, quitação *«da quanthia de coatrocentos he oitenta he sete mill he trinta reis que lhe couberão de legitima por mortes de sua mãe, seu pai e seu irmão João Nogueira falecido em Sevilha, a qual pelo dito P.º Borges se casar segunda vez pertencia a elle Antonio Borges Nogueira»*, *«e todo o mais q em algum tempo do mundo se ache q lhe podia caber mais alguma coisa assim da eransa de sua may seu irmão he de seu pay disserão fazião doação a Paullo Borges seu irmão e cunhado e isto por boas obras e servissos q delle tem recebido»* [31]. Separam-se amigavelmente os dois ramos irmãos. Pela espada do filho de Antonio Borges Nogueira começa o seu a firmar-se na nobreza. Com Paulo Borges, o mais velho do segundo casamento, segue a história de Laços.

Primeiro, com Paulo Borges ainda com sua mãi a receber o que se deve ao pai, a fazer contratos [32]. Depois, Margarida

---

[28] «Habilitação para a Ordem de Cristo de António *Paes do Amaral*» de 22-11-1672. Maço 51 n.º 80. Torre do Tombo.

[29] «Arendm.to q faz paulo borges como procurador de sua may mag.da nogra a cosme glz e sua molher», a 22-11-1642. Tab. Fr.co Veloso (12-4-7a), pág. 27. Arq. Mun. A. Pimenta.

[30] «Arendmtº que faz paulo borges a gp.ar glz de polvoreira», a 1.7.1643. Assina este documento como paulo borges moreira. Mesmo Lº citado na nota 29, pag. 52.

[31] «Quitação que dão António Borges nogueira e m.er Maria Paes do Amaral ha Margarida Moreira», a 9.2.1643. Tab. Antº Nogueira do Canto (10-3-14), pag. 26vº. Arq. Mun. A. Pimenta.

[32] «Comtrato feito entre marg.da moreira veuva q ficou de Pº Borges com Mateus de Andrade imaginário e fr.co frz da espinhosa de são pedro de surem», a 6.6.1641, no Casal de Laços e «Obrigação e comtrato

Moreira abandona a história de sua Casa, confortada com os sacramentos a 9-10-1645 (33). Senhor da Casa fica o filho. Em 1648, como procurador de sua irmã Angela, faz o arrendamento das pertenças do Casal do Aronço, em Nespereira (34); Em 1649 é mencionado no testamento do Dr. Rui Gomes Golias «... *e lembrolhe* (a Inês de Guimarães) *que se devem Setenta mil reis do Casal da Covilhã que comprei ao Pato e quando eu os não pague em vida a Paullo Borges q tenha ella lembrança p.ª que se paguem*» (35); em 1650 sua cunhada, Maria Paes do Amaral, «*para remir suas necessidades e pagar as dividas que ficarao de seu marido e ser molher e não poder procurar*» os casais das Cortinhas e do Cabo, em St.º Estevão de Regadas, Celorico de Basto «*nem beneficiallos por ficarem distantes desta villa*», vende-os ao irmão mais novo, Pedro Borges (36). Em 1651, na Rua Nova do Muro, recebe um dinheiro de juros (37), em 1654 «nesta quinta de Lassos» Gonçalo Francisco e seu filho Jerónimo Salgado, dos Casais da Torre e do Candoso, no Miradouro, em Creixomil, prometem-lhe uma

---

feito entre Paulo Borges pc.dor de sua may margarida moreira v.a que ficou de pº borges a afonso martins de masedo», Tab. André de Freitas (12-4-7), pag.s 38 e 81. Arq. Mun. A. Pimenta.

(33) M 2 Creixomil, pag. 15vº da parte dos óbitos.

(34) Arrendamento que faz paullo borges como proc.or de sua irmã angella moreira a Salvador Vaz e sua m.er feleciana machada», a 26 9 1648, na Q.ta de Laços. Tab. Jmº Moreira (12-4-14), pág. 14vº.

(35) Na nota 10 da «Casa da Covilhã», Paulo Borges é citado, pois foi ele que vendeu ao Dr. Rui Gomes Golias parte do Casal da Covilhã. O restante prazo da Covilhã já pertencia a inêz de Guimarães como se depreende do testamento do Dr. Rui Gomes Golias, nota 5 da Casa da Covilhã. A 8.1.1618 Diogo de Guimarães, pai de Inês, obriga entre os mais bens a sua quinta da covilhã «freg.a de st.a ovaya de feramontaes». Tab. Fr.co Peixoto de Carvalho (12-3-16b). Arq. Mun. A. Pimenta.

(36) «Compra que faz pedro borges a M.a Paes do Amaral dona v.a ambos desta v.a», a 2.6.1650. Tab. André Ferreira (12-4-16), pag. 19vº Estes casais faziam fôro à igreja de Stº Estevão de Regadas, anexa ao Mosteiro do Pópulo da Cidade de Braga. Num deles fora 1.a vida Aleixo Gonçalves, avô de António Borges Nogueira, que por sua vez os deixou à mulher, Maria Paes do Amaral. Foram vendidos por 77$000 livres de todos os gastos.

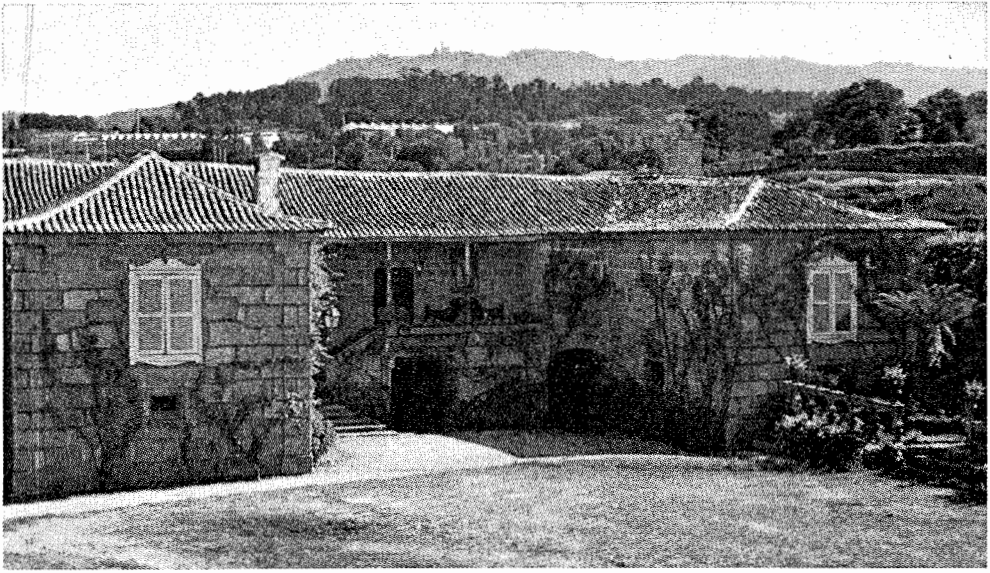
(37) «Contrato de drº q deu paullo borges a Fr.co Antº de Nespereira (este contrato não teve efeito por se tornar loguo o drº vay o termo de quitação)», a 11.3.1651, estando Paulo Borges na Rua Nova do Muro. Lº citado na nota 36, pag. 77.

renda « ...*e em nenhum dos ditos annos* (nove) *deixariam de paguar as ditas medidas nem della pediriam quita nem espera e ajuda q não aja nos ditos casais fruitos por anos Ruins ou maos por peste fome ou guera tomadas de selleiros p.ª soldados ou de outros casos futuros Repentinos cuidados ou por não cuidar q deos nos guarde nem por isso deixariam de pagar*» [38]. Deus guarda a Paulo Borges destas e outras calamidades. Em 1660 compra o Casal das Estrebarias, na Rua dos Gatos [39].

---

[38] «Arendamtº de medidas q fes Jeronimo Sallguado do Cassall da torre a paullo borges de Lasos da freg.a de Creixomil», a 20.9.1654. Tab. D.os da Cunha (12-4-20), pag. 68. Arq. Mun. A. Pimenta. Gonçalo Francisco, citado no texto, era nat. do Casal da Lage, freg.a de S. Miguel das Caldas; sua m.er, Margarida Alvres, f.a de Afonso Alvres e m.er Ana Peleja, era do Casal da Torre do Miradouro, em Creixomil. Gonçalo Francisco e Margarida Alvres tiveram, pelo menos os seguintes filhos: o Rev. Sr. Marcos Salgado, cónego da Colegiada da Sr.ª da Oliveira em Guimarães, cujas inquirições sobre a pureza de sangue, feitas em junho de 1648, foram publicadas no «*Bol. de Trabalhos Históricos,*» vol II, nº 4, pag. 145; Jerónimo Salgado, citado no texto; Maria Salgada, x a 28.4.1638 com João Rodrigues, sr. do Casal das Courelas (M 2 Creixomil), c. g. (ver Casas da Ribeira e de Minotes) e Margarida Peleja x a 10.10.1629 com Frutuoso Gonçalves (M 1 Creixomil), da freg.ª de Nespereira, c. g. (ver árvore da Casa da Covilhã). No dote de Maria Salgada, feito a 28.4.1638, (Lº 10-2-57) leva a noiva «mais cento e vinte mil reis que tem no juro de seu tio Fr.co Salgado administrado pelo Provedor e Irmãos da Sta. Casa»; no assento de casamento de Margarida Peleja, realizado «na Mizericordia desta villa por ahi estar seu dote q do peru lhe mandou seu tio Fr.co Salgado e esteve presente o provedor da Mizericordia e hos doze irmãos della e acompanharão a noiva à Igreja e hinda à porta de Simão Lobo Vogado hu dos doze irmãos qe he donde a noiva sahio e se recolheo», faz-se referencia a este dote citado no «*Guimarães*» do Padre Caldas, pag. 93 do vol I— «...um dote annual de 128$000 para uma mulher da familia dos Salgados. Instituiçam de Fernão Peleja». No vol XII das «*Curiosidades de Guimarães — Para as Naus da India e do Brasil*» de A. Vieira Braga é também referido, a pag. 19: «—Instituição dos dotes dos Salgados, que deixou à Misericordia Francisco Salgado natural de Guimarães, morador em Havana parte das Indias de Castela— Havana a vinte de Agosto de 1627. É minha vontade que dos meus bens e melhor parado deles, sendo Deus servido levarme mando cinco mil pezos de oito reales cada um registados que hão-de ser nessa villa forros a Francisco Martins de Laços.....».

[39] Foi este casal comprado ao Revdo P.e João Pinheiro, 3.ª vida nele por serem seus pais a 1.ª e a 2.ª. Por ser eclesiástico e não poder suceder, vende-o a Paulo Borges. É o casal foreiro à Corôa. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-55). Arq. Mun. A. Pimenta.



Casa dos Laços

Tem mais de cincoenta anos Paulo Borges, senhor da Quinta de Laços. Quem espraiará por estas páginas um tom mais alegre, mais leve, mais suave? A companheira que Deus lhe destina, Dona Clara de Menezes Rebela. Vem da Quinta do Marinhão, em S. Martinho de Moreira de Rei, Fafe. Traz aos Borges de Laços sangue dos Peixotos e Guimarães [40]. Vem trazer, por boca de seu irmão Francisco Rebelo Peixoto, casas na Praça do Peixe, dinheiro e *«casas, olivais, pomares e terras»* das Herdades no termo de Orelhão. Dota-lhe seu noivo, Paulo Borges, 500$00, obrigando a isso o Casal da Rua Franca, em S. Torcato [41]. Na Quinta do Marinhão, capela da Senhora do Destêrro, deitam-lhes as bençãos do céu, a 12-6-1661 [42]. Traz a estas páginas a esperança de seguirem: Francisco Borges Peixoto, Dona Emerenciana dos Guimarães Peixota, Dona Maria Teresa de Andrade, nascidos em Laços, baptizados a 6-6-1663,

---

[40] Dona Clara de Menezes Rebela era f.ª de Marcos de Faria, já falecido na altura do casamento da filha, e de sua m.er Dona Maria de Andrade Peixota, † na Q.ta do Marinhão a 26-1-1665 (M 1 de S. Martinho de Moreira de Rei, Fafe—. Bib. Pub. e Arq. Dist.al de Braga), neta pat. de António de Faria, † em Águas Santas, Póvoa do Lanhoso (M 1, Arq. Dist. de Braga) a 27.12.1624, (neto em varonia do Dr. Fernão Rodrigues da Cana e m.er Teresa Afonso de Faria, Sr.ª da Casa da Barreta e do vínculo da Agrela em Barcelos) e de sua m.er Paulo dos Guimarães, † na mesma freg.a que seu marido a 11.11.1608 (M 1), neta mat. de Rodrigo Rebelo de Andrade, sr. da Q.ta do Marinhão, e de sua m.er Leonor de Guimarães.

A avó pat., Paula de Guimarães, era uma das filhas naturais do cónego Cristovão de Castro Guimarães (f° de Lourenço de Guimarães e m.er Catarina Annes); a avó mat., Leonor dos Guimarães, era f.ª de Alvaro de Freitas Peixoto e m.er Isabel Peixota (f.ª de Pedro Peixoto de Azevedo e m.er Leonor de Guimarães, irmã do cónego Cristovão de Castro Guimarães), descendendo, portanto, Dona Clara de Menezes Rebela, por ambas suas avós de Lourenço de Guimarães. Ver na freg.a de Fermentões, o quadro referente à Casa da Covilhã, onde, embora não venham mencionadas estas senhoras, vêm seus pais. No *«Nobiliário»*, de Felgueiras Gayo, em Farias & 119 e Meireles & 3, está, com alguns equivocos, a familia de Dona Clara de Menezes Rebelo.

[41] «Dotte de paullo borges de lassos com sua m.er dona clara de menezes», a 31.1.1661. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-55), pag. 129. Arq. Mun. A. Pimenta.

[42] M 1 da freg.ª de S. Martinho de Moreira de Rei. Fafe, pag. 104. Bib. Pub. e Arq. Dist. de Braga.

27-1-1665 e 20-11-1667, e o Padre Paulo Borges Peixoto [43], filhos que Dona Clara de Menezes dá a Paulo Borges. Trouxe também a luz do lar e da santidade, espalha por estas folhas perfume de ervas caseiras, de fruta a dourar ao sol, de ambientes recolhidos. Em Laços adormece para sempre a 29-12-1678 [44].

Tem Paulo Borges, pelo menos, um filho natural: João Borges Pacheco. Destinam-o à vida eclesiástica. Pai e madrasta fazem-lhe património a 19-3-1668. Doam-lhe «*dous campos chamados de Pedreiros que partem com terras do Casal de Lasinhos e do Casal do Salgueiral da Quinta de Lassos que são de herdade somente della se pagão cinco medidas a saber coatro de milho e huma de senteyo aos Padres Choreiros da villa de G.es e huma morada de casas sobradas sitas na torre velha na parte de dentro dos muros da villa de Guimarães q são de herdade dizima a Deos e doze medidas de vinho que são doze almudes que paga D.os pinto da dita villa pellas herdades do souto sitas na freguesia de sao pedro de polvoreira que tudo he seu he compras que ele Paulo Borges tinha feito* ...» [45]. Dias antes, para o mesmo efeito, tinham-se reunido na Rua Nova do Muro Paulo Borges, então vereador da villa, sua mulher Dona Clara e seus irmãos o Rev.do Torcato Moreira, Abade de Gémeos; Pero Borges e Angela Moreira, donzela. Sobe ao altar João Borges Pacheco. Será, como seu tio Torcato, abade da igreja de Santa Maria de Gémeos [46].

---

[43] Foram padrinhos de Francisco, João Barroso Vieira e Inês dos Guimarães; de Dona Emerenciana, b. em Mascotelos por seu tio o Rev.do Torcato Moreira, o tio avô Custódio Moreira; Dona Maria Teresa foi afilhada de João de Azerêdo (v. Q.ta do Paco. Creixomil) e irmã, Paula dos Guimarães, M 3 freg.ª de Creixomil, pags. 20,23 e 28v.º Não encontrei o assento de nascimento de Paulo, nem nos livros de Creixomil, nem nos da Oliveira, Mascotelos e S. Torcato.

[44] M 4 Creixomil, pag. 73. Não fez testamento «e foi a enterrar à villa».

[45] «Património de João Borges». Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-3-16), pag. 53. Arq. Mun. A. Pimenta. Na folha anterior vem uma escritura para o mesmo efeito, lavrada a 8 de Março, na Rua Nova do Muro, e também mencionada no texto.

[46] Como abade de Gémeos, João Borges Pacheco, começa a assinar os livros da freg.a a 15.1.1680. Foi sua mãe, Maria Alvares, solt.ª, de Creixomil.

E sempre, até «aos sete dias do mes de outubro demil e setecentos hu faleceo o Rev.do Ab.e João Borges Pa.co» [47], contornará e ajudará os de Laços com a força, a dignidade, a paz da vida de sacerdote.

Vai envelhecendo Paulo Borges. Varrem-se os contratos, as compras, os juros, os distrates [48] em que gastou a vida. Deixa-se penetrar pela beleza das pedras. Manda-as erguer simplesmente, toscamente. Passados séculos estarão mais

---

[47] M 1 da freg.ª de Santa M.ª de Gémeos. Arq. Mun. A. Pimenta.

[48] São muitos os documentos que nos falam, durante este período, de Paulo Borges. Citamos. «Contrato de obrigação que fizerão Paulo Borges da q.ta de Lassos e Torcato frs da Codeceda e d.os glz e m.er do Couto de S. Torcato», a 4.6.1670. Tab. André Lopes (14-1-9), pag. 54. Arq. Mun. A. Pimenta. Como herdeiro do tio, Custódio Moreira Paulo Borges, por causa de uns assinados, entra em entendimento com Torcato Fernandes e sogros.

«Dinheiro de Paulo Borges de Laços a Luis de Abreu de Nespereira», a 1.2.1672. Tab. D.os da Cunha (12-4-28), pag. 20.

«Comfissão de verdade de paguas e quitassões de paullo borges e outros a Anna Gaspar veuva», a 21.7.1672. Tab. Bento da Cruz Lobato (10-3-13), pag. 17v°, Arq. Mun. A. Pimenta. Paulo Borges e outros tendo «tirado sentenças e feito penhoras» a Ana Gaspar recebem dela o dinheiro que lhes devia.

«Distrate de hum contrato a Juro de Paulo Borges com Pedro Ribeiro Soares», a 22.6.1673. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-62g).

«Comtrato a Rezão de Juro de paullo Borges com Alexandre palhares e sua m.er», a 22.1.1675. Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-3-45), pag. 36v°. Na sua Quinta do Costeado, Alexandre de Palhares e Brito e m.er Dona Mariana Francisca precisando de 100 mil reis pedem-os a Paulo Borges, então Infanção da Governança, a juro de seis por cento.

«Comtrato a Resam de juro de paullo borges de Lassos com fr.co luis de covas e sua m.er da freg.a de São Cosme da Lobeira», a 1.3.1675. L° citado no paragrafo anterior, pag. 66v°. Ao pedir emprestados 200$000 a Paulo Borges, Francisco Luis e m.er Marta de Macedo, hipotecam-lhe o seu Casal de Covas, Lobeira.

«Prazo que fazem Paulo Borges Infamssam da Governança e sua m.er dona clara de menezes Rebela m.ores na quinta de Lassos creixomil a João Jorge e m.er m.ores no Souto dos Mortos», a 13.7.1675. Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-3-20), pag. 47v°. É um emprazamento dum campo do Casal do Robalo, também chamado do Outeiro, foreiro a Francisco Lopes de Carvalho no «qual prazo he paullo borges ultima vida e dele fazem prazo ha face do prazo do campo chamado da fonte junto à egreja de creixomil e parte com a estrada que vai do miradouro para a vila de G.es com terras de miguel de morgade e com terras do galego do passo».

pequenas na retina dos homens, mais lindas, mais retalhadas pelo cantar do tempo. «*...no anno do nassim.to de nosso Snr. Jhus Cristo de mil e seiscentos e outenta e sinco annos aos sinco dias do mes de Junho do ditto anno nesta quinta de Lassos onde vive Paullo Borges*» diz «*que elle nesta dita sua quinta tinha mandado fazer hua Capella publiqua p.ª se dizer missa invocação de são paulo e q. para pedir licença era nes-*

«Compra por Paulo Borges Infanssam da Governança do Campinho de Cosselheiros de Esperigo, pertenças do Casal de Conselheiros, freg.a de S. Torcato, a Pedro Jorge e m.er do Casal de Sima de Selho de S. Torcato», a 14.7.1675. Mesmo Lº do paragrafo anterior, pag. 49vº. Custou o campo dez mil reis e partia de nascente com terras de Paulo Borges.

«Contrato de arrendamento de Paullo Borges a Antº Vaz de Mascotelos», a 18.8.1676. Tab. D.os da Cunha (10-3-49), pag. 47.

«Distrate de Paulo Borges de Laços a M.el Fernandes», a 15.9.1676. Mesmo Lº do paragrafo anterior, pag. 55.

«Dinheiro de Antº Vaz a Paulo Borges», a 15.9.1676. Mesmo Lº, pag. 115.

«Compra de Paulo Borges a Isabel Cardoso solt.a da Rua dos Gatos de umas casas na dita Rua», a 24-7-1677. Tab. D.os da Cunha (12-3-65).

«Comtrato a juros de Paulo Borges, infansão e m.or na sua quinta de laços com Jeronimo de matos Feo e seus irmãos», a 22.12.1677. Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-3-26). Paulo Borges empresta-lhes 200$000. Jerónimo de Matos Feio é Fid. da Casa de S. Alteza, Cavº do Hab. de Cristo, e é casado com Dona Catarina Peixoto de Gouveia; moram no Salvador do Mundo, arrabaldes de Guimarães. Um de seus irmãos, Nicolau Dias de Matos, é Tesoureiro da Colegiada; o outro, Bento Dias de Matos, é abade de S. Vicente de Pinheiro, Porto.

«Vemda que faz paullo borges de lassos a joam barroso da prassa», a 18.4.1679. Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-3-24), pag. 94. É a venda por 120$000 duma casa na Rua de S. Tiago «defronte da porta travessa da dita ermida».

«Comtrato de dinheiro 200 mil reis q deu Paullo Borges de Lassos ao abade de são pedro do bairro fr.co de azeredo», a 4.5.1680. Tab. D.os da Cunha (12-3-68), pag. 11. O P.e Francisco de Azeredo dos Guimarães de Faria, e sua irmã Paula de Guimarães, (v. Q.ta do Paço) citados neste documento, são parentes da m.er de Paulo Borges.

«Contrato de drº a juros q da Paullo Borges de Laços a João Vieira do lugar da Cheda freg.ª de queimadela», 16-6-1684. Tb. M.n. de Sousa (10-3-32), pag. 88.

«Contrato de drº a juros q da Paullo Borges a B.ar Pinto e sua m.er da Rua Travessa desta villa», a 10.2.1685. Tab. Fr.co Mendes de Alvarenga (22-1-48), pag. 20.»

Alem destes, e de outros que não menciono, há varias distrates nos livros n.os 13-2-30 e 13-2-31.

sessario dotalla com bens bastantes p.ª a fabriqua della p.ª q. ande sempre venerada e consertada ...» ([49]): No mesmo dia, seus filhos, o Rev.do P.e João Borges Pacheco e Francisco Borges Peixoto, testamenteiros de Sebastião Francisco, cumprem a obrigação de mandarem *«dizer hua missa semanaria p.ª sempre donde fosse suas vontades e com mais comodo lha dicessem e porquanto o dito seu pai tem mandado fazer hua capella nesta dita quinta invocação de sao paullo ... em a qual querem eles q a dita missa se diga cada semana»* ([50]).

Levantam-se as pedras da Capela. «A imagem de S. Paulo ocupa o centro do altar e dos lados S. Bento e S. F.co É inteiramente revestida d'azulejos cujas pinturas representam a conversão de S. Paulo, a pregação no Areopago aos lobos, e sobre a porta da entrada a Impressão das Chagas de S. Fr.co Mede 7,20 por 4,95 o altar é todo de talha m.to vasado. Na fachada está o brazão de armas dos Borges em campo vermelho um leão de ouro rompante armado de purpura, orla azul carregada de dez flores de liz de ouro timbre um leão com uma flor de liz na cabeça» ([51]). Três simples degraus de pedra gasta pelos anos, comidos pela vida ainda hoje dão acesso à sua porta. Pelas paredes acima cachos de glicínia choram ao vento, coroando a capelinha em tons suaves. O branco, o lilaz, o verde claro amparam as singelas pedras de Laços. E

([49]) «Contrato de obrigação de fabrica de hua Capela q fez Paullo Borges de Laços da freg.a de São Miguel de Creixomil do tr° da v.a de G.es», a 5.6.1685. Tab. Fr.co Mendes de Alvarenga (22-1-48), pag. 39v°. Para a fábrica da capela obriga e hipoteca doze medidas de vinho pagas por Domingos Pinto pelas herdades do Souto, em Polvoreira, e dezasseis medidas de pão de segunda terçado, pagas pelo casal das Hortas, em Garfe.

As herdades foram compradas por Paulo Borges; o casal faz parte da herança que lhe deixou seu tio, Custódio Moreira.

([50]) «Contrato de obrigação de hua missa q fez Paullo Borges de Laços freg.a de Creixomil tr° da villa de G.es». Mesmo L° citado na nota 49, pag. 39.

([51]) In *«Apontamentos para a História do Concelho de Guimarães»*, pelo P.e João de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde. O manuscrito está na Bib. da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães. As armas ainda hoje existem na Capela de Laços. Não encontrei quando e a quem foram concedidas.

as vozes já mudas dos que foram seus senhores unem-se ao silêncio das lages, renascem ao calor do passado que se descobre.

— Eu, Paulo Borges, com o favor de Deus estou composto consertado e contratado de casar minha filha Dona Emerenciana dos Guimarães Peixota com Pedro de Araujo de Sousa de Castro e Andrade [52], Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro Profeso na Ordem de Cristo, senhor da Casa de Tora, freguesia de Nossa Senhora do Vale, termo dos Arcos de Val-de-Vez. Vou com meu filho natural, o Rev.do João Borges Pacheco, à quinta do Costiago, casa de Alexandre Palhares de Brito. Doto [53] minha filha com oito mil e quinhentos cruzados e toda a legítima que lhe coube da mãe. Traz o futuro marido a sua quinta de Tora *«e todos os mais bens q pessue e lhe pertençam assim de prazo como erdades e vincullos»*. Recebe-os o mesmo seu filho, Abade de Gémeos, a 18-5-1687[54]. É o noivo representado por Alexandre de Palhares, do Costiago. Também presentes António Leite Pereira e os primos da sua defunta mulher, Torcato Peixoto e João de Azeredo de Faria. Serão os netos, filhos de Dona Emerenciana Josefa, senhores imemoriais de Tora, Fidalgos da Casa de Sua Magestade.

— Eu, Paulo Borges, aumento a minha Casa. Compro quin-

---

[52] Pedro de Araújo e Sousa de Castro era nat. da Casa de Tora, freg.a de S. Pedro do Vale, Arcos de Valdevez, f.º de João de Araújo Sousa e Castro, sr. de Tora, já falecido na altura do casamento do filho, e de sua m.er Dona Maria das Neves de Castro que depois de viúva foi religiosa no Convento de S. Francisco de Monção (M 4 Creixomil). Felgueiras Gayo no *«Nobiliário»* dá-o como neto pat. de Matias de Araújo e Sousa, sr. da maior parte de Tora, e de sua m.er Senhorinha Coelho, e neto mat. do Lic. Pedro de Lançós de Andrade e de sua m.er Dona Maria Trancoso de Lira. Na *«Pedatura Lusitana»*, a pag. 263 da 1.ª parte do 1.º vol, vem os mesmos avós com uma pequena diferença nos apelidos: ao avô pat. chamam-lhe Matias de Sousa Lobato, acrescentando que foi assassinado «pelos Velosos da Ponte da Barca sobre hua pescaria», e ao avô mat. Pedro de Lançós Troncoso.

[53] «Dote q fas paullo borges de laços a sua filha d. merenciana dos G.es peixota com p.º de araujo de Sousa», a 11.6.1685. Tab. Nicolau de Abreu (12-4-62), pag. 6. Arq. Mun. A. Pimenta.

[54] M 4 Creixomil. pag. 34.

tas ([55]), distrato, empresto a juros, dou quitações ([56]). E Paulo Borges, Infanção da Vila de Guimarães, senhor de Laços, fecha os olhos para sempre a 9-10-1691 ([57]). Repousa na paz de Deus, nesta sua capela.

Sucede-lhe o seu filho primogénito, o Beneficiado Francisco Borges Peixoto, Familiar do Santo Ofício. «..... *nunqua foi casado e he ainda solteiro e sabe-se que tem hũa filha de hũa molher solteira chamada por alcunha a Peneda moradora na Rua da Madroa arabalde da ditta villa da freiguesia de*

([55]) «Compra que faz Paullo Borges m.or na sua Q.ta de Laços», a 14.8.1687. Tab. Fr.co Mendes de Alvarenga (22-1-48). É a compra da Q.ta da Pousada, freg.ª de Santiago da Cruz, Famalicão, por 720$000, a Gonçalo de Faria de Freitas. Foi Francisco Borges Peixoto munido duma procuração de seu pai, Paulo Borges, que fechou o negócio.

«Compra de Paullo Borges de Lassos a Jeronimo de matos feio da q.ta da veiga da freg.a de Santiago de Candoso», a 15.11.1691 (já Paulo Borges tinha falecido). É Francisco Borges Peixoto, munido da procuração do pai, que compra a quinta «já possuída pelos falecidos pais dos vendedores Miguel Dias Feo e m.er pelo presso de novecentos mil reis por conta do coal já tinham recebido da mão do comprador e por vários partidos setecentos e corenta e coatro mil oitocentos e des reis». Tab. D.os da Cunha (12-4-41), pag. 93.

([56]) «Contrato de dinheiro a juro q deu Paulo Borges de Laços freg.a de Creixomil», a 12.7.1686. Tab. Fr.co Mendes de Alvarenga (22-1-48), pag. 127v°. Empresta 280$000 a Jeronimo de Matos Feio.

«Quitação de dr° dada à Rezam de juro q da Fr.co Borges Peixoto como procurador de seu pay Paulo Borges a Bar Pinto desta villa», a 29.4.1687. Mesmo L° citado no paragrafo anterior.

«Quitação q da guabriel da Cunha de Sousa vigario da avelleda a Paulo Borges como prc.or de P° de araujo de Sousa e sua mulher seu genro e filha», a 31.5.1690. Mesmo Tab. do paragrafo anterior (22-1-50), pag. 42. É a quitação do dote de Dona Emerenciana; Paulo Borges assina este documento com letra muito tremida.

«Arrendm.t° que faz Paullo Borges a P° Rib° e sua May da freg.a de S. Torcato», a 17.6.1690. Mesmo L° citado no paragrafo anterior, pag. 48. É o arrendamento por 4 anos do Casal da Rua Franca. Renda: 15 alqueires de milho, 20 de centeio, 50 de milho mole, 55 de milho branco, o vinho que Deus der, ficará o terço para os caseiros; fruta, landre e castanha a meias, 3 galinhas e 1 carro de palha painça.

«Prazo q faz Paulo Borges a João Antunes e m.er», a 22.6.1690. L° citado no paragrafo anterior, pag. 48. É o emprazamento do Casal das Estrebarias.

«Distrate de Jeronimo de Matos Feyo com Paullo Borges de Lacos de umas escrituras», Tab. D.os da Cunha (12-4-31), pag. 95.

([57]) M 4 Creixomil, pag. 86v°.

São Miguel de Creixomil .....» ([58]). Chama-se Rosa essa menina. Mais filhos naturais terá Francisco Borges Peixoto. Como seu pai, emprestará a juros: ao Capitão João Leite de Mesquita, a Clemente Pinheiro de Lacerda, a João Francisco Veloso, a José de Freitas do Amaral ([59]), comprará, fará vendas ([60]). Corre o tempo. Agarra. Marca. Absorve. Em Laços, como nos outros lugares, segue a vida, continúa o frágil fio da história do dia a dia.

Na capela de Laços «*p.ª a parte da porta que vay para a orta*» está enterrado Pedro Borges, irmão mais novo de Paulo. Desde há muito «sego e sem ver» ([61]) acharam-no morto na cama a 27.10.1698 ([62]). Para a parte da Epístola jaz, desde 18.10.1706 ([63]), Angela Moreira, a outra irmã, também solteira.

([58]) «Processo de Familiar do Santo Oficio de Francisco Borges Peixoto». Maço 24, Dil. 626. Torre do Tombo. O nome da «Peneda» era Isabel Fernandes, que mais tarde casou com José de Carvalho; era f.a de Manuel Fernandes, da freg.a de Sta Maria de Antime, Fafe, e de Felipa Fernandes, nat. de Guimarães. A filha da «Peneda» e de Francisco Borges Peixoto foi Dona Rosa dos Guimarães Peixoto que por vezes assinava Dona Rosa Maria Peixoto dos Guimarães Valadares e Castro (no texto).

([59]) «Contrato de dr° dado à razão de juro que deu fran.co borges Px.t° de laços ao Capp.am João Leite de Mesquita», a 9.4.1699. Tab. Braz Lopes (14-1-10) pag. 75.

«Contrato de dr° a juro que deu fran.co Borges Peixoto a Clamente Pinheiro de Lacerda e sua mulher de sinco por sento», a 19.3.1701. Tab. M.el Machado Gomes (14-1-27), pag. 19. Clemente Pinheiro de Lacerda é sr. da Q.ta de Pouve, S. Paio de Seide, e pede um conto de reis emprestado.

«Contrato de dr° a juro da fran.co Borges peixoto m.or na sua q.ta de Lasos a João Fr.co Veloso» morador na sua q.ta das Aldeias, Urgêses, a 26.5.1711. Tab. citado no paragrafo anterior (14-1-32) pag. 93v°.

«Contratto de coatro sentos mil rs que deu o Beneficiado fran.co Borges Peix.t° a Joseph de freitas do Amaral à Resão de sinco por sento», a 9.8.1713. Tab. José de Sousa (14-1-35), pag. 164v°.

([60]) «Compra de Ant° de Barros de Creixomil a Fr.co Borges Px.t° de Laços», a 26.8.1693. Tab. M.el de Freitas (13-2-17), pag. 15.

([61]) A frase entre aspas é copiada da «Quitacão q da P° Borges m.or na sua q.ta de Laços freg.a de Creixomil a G.l° Dias do Lugar de Gozende de sima freg.a de São Jorge de Vizela do termo desta villa», a 4.6.1692. Tab. Ant° Ribeiro da Costa (22-1-55), pag. 1. Esta quitação é dada por Pedro Borges a uns dinheiros recebidos por seu irmão, o Rev.do Torcato Moreira, quando ainda era vivo.

([62]) L° citado na nota 57, pag. 94 v°.

([63]) M 5 da freg. de Creixomil. Ficou herdeira sua sobrinha, Dona Maria Teresa de Andrade.

Estamos só com a geração seguinte. Francisco Borges Peixoto, senhor de Laços e do Morgadio, instituido por António de Valadares, abade de Rio Mau [64], ajuda a mana Dona Emerenciana Josefa dos Guimarães Peixota a descer os degraus da

---

[64] «António de Valadares, abbade de Rio Mau, instituio morgado com cappela de Nossa Senhora de Penha, na freg. de S. Miguel de Carreiras, junto à Torre de Penegate, com missa quotidiana, e tres semaneiras, e monumento para seus sucessores com escudo de suas armas. É administrador seu parente João de Azeredo de Faria e tem casas na Rua de Santa Maria» — in *«Memórias Resuscitadas da Antiga Guimarães»*, do P.e Torcato Peixoto de Azevedo. Tip. da Revista, 1845 (o manuscrito é de 1692), pag. 364. O mesmo está copiado a pag. 289 do *«Guimarães»*, do *Padre Caldas*.

O abade de Rio Mau, António de Valadares, era f° do Lic.do João de Valadares e de sua m.er Inês dos Guimarães (f.a do cónego Cristovão dos Guimarães, v. nota 40), o irmão de Simão Rebelo de Valadares † na India, de Dona Catarina de Valadares x a 1.3.1619 com Manuel de Melo da Silva (M 2 Olv.ª), do Dr. Miguel de Valadares e do Lic.do Francisco Rebelo de Valadares, cónegos da Colegiada de Guimarães, de Francisca de Valadares, solt.a e de Dona Maria de Valadares, m.er do Lic.do João de Freitas Coutinho, todos, ao que parece, s.g. Passou então o Morgadio para o ramo de Matias de Faria, primo co-irmão do abade de Rio Mau (f° de António de Faria e m.er Paula dos Guimarães, ver nota 40). Matias de Faria x a 26-1-1603 com Maria de Azeredo (M 1 Olv.a, f.ª de Belchior do Canto e m.er Helena de Azeredo (v. Q.ta do Paço, Creixomil). Foram seus filhos: Belchior, João, Pedro, António de Faria de Azeredo, cónego da Colegiada, Helena de Azeredo, solt.a, João de Azeredo de Faria dos Guimarães, que segue, Dona Maria de Azeredo, solt.a, José, Belchior, Manuel, Paula dos Guimarães solt.a e o P.e Francisco de Azeredo de Faria, abade de São Pedro do Bairro, todos nascidos na freg.a da Olv.a entre 1604-32 (M 1, 2 e N 1). De nenhum ficou geração.

João de Azeredo de Faria dos Guimarães (1614-92), foi senhor do Morgadio e não teve filhos de seu casamento com Maria Ferreira de Lima (v. Q.ta do Paço, Creixomil). À sua morte passou a administração do vinculo para sua irmã Maria de Azeredo, † solt.ª a 22.7.1708. Extinta esta linha, devia ser chamada à sucessão a seguinte: — a de Francisco de Faria, irmão de Matias de Faria e casado com Catarina Cerqueira. Dos filhos deste casal, só o mais velho, o Rev.do Bartolomeu Faria dos Guimarães, é que teve descendência, mas ilegítima. † este sacerdote na freg.ª de São João de Airão a 18.1.1681 (M 2), deixou vários filhos, entre eles, o P.e Jerónimo dos Guimarães, testamenteiro de João de Azeredo de Faria dos Guimarães; outro foi, Bernardo de Faria, † solt° em Airão a 24.12.1703 (M 2) e que também teve filhos naturais. Um deles foi João de Faria dos Guimarães, nascido de Maria Ana, solt.a, na freg.a de S. Vicente de Oleiros em Jun. 1667 (M 2), casado com Maria Lopes; pais de Dionísia

entrada da Casa de Laços onde vivem. Viúva desde 2.12.1691 (65), cobrem-na escumilhas e crepes. Gritos rompem a quietude da tarde. Em atitude de defesa, Francisco de Sousa e Castro, único filho varão (66) de dona Emerenciana, bate-se com seus primos, Rosa, a filha da «Peneda»; Francisco «meo filho e de Anna M.ª»; João «meo filho e da dª Anna Mª»: os bastardos de Francisco Borges Peixoto. Tropeça Dona Emerenciana nos folhos das suas saias. Acorre, impondo o silêncio, Dona Maria Teresa de Andrade, a filha solteira de Paulo Borges. Separa-os o outro tio, o Padre Paulo Borges Peixoto. Apaziguados os animos medita o Senhor de Laços no futuro da sua Casa. Breve a acrescentará: acolá, mesmo à beira, vende-se o Salgueiral de Baixo. Logo o compra (67), imediatamente o empraza (68).

---

de Faria dos Guimarães, * a 24.1.1683, x a 26-11-1714 com Manuel Luís do Vale (M 2 Oleiros), que tiveram a Manuel Luis dos Guimarães, Cav. Prof. na O. de Cristo, sr. da Casa de Paçô, em Oleiros.

Pela «incapacidade» do ramo de Francisco de Faria, foi o Morgadio para a descendência do irmão seguinte: Marcos de Faria, sr. da q.ta do Marinhão, em Fafe. Apesar de ter um filho varão de seu matrimónio, Francisco Rebelo Peixoto, casado e com geração na Casa de Recovêlo, freg.ª de Aguas Santas, Póvoa do Lanhoso (v. nota 85), foi por motivos que não sei explicar, a administração do Morgadio para um neto materno de Marcos de Faria, Francisco Borges Peixoto, fº de sua filha Dona Clara de Menezes Rebela, entrando assim o Morgadio do abade de Rio Mau na Casa de Laços.

F. G. no «*Nobiliário*», em titº de Farias & 119 e & 202 trata desta família. Não diz os filhos de Matias de Faria, nem dá completa a descêndencia de Francisco de Faria.

(65) Pedro de Araújo de Sousa e Castro, † em Tora na data acima referida. (M 1 da freg.a de S. Pedro do Vale, pag. 168. Arq. Dist. de Braga).

(66) Foram f.os de Dona Emerenciana e seu marido: Francisco de Sousa e Castro, único que sobreviveu à mãe, Dona Ana Maria *, em Tora e b. a 6-8-1690 e Dona Joana, * em Tora e b. a 27.6.1691. M 3 de S. Pedro do Vale.

(67) «Contrato de obrigação q fez marta fran.ca viuva q ficou de João p.ra do Salgueiral de baixo freg.a de Creixomil com o beneficiado fran.co Borges Px.tº da q.ta de Laços», a 29.1.1713. Tab. Braz Lopes (13-2-60) pag. 54. Marta Francisca, viuva de João Pereira, do Salgueiral de Baixo, tinha sido nomeada no testamento vocal de seu marido senhora desse prazo, com condição de pagar as dívidas que tinha. Para isso vendeu a quinta por 530$000 «de que já Francisco Borges lhe tinha dado à conta 286$000 (75$000 para pagar as legítimas de suas cunhadas, 150$000 que ela já recebera e 35$000 que o marido devia a Fr.co Borges) e o resto para pagar os sufrágios do dito seu marido e dividas miudas». Não se fez logo a escritura

Adoece o Beneficiado Francisco Borges Peixoto. A rogar *«ao Santissimo Anjo meo Custodio q na hora da minha morte me defenda das traições do demonio e a minha alma de todos os amiaços de tentaçõis q a podem divirtir do caminho do seo»*. A instituir o vínculo de Laços ([69]). A deixar por sua administradora sua irmã, Dona Maria Teresa e a sucessão a seu sobrinho, o senhor de Tora, na condição de se este não tiver geração legítima reverter o vínculo para os filhos ilegítimos dele, Francisco Borges. O Morgadio irá para Rosa *«que tambem comerá o usufructo de Laços sendo em tudo obediente a suas tias e minhas Irmans e estando em sua companhia»*. Tudo disposto, parte o Beneficiado Francisco Borges Peixoto, sendo sepultado «na minha cappela de S. Paulo na sepultura aonde esta enterrado meo pai» ([70]).

Mantem Dona Maria Teresa de Andrade a paz entre os sobrinhos. O vale de Creixomil aparece salpicado de cores suaves e frescas, depois carrega-se com verdes fortes. Deslumbra então com os vermelhos, os dourados entram à desfi-

---

desta venda por haver um pleito sobre a dita fazenda à instância de José Pereira, da freg.a de Fermentões; Marta Fr.ca obriga-se a faze-la, mal finde a questão.

([68]) «Prazo do Casal de Salgueiral de baixo da freg.a de Creixomil a Fr.co Borges Peixoto», a 15.1.1717. Tab. Manuel da Silva.

([69]) «Copia do testam.tº e Codeçillo com q faleceo Fra.co Borges Px.t.º de Laços», a 17.8.1733. Tab. José da Costa (22-2-20), pag. 145vº. O testamento foi feito a 28-12-1722.

Ao instituir o vinculo, Francisco Borges Peixoto vincula as seguintes propriedades: em Creixomil, o preço da q.ta de Laços, o do Casal do Robalo e o do Casal do Salgueiral (nota 68); em Santiago da Cruz, termo de Barcelos, as medidas de prazo da q.ta da Pousada (nota 55); na Rua dos Gatos, o preço do casal das Estrebarias (nota 39); em S. Cristóvão de Abação, o preço do casal das Bouças; em Gémeos, o preço do casal do Eirigo (a 13.9.1665 foi este casal emprazado ao Rev.do Torcato Moreira, abade de Gémeos, que se meteu na posse do casal por morte do antigo possuidor Rev.do Gonçalo Sodré, que morreu sem nomear sucessor, e o Rev.do Torcato Moreira ter-lhe dado o dinheiro com que o comprou. Tab. Antº Nog.a do Canto (10-3-7), pag. 20; em S. Tiago do Candoso o preço das medidas do prazo que aí tem (nota 36); em S. Torcato, o preço das herdades que aí possue e o casal da Rua Franca (nota 56); em Gonça e em Garfe todas as herdades; em ..... o preço do casal de Abrecôvo; na freg. de..... o.....; e umas casas na Rua Nova do Muro e na Rua do Guardal. em Guimarães.

([70]) † a 4.2.1723. M 7 Creixomil. Arq. Mun. A. Pimenta.

lada pelos nossos olhos adentro. Encharca-se na lama, pincela-se de geada. Nesses quadros de luz luminosa ou enevoada vamos destacando pedaços da vida da Casa de Laços. Muitas vezes é a morte a ensombra-la: a 12.9.1727 «Francisco Borges Peixoto, solt° assistente em Laços com sua tia Dona Maria Teresa» (71), a 16.1.1730 o capelão da Casa, o Padre Manuel de Abreu (72), a 25.12.1739 Dona Emerenciana Josefa dos Guimarães Peixota «foi seu erdeiro seu filho Francisco de Sousa» (73), a 22.11.1741 «Catarina Luisa sobrinha de Dona Maria Teresa morreo de hua esquinencia» (74). Ficam todos sepultados na capela de Laços. Outras vezes entreabrem-se as janelas da vida. «Dona Maria Thereza de Andrade e sua Irman Dona Emerenciana Jozepha dos G.es Px.t° veuva e tambem sua sobrinha Dona Rosa M.ª Px.t° dos G.es» todas vivendo em Laços, passam a 4.3.1726 uma procuração geral a advogados do Porto e de Guimarães, a seu irmão e tio o Rev.do Paulo Borges Peixoto, a Antonio de Sousa Homem do Amaral e a Gaspar Fernandes, revogando outra feita anteriormente (75). E a 15.3.1726 Francisco de Sousa e Castro, senhor de Tora, desiste a favor de sua prima Rosa Maria Peixoto dos Guimarães *«de huma posse que elle outorgante tomou de huas casas citas no campo de Santa Anna da cidade de Braga as coais sam pertenças do morgado q instituhio o Rd° An.to de Valladares abb.e q foi de S. Martinho de Rio Mao»* (76).

Por seus herdeiros nomeia Dona Maria Teresa de Andrade a seu irmão, o Padre Paulo (77), e a seus sobrinhos, o Padre

(71) (72) (73) (74) mesmo L° da nota 70.

(75) A 1.a procuração foi feita em Laços a 27.1.1723, e entre os procuradores encontra-se Francisco de Sousa e Castro, então morador em Braga. Tab. Brás Lopes (22-1-80). pag. 103. Na 2.ª, Dona Rosa Maria assina Dona Rosa Maria Peixoto dos Guimarães Valadares e Castro. Mesmo Tab., (14-1-46), pag. 51.

(76) «Dezistencia q fez por pro.cor fran.co de Sousa e Castro da cidade de Braga em Roza M.a Px.t° dos Guim.es». Tab. Braz Lopes (14-1-46), pag. 57.

(77) O Padre Paulo dos Guimarães Peixoto era usufructuário da Q.ta do Assento, S. Torcato, onde † a 3.4.1763 (Ob. 2 S. Torcato). A 6.5.1755 doou a sua parenta Dona Maria Teresa Barbosa do Amaral (nota 107), umas medidas que se lhe pagavam pelas herdades do Gamito, freg.a de S. Martinho de Candoso, das quais era possuidor. Tab. D.os Ferreira Mendes (13-4-34), pag. 11v°.

João e Dona Rosa Maria Peixoto dos Guimarães. Ao outro sobrinho, Francisco de Sousa e Castro, único neto legítimo de seu pai «*perdoo-lhe pelo amor que lhe tenho como filho de minha Irmã uma divida e juros de sete mil e quinhentos cruzados, e deixo-lhe tambem o meu candieiro de quatro lumes he hua Bacia de prata de Barbear*». Para ele também vão a fazenda do Robalo, a quinta da Veiga, em Candozo, as casas da Rua do Guardal, sendo a «*sucessão do vinculo na forma e maneira que meo irmão dispôz em seu testamento*» ([78]). Em Laços ficam o Padre João Peixoto dos Guimarães e sua irmã Dona Rosa, senhora do Morgado do Abade de Rio Mau.

Para Tora, até Tora vamos. Gravemente enfermo, «sem proclamas e em perigo de vida» recebe-se a 31.1.1750 Francisco de Sousa e Castro «filho de Dona Melenciana» e de seu marido, com Dona Joana Luisa de Araujo «cujos pais e avós se ignoram por mais diligencias que fiz» ([79]). Não menciona este assento dois factos: a viuvez do noivo ([80]) e a legitimação, por este matrimónio, dos filhos do casal. Com dois deles seguimos: uma senhora, Dona Francisca Luísa de Sousa e Castro, e o varão primogénito, Francisco José de Sousa e Castro. Passado dois anos morre em Tora, a 19.2.1752, com testamento escrito ([81])

([78]) Dona Maria Teresa de Andrade † em Laços a 18.12.1745. M 7 Creixomil; pág. 132, aí vem transcrito o seu testamento. Jaz na capela de Laços.

([79]) Cas. 2, S. Pedro do Vale, Arcos de Valdevez, pag. 10v°. Arq. Dist. de Braga. À margem deste assento vem a seguinte nota: «Dona Joana Luísa de Araujo era f.a leg. de Matias de Araujo e de Domingas Velosa da freg.a de Pousada do Couto de Tibães, Braga».

([80]) Dão os nobiliários a Francisco de Sousa e Castro como tendo casado em 1.as nupcias com sua prima Dona Maria Eugénia de Melo da Silva Coelho, s. g. Esta senhora era f.a de Manuel de Melo da Silva Coelho, F. C. R., e de sua m.er Dona Filipa de Melo e Sousa, neta pat. de António da Silva Coelho, Capitão Mor de Larim, e m.er Dona Maria da Silva Correa, nat. de Braga, e neta mat. de Paulo Lobato de Sousa, sr. de parte de Tora (primo co-irmão do avô pat. de Francisco de Sousa), e de sua m.er e prima co-irmã Dona Maria de Melo, igualmente prima direita do avô de Francisco de Sousa.

([81]) Ob. 2 da freg.a de S. Pedro do Vale, pag. 85. Arq. Dist. de Braga. Foi sep. na Igreja da freg.a.

Sobre o vinculo de Francisco de Sousa e Castro copio de «*Torre de Tora*», de Artur Pinto Osório, pub. no «*Almanaque de Ponte do Lima*», de 1927 a pag.s 66 a 72, o seguinte:

«... 5° — Francisco de Sousa e Castro de Lançós, — o «Senhor Velho

o neto legítimo de Paulo Borges *«instituindo um vinculo e irregularmente deixando a filha como herdeira»*.

«Senhor e administrador e possuidor do vinculo que instituiu meu pai Francisco Borges Peixoto» declara ser, à hora de sua morte, o Padre João Peixoto dos Guimarães ([82]), deixando por sua administradora a sua irmã Dona Rosa. Lacrimosa, distribue-lhe os legados: moedas de ouro às confrarias e aos criados, meias moedas aos moços mais novos; o capote, a japona, as meias de seda, a roupa de côr, os chapéus finos, as capas aos afilhados. Vai Laços ficando vasio.

---

de Tora» —, Fidalgo da Casa Real, que, (viuvo de sua prima D. Maria Eugenia de Melo e Silva, senhora da nobre Casa da Arca, em Turiz), casou com D. Joana Luísa de Araujo, do Couto de Tibães. Em testamento de 15 de fevereiro de 1752, aberto no dia 20 desse mês, vinculou todos os seus bens, nomeando 1.a administradora sua filha: (em nota: o instituidor determinou que o vinculo fosse para sua filha D. Francisca Luisa, na falta desta para seu filho primogénito Francisco José de Sousa e Castro e na falta deste para seu filho segundo Felix José).

6.º — D. Francisca Luisa de Sousa e Castro, que casou com António de Abreu e Lima, da Casa de Moreira, em Abadim (Monção), senhor do Morgado do Penêdo em Cabreiros (Arcos) de quem teve além de outros filhos s. g.:

7.º — Francisco de Abreu de Sousa Araujo e Castro, que tendo casado, no Porto, com D. Maria Candida de Moura, de quem não teve geração, deixou a Casa de Tora e todos os seus bens à viuva, como porem se tratava de um vinculo e era falecido o filho primogénito do instituidor, esteve de posse da Casa de Tora, na forma de instituição,

8º — Felix José de Sousa e Castro (fº 2º do instituidor do vinculo), casou 2 vezes na Ponte da Barca a 1.a com D. Maria Madalena de Lima e Melo s. g., e a 2.a com D. Bernarda Pereira Bezerra, de quem teve D. Maria Candida, que faleceu solteira e

Francisco António de Sousa Castro e Araujo, F. da C. R., que de sua m.er D. Maria Joaquina Pinto de Miranda teve:

D. Caetana Vicencia de Sousa e Castro Araujo e Tora que casou com Manuel Pereira Pimenta de Barbosa Aranha, vereador da Câmara dos Arcos, Coronel das Melicias dos Arcos, Brigadeiro, Com.or da O. de Cristo, sr. da Casa da Igreja em S. Lourenço de Cabrão e da Granja em Miranda, Arcos ...». A descendência deste casal vem nas *«Ultimas Gerações»*, de José de Sousa Machado, Costado 198 (Pereira Pimenta de Castro, Casa da Granja).

Não é exacto Francisco José de Sousa e Castro já ter falecido quando da morte do sobrinho. Como se lê no texto, Francisco José † em 1797; seu sobrinho Francisco de Abreu de Sousa e Castro em 1783.

([82]) † a 27.4.1754. M 8 Creixomil, pag. 94.

Em Tora há alegres cânticos. Vozes de meninos, rodas de mãosinhas rechonchudas agarradas umas às outras, bocas a repetirem toadas de crianças, tocadas de candura. São os filhos de Dona Francisca Luísa e de seu marido António de Abreu de Lima Soutomayor, Morgado de Cevadim; são os filhos de Francisco José de Sousa e de sua mulher e prima, Dona Maria Luísa de Castro Soutomaior. Francisco, Dona Policena Luísa, Dona Rosa, filhos dos primeiros, em Tora nasceram [83]. E quem não vê imediatamente que Francisco Alexandre, João António, António Luís e Fernando Luís são os fihos de Francisco José de Sousa e Castro? [84].

---

[83] Bap. 4 de S. Pedro do Vale. Arq. Dist. de Braga. Francisco de Abreu Sousa e Castro, * em Tora a 10.1.1758, pág. 70.

António de Abreu e Lima de Soutomaior, marido de Dona Francisca Luísa, era sr. da Q.ta de Moreira, do vínculo de Coura, dos vínculos de Badim e Cabreiro no termo de Monção, f° de Manuel de Abreu de Lima de Soutomaior e de sua m.er Dona Policena Luisa Pereira de Castro. Segundo Felgueiras Gayo no *«Nobiliário»*, Tomo IV, Araujos & 96, era neto pat. de Manuel de Passos, da freg.a de Abadim, e mat. de António Pereira de Castro e m.er Antónia Pereira.

[84] Descendência de Francisco José de Sousa e Castro, Sr. de Laços.

I — Francisco José de Sousa e Castro, * na freg.a da Oliveira, termo dos Arcos, e † em Laços a 8.9.1797 (Ob. 2 Creixomil). F. C. R., alv. de 8.4.1786, L° 4 da Mordomia da Casa Real, fl.s 24v.° e 23, fl 92, Torre do Tombo, Sr., por herança de seu sobrinho, da Casa de Laços.

× com sua prima Dona Maria Luisa de Castro Soutomaior, sr.a da q.ta de Gandra, Salvador de Mazêdo, Monção, † na Casa de Laços a 1.10.1795 (Ob. 2), f.a bastarda de Francisco Soares de Castro e Abreu e Soutomaior, sr. da q.ta de Gandra, e de Francisca de Araujo, neta pat. de Sebastião de Castro e Abreu, Juiz de Orfãos em Monção, e de sua m.er Dona Isabel de Lançós Soutomaior (irmã de Pedro de Araujo de Sousa e Castro, sr. de Tora). Tiveram:

1 (II) Francisco Alexandre de Sousa e Castro, que segue.

2 (II) João António de Sousa e Castro * na Q.ta da Boa Vista, Salvador de Mazêdo, Monção a 21.6.1754 (pag. 43 do N 4 de S. de Mazêdo, Arq. Dist. de Braga) e † solt.° depois de 1806. F. C. R., alv. de 12.7.1790 (L° 4 da Mordomia da Casa Real, pag. 54. T. do Tombo).

3 (II) António Luis de Sousa e Castro, * na Q.ta de Gandra, Salvador de Mazêdo a 6.8.1756 (N 4). F. C. R., alv. da mesma data que seu irmão.

× na Igreja de S. Pedro do Vale, Arcos, a 23.4.1787 com sua prima em 4° grau canónico, Dona Maria Joana de Sampayo, f.a de António Manuel Saraiva e de sua m.er Maria

Piam os mochos em Laços. Envelhece o coração de Dona Rosa, riscam-no gretas de desconsôlo e solidão. Não se volta

---

de Antas de Barros (C. 2 de S. Pedro do Vale, pag. 96v°. Arq. Dist. de Braga).

De «*Torre de Tora*», artigo citado na nota 81 copio:

«× com D. Maria da Costa, sr.a da q.ta do Casal no Vale e tiveram:

1 (III) D. Maria Rosa de Sousa e Castro, 1.a m.er de Francisco António de Abreu e Vasconcelos, vereador nos Arcos em 1830, Capitão das Milicias nos Arcos, sr. do antigo Morgado da Jolda (Arcos). Tiveram:

1 (IV) Leonel de Abreu e Vasconcelos Sousa e Castro. Herdou a Casa de Tora de sua prima D. Maria Rosa de Sousa e Castro. × com D. Emilia Clara de Gusmão e Azevêdo, de quem teve entre outros filhos:

I (V) D. Candida de Gusmão Vasconcelos e Sousa, casada com o Dr. José António Pereira de Sousa, actual sr. da Casa de Tora (1927), de quem teve um filho unico António de Gusmão e Sousa, bacharel em Filosofia, † solt°, ficando herdeiro seu pai».

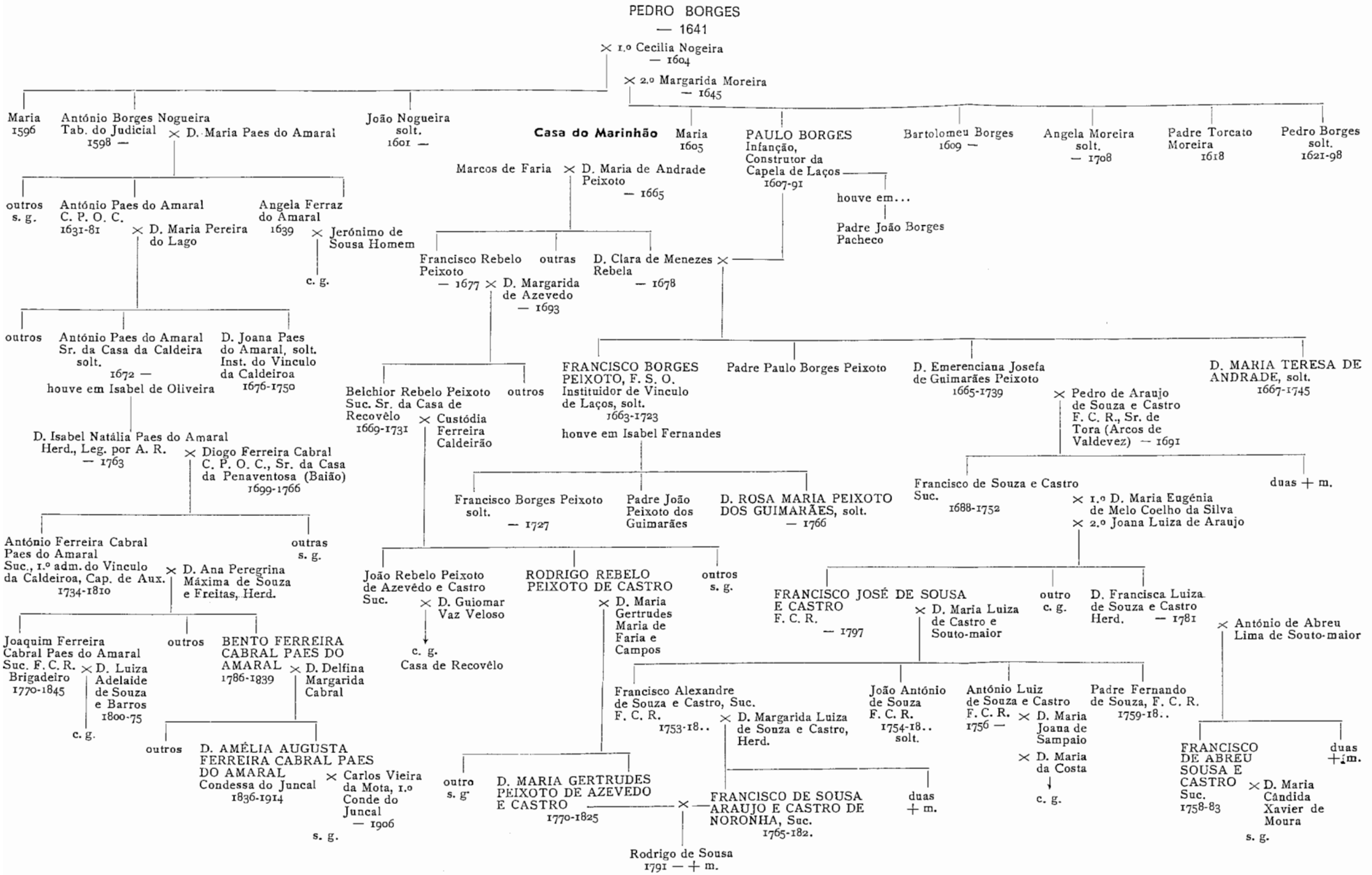
4 (II) Padre Fernando de Sousa, * na Q.ta de Gandra a 1.6.1759 (N 4), F. C. R., mesmo alv. que seus irmãos, † depois de 1806.

II Francisco Alexandre de Sousa e Castro, * na Q.ta da Boa Vista, Mazêdo, a 4.1.1753, (pág. 27 do N 4), F. C. R., (alv. de 3.9.1788, L° 4 da Mordomia da Casa Real, fls 94v°, 23 e 109. Torre do Tombo). «Em 1814 entrou na posse da Casa de Tora depois de rija demanda entre os filhos e sucessores de Francisco de Sousa e Castro, por força da sentença da Casa da Suplicação e determinação da lei de 3 de Agosto de 1770 que tornou regulares todos os vinculos e chamou sempre à sucessão deles, a linha de primogenitura», (in «*Torre de Tora*»).

× na Igreja de Santa Eulália de Lara, Monção, a 29.7.1772 com sua prima Dona Margarida Luisa de Sousa e Castro (C. 1, Lara, pág. 62v°, Arq. Dist. de Braga), sr.a da Q.ta de Passos, em Lara (q.ta citada a pag.s 181 e 182 em «*Monção e seu Alfoz na Heraldica Nacional*»), f.a de António José Soares de Castro e de sua m.er Dona Quitéria de Sousa e Castro, neta pat. de António Paes Rebelo, Capitão de Ordenanças, e de sua m.er Dona Grimaneza Soares de Castro, sr.s da Q.ta de Passos, neta mat. de Diogo de Sousa e Castro (f° natural de Pedro de Araujo de Sousa e Castro), e de sua m.er Dona Josefa Pereira de Barros. Tiv:

1 (III) Francisco de Sousa Araujo e Castro de Noronha, que segue.

CASA DE LAÇOS



para a alegria de Tora. Inclina-se para seu parente Rodrigo Rebelo Peixoto e Castro, filho segundo da Casa de Recovêlo, em Aguas Santas, Povoa de Lanhoso, descendente de um irmão de sua avó paterna ([85]). Vem para sua companhia. Olha-lhe pelas quintas, pelas casas, pelos dinheiros. Em 1757 já é seu procura-

---

2 (III) Dona Maria Josefa, * na Q.ta de Passos, em Lara, a 20.1.1778 (N. 1 Lara, Arq. Dist. de Braga).

3 (III) Dona Constança Luisa, * na mesma q.ta a 29.4.1780 (N. 1 Lara), † menina.

4 (III) (Dona Maria Rosa de Sousa e Castro, suc. na Casa de Tora a seu irmão e † solt.a tendo feito doação a seu sobrinho (f° de sua prima co-irmã), Leonel de Abreu e Vasconcelos), in *«Torre de Tora»*.

III Francisco de Sousa Araujo e Castro de Noronha, * na Q.ta de Passos, Lara, a 4.10.1775 (N. 1 Lara, pag. 33v°), † entre 1820-23. F. C. R., alv. de 1790 (ext.a do alv. de mercê de fidalgo cavaleiro, fl. 12, L° 4 da Mordomia da Casa Real, fls 15v°, 23 e 36, Torre do Tombo). Vereador da Camara de Monção em 1808, 1811 e 1820, in *«Monção e seu Alfoz»*.

× com sua parenta Dona Maria Gertrudes Rebelo Peixoto de Azevedo e Castro, sr.a da Casa de Laços, * em Laços a 29.5.1770 (N. 5 Creixomil, pag. 172), † em Guimarães, na Rua do Espirito Santo, 24.2.1825, sep. na Igreja das Capuchinhas (Ob. 5 Olv.a, pag. 88v°) f.a de Rodrigo Rebelo Peixoto de Azevedo, sr. de Laços (v. texto), e de sua m.er Dona Gertrudes Maria de Campos Pinheiro. Tiveram:

1 (IV) Rodrigo, abaixo.

IV Rodrigo de Sousa, * em Guimarães, na Rua de St.a Maria, a 21.8.1791, (N 10, Olv.a, pag. 149), † em vida dos pais, suponho que muito menino.

([85]) Marcos de Faria e sua m.er Dona Maria de Andrade Peixoto (notas 40 e 64) viveram em Fafe, na sua Q.t.ª do Marinhão. Por os livros paroquiais da freg.ª de Moreira de Rei (Fafe) só começarem em 1657, apenas tenho notícia de três filhos deste casal: Dona Leonor dos Guimarães, † donzela; Dona Clara de Menezes Rebela, m.er de Paulo Borges, e Francisco Rebelo Peixoto.

Francisco Rebelo Peixoto, suc., Capitão de infantaria auxiliar, dos Priviligiados de N. Sr.ª da Oliveira, Escrivão do Couto de Moreira de Rei, justificou a sua nobreza a 6.3.1659 (in *«Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga»*, vol. IV, de Vaz-Osório da Nobrega). Deixou muitos filhos naturais em Moreira de Rei (M 1), × com Dona Margarida de Azevedo e † na Casa de Recovêlo freg.ª de Águas Santas, Póvoa de Lanhoso, a 22.1.1677 (M 3 Arq. Dist. de Braga), freg.a donde era natural seu pai e onde já vivia, em 1642, na Casa de Recovêlo, na companhia de

dor ([86]). São remidos quase todos os prazos do vínculo instituído por Francisco Borges Peixoto. Laços e todos os mais bens livres vão, à morte de Dona Rosa, a 10.6.1766, para Rodrigo Rebelo «seu herdeiro universal dos bens moveis e de raiz», e senhor do Morgadio do Rio Mau «por ser o parente mais proximo ao sangue do instituidor» ([87]).

Vêm dali os Senhores de Tora, descendentes de Paulo Borges, senhor de Laços. Aqui está este ramo dos de Recovêlo, tornados possuidores do vínculo pelo testamento da filha bastarda de Francisco Borges Peixoto. Chocam-se as nuvens das discórdias, das ofensas, dos ressentimentos. Estala a trovoada

---

sua tia pat. Joana de Faria e marido António Vaz (M 1). Do casamento de Francisco Rebelo Peixoto nasceu Belchior Rebelo de Azevedo, suc. a seus pais, sr. da Casa de Recobêlo onde nasceu, bap. em Águas Santas a 18.5.1669, † na mesma casa a 22.7.1731, × em Águas Santas a 28.5.1695 com Custódia Ferreira, f.a de António Ferreira e de sua m.er Maria Antónia (tudo no M 3). Nasceram deste matrimónio o Padre Alexandre Rebelo, João Rebelo Peixoto de Azevedo e Castro, adiante, Rodrigo Rebelo Peixoto de Castro, o escolhido por Dona Rosa para seu herdeiro, sr. da Casa de Laços, e seis senhoras.

João Rebelo Peixoto de Azevedo e Castro, suc., × com Dona Guiomar Vaz Veloso e teve primogénito a Belchior Rebelo Peixoto de Andrade e Castro, Cav.º Fid. da Casa Real (alv. de 16.2.1816, in obra acima citada), Cav.º Prof. na O. de Cristo, que ao casar levou em dote a Q.ta do Marinhão, a de Recobêlo, a do Outeiro, em Cerva, o ofício de Escrivão do Couto de Moreira de Rei e umas propriedades que lhe doam as tias solteiras (nota 90). Representa hoje esta família Teotónio Rebelo Teixeira de Andrade e Castro, Lic.do em Direito, Presidente da Junta Distrital de Braga e da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Braga, Deputado da Nação, etc., × com Dona Maria Inês de Almeida e Noronha de Azevedo Coutinho (Peniche), c. g., 5.º neto, com uma quebra na varonia de Belchior Rebelo Peixoto de Andrade e Castro.

([86]) «Compra a reto aberto que fes D. Rosa dos Guim.es Peixtº da quinta de Lasos a João José Pereira do Vale». Lº 3-4-17. Arq. Mun. A. Pimenta.

([87]) O assento de óbito e o testamento de D. Rosa vem no M 8 de Creixomil.

Entre outros legados deixa um relógio e uns brincos de diamantes a uma sua afilhada, fª de José Bezerra de Abreu e Lima (v. «Granja dos Pombais») um vestido de preguiça e saial de seda a uma irmã de Rodrigo Rebelo, e «sua escrava Rosa Maria às religiosas Capuchas de Guimarães para que as sirva na Roda, Igreja e portaria do seu Convento com condição de a tratarem com caridade e não a venderem, doar ou alheiar».

sobre Laços. Apanhadas por ela, pesarão estas páginas, encharcadas pelas águas das demandas e questões.

Na sua capelinha de S. Paulo, em Laços, casa Rodrigo Rebelo Peixoto de Castro, a 20.7.1768, com Dona Getrudes Maria de Campos Faria Pinheiro, filha de Francisco Rodrigues Alvares, negociante, e de sua mulher Mariana Josefa dos Santos Barbosa Pinheiro, moradores em Guimarães, na Rua Nova das Oliveiras [88]. Primeiro nasce-lhes Francisco; a seguir Dona Maria, afilhada de S. Bento, imagem da capela de Laços [89]. A 21.1.1779, como tutor de um sobrinho, trata Rodrigo Rebelo do seu dote [90]. Entre as testemunhas está Francisco de Abreu de Sousa e Castro, filho de Dona Francisca Luísa. Estarão feitas as pazes entre os de Tora e os de Recovêlo?

Ouviremos agora a António de Abreu de Lima de Soutomayor e a Dona Francisca Luísa. —» *... convencidos Rodrigo Rebelo Peixoto e sua mulher donna Getrudes moradores na quinta e Casa de Laços a nos restituir o vínculo que instituiu Francisco Borges Peixoto, por terceiras pessoas procuraram para o seu sucego tractar de cazar sua filha Donna Maria Menor de Doze annos com nosso filho francisco Mayor de catorze annos e com effeito disto se fes escriptura na nota do Taballiam Domingos de Amorim Soares da Villa dos Arcos, porém ainda não ha um anno completo e porque sendo hua das clausullas da referida escriptura a boma Armonia e pas tractada entre nós e elles Rodrigo Rebello e mulher estes o tem feito pello contrario porque lizongeando os mesmos Rodrigo Rebello e mulher viemos com nossa familia Domiciliar alguns tempos a ver a noiva, logo dahi passados alguns dias entrarão elles a dar mostras de fastio e pouca ou nenhuma união procurando por dictos factos e obras (que por pordencia callamos) a provocar-nos e a dezunirem-se connosco, por forma que chegamos a ter que sahir da companhia daquelles dezafeiçoados, e com tanto prazer de Rodrigo Rebello e sua mulher que nem sequer*

---

[88] M 8 Creixomil.

[89] Ambos nasceram em Laços. N 5 Creixomil, pag.s 128v.° e 172. Francisco † m.

[90] É o dote de casamento de Belchior Rebelo Peixoto de Azevedo e Castro (nota 85) com Dona Custódia Bernarda Faria e Castro, irmã de sua tia, m.er de Rodrigo Rebelo. Leva a noiva em dote quatro contos de reis. Tab. Nicolau Ant° Pereira (22-3-48). Arq. Mun. A. Pimenta.

hum mosso seu nos mandaram acompanhar contra toda a sivilidade politica versada entre pessoas de bem, sendo nós das principais familias da provincia e distinguida ante a deles ...». Sentiram mais António de Abreu e Dona Francisca Luísa *«que o casamento fora procurado para nos prejudicar pois eles teem ocasionado oppozições sobre pagamento e cobrança de foros que Rodrigo Rebello está de posse pella intruzam do vincullo que nós lhe vencemos; ... e achamos que elles estam nos pessuindo muito mayor parte das terras e as milhores do vinculo sobredito athe pela mesma çituação prospecta a Caza de sua cabeça e Cappela, consideramo-nos muito lezos e prejudicados em muito mais da metade dos rendimentos do vincullo ...».* (91).

António de Abreu de Lima de Soutomayor comparece perante Deus a 6.10.1779, deixando ao filho os vinculos «com condição de não cazar na Casa de Laços». Segue-se-lhe a 16.3.1780 seu pai, Manuel de Abreu de Lima; a 29.3. sua filha Dona Policena Luiza; a 27.4. a outra, Dona Rosa (92). Estende-se pela casa da Rua da Infesta o negrume do luto, o desmaiar das vidas. Já a morar com o filho, morre no ano seguinte, a 17.8., Dona Francisca Luísa de Sousa e Castro (93). Na sua casa da Rua de Mata Diabos expirará também Francisco de Abreu de Sousa e Castro (94).As quintas herdadas de seu pai, os bens livres de Tora, vão para sua mulher, a quase recém-casada Dona Maria Cândida Xavier de Moura, irmã de João José de Moura Coutinho, abade de S. Cristóvão de Mafamude «pelo seu muito amor e boa companhia». Sem dela «até ao presente ter sucessão nem eu saiba que possa ter descendência ou herdeiro forçado», Laços, seus vínculos e direitos, «sobre o que corre pleito em Lisboa irão para meu tio materno Francisco José de Sousa e Castro.» A morte agarrou-os; arranca do mundo o ramo de Abreus Limas, senhores de Tora. Balança ao vento, sacudido em querelas e pleitos, o senhorio da Casa de Laços, em S. Miguel de Creixomil.

(91) «Reclam.am q fazem António de Abreu de Lima de Soutomaior e sua m.er Dona Fran.ca Luisa de Sousa e Castro da Casa e Quinta de Tora freg.ª de S. Pedro do Vale tr.º da V.ª dos Arcos e de presente moradores na prassa de N. Sr.ª da Oliveira», a 28.1.1779. Tab. José Vieira de Sousa (14-11-61), pag. 111. Arq. Mun. A. Pimenta.

(92) Ob. 4 Olv.ª, pag.s 64, 69 e 69v.º.

(93) Ob. 5 S. Paio, pag. 61v.º.

(94) Foi a 16.7.1783. Ob. 5 S. Paio; aí vem o seu testamento.

Repica o sino na capela de S. Paulo de Laços. Festivamente, Francisco José de Sousa e Castro, Fidalgo da Casa Real, anuncia a vitória da demanda. Ao entrar nesta casa, na capela só encontrou «hum calix, e duas mezas de corporais e tres vestimentas», agora revestiu-a ricamente; nela reza a Santa Missa seu filho, o Padre Fernando de Sousa. Entremos. Ajoelhemos. Desfia as contas do rosário a mulher de Francisco José, Dona Maria Luísa de Castro Soutomayor. Bichana apressadas preces a nora, Dona Margarida Luísa de Sousa e Castro. No altar-mor três figuras de homens: Francisco Alexandre, o Morgado, João António, António Luís. Espigadote, o único neto varão, Francisco de Sousa Araujo e Castro de Noronha. Criados fixam os olhos nos altares. Chailes e mantos cobrem o canto onde se apertam as criadas da casa. Acocoradas, sonolentas, quase dormitam as escravas. Na Hóstia consagrada está Deus. Em baixo, nas frias lages da capelinha, repousam os mortos. E a família de Francisco José de Sousa e Castro, senhores de Laços, ajoelha-se e curva-se agradecendo aos Céus mais esta graça.

Cresceu a filha de Rodrigo Rebelo Peixoto e Castro, Dona Maria Gertrudes, a baptisada nesta capela de Laços, a menina que ansiosa esperava a chegada de Francisco de Abreu de Sousa e Castro. Casam-na com seu primo Francisco de Sousa e Araújo de Castro e Noronha. Escancaramos as portas da Senhora da Oliveira, de S. Francisco, de S. Domingos, de S. Sebastião, da Misericórdia, de S. Paio, dos templos e conventos da vila. Abrimos as igrejas e capelas das freguesias de Creixomil, de Lara, de Moreira de Rei, de Águas Santas. Onde se entrelaçaram os ramos das duas árvores separadas pelo testamento de Dona Rosa Maria Peixoto dos Guimarães? Debaixo dessa copa frondosa fica mais abrigada, mais protegida a Casa de Laços. Fica? Veremos.

Chegou a noiva à graça dos seus vinte anos, é senhora de Laços e de todos os seus prazos «por doação e nomiação de meus pais», ainda sem desistirem da posse da casa. Tem o noivo quatorze anos mal cumpridos; é igualmente senhor de Laços por doação de seus avós. Vem depois um pequenino «Rodrigo filho legítimo de Francisco de Sousa e Castro e sua mulher Dona Maria Gertrudes Rebelo moradores na Rua de Santa Maria nascido a vinte e um de agosto de 1791». Morre este menino. Podemos imaginar o vento a abanar com fúria as

duas árvores agora unidas. Sentir a ânsia, os desejos da vida de rapaz nesse pai de quinze anos! Ouvir os ramos partirem-se, varrerem a alma de Dona Maria Gertrudes as rajadas do desalento! Escuta-la *« ... nas minhas demandas escrevi hua carta a pessoa de representação em que lhe prometia que se mo patrocinasse nas minhas demandas eu lhe faria Doação não só dos bens litigiosos mas até lhe nomiaria todos os meus bens e como esta pessoa nada me fez nenhuma obrigação tenho de satisfazer esta Carta ...».* Há pleitos e sentenças sobre o senhorio de Laços. Seria fácil pintar, vibrar com a tempestade desencadeada, a rugir, as árvores a caírem, a terra a desfazer-se. Apenas, com a ajuda de alguns documentos, cabeça erguida, à espreita, a podemos pressentir, vê-la passar ao longe, perdê-la no segredo das vidas distantes.

Desde Laços, Francisco José de Sousa e Castro, *«proprietário encartado do oficio de Juiz de Orfãos da villa de Monção e seu termo que o tinha servido sempre com inteira satisfação sem erro algum e por se achar em avançada idade já cheio de moléstias»* suplica *«a faculdade de poder renunciar o dito oficio em seu primogénito e filho legitimo Francisco Alexandre de Sousa e Castro por ser já casado de idade de mais trinta anos estabelecido com casa propria na dita villa e cheyo de toda a capacidade e inteligencia necessaria para servir o dito oficio»* [95] E fazendo casa no neto, Francisco José e sua «muita estimada conçorte», deixam-lhe várias obrigações. João António de Sousa será *«alimentado e socorrido com todo o Necessario conforme a cualidade de sua pessoa»*, terá uma tença e receberá os «bestidos» de seu pai. Os terços de alma serão do Padre Fernando, para ele também «as bestas que se acharem na casa com todos seus arreios e aparelhos de cavalharisse» [96]. Estão

---

[95] «Renuncia da propriedade do off° de Juiz dos orphãos da v.ª de Monção q por esp.al mandato de sua mag.de faz Fran.co de Sousa e Castro da mesma v.a de monção», a 14.5.1791. Tab. Nicolau Ant° Pereira (22-4-10), pag. 142. Arq. Mun. A. Pimenta.

[96] As frases entre aspas são copiadas do testamento de Dona Maria Luisa de Castro Soutomaior, que está no L° de Testamentos Cerrados n.° 18 (B-7-2-72), pag. 78, e do de Francisco José de Sousa e Castro, transcrito no L° de Testamentos Cerrados n.° 21 (B-7-2-75), pag. 8v°. Arq. Mun. A. Pimenta.

bem dotados os dois filhos casados. A seguir à morte de Francisco José, fecham Laços. Para Lara vão as contas, de Lara vem as ordens. Janelas trancadas, sol a esgueirar-se pelas frestas, a vida a continuar nos campos, Laços aguarda.

Em Março de 1799 a Casa de Laços é assaltada pelos ladrões. Assassinado, às mãos dos bandidos, morre Pedro, familiar da casa [97]. Em 1805 Francisco de Sousa e Araújo de Castro e Noronha e seus pais devem ao rendeiro de Laços um conto e quatrocentos e nove mil e duzentos e trinta reis. Vão aumentando a dívida. Em quê? Nos dinheiros dados aos tios e irmãos, em vários pagamentos em Lisboa, e em Guimarães ao mercador José de Castro Sampaio. E em obras. «Facturas dos dous Lagares de pedra em Laços concertos nas casas de Lacinhos», para tudo se abre a algibeira do rendeiro. E «porque percisam agora para negocio muito interessante a sua casa de mais um conto de reis» tornam os senhores de Laços ao bolso aberto do lavrador [98].

Dona Maria Gertrudes Rebelo Peixoto de Azevedo e Castro chega ao termo dos seus dias. Viúva, sem filhos, deve-lhe a familia do marido «os rendimentos dos bens da Quinta de Laços na forma da Sentença bem como quatro mil crusados». *«Lega e nomeia o prazo e quinta de Laços e suas pertenças o prazo de S. Torcato e pertenças o prazo da Arvore e das Bouças e da Madalena e do Alto e das Ubeiras e todas as pertenças sitas em Nespereira»* em Bento Ferreira Cabral Paes do Amaral [99], «nascido em Baião, na Casa da Penaventosa, a 22.11.1786, Bacharel formado em Canones, Juiz de Fora no Mogadouro (16.11.1815), e em Guimarães por carta de 3.7.1821», 5.° neto de Pedro Borges, 1.° Senhor de Laços.

É voltar atraz. Aos golpes da espada de António Paes do Amaral, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, neto de Pedro

---

[97] Ob. 2 Creixomil.

[98] «Novo arrendamento e distrate e Obrig.am e consign.cam de Francisco Alexandre de Sousa e Castro e sua m.er e filho a João Cardoso desta villa», a 4.7.1806. Tab. Nicolau Teixeira de Abreu (10-2-96), pag. 122. Arq. Mun. A. Pimenta.

[99] «Registo do tt° de D. Ma Getrudes Peixoto de Azd°». L° de Testamentos Cerrados, n° 66b (B-7-4-11), pag. 50. Arq. Mun. A. Pimenta.

Borges. É assistir, a 23.12.1662, ao seu casamento com Maria Pereira, filha de Tomé Pereira e de Madalena de Oliveira, ambos solteiros ([100]). É acompanharmos o seu viver em Guimarães, na Rua da Caldeiroa. É virar apressadamente as folhas da existência de seu filho, ([101]) António Paes do Amaral, falecido sem ter casado. É iluminar os desvelos de Dona Ana Maria, Dona Joana e Dona Maria Antónia à volta da única sobrinha, Dona Isabel Natália Paes do Amaral, filha legitimada de seu irmão António. «*Desejando dar-lhe o estado de casada e estando contratadas de a casar com Diogo Ferreira Cabral da Casa da Penaventosa do concelho de Baião*», — eu, Dona Ana Maria, faço-lhe doação da minha quinta de Leça, freguesia de Mascotelos; — eu, Dona Maria Antónia, do meu casal do Bufo, prazo que tive por nomeação de minha mãe, Dona Maria Pereira do Lago; — eu, Dona Joana, a merçê, e a tença do Hábito de Cristo conforme os papeis que tenho ([102]). E depois das bodas ([103]) é partir para

---

([100]) Realizou-se o casamento na ermida de Santa Cruz e foram testemunhas: Frei Martim Pereira de Eça, Domingos Paes do Amaral, P.e Paulo Gomes, Lic.do Manuel Costa Ferreira, Gaspar Ribeiro, P.e Carvalho e outras muitas pessoas. M 3 Olv.ª, pag. 36v°. A noiva vem só como Maria Pereira, mas em documentos posteriores vem como Maria Pereira do Lago.

([101]) Foram seus filhos, todos nascidos na Rua da Caldeiroa: Dona Ana Maria Paes do Amaral, b. a 29.7.1670 (N 2 S. Seb°), † solt.a na Rua da Caldeiroa a 24.11.1734 (Ob. 1), António Paes do Amaral, b. a 16.6.1672 (N 3, pag. 12), † solt°, Luis * a 28.7.1673 (pag. 23), † m., Rosa Maria * a 16.12.1674 (pag. 31) † m., Dona Joana Paes do Amaral, instituidora do vinculo, * a 9.9.1676 (pag. 52 v°), † solt.a a 22.2.1750 (Ob 2), Dona Francisca * a 22.11.1678 (pag. 73) † m., e Dona Maria Antónia Paes do Amaral, * a 14.8.1681 (pag. 98v°), † solt.a a 11.1.1754 (Ob. 2).

([102]) «Dote de Diogo frr.a Cabral do conc° de Baião com.ª da cidade do Porto com D. Isabel Natalia Pais desta v.a», a 17.11.1730. Tab. João Dias Vieira (22-2-41a), pag. 32. Arq. Mun. A. Pimenta. Dotam-lhe os pais do noivo todos seus bens de raiz com reserva do usufructo, vivendo os futuros esposos em vida dos pais dos rendimentos da Q.ta de Eiriz, reservando a metade desses rendimentos, depois da morte deles, pais, para as filhas solteiras e filho Luis de Magalhães. Os Padres Dr. Nicolau Pinto Cabral e António Pinto de Magalhães Cabral, irmãos do noivo, dotam-lhe os respectivos patrimónios, depois de seus falecimentos.

([103]) O casamento foi em Guimarães na Igreja de S. Se° a 12.4.1731 (C 1); representou o noivo, com sua procuração, seu primo Gaspar Barbosa Cabral.

Baião ([104]). Tornemos à Rua da Caldeirôa. Na sua porta um brasão esquartelado: Borges, Nogueira, Paes e Amaral. Timbre: Borges ([105]). Dentro, a voz já muito débil de Dona Joana Pais do Amaral a instituir um vínculo e morgadio ([106]). Aí, dos filhos de Diogo Ferreira Cabral ([107]), nascem Maria Teresa e Inácio.

([104]) Diogo Ferreira Cabral, marido de Dona Isabel Natália, * na Casa da Penaventosa, Baião, a 29.3.1699 e aí † a 12.6.1766. Foi sucessor de seus pais, Cav° Prof. na O. de Cristo, por alv. de 9.5.1735. Era f° de Inácio Ferreira Cabral, F. do Santo Oficio, suc. a seu pai, adm. dos vinculos de que sua mãe era sr.a e de sua m.er Maria Inácia de Magalhães da Mota, Herd, neto pat. de Brás Ferreira Campelo, sr. da Casa da Penaventosa, que serviu nas campanhas da Guerra da Aclamação, à sua custa, na Companhia dos Nobres do presídio da Portela do Homem, e de sua m.er Dona Angela Barbosa Cabral, sr.a da Torre de Campelo e dos vínculos de Valabrigoso, N. Sr.a da Ajuda e das Quebradas, neto mat. de Rodrigo Pinto da Fonseca, sr. da Casa de Eiriz, Ancêde, Baião, e de sua m.er Mariana de Magalhãis e Azevedo, sr.a da Casa do Outeiro. Inf. tiradas de «*Azeredos de Mesaofric seus ramos e ligaçõis*», de Alvaro de Azeredo Leme Pinto e Melo, Casa da Penaventosa, Cap. V & I a.

([105]) Está este brasão na porta principal da casa dos Pais do Amaral, na Rua da Caldeiroa. Na pag. 228 das «*Pedras de Armas de Portugal*», de Armando de Matos, está a fotografia destas armas e o seguinte texto: «Localização: casa da familia Coelho Nogueira, da Rua da Caldeiroa. Epoca: século XVII. Lição heraldica: Classificação: heraldica de familia. Composição: esquartelada. Leitura: BORGES, NOGUEIRA, ...? e AMARAL. Elmo com paquife e timbre de BORGES.

([106]) Em seu testamento, Dona Joana Pais do Amaral institue um vínculo e morgadio nomeando seu primeiro administrador seu sobrinho-neto, António Ferreira Cabral Paes do Amaral, deixando-lhe, a ele e a seus sucessores, algumas obrigações. Vincula para isso as casas da Rua da Caldeiroa, 37 medidas de pão meado e 12 de trigo impostas em herdades em S. Vicente de Passos, 24 medidas em Delães, Barcelos, e 3 medidas em Urgéses na herdade do Montinho. Sucederá no vinculo e morgadio em primeiro lugar «filho macho aquele que milhor lhe parecer e mais capaz for não tendo filho macho hua filha que bem lhe parecer e mais honesta for e não avendo filhos legítimos nem filhas em tal caso serão os naturais, assim machos como femeas e poderão também suceder na dita administração os espurios e sempre precederão os que de milhor sangue forem, porque sendo infamados de alguma Nação de Judeos, Mouro, mulatos ou outra qualquer infecta nassam por isso mesmo serão excluídos da administração ...». M 2 S. Seb°, pag. 12v°.

([107]) Filhos de Dona Isabel Natália e seu marido: Dona Ana Jacinta *, na Penaventosa a 1.6.1732 † solt.a na Casa das Paredes a 6.9.1790; António Ferreira Cabral Pais do Amaral, que segue; Dona Maria Teresa de Barbosa Paes do Amaral *, na Rua da Caldeirôa a 3.9.1736 (B 7 S. Seb°)

Os outros, entre eles o sucessor, António Ferreira Cabral Paes do Amaral, vêm à luz na Penaventosa. A Baião regressamos: António Ferreira Cabral Pais do Amaral tem quinze filhos do seu casamento com Dona Ana Peregrina Máxima de Sousa e Freitas, 1.ª administradora do vínculo dos Freitas de Campêlo. O mais novo é Bento Ferreira Cabral Paes do Amaral, senhor de Laços por herança de Dona Maria Getrudes Rebelo Peixoto de Azevêdo e Castro.

«Corregedor em Castelo Branco por dec. de 27.6.1827 e Carta de 3.8., Perfeito da Provincia do Minho. Gov. Civil do Distrito de Coimbra e Vila Real por Carta Régia de 12.5.1828, Deputado às Cortes Constituintes de 1820 e às de 1826, 1834 e 1836», Bento Ferreira Cabral faleceu na Casa das Paredes, freguesia de Gôve, em Baião, a 15.1.1838 ([108]). Deixou viúva Dona Delfina Margarida Cabral, com duas filhas, vésperas de três. Acolhem-se a Laços. Aí, em 1848, na companhia de sua cunhada e sobrinhas, fecha os olhos Dona Ana Antónia Paes do Amaral ([109]), uma das irmãs solteiras de Bento Ferreira

---

† solt.a na Penaventosa a 7.5.1796; Dona Joana, † m. e Inácio Ferreira Cabral Paes, clérigo *in minoribus*, * na Rua da Caldeirôa a 7.4.1739 (B. 73), † na Penaventosa a 11.3.1798. António Ferreira Cabral Paes do Amaral, com quem seguimos, 1° adm. do vínculo da Caldeirôa, 7° do vínculo de Valabrigoso, 6° do de N. Sr.a da Ajuda, 5° do de Quebradas, Capitão de Auxiliares, * na Penaventosa a 17.9.1734 e † na Casa das Paredes a 18.9.1810, × com Dona Ana Peregrina Máxima Ferreira de Sousa e Freitas, 1.a adm. dos vínculos dos Freitas de Campêlo, de quem teve 15 filhos. Só o sétimo, Joaquim Ferreira Cabral Paes do Amaral, Brigadeiro do Exercito, F. C. R., Cav.° de Aviz, Medalha das Campanhas da Guerra Peninsular, sr. das casas da Penaventosa, Outeiro, Paredes e Agrelos, casado com Dona Luisa Adelaide de Sousa e Barros, da Casa de Samaiões, em Chaves, é que teve geração até aos nossos dias. «*Azeredos de Mesãofrio*», L° citado na nota 104. Representa hoje esta família, e portanto, os Borges de Laços e o vínculo de Caldeirôa seu bisneto por legítima varonia Joaquim Ferreira Cabral Paes do Amaral. Lic.do em Direito,, sr. da Casa de Agrelos, * a 28.10.1913, × com sua prima co-irmã Dona Maria Candida Isabel Jacome de Vasconcelos da Costa Corte-Real, que têm primogénito a António Corte Real Ferreira Cabral, * a 22.4.1957. In «*Os Meus Costados*» de Francisco Carlos de Azeredo, pag. 150, e «*Anuário da Nobreza de Portugal*», Ferreira Cabral Paes do Amaral, vol. II.

([108]) Os cargos e datas referentes a Bento Ferreira Cabral são copiados do L° citado na nota 104.

([109]) Foi a 27.10.1848. Ob 2 Creixomil.

Cabral. Não se vinga a terceira criança; crescem as duas meninas. A mais velha, a frágil Dona Sofia Delfina, murcha aos poucos, morre devagar ([110]). Fica a segunda, Dona Amélia Augusta Ferreira Cabral Paes do Amaral ([111]), amparo de sua Mãe, alegria da Casa de Laços.

Por ocasião do casamento de Dona Amélia Augusta Ferreira Cabral Paes do Amaral, em 1858, com Carlos Pinto Veira da Mota, bacharel formado em direito, futuro Juiz do Supremo Tribunal da Justiça, Par do Reino e Conde do Juncal ([112]), faz-lhe sua Mãe doação da Casa de Laços ([113]), casa que ao fim de quase três séculos está a separar-se da família de Pedro Borges. Viu-os nascer, rir, chorar, amar, rezar, sofrer. A muitos, e ainda a Dona Delfina Margarida Cabral a 9.9.1894 ([114]), vê morrer. Deles se despede, começos do século vinte, nas pessoas dos Senhores Condes do Juncal. Deles, desde os primeiros passos

---

([110]) Faleceu no Porto a 19.11.1852 L° citado na nota 104.

([111]) Nasceu Dona Amélia Augusta em Lisboa, na freg.a da Lapa, em setembro de 1836.

([112]) O 1° Conde do Juncal era f° do Desembargador Conselheiro Bernardo José Vieira da Mota e de sua m.er Dona Maria do Carmo Pinto, sr.s da Casa do Juncal, em Paredes de Viadores, Marco de Canavezes. Bacharel em direito, seguiu a carreira da magistratura onde chegou a Juiz do Supremo Tribunal de Justiça. O título foi-lhe concedido por dec. de 17.4.1890 (D. Carlos). † em Lisboa a 18.3.1906. Não tendo geração, passou a representação do título para sua sobrinha, Dona Maria Amélia de Magalhães Mexia Vieira da Mota, Condessa do Ameal pelo seu casamento com o Dr. João Maria Correia Aires de Campos, 1.° Conde do Ameal (dec. de 22.6.1901, D. Carlos). in *«Nobreza de Portugal»*, vol. II, pag. 660.

Manifestando o 1° Conde do Juncal o desejo que seu título seguisse num filho segundo dos Condes de Ameal e tendo El-Rei Dom Manuel sancionado o facto, foi 2° Conde do Juncal Pedro de Sande Mexia Aires de Campos Vieira da Mota, bacharel em direito * 1889 † 1963, × duas vezes, tendo do 2° matrimónio Dona Maria Jorge Tavares Aires de Campos × na Capela do Juncal a 5.4.1961 com José Taveira de Oliveira Martins, oficial do exército, c. g. in *«Anuário da Nobreza de Portugal»*, II, 1964.

([113]) Escritura feita a 24.6.1858. Tab. José Joaquim de Oliveira, nota n° 52, pag. 35. Arq. Mun. A. Pimenta.

([114]) Dona Delfina Margarida Cabral, * na Casa da Varzea, Campelo, a 27.11.1811, f.a Herd.a de Manuel Barbosa Cabral, Sarg° Mor do Conc. de Baião, sr. da Casa do Casal em Vilares, Campelo, e de sua m.er Dona Francisca Margarida de Figueiredo Tavares, sr.a do Qt.a do Bernardo no extinto conc. de Barqueiros, quinta deixada pela Condessa do Juncal a sua sobrinha Condessa do Ameal.

na Rua Nova do Muro à construção da sua capela, do seu vínculo às suas lutas de Tora a Penaventosa, deles, Laços recebe a marca, guarda a alma.

Ao cimo da escadaria do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães está o busto, em bronze, de Dona Amélia Augusta Ferreira Cabral Pais do Amaral, Condessa do Juncal. Amável, sorridente, acolhedora. Mangas tufadas, colar de duas fiadas apanhadas de onde a onde, cabelo docemente penteado em bandós. Lindo vestido e bem moldado corpete seguram-lhe o generoso colo. No pedestal de mármore ([115]) a benemérita Condessa do Juncal envolve a doentes e sãos, aflitos e atarefados, médicos e enfermeiras, vivos e mortos com a doçura do seu olhar, o perfume da sua tranquilidade.

Sem filhos, por deixar Laços e todos os mais bens no concelho de Guimarães à Misericórdia da cidade ([116]) recebe a Condessa do Juncal várias homenagens depois do seu falecimento ([117]). Finalmente, por ordem da Mesa da Santa Casa, Laços, o Robalo, os Selhos, os Arronços, a Boa Vista, a Rua Franca, vão à praça. Longe da guarda dos seus antigos senhores estão os bens do vínculo de Laços à vista, à amostra, ao alcance de quem mais der.

([115]) O pedestal de mármore tem em baixo as armas da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães e a meio a seguinte inscrição «À Benemérita Condessa do Juncal D. Amélia A. F. Cabral Paes do Amaral homenagem da Misericórdia de Guimarães. 10-IV-1917.»

([116]) A Condessa do Juncal † em Lisboa, na Rua do Capelo, freg.a dos Martires, a 10.4.1914. Jaz no Porto, no cemitério da Lapa. Em seu testamento deixa alguns legados, uma quinta à sr.a Condessa de Ameal, todos os bens que tinha no concelho de Guimarães, e uma bouça em Fafe à Misericórdia de Guimarães; à Misericórdia do Porto tudo quanto possuia no concelho de Baião, e para serem divididos igualmente por ambas as Santas Casas: as pratas, joias, papeis de crédito, títulos e direitos. Todo o rendimento das propriedades, ficava em usufructo para seu marido no caso dele a sobreviver. O testamento foi feito na Casa do Juncal a 19.9.1901, aprovado pelo notário Luís Teixeira da Mota, do Marco de Canavezes, e aberto em Lisboa, em casa da testadora, pelo administrador do 2° Bairro. Existe este documento no Arq. da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

([117]) Homenagens prestadas em várias sessões da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Na sessão da Mesa, de 12.4.1918, é resolvido pôr todas as propriedades à venda, in *«A Misericórdia de Guimarães — apontamentos para a sua história»*, Guimarães 1931, por Alfredo Dias Pinheiro, pag.s 498, 500, 508 e 511.

Voltemos a 1908. Levanta-se o pó dos caminhos. Correm pessoas às portas. Admiram-se uns. Assustam-se outros.

— É um carro! É um carro e não leva cavalos! Jesus, Senhor!

— E vai-se daqui ao Porto em três horas. Chegando à recta de Roriz é que é correr! Dá oitenta.

— Pode lá ser!

— Antes e depois, está claro, tem que se vir mais devagar. Já viste a máquina? Olha, aqui no estribo, as latas da gasolina. Cada uma leva dezoito litros, o suficiente para não haver falta até ao Porto.

Dentro, dando ordens pelo tubo acústico ao «chauffer», lá vai Álvaro Costa Guimarães, o primeiro a ter automóvel por estas terras ([118]). É um rico industrial, sócio gerente da Firma António da Costa Guimarães, Filho & Cia ([119]), proprietária da

---

([118]) Informações amavelmente prestadas pelo Ex.mo Sr. Luis Henrique Cardoso de Menezes (Margaride). Disse mais que os primeiros proprietários de automóveis em Guimarães foram os irmãos Francisco e Alvaro Costa Guimarães, e depois o 1.º Conde de Margaride, seu avô e meu bisavô, todos três com «Minervas», seguindo-se-lhes José Maria Leite com um automovel da marca «Reu». Logo houve vários outros, como Bernardino Jordão, Conde de Paçô Vieira, Dr. Faria, etc., mas não pôde precisar datas.

No *«Comércio de Guimarães»*, de 24-3.1908, lê-se, a respeito de Alvaro Costa: «Este nosso querido amigo acaba de adquirir um grande e elegante automovel, que comporta 7 pessoas. O lindo carro que é da afamada marca Minerva tem a força de 27 a 40 cavalos».

([119]) Alvaro da Costa Guimarães, * a 7.4.1872, f.º de António da Costa Guimarães e de sua m.er Josefa Rosa da Silva Matos, então moradores na Rua da Fonte Nova, em Guimarães, neto pat. de Manuel José da Costa e de sua m.er Josefa Pereira, do lugar da Igreja, freg.a de S. Tomé de Travassós, Fafe, e neto mat. de Manuel José Fernandes de Matos e de sua m.er Rosa Candida da Silva, m.ores no lugar da Guia, freg.a da Oliveira, Guimarães.

António da Costa Guimarães, seu pai, abriu, em 1856, um estabelecimento de fazendas de linho na Rua da Fonte Nova. Fundou a Firma António da Costa Guimarães Filho & Cia: em 1884 adquiriu os primeiros teares de sistema aperfeiçoado. Foram os começos da Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, in *«Os Mesteres de Guimarães»*, de A. L. de Carvalho, vol II, pag. 139. No vol XV das *«Curiosidades de Guimarães»*, escreve Alberto Vieira Braga: «em 1891 a Fábrica de Tecidos a Vapor do Castanheiro de António da Costa Guimarães, Filho & Cia empregava uma máquina a vapor da força de 20 cavalos e teares mecânicos simples com maqui-

Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, fundada em 1884. Por esta cidade e arredores muitos recordam o trepidar do motor do carro em que passeava Álvaro Costa com os pequenos, Maria Ismália e António, filhos do seu primeiro casamento com Dona Ismália Barroso Pereira, ([120]) falecida a 17.3.1900. Em 25 de Março de 1911 passa a segundas núpcias, na igreja de S. Romão de Mesão Frio (Guimarães), com Dona Laura Pereira de Castro ([121]), fidalga senhora, da Casa de Torradas, em Serreleis, Viana do Castelo. Anos mais tarde entram em Laços, arrematada em praça, registada em 1920 em nome de Dona Maria Ismália de Oliveira Costa ([122]). Com eles vem para a casa a já idosa Dona Emília do Carmo Pereira ([123]), tia da primeira mulher

---

netas com Jacquards. Já tinha obtido as medalhas de ouro na Exposição do Rio de Janeiro (1879), de prata nas seguintes: Portuense (1857), Braga (1863), Lisboa (1888), e Paris (1889), de bronze nas de Viena de Austria (1873) e Filadelfia (1876), menção honrosa na de Paris (1878) e diploma de 1.a classe na de Paris (1889).

A gerência e a direcção da Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro estão hoje na descendência de Simão Costa Guimarães, um dos filhos do fundador.

([120]) Dona Ismália Barroso Pereira e Alvaro da Costa Guimarães × na Igreja de S. Romão de Mesãofrio a 23.5.1896, in *«O Comercio de Guimarães»*, de 28.5.1896. Ela era f.a de Agostinho Barroso Pereira e de sua m.er Dona Rosa Candida Pereira (rec. em S. Seb.ª a 21.5.1864) neta pat. de Desembargador Francisco Barroso Pereira, F. C. R., e de sua m.er Dona Josefa Emilia de Abreu Teixeira, neta mat. do Escrivão António Joaquim Pereira e de sua m.er Maria José de Oliveira, citados na nota 123.

([121]) Dona Laura Pereira de Castro, † em Lisboa a 8.10.1971, e passava frequentemente largas temporadas em Laços. Era f.a de Benjamim Pereira de Castro e de sua m.er Dona Maria Rosa de Freitas Sampaio, neta pat. de Gabriel Pereira de Castro (f.º 2.º da Casa do Eirado, em Valença), e de sua m.er Dona Ana Clementina Pereira de Brito Maciel Campelo, sr.a da Casa de Torrados, Serreleis, Viana do Castelo, in *«Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho»*, de José de Sousa Machado, pag. 213, do vol. II.

([122]) Inscrição n.º 9.848-L.º F 16, fls 184, na Conservatória do Registo Predial de Guimarães. É a transmissão de Laços, com a data de 28.5.1920, a favor de Dona Maria Ismália de Oliveira Costa, por em seu nome ter sido arrematado no Tribunal da Comarca de Guimarães.

([123]) Faleceu esta senhora em Laços, com avançada idade. Quando Dona Ismália Barroso Pereira casou, foram viver com ela sua mãe e duas tias solteiras, Antónia e Emília, ficando todas a morar em casa de Alvaro Costa. Eram f.as do Escrivão António Joaquim Pereira (nota 120 e Arvore da Casa da Ribeira, Ponte), e acompanharam os pais ao Brasil, donde, por

de Álvaro Costa Guimarães. Em Laços estão. Recebem visitas, dão chás, oferecem almoços ao ar livre. Revivem as velhas pedras, animam o solar adormecido há anos.

A 20.12.1921 morre Maria Ismália na Rua de Gil Vicente, residência da família, em Guimarães ([124]). Fica seu pai com a Casa de Laços, onde faleceu em 25.8.1932. Passa depois para o único filho que tem, António da Costa Guimarães, casado com Dona Maria Luísa Mendes da Silva, natural de Lisboa. Em Laços viveram. A 7.6.1939 fazem doação da casa a seus filhos: Maria Teresa, Maria Manuela, Maria do Carmo e Manuel Álvaro Mendes da Costa Guimarães ([125]).

Já passaram muitos anos. Faleceu António Costa, moram longe seus filhos, casados; já há netos. Assim deixamos a Casa de Laços. Com a lembrança de meninos a brincarem no jardim, nas salas, na varanda. Com os olhos encantados, presos às suas lindas pedras, à paz das suas trepadeiras, à frescura das glicínias na porta da capela. A ouvir, a sentir devagarinho a longa história de Laços, antigo vínculo, em S. Miguel de Creixomil.

---

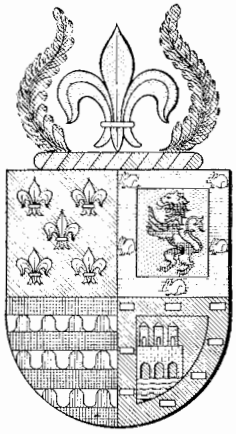
morte do pai, regressaram com a mãe a Guimarães; as solteiras, principalmente, Dona Emília do Carmo, eram muito bonitas: olhos lindíssimos, pele muito branca, feições muito correctas. Inf. de minha tia e prima Ex.mas Sr.as Dona Maria Eduarda Baptista de Sampayo e Dona Virgínia Adelaide Sampayo de Meyra Allen. Dona Antónia, * na Rua do Guardal a 24.4.1836, Dona Emília do Carmo a 24.7.1842 (N 14 S. Seb°). Tiveram mais 13 irmãos. só três é que casaram e houveram geração.

([124]) in *«O Comercio de Guimarães»*, de 20.12.1921.

([125]) Escritura de 27.7.1939 no Notário Dr. Joaquim Pereira de Carvalho. Registo de 27.7.1939 Inscrição N° 12.088, L° G 19, fls 108v°. Conservatória do Registo Predial em Guimarães.

Quinta do Paço

— Foreira à Senhora Raínha —



I

«Tomarão quatro arratẽs de marmelos e cimquo dacuquar E os marmelos ão de ser cozidos nagoa ou ẽ acuquar ou como quyserẽ e se fforẽ na agoa hão de ser cozidos eteyros e abafados ...» [1]. Ao passá-los pela peneira de cabelo cairá na tigela uma massa esbranquiçada.

— Vamos irmã! Vão melhor enquanto quentes. Seja pelas almas!

Dedos delicados de freiras amassam os marmelos. O perfume fresco, sadio, da fruta esmagada, penetra pelas paredes do Convento de Santa Clara em Guimarães, sai pela porta da cozinha. Avivam-se as chamas no lar: saltam à volta dos tachos de cobre. O açúcar onde se deitou água de flor, faz ponto «como rresina». Fora do lume é juntá-lo à massa dos marmelos. É bater, é bater com grandes colheres de páu. Em malgas e tabuleiros despejar a marmelada pronta para córar ao sol, pronta para murchar um pouco aquele calor alegre, para acalmar a alegria do açucar, da água, dos marmelos a ferverem juntos.

Meados de mil e setecentos. Do Convento de Santa Clara recebe o Dr. Manuel Lopes de Araújo, como médico da Casa, «uma caixa de ladrilhos de seis arrateis e 4 covilhetes de

---

[1] «O *«Livro de Cozinha»* da Infanta D. Maria de Portugal», 1.a ed. integral do Códice Português I. E. 33 da Biblioteca Nacional de Nápoles. Leitura de Giacinto Manupella e Salvador Dias Arnaut, pag. 125.

marmelada». E «no dia do recebimento de sua filha» (no de Dona Maria Catarina da Assunção ou no de Dona Catarina Felicia?) «dois pratos de leite crespo e hu de pasteis» (2). Fogo esperto, velhas receitas, doces ensinados por freiras de pele enrugada às freiras meninas. Soror Maria Catarina da Assunção e Soror Catarina Felícia, ainda noviças, talvez sintam, talvez vejam no dançar das labaredas da enorme cozinha do convento um pouco do aconchego da casa donde sairam pequenas. Nas réstias de luz, nas cores do lume a arder, nas sombras, procuremos ver, entreabrir o lar deixado pelas filhas do Dr. Manuel Lopes de Araújo.

Eis o avô materno: Jerónimo da Costa. Senhor, por compra, da Quinta do Paço (3), em S. Miguel de Creixomil, Familiar do Santo Ofício (4), Infanção da Governança da Vila, grave mercador, irmão de Frei Jorge da Conceição, Prior do Mosteiro de Pombeiro, primo direito de Rafael da Costa, tio de João Luís da Costa (5), descendente também dos do Casal de Lagares, modesta origem de fidalgas famílias. Ali o vêmos,

(2) «Os Doces de Santa Clara» por Alberto Vieira Braga, in *«Gil Vicente»*, 3.º vol., n.ºs 7 e 8.

(3) Embora tivesse visto todos os livros de notas existentes no Arquivo referentes à provável data desta aquisição (1698-1725) não encontrei esta escritura.

(4) Processo para Familiar do Santo Ofício de Jerónimo da Costa, Maço 4, Dil. 76. Torre do Tombo, Jerónimo da Costa * ém G.es, freg.a de S. Sebastião, e foi Bap. a 2.1.1653. F.º leg. de António Fernandes, jornaleiro, e de sua m.er Maria Luis moradores no Toural, neto pat. de Francisco Gonçalves da freg.a de S. Jorge do Sêlho e m.er Isabel Fernandes, nat. da freg.a de S. Cristovão de Cima Selho; neto mat. de Alvaro Gonçalves († no casal de Lagares, Costa, a 24.1.1643. M. 1) e m.er Cecilia Luis († em Lagares a 13.3.1646), recebidos em St.a Marinha da Costa a 22.10.1606, M 1, e moradores no Casal de Lagares (nota 14 da Q.ta do Selho de Riba, Fermentões, «Velhas Casas», II). Por seus avós maternos, Jerónimo da Costa era bisneto de Gonçalo Dias e m.er Cecilia Gonçalves e de Gaspar Francisco e m.er Leonor Simões, todos da freg.a de St.a Marinha da Costa, Guimarães.

(5) De Alvaro Gonçalves e sua m.er Cecília Luís, moradores no Casal de Lagares, Costa (citados na nota 4) é também neto mat. Rafael da Costa, mercador e Familiar do Santo Ofício (a sua é a nona carta registada no L.º dos Registos das Cartas dos Familiares do St.o Off.o existente no Arq. Mun. A. Pimenta, sendo a de Jerónimo da Costa e décima terceira, vid. *«Boletim de Trabalhos Históricos»*, 1.o vol., n. 2). Rafael da Costa era f.o leg. de João Fernandes «criado deste convento», nat. da freg.a de S. Jorge

rapazelho, num Brasil de trabalho, de luta, entre as mercadorias levadas e trazidas pelas náus. Acolá, já na volta, a casar com Margarida Monteiro (6), a avó, o aumento dos cabedais (7). Àlem, rodeado de filhos na sua casa da Rua dos Mercadores: Dona Joana Maria, esposa de Manuel Lopes de Araújo; o Padre João da Costa Monteiro; Frei Miguel de Santo Antão, religioso de S. Bento; Josefa «que Deus levou sem estado» e Frei

---

do Sêlho e de sua m.er Jerónima Luís, rec. a 12.9.1638, M 2. St.a Marinha da Costa, pag. 52, neto mat. dos acima citados, Alvaro Gonçalves e mulher.

Rafael da Costa x na Igr.r da Olv.a, a 5.5.1668 (M 3), com Angela Pereira, f.a leg.a de Simão Pereira e m.er Domingas Francisca, já falecidos e m.res que foram na Rua das Molianas, freg.a de S. Seb.º e teve entre outros filhos a Pedro da Costa Pereira, Familiar do Santo Ofício, casado com Josefa Maria de Sousa Lobo, f.a herd.a de António Machado de Sousa Lobo Brandão, sr. da Qt.a do Assento em Santão, Felgueiras, e de sua m.er Maria Pinheiro. Pedro da Costa Pereira e m.er foram pais de Simão Lobo de Sousa Machado Pereira, Fid. da Cota d'Armas (in *«Brasões Inéditos»*, pag. 185), Cav.º Prof.º na O. de Cristo, sr. da Q.ta do Santão, ascendente na varonia dos Lobo Machados, sr.s da Q.ta do Santão e da Casa da Rua da Rainha em Guimarães.

Quanto à genealogia e descendência de João Luís da Costa, sobrinho materno de Jerónimo da Costa, de quem descendem, em varonia, os fidalgos da Caldeirôa, vid. *«Velhas Casas»*, II, freg.a de Fermentões, Q.ta do Selho de Riba.

(6) Margarida Monteiro, m.er de Jerónimo da Costa, * em Guimarães, freg.a de S. Paio, a 23.9.1665 (M 2 pag. 71v), f.a leg.a de Jerónimo Fernandes Peixoto, tecelão, e de sua m.er Catarina Monteiro (*em S. Paio e B. a 27.7.1629, M 1, pag. 49), neta pat. de Domingos Gonçalves e m.er Maria Gonçalves, nat. de Caneiros, freg.a de Fermentões. Margarida Monteiro † a 26.10.1697 (Ob. 1 Olv.a).

(7) Em vários livros de notas existentes no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, encontram-se notícias de compras de casas e quintas feitas por Jerónimo da Costa. A 28.2.1703 fez uma sociedade com seu caixeiro Pedro Lourenço Veloso «de panos de cor q desta villa vao vender às feiras do minho pello tempo de sete annos». Diz Jerónimo da Costa que durante esses sete anos não sairá de sua casa nenhuma ordem sem primeiro dar «caval» satisfação a seu caixeiro e «lhe deixava livres e desembargadas as suas logeas dos arcos, vallença, monção, valladares e melgaço como também as passages da alfandega de monção p.a as ditas villas de valadares e melgaço na forma de seu ajuste e contrato». Obrigação de suciedade entre Hj.º da Costa e seu Caixr.º mercadores». Tab. Braz Lopes (13-2-54). Em 1698 Jerónimo da Costa passa uma procuração a algumas pessoas, entre elas a seu sobrinho João Luís da Costa, para tratarem de seus negócios no Porto, Lisboa, Arcos, Viana, Monção, Melgaço e Valença. Tab.º Ant.º da Silva (10-3-45). Arq. Mun. A. Pimenta.

Pedro da Nazaré, também Beneditino ([8]). Agora, no declínio, já «sem fazer tão bom negócio como dantes o fazia e ter menos rendimento» a compor-se com Diogo da Costa, Inquiridor, seu filho ilegítimo ([9]). Por fim, a 5-1-1738, frio, amortalhado no hábito de S. Francisco «e por implicancias que teve com a Irmandade de Sam Pedro que injustamente o sepultou sem lhe pertencer pois o não podia aceitar por Irmam sendo hum homem leigo e de outenta annos com os Religiosos Dominicos por querer também prezidir-lhes e parochiar no seu Convento, o foi aquela Irmandade sepultar de motu proprio no Convento de Sam Francisco fazendo-se absolutas neste procedimento que lhes nam tocava» ([10]).

Poucas vezes se vê Jerónimo da Costa na quinta do Paço. Por não poder «de sua casa mandar cultibar por m.tos mais negócios que tinha a costumava dar por arendam.tº a caseiros anuais» ([11]). Currais colmados de erva, a quinta do Paço surje rasteirinha, modesta, vestida de verde, de dádivas, de terra boa lavrada por bois. Um carro de trigo, cento e vinte alqueires de milhão, trinta de centeio, vinte de milho branco, dez de feijão «metade Brancos mais pretos», ao todo seis carros pagam os caseiros ao senhorio. Mais ainda trinta cabos de cebolas, vinho a terço, nabos e grelos necessários para o consumo dos senhores, fruta, castanha, landre, mel de meia dúzia de colmeias para os seus «xaragois», dois feixes de

---

([8]) Todos os filhos de Jerónimo da Costa nasceram na Rua dos Mercadores. Dona Joana Maria foi Bap. a 27.6.1691; o Padre João da Costa Monteiro a 5.7.1693; (seu padrinho foi Rafael da Costa); Frei Miguel de Stº Antão a 1.7.1694 (N 3 Olv.ª); Josefa Maria B. a 5.4.1696 † a 3.2.1707, (Ob. 1 Olv.) e Frei Pedro da Nazaré Bap. a 22-11-1697, (foi também afilhado de Rafael da Costa e de seu filho Pedro da Costa Pereira) N 4 Olv.ª.

([9]) «Desistencia contrato e obrigação q fizerão Diogo da Costa e sua m.er desta villa com seu pay e sogro Jmº da Costa mercador da mesma», a 3.8.1716. Tab. José de Sousa (14-1-39), pag. 56vº. A mulher de Diogo da Costa chamava-se Joana da Silva; viviam na Rua do Guardal, em Guimarães.

([10]) Lº de Ob. 2 da freg.a da Olv.ª, onde vem seu testamento e se fazem referencias às «dividas que tinha nos Estados do Brasil».

([11]) «Contrato de Arendamento da quinta do paso na freg.ª de são miguel de Creixomil que fez Jmº da Costa desta vila a Bento Alz e sua mulher assistentes na mesma quinta e freguesia», a 5.4.1728. Tab. José de Sousa (14-1-48). O arrendamento é feito por três anos.

palha tirada no tempo da malha. E o sol ilumina-lhe os campos, a chuva canta e embeleza-lhe as pedras.

Temos agora uma imagem mais viva: a do Pai, o Dr. Manuel Lopes de Araújo, médico da Colegiada ([12]), dos conventos, da gente grada, do povoléu. É um apaixonado das letras, membro da Academia Vimaranense ([13]). Estamos em 8-2-1728. Passaram-se os três dias de regozijo pelos desposórios do Príncipe do Brasil, Dom José, com a Infanta de Espanha, Dona Mariana Vitória, e os do Príncipe das Astúrias com a nossa Infanta Dona Maria Bárbara. Por diferenças entre o Senado da Vila e o Cabido não tinham tido as festas em Guimarães o brilho esperado. Foi então que Tadeu Luís António Lopes da Fonseca Carvalho e Camões ([14]), Moço Fidalgo da Casa Real, Senhor de Abadim e Negrelos, patrono da Academia Vimaranense, resolveu oferecer

---

([12]) in «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. 5, n.º 3.

([13]) A Academia Vimaranense foi um grémio literário fundado em Guimarães a 3.12.1724 por Tadeu Luis António Lopes da Fonseca de Carvalho e Camões, sr. de Abadim e Negrelos. Nas suas sessões tratavam-se variados assuntos em prosa e verso; estão estes trabalhos reunidos nos dois tomos do «*Guimarães Agradecido*».

([14]) Tadeu Luis António Lopes da Fonseca de Carvalho e Camões, suc. a seu pai, Fid. da C. R., Cav.º Prof. na O. de Cristo fundador da Academia Vimaranense, membro da Real Academia de História, da dos Infecundos e da Arcádia em Roma, etc., etc., * em Guimarães a 21.2.1692. Era f.º leg. de Gonçalo Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, suc. a seu pai, Fid. da C. R., e de sua 2.ª m.er e prima co-irmã Dona Guiomar Bernarda de Alarcão e Silva, neto pat. de Luis Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, Moço-Fid. da C. R., sr. do Couto de Abadim e Negrelos, dos Morgados dos Carvalhos, em Guimarães (instituido por seu tio trisavô Diogo Lopes de Carvalho, Desembargador do Paço), dos Camões e Silveiras, em Évora, e da Q.ta de Galegos, em Penafiel, e de sua m.er Dona Ana da Silva de Almeida, neto mat. de Gonçalo Peixoto da Silva de Almeida Carvalhaes e Vale, Fid. da C. R., sr. do Morg. dos Almeidas, em Guimarães, dos Macedos e Carvalhos, em Penafiel, Adaíl-Mor do Reino, sr. Donatário dos concelhos de Penafiel e Sousa e honras dele etc., e de sua m.er Dona Paula Maria Cardoso de Alarcão, sr.a do Morgado da Taipa e Lagiosa, bisneto na varonia do Dr. Gaspar de Carvalho, Chanceler Mor do Reino, testamenteiro de El-Rei Dom João III, Embaixador a Castela, construtor da Casa de sua família em Guimarães, no Largo da Misericórdia: «edificou com soberbas madeiras de ébano, que lhe ofereceu o monarcha, os seus paços com torre ameiada, no lado norte do Campo da Misericórdia, e tem anexa a Capella de Santo António na Igreja de S. Francisco» (in «*Guimarães*», do Padre Caldas, pag. 284). Casou o Senhor de Abadim duas vezes; só do

à vila mais um dia de festejos inteiramente à sua custa [15]. Na alma, nos gestos, o alarde de quem dá alegria a uma vila inteira. Nas roupas, a magnificência de quem mostra a sua grandeza. Ei-lo: casaca escarlate primorosamente bordada a oiro e prata, toda debruada com alcachofras de canutilhos; véstia de estofo dourado, cheio de brilho. Espalhados pelo traje há diamantes e oiro: no botão, na fivela, na presilha do chapéu; no copo e guarda do espadim; na fivela dos sapatos. No peito faísca a venera de Cristo. Anoitece. Entremos numa das salas da casa de Tadeu Luís: — aí discursa fluentemente em latim Manuel Lopes de Araújo. Ouvem-no mais de trezentas pessoas.

Telas cobrem as portadas e os bufetes. Guarnecem as paredes uma dezena de grandes placas de prata, há dez serpentinas de prata lavrada, mais de 150 luzes tremelicam no aposento. O Dr. Manuel Lopes de Araújo é o terceiro orador da noite; são os discursos alternados com serenatas e loas. No rosto dos presentes nota-se a expectativa pela continuação dos folguedos e em cinquenta e seis deles, os mais grados, o bem estar, o afrontamento, a plenitude de quem veio do banquete desenrolado na sala de jantar. Por «trez vezes se cobriu a meza, e cada uma com trinta e seis pratos, grandes, todos diferentes e abundantemente providos dos manjares mais deliciosos e esquisitos. Nas duas primeiras foram os convidados servidos em prata, na terceira em porcelana do Japão e da China, durando este gostoso divertimento até ao pôr do sol». Acaba o seu panegírico o médico de Guimarães. Como presente do dono da casa recebe um relógio e as primeiras Crónicas deste Reino. Discretamente vamos espreitar para o Largo da Misericórdia, fronteiro ao palácio de Tadeu Luís António.

---

segundo casamento com Dona Francisca Rosa de Menezes é que teve geração. Hoje a sua representação encontra-se na Casa dos Viscondes de Vila Nova de Souto d'El Rei. Vid. «*A Descendência Portuguesa de El Rei Dom João II*», pag.s 411, 412 565 a 569.

[15] A descrição destas festas vem no «*Guimarães*», vol I, págs. 314 e seguintes. O Padre Ferreira Caldas copiou-a de um raro folheto dedicado ao senhor de Abadim: «*Guimarães Festivo*». Em 1881 encontrava-se esse ópusculo na livraria de Pereira Caldas.

Milhares de tochas de cera branca desenham os contornos da igreja, toda luz e brilho. Grisetas e veludos cobrem as casas da Praça. Quatro pirâmides, revestidas de encarnado e prata formadas sobre arcos, dão entrada, aos cantos do largo, para bosques de ramarias donde rebentam fartas, fáceis, vivas, quatro fontes de vinho. Ao centro, num padrão sobre colunas, estão desenhadas as árvores genealógicas dos reais nubentes. Aí mostra-se como do Infante Dom Duarte, Duque de Guimarães, e de suas irmãs, a Imperatriz Dona Isabel e Dona Beatriz, Duquesa de Saboia, descendem quase todas as Casas Reinantes da Europa. Saiamos. Misturemo-nos às seis ou sete mil pessoas que enchem a praça, coalhada de luzes. Correm as fontes de vinho, reparte-se um boi pela multidão. Agitemo-nos. Das janelas da casa do Senhor de Abadim — maravilhosamente iluminada — lançam para a rua cestos de fruta e de doces. Durante três horas é o jorrar do vinho alegre, «encher a vasar cantaros, esgrimir montantes, circular rodas, voar girandolas, voltear serpentes, tudo fogo de variadíssimo artifício ao mesmo tempo que os clarins ajustados com os atabales e hoboazes tocavam». Apagam-se, lentamente, as milhares de tochas de cera branca a emoldurarem as festas de Tadeu Luís António, Senhor de Abadim e de Negrelos.

Passam os anos. Prepara-se Guimarães para receber o Sereníssimo Senhor Dom José, Arcebispo Primaz das Espanhas e Senhor de Braga, «felicissimo irmão de Sua Magestade» El-Rei Dom João V. É tanto o povo, tantos os «bem ajaezados cavallos, rutilantes berlindas, bem pintadas liteiras e promtas carruagens» [16] que se torna difícil andar nas ruas. Caminham todos «cheios de ancia para verem Sua Alteza que os homens se esquecem da innata curiosidade, e as mulheres se não lembrão do natural recato». Não cantarão estas páginas os «primores de devoção e piedade» de que deu provas o eminente Prelado a crismar, a visitar conventos e igrejas, horas e horas a edificar as gentes no «exercício dos Sagrados Ministérios». Não falarão nas vistosas cavalhadas: intrépidos cavaleiros a correrem patos, frangos e contoadas, a arrebentarem alcanzias espalhando pelos

[16] «*Guimarães Agradecido*», Tomo I e II, Coimbra 1749.

ares lindas flores; não contarão as sortilhas, as escaramuças [17] com que honraram Sua Alteza na estadia em Guimarães [18]. Pararão sim nas Academias que então se celebraram. Nelas, mais detalhadamente nas obras do Dr. Manuel Lopes de Araújo.

Profundo conhecedor da língua latina, é em latim que apresenta os seus epígramas e muitas vezes discursa. Os seus sonetos, romances, oitavas e glosas estão no «Guimarães Agradecido», pesados, cheios de imágens mitológicas, de elogios fáceis, curvando-se perante o Senhor Arcebispo:

«.....
O nosso grande Affonso com certeza
A luz primeira foi da Monarchia
No luzir do brilhar, na fortaleza
Mas o nosso José com galhardia
Desta luz por Primaz vence a grandeza
Por lograr como o Sol a luz do dia».

Em honra dos Reis, dos Príncipes, nas principais festas, reunia-se a Academia Vimaranense. No entrudo glosavam a «um mizeravel que para não gastar entrudou com bacalhau», brincavam com «sonetos de consoantes forçados»: eram as Academias Jocosas. Em dia de S. João Evangelista «em aplauso do

---

[17] O que são contoadas? — «São golpes com o conto de Lança». E alcanzias? — «Nas cavalhadas são bolas de barro, ocas, cheyas de flores, cinzas, etc.».

E sortilhas e argolinhas? — É um jogo que consiste em vir a cavalo, a galope e enfiar a lança numa argola pendurada duma corda. Quanto às escaramuças: «nos jogos das canas, é irem a princípio os Cavalleiros emparelhados, formando e fechando as suas voltas, accometendo e fugindo com destreza». Significados tirados do *«Dicionário Moraes»*, Tomo I e II.

[18] S. A. S. o Senhor Arcebispo de Braga residiu quase sem interrupção em Guimarães de dezembro de 1746 a janeiro de 1749. Hospedou-se em casa dos Senhores de Abadim e planejou para sua moradia o restauro dos Paços dos Duques de Bragança. Desistindo do projecto mandou construir no Largo da Misericordia uma «casa de 98 janelas e 77 portas, extensos salões, grande numero de quartos, uma infinidade de gabinetes» (in *«Guimarães»*, pag. 324), casa hoje pertencente, já há muitas gerações, à familia Couto.

nome de Sua Magestade» e por estar presente Sua Alteza Sereníssima dão este mote:

«Em quatro letras se lê
A grandeza de João,
Em quatro letras estão
As grandezas de José».

Como todos os outros académicos, o Dr. Manuel Lopes de Araújo apresenta o seu trabalho. Escutam-se. Aplaudem-se.

«.....
Os meus annos Senhor, já são grosseiros
Para versos fazer, muito limados
Que a Poetas, que são pouco correntes;
O claro do cristal se torna em charcos
.....»

E a 8-2-1753, de repente, estando à janela de sua casa, falece Manuel Lopes de Araújo ([19]), médico, sócio da Academia Vimaranense.

Outra figura a aparecer viva na lembrança das freiras é a de seu tio materno, o Padre João da Costa Monteiro. Senhor, por herança do pai, da quinta do Paço ([20]), aí vive e conforme avança na idade rege o destino dos seus familiares. Vemo-lo

([19]) Ob. 2 da freg.a de S. Sebastião. O Dr. Manuel Lopes de Araújo vivia na Rua Nova das Oliveiras, era f° natural do Dr. Gregório Lopes de Araújo, médico oriundo de Braga e † em Guimarães a 7.10.1699, na Rua Nova das Oliveiras (M 3 S. Seb°) e de Maria de Magalhães, nascida na freg.a de St.a Leocádia, Conc. de Baião, moradora em Guimarães na Rua da Cadeia. Inquirições da Genere do Revdo. João Manuel Lopes de Araújo, Conego da Colegiada, in *«Boletim de Trabalhos Históricos»*, vol. XVIII, pag. 33 e seg.tes. O assento de Baptismo do Dr. Manuel Lopes de Araujo está no M 2 da freg.a de Urgêses, a pag. 48: a 28.12.1672 «Baptizei Manoel f° do Doutor Gregorio Lopes o quoal me pedio lho Baptizasse e não deu May foi padrinho Diogo peixoto boticário». A margem deste assento está escrito «M.a de Mag.es sua may».

([20]) «Reconhecim.t° da quinta do Passo do Miradouro cita nesta freg.a de S. Miguel de Creixomil q he emphiteuta e possuidor actual o Reverendo João da Costa Monteiro» a 23.1.1764. Tombo do Reguengo da Vila de Guimarães (B-18-2-29). Arq. Mun. A. Pimenta. O emprazamento da quinta é de 12.1.1761.

agora em conversações com o sobrinho, o muito Reverendo João Manuel Lopes de Araújo, cónego da Real e Insigne Colegiada, filho de sua irmã Joana Maria Peixoto, e marido, Manuel Lopes de Araújo. Tratam das bodas de sua sobrinha e irmã mais nova, Dona Josefa Bernarda Monteiro, única por onde seguirá a geração ([21]). Com eles, o Senhor Padre João Coelho de Vasconcelos e Mota, abade de S. Miguel das Aves. E no Convento de Santa Clara Dona Maria Catarina da Assunção e Dona Catarina Felícia apagam-se entre as rezas, as flores e os doces, perdem-se entre as sombras das paredes. Recebem todos os anos, enquanto vivas, «des mil reis outo medidas de trigo hua marram he sinco galinhas». Têm no Céu, depois de mortas, o prémio para as freiras meninas que nas chamas do fogo a saltar só vêem o calor, só sentem a saudade do lar donde, pequeninas, os costumes e a vida as arrancaram.

Dona Josefa Bernarda Monteiro. Dezanove anos. «Pesas de ouro diamantes aljofres pesas de prata Labrada e para se desfazer o peso de setenta he hum marcos he duas onças, escriptos creditos e escripturas públicas e penhoras das pessoas que sam devedoras» a seus Pais: um dote de dezoito mil cruzados e setenta e um mil setecentos e oitenta reis em 5-3-1752 ([22]). E mais dois mil cruzados para as primeiras despesas e por morte dos progenitores, como única herdeira, «todos os seus bens móveis e de Raiz prazos alfayas de sua casa, dinheiro, dívidas, pesas de ouro e prata», a legítima paterna e materna de seu irmão o cónego João Manuel Lopes de Araújo «o mais empenhado em que ela tomasse estado», e todos os prazos e bens de raiz de seu tio o Padre João da Costa Monteiro «vinculados em vincullo e morgado na forma de

---

([21]) Foram filhos do Dr. Manuel Lopes de Araújo e sua m.er: Gregório Lopes de Araújo, * a 27.4.1710, estudante em 1724 s. m. n.; Maria Catarina da Assunção, freira em Sta. Clara, * a 15.8.1712; Catarina Felicia, religiosa no mesmo Convento, * 8.9.1716; João, * 8.1.1718 † menino; Ana Maria, * a 21.10.1721 s. m. n.; Francisca, * 30.11.1722 s. m. n.; Rev.do João Manuel Lopes de Araújo, cónego da Colegiada de G.es, * a 29.8.1724; José, * a 15.8.1728 s. m. n.; Francisco José, *, a 23.10.1730 s.m.n. e Dona Josefa Bernarda Monteiro * a 23.4.1733. N S. Seb° n.os 5, 6 e 7.

([22]) «Dote de João Ant° Coelho de Vas.los com D. Josepha Bernarda Monteiro desta villa», a 5.3.1752. Tab. José da Costa (13-4-4). Arq. Mun. A. Pimenta.

direito o qual morgado andaria sempre na família d...ra geração dos Monteiros». Ainda mais quatrocentos mil reis como presente do tio. E no caso de depois de casada mostrar desejos de com seu marido se apartar dos Pais, dará sua Mãe «o enxoval de linho conforme sua generozidade e amor e o cortinado de damasco».

João António Coelho de Vasconcelos e Mota, senhor do «vinculo e Morgado de sua Casa» e da sua quinta da Mota, no concelho da Póvoa de Lanhoso, da sua quinta da Carrapatoza, de dez moradas de casas «nesta villa e seus extramuros» «em que tudo sucedeu por morte dos defuntos seus pais», da fazenda do Freixieiro, em S. Miguel das Aves, já avinculada ao seu morgadio, universal herdeiro de seu tio o abade dessa freguesia, morador na sua casa da Carrapatoza, filho legítimo de Manuel Coelho de Vasconcelos e Mota e de sua mulher Dona Euzébia de Castro e Zuniga, sucessor duma antiga e nobre linhagem, irmão do Beneficiado Diogo e de Soror Ângela, Soror Luísa e Soror Antónia Filipa, freiras em Santa Clara.

Felicidade começada a 25-6-1752 na igreja de S. Sebastião [23], quase logo interrompida. «*Aos vinte e hum dias do mez de Fevereiro de mil setecentos e sesenta na Rua Nova das Olv.as casas de minha morada estando eu Dona Josefa Bernarda Monteiro casada com João António Coelho de Vasconcelos doente da doenssa que o Senhor foi servido dar ... quero que o Lançol que levar na tumba seja dado ao pé da sepultura a hum homem ou mulher pobre e não quero ser enterrado em caixão e o gasto que se avia de fazer nele se dê aos pobres envergonhados e hirei embrulhada no habito das capuxas*» [24]. E na quinta do Paço, pertenças de seu tio, o Padre João da Costa Monteiro, «pera onde fora pera se curar de hua infirmidade» falece, confortado com os Sacramentos e com testamento, João António Coelho de Vasconcelos e Mota [25].

---

[23] Cas. 1 S. Sebastião, pag. 122.

[24] «Copia do testam.to" com q faleceo D. Josefa Bernarda Montr" m.er de João Ant° Coelho de Vasc.los desta v.a». O requerimento é de 20.10.1790, Tab. Nicolau Pereira (22-4-7). O testamento foi feito a 21.2.1760, Dona Josefa † a 22, na Rua das Oliveiras; o assento de óbito está a pag. 125 do Ob. 2 da freg.a de S. Seb°.

[25] Ob. 2 S. Seb°, pag. 133, e M. 8 de Creixomil, onde vem o testamento. O falecimento foi a 13.11.1760.

Quem resta? Ao cuidado dos tios sacerdotes os filhos, ainda meninos, de Dona Josefa Bernarda e de seu marido ([26]). Só um rapaz, José, com três anos de idade a herdar «os Morgadios tanto os deste Reino como os de Castella q. no caso de sua morte ou crime passarão para sua irmã mais velha». E elas, as manas, a quem José, segundo o testamento da Mãe, tem «obrigação de meter a freiras», Dona Maria José, Dona Joana Maria Benedita, Dona Ana Maria Peregrina e Dona Rosa Maximilia. Entre eles, Dona Catarina, a bastarda, havida por João António Coelho de Vasconcelos e Mota, já casado, «em hua ama chamada Maria das partes de Pombeiro»! Enquanto esperam pela idade, conforme a recomendação do Pai, «de casarem com pessoas de nobreza antiga», vamos estudar-lhes a linhagem, cujos brazões ostentam os portões da quinta do Paço, junto à Ermida da Senhora da Luz.

É um brasão esquartelado onde se lê: no 1.º, Mota; no 2.º, Coelho; no 3.º, Vasconcelos; no 4.º, Prego. Timbre: Mota. Ao interpretá-lo deixamo-nos levar longe, muito longe, pelos nobiliários ([27]). A um tropel já muito distante, por remoto, mas ainda vivo, pela força, pela grandeza. São os ricos-homens, são os infanções, são os cavaleiros, bravos, violentos, do raiar da nacionalidade portuguesa. É Dom Mem Gondar, companheiro do Conde Dom Henrique; é seu filho, espada levantada na Batalha de Ourique; é seu neto, Gomes Fernandes Gondar, a «erigir no seu solar em S. Martinho do Campo onde chamão

---

([25]) Dona Josefa Bernarda e seu marido foram pais de Dona Maria José Coelho de Vasconcelos, * na Rua Nova das Oliveiras a 26.3.1753 × com Amaro Barbosa de Faria da Costa Machado, sr. da Casa da Costa, em Geraz, Povoa do Lanhoso c.g. ext.a (in *«Ultimas Gerações»* de José de Sousa Machado); de Dona Joana Maria Benedita, freira no convento de St.a Clara, em Guimarães, * 18.5.1754; Dona Ana Maria Peregrina, religiosa, como sua irmã, * a 25.7.1755, (N 8 S. Seb°); José Coelho de Vasconcelos da Mota Prego, Suc., * a 6.3.1757 e Dona Rosa Maximila Coelho de Vasconcelos, solt.a * a 6.6.1758 (N 9 S. Seb°).

Fora do matrimónio teve João António Coelho de Vasconcelos a Dona Catarina Luisa Coelho da Mota e Vasconcelos × na Igrj.a da Olv.a a 13.9.1783 com João de Freitas Melo e Castro Pereira de São Payo, F. C. R., sr. da Q.ta do Ladrido, em Guimarães. C. G.

([27]) No *«Nobiliário»* de Felgueira Gayo: Tomo XXI Motas & 1 N 3, Tomo XI Coelhos, Tomo XXVIII Vasconcelos, Tomo IV Araujos; na *«Nobiliarchia Portuguesa»* de António Villas Boas de Sampayo, etc., etc.

a Casa da Mota». Temos os Coelhos, procedentes de Egas Moniz: baraço ao pescoço, lealdade no coração, sangue dos Reis de Leão e da princesa moura, bisneta do Abuali, cujo filho, o infante Alboazar Ramires, o Cid Alboazar, varria à cutilada a moirama das terras nortenhas. Os Vasconcelos, oriundos de Martim Moniz, ilustre capitão morto às portas de Lisboa, ainda infiel e serracena. Os Araújos, senhores de Lobios, na Galiza, Alcaides Mores de Lindoso e Castro Laboreiro, vassalos leais dos Reis de Portugal, a investirem por terras galaicas, a crescerem no cêrco a Tanger, a serem armados cavaleiros em Ceuta. De todos eles nos falam os Nobiliários. Por vezes estão as gerações misturadas, romanceadas, as datas confundidas, mas nelas sempre ouvimos, dessas épocas remotas, a apoteóse duma Pátria a nascer. Com ela, os antepassados das nobres Casas de Entre-Douro e Minho. As raízes ignoradas de desconhecidos descendentes, encobertas pelo tempo, pela má sorte, pelo destino. Eles, os companheiros dos nossos primeiros Reis! Os heróicos avoengos de tantos e tantos netos e também de Dona Felipa de Araújo, senhora da Quinta da Mota, mulher de Diogo Tomé de Cid, Comendador das Comendas de Vila Pouca de Aguiar e de Freixo de Espada-à-Cinta na Ordem de Cristo ([28]), 5.os avós dos órfãos deixados por João António Coelho de Vasconcelos e Mota.

Agora, nos assentos das freguesias, já encontramos os Senhores da Mota. Felipa de Araújo morre na quinta da Mota a 26-9-1591; sua filha e herdeira, Lucrécia Coelho da Mota, (falecida a 12-2-1613 ([29])) foi casada com João de Meira, primogénito de Brás Afonso de Meira, que serviu na Índia, e de sua

([28]) Dona Felipa de Araújo, sr.a da Q.ta da Mota, era f.a leg.a de Gonçalo Roiz de Araújo, sr. de Lobios, que por estar implicado na morte do Mordomo do Bispo de Tuí perdeu as outras terras que tinha na Galiza, e de sua 1.a m.er, Dona Brites Mendes de Vasconcelos, neta pat. de Tristão de Araújo e Azevedo, sr. de Araújo. Lobios, Rio Caldo e Gondive, Alcaide Mor e Gov.or da vila e castelo de Monte Rei, etc., etc. e de sua m.er Dona Isabel Coelho de Azevedo, dos Coelhos de Cergude, neta mat. de Alvaro Rodrigues Veloso, sr. da Q.ta de Sinde, e de sua m.er Agueda Gomes de Vasconcelos e Mota, sr.a da Q.ta da Mota. In «*Nobiliário*» de Felgueiras Gayo, Tomo IV, Araujos, & 1 n 22 e & 117 n 23.

([29]) M. 1 de S. Martinho do Campo, Póvoa do Lanhoso, Bib. Pub. e Arq. Dist. de Braga.

mulher, Isabel Gomes do Vale Golias. A 5-9-1600 abrem-se as portas da paroquial de S. Martinho do Campo. Casa Isabel Coelho de Vasconcelos, filha e sucessora de João de Meira e Lucrécia Coelho, com Salvador Lopes Prego (30), filho de Martim Lopes Prego, fidalgo galego que na Mota termina os seus dias (31), e sobrinho do Padre Brás de Leiva Prego, instituidor de um vínculo com capela no Mosteiro de Santa Clara de Guimarães (32). E até 1620, para receber na pia baptismal os seus filhos, vão-se abrindo as portas da igreja de S. Martinho do Campo (33).

A 23-5-1626 Salvador Lopes Prego, administrador da capela instituída por seu tio, o Padre Braz de Leiva Prego, vende 47 medidas de pão meado, pertença da sua quinta da Mota (34). Em 1627 chega a um acordo com sua prima Eugénia Vieira de Leiva, também sobrinha do instituidor do vínculo, depois de ter sido condenado pela Casa da Suplicação de Lisboa a pagar-lhe seiscentos mil reis (35). A 27.4.1637, na visita de Dom Sebas-

---

(30) L.º citado na nota anterior.

(31) Martim Lopes Prego, nat. Montaos, Galiza † na Mota a 4.12.1619. Mesmo l.º das notas 29 e 30.

(32) «Braz de Leiva Prego, gallego, morador em Guimarães, instituiu vincullo com capella de Nossa Senhora da Conceição no mosteiro de Santa Clara, onde tinha jazigo com os seus ossos, que seus descendentes transladaram para a capella da quinta da Motta, uma legua para o norte de Guimarães. Foi administrador João Coelho de Vasconcelos, senhor da quinta e morador na Carrapatoza, na Rua das Hortas», in «*Guimarães*» do P.e Caldas, pag. 290.

O Padre Braz de Leiva Prego não teve geração; foram seus sucessores os sobrinhos que ficaram senhores do vínculo por ele instituído.

(33) Foram filhos de Salvador Lopes Prego e de sua m.er Isabel Coelho de Vasconcelos: Lucrécia Coelho, bap. a 26.9.1601 e † solt.ª, na Mota, a 11.10.1671; Bento de Meira Coelho de Vasconcelos Prego, Suc., bap. a 21.9.1603; Ana, bap. a 21.3.1606; Carlos, B. a 30.11.1608, † a 29.8.1609; Cecília, B. a 1.8.1610; Rev.do Padre João de Meira, B. a 17.3.1613; Maria Coelho da Mota, B. a 5.5.1615; Catarina, B. a 18.4.1618, † 10.11.1624 e Ambrósio, B. 7.12.1620 † a 15.10.1624, M 1 e 2 de S. Martinho do Campo. Arq. Dist. de Braga.

(34) «Venda que faz Salvador Lopes prego m.or na sua quinta da mota no concelho de Lanhoso à capela q instituiu bras de leyva fidalguo». Tab. João Ribeiro (16-2-46). Arq. Mun. A. Pimenta.

(35) «Escritura e concerto amigável q faz Salvador lopes prego a eugenia vieira de Leiva mor.a em Lisboa». Mesmo L.º citado na nota 34.

tião de Matos de Noronha, Arcebispo Primaz, à Colegiada da Senhora da Oliveira, encontra-se em mau estado a capela dos Pregos no Mosteiro de Santa Clara «com falta de ornam.tos e outras cousas necessarias». Mandam ao seu administrador, então Gonçalo de Maçoulas de Castro (36), que «ponha dous castiçais de Arame, Duas toalhas delinho de bompano, hũ Veo preto para oCalis hũa Vestimtª Carmezi de seda para as festas dospirito stº Appostollos EMartires ...» (37). Nas lages da igreja de S. Martinho do Campo repousam para sempre Salvador Prego e sua mulher; ela desde 6.10.1635, ele a partir de 21.9.1641 (38).

No Solar da Mota, nas margens do Ave, decorre a existência de Bento de Meira Coelho de Vasconcelos Prego, filho de Salvador Lopes Prego; passam os dias de sua mulher Dona Ana da Cunha, brincam os seus filhos (39), amam, sofrem, rezam. Viram-se as páginas dos livros da freguesia, galopa o tempo, as águas, o rio. O filho mais velho, João Coelho de Vascon-

---

(36) Gonçalo de Maçoulas de Castro era Fid. da C. R. vereador da Câmara de Guimarães e escrivão da Misericórdia da mesma vila, fº leg. de Pedro de Maçoulas e m.er Isabel Catanha de Castro, moradores que tinham sido na ilha de Tenerife, e x na Igre.a da Olv.a a 1.12.1620 com Isabel de Miranda Coelho, f.a leg. de Gaspar de Sampayo e m.er Inês de Miranda (M 2 Olv.a). Desconheço a sua relação com a familia Prego.

(37) *«Para a História da Colegiada de Guimarães, Visitações dos Arcebispos de Braga à Colegiada de N.a Sr.a da Oliveira entre os séculos XVI e XVIII»*, in *«Boletim de Trabalhos Históricos»*, vol. X, pag. 41.

(38) Lº citado na nota 29.

(39) Foram seus filhos, todos nascidos na Mota: João Coelho de Vasconcelos, suc., B. a 6.5.1641; Geraldo, B. a 14.12.1642 † solt.º, de desastre, a 13.7.1656; Dona Mariana da Cunha e Vasconcelos, B. a 30.4.1645 × na Igreja de S. Martinho do Campo a 15.9.1686 (M3) com o Lic.do Francisco da Cunha e Oliveira (segundo os Nobiliários casou à sua vontade); o Rev.do Padre Jerónimo da Cunha e Cerveira, B. a 25.6.1647; Gabriel da Cunha e Vasconcelos, B. a 27.2.1650 † solt.º na Mota a 28.5.1672; Pascoal da Cunha e Vasconcelos, B. a 12.4.1654 † na Mota a 15.9.1732 solt.º e c. g., e António da Cunha e Vasconcelos, B. a 17.12.1656. M 1, 2 e 3 de S. Martinho do Campo.

Dona Ana da Cunha † na Mota a 31.8.1681 (M 2), era f.a de Pantalião Ribeiro de Barros e de sua m.er Dona Ana da Cunha. Bento de Meira Coelho de Vasconcelos Prego também aí † com testamento a 27.7.1679. Fora do matrimónio, em Madalena, solt.a, de S. Martinho do Campo, teve Bento de Meira a Cristovam Coelho da Mota, B. a 31.7.1631 (M 1), c. g.

celos, «Snor. do Morgado e Capela q instituiu o P.e Braz de Leiva» vem morar para Guimarães. Casa com Dona Mariana Gião de Morgade, viuva de Torcato Peixoto de Azevêdo, senhora da Casa e Quinta da Carrapatosa (40). O neto (41), Manuel Coelho de Vasconcelos e Mota, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Familiar do Santo Oficio, reconstrutor da Torre da Mota, vive também na Carrapatosa, casado com Dona Eusébia Maria de Castro e Zuniga. São os sogros de Dona Josefa Bernarda Monteiro.

Voltemos então à quinta do Paço, onde, para lhes estudar a linhagem, largamos, pequeninos, os herdeiros desta antiga estirpe. Cresceram. Chegou o «tempo q Deus Nosso snr é servido levar do Carcere desta vida pª. a Eterna» ao Reverendo Beneficiado João da Costa Monteiro. Aos 16-7-1771 «de hũ acidente de porplesia tam arrebatado q lhe não pude dar senão o sacram.to da unção», morre na sua quinta do Paço (42). Aos herdeiros, «os filhos de minha sobrinha Dona Josefa aquele q for Snr da Caza de seu Pay João Coelho de Vasconcelos e Mota q Deos aja» deixa *«um legado de Missas todos os Dias Santos do Anno com esmola de cento he vynte reis tanto p.a o louvor da May de Deos como p.a o proveito do procimo e honra desta Casa p.a os q morarem nela terem Missa certa p.a ouvirem e sera dita pella tenção de quem poz o legado»*. Senhor da Quinta do Paço é José Coelho de Vasconcelos da Mota Prego. Vemo-lo

---

(40) Mariana Gião de Morgade era viuva c. g. de Torcato Peixoto de Azevedo e f.a leg. de Jerónimo Barreiros da Costa, tabelião, e de sua m.er Dona Anastácia Gião de Morgade. Trouxe em dote a sua propriedade na Carrapatoza, um prazo de moinhos, casas e terras na Rua de Couros em G.es, umas casas no Porto vinculadas à capela de S. Fr.co dessa cidade de que era administradora, dinheiros que lhe couberam por vendas e benfeitorias em vida do 1.º marido e todos os seus bens móveis e de raiz. João Coelho de Vasconcelos dotou-se com todos os bens vinculados da sua Casa. «Dote de João Coelho de Vascon.llos com Marianna Gião de Morgade da Carrapatoza desta villa», a 12.1.1681. Tab. D.os da Cunha (12-4-35), pag. 19.

(41) Irmãos de Manuel Coelho de Vasconcelos e Mota foram: o Rev.do João Coelho de Vasconcelos e Mota, abade de S. Miguel das Aves, c. g., e Bento Coelho de Vasconcelos † solt°. Fóra do matrimónio teve seu pai em Luísa Rodrigues, de S. Martinho do Campo, a Antónia da Cunha, × em S. Martinho do Campo a 26.3.1965 com Jerónimo Machado, de Garfe (M 2).

(42) M 9 Creixomil, pag. 60v°. Aí vem a cópia de seu testamento.

chegar a um acordo com a irmã solteira, Dona Rosa Maximila, herdeira do tio João Manuel Lopes de Araújo, cónego da Colegiada ([43]).

Encontramos a próxima geração no livro de baptisados numero 8 de Creixomil: Manuel Coelho nasce a 8.7.1789 na quinta do Paço, filho de José Coelho de Vasconcelos da Mota e de sua mulher Dona Luísa Joana de Carvalho e Camões. Descobrimo-la também no número 11 dos nascimentos da Senhora da Oliveira: Dona Joaquina Augusta Coelho da Mota de Carvalho Prego que a 14.8.1830 casará com Francisco António da Silva Pereira da Cunha, alferes do Regimento número 4, nasce a 11.3.1800 na Rua do Espírito Santo. Entre as folhas desses livros estará também o nascimento de Dona Ana Emília Coelho de Vasconcelos de Carvalho da Mota Prego e Camões, solteira, em 1845. Começa o século XIX. Tem os Mota Pregos, senhores da Mota, sangue dos remotos senhores da sua Torre, passada de pais para filhos. Corre-lhes nas veias, pela avó paterna, o sangue humilde e laborioso dos honestos mercadores iluminado pela ilustração do Dr. Manuel Lopes de Araújo. E pelo lado da mãe, Dona Luísa Joana de Carvalho e Camões, ([45])

([43]) «Paga e quitação de José Coelho de Vasc.los da Mota desta v.a a D. Rosa Maximilla Coelho de Vasc.los erd.a de seu thio o Rev.do Conego João M.el de Ara.º desta v.a», a 4.4.1789. Tab. Nicolau António Pereira (22-4-6), pag. 3v.º. Diz o documento. «...o Rev.do Conego João Manuel Lopes de Araujo sendo vivo tirara de penção nos frutos certos e incertos do Beneficio de Conego da Insigne Colegiada a José Coelho de Vasconcelos da Mota a quanthia de cento e cincoenta mil rs em dinheiro e conforme as Bulas Apostólicas era obrigado a satisfazer a dita quanthia anualmente em três pagamentos de Natal, Paschoa e Sam Joam e porque havendo duvida sobre a prestação da dita penção intentara José Coelho de Vasconcelos coação de força pela qual chegara a ter vencimento por sentença da Relação do Porto e conforme as mesmas sentenças ficara o dito seu Reverendo Thio condenado a restituir ao mesmo seu sobrinho José Coelho a sua posse e prestação das pensões e porque depois desta decizão sucedera falecer o mesmo Rev.do Conego e ela Dona Roza como erdeira delle ...»

Faleceu o Cónego João Manuel Lopes de Araujo em Dez. 1788; o seu testamento está lançado nas notas do Tab. Nicolau António Pereira a 16.1.1789 (22-4-5-), pag. 74v.º. Arq. Mun. A. Pimenta.

([44]) Dona Luisa Joana de Carvalho e Camões era f.a, legitimada por Alv. Régio, do Rev.do José Bernardo de Carvalho e Camões, cónego da Colegiada da Oliveira, e de Josefa Luisa Pereira; neta pat. de Tadeu Luis

Casa da Quinta do Paço

misturado a tenues figuras femininas, escondidas na sua obscuridade, o sangue fidalgo de Tadeu Luis António, senhor de Abadim e Negrelos.

Quando a 14.2.1831, na Quinta do Paço, fecha os olhos José Coelho de Vasconcelos da Mota, [45] já seu filho e sucessor, Manuel Coelho da Mota Prego de Meira e Vasconcelos, é capitão da 1.ª companhia dos Voluntários Realistas de Guimarães, [46] motivo que invoca para não exercer o cargo de vereador da Câmara [47]. Triunfa o liberalismo. Desce sobre os morgadios, os vínculos, os direitos reais a triste noite da tradição apunhalada. A 19-1-1855, no palácio dos Coutos, no Terreiro da Misericórdia, celebram-se os «esponsaes e dotes para o casamento do Ill.mo Manoel Coelho da Mota Prego com a Ex.ma D. Antónia Angelina Pereira Leite de Mag.es» [48]. Entre os bens

---

António Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões (nota 14) e de Inês de Oliveira. O cónego José Bernardo nasceu em Lisboa onde na altura assistia seu pai, sendo a mãe natural de Guimarães. Inês de Oliveira casou mais tarde para o Porto, era f.a de Luis de Oliveira e de sua m.er Joana Pinto. in *«Boletim de Trabalhos Históricos»*, vol. XVI, pag.s 13 e 23, Inquirições de Genere do Rev.do Conego José Bernardo de Carvalho.

Dona Luisa Joana viveu em Guimarães, no Largo da Misericórdia, na casa ameiada que fora de seu avô paterno e ainda hoje se encontra na posse de seus descendentes, na companhia de sua f.a solteira, Dona Ana Emília Coelho de Vasconcelos da Mota Prego e Camões. A f.a, casada com Francisco António da Silva Pereira da Cunha, † antes de 1845, deixando uma menina. «Ajustamento de contas entre o Ill.mo Manuel Coelho da Motta Prego, residente na Cidade de Braga,e sua irmã a Ex.ma D. Ana Emilia» a 11.9.1845 e «Depósito de D. Luisa Joana por sua f.a falecida». Tab. Fr.co José da Silva Basto (13-1-8).

(45) Ob. 2 Creixomil.

(46) «... 18.5.1829: — Saiu na Ordem do Dia publicada no quartel general do palácio de Queluz por decreto de 4 do corrente — Batalhão de Voluntários Realistas de Guimarães — Quartel Mestre ... 1.a companhia, capitão, tenente e alferes, respectivamente, Manoel Coelho da Mota Prego ...» in *«Gil Vicente»*, vol. V, n.os 3 e 4, *Velharias Vimaranenses»*.

(47) A carta régia de 20.11.1829, nomeando a vereação de 1830, foi aberta a 6.2.1830. Manuel Coelho da Mota Prego «não tomou posse nem juramento por pedir escusa por ser capitão dos Voluntários Realistas». Em vereação do dia 13.3. foi lida a provisão régia que exonera de vereador a Manoel Coelho. in *«Gil Vicente»*, vol VI, n.os 9 e 10.

(48) Tab. José Joaquim de Oliveira (15-1-100), pag. 34v°.

Dona Antónia Angelina Pereira Leite de Magalhães, * na freg.a de S. Faustino de Vizela a 18.12.1824, f.a leg. de António do Couto Ribeiro

do noivo aparece a quinta do Paço, outrora foreira à Senhora Rainha, agora foreira a Manuel Baptista Sampayo Guimarães, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Prebendeiro do Cabido ([49]).

Do casamento de Manoel Coelho da Mota Prego de Meira

---

sr. da Casa dos Coutos em Guimarães (nota 18) e de sua m.er Dona Narciza Pereira Leite de Magalhães, sr.a da Casa de Junfe, em Unhão. Para a sua ascendência ver a Arvore Geneológica de seus filhos, incluida neste trabalho.

([49]) Abolidos pelo legislador Mousinho da Silveira os Reguengos e outros privilégios e incorporados à Fazenda Nacional, muitos foram então vendidos a particulares. Passaram a ser senhorios directos da Quinta do Paço os Baptista Sampayos. Manuel Baptista Sampayo Guimarães, comprador destes foros, (ver Arvore Geneológica da Casa da Ribeira, freg.a de S. João de Ponte) era Cav.º Prof. na O. de Cristo, Com.or da Conceição, Prebendeiro do Cabido e irmão do célebre constitucional o Rev.do João Baptista de Sampayo, Chantre na Colegiada de Guimarães. Nasceu Manuel Baptista no Largo do Toural a 4.4.1788 e aí † em Jun. 1872; era f° leg. de João Baptista Gonçalves (1746-1813), negociante de grosso tracto, o primeiro desta familia a estabelecer-se no Largo do Toural «tendo negócio com as villas, cidades e Povoações das Províncias de Trás-os-Montes e Minho e rayas do reino de Hespanha» («Contrato de sociedade e comp.a de João Bap.ta Glz e sua m.er desta villa com seu filho Manoel Baptista Sam Payo G.es, a 12.10.1808. Tab.Nicolau Ant° Pereira (14-3-36), pag. 1), e de sua m.er Ana Rosa Brites de Sampayo (1750-1824), neto pat. de Domingos Gonçalves, do Casal do Assento, S. Lourenço de Sande, e de sua m.er Catarina Rebelo Peixoto, do Casal do Soutinho, S. Martinho de Sande, neto mat. do Lic.do João Caetano de Sampayo e de Josefa Maria da Maya, solt.a. Possuia Manoel Baptista Sampayo Guimarães uma avultada fortuna em quintas, umas herdadas e outras adquiridas; à Fazenda Nacional comprou também de sociedade com José Ferreira Pinto Basto, o histórico Mosteiro da Costa. Sobre a casa da família Baptista Sampayo, no Largo do Toural, onde hoje é o Hotel do Toural, lê se in *«Curiosidades de Guimarães»*, vol. XVIII, de Alberto Vieira Braga, pag.ª 13: «Em 1791 aforou a Camara a parte nascente do Toural para edificação de novos prédios. Fizeram-se os emprazamentos fateusins aos vários moradores (entre eles a João Baptista Gonçalves). Os emprazados fariam as casas que pretendem conforme o risco que se lhes der assinado pelo Dr. Provedor da Camara. Em 1795 estavam as casas concluídas». Casou Manuel Baptista de Sampayo Guimarães, na Igreja de Creixomil, a 5.6.1811, com Dona Francisca Emília Teresa Pereira Teixeira; deste casamento foi filho e sucessor João Baptista de Sampayo (1816-85), Moço-Fid. da C. R. (alv. de 1.3.1853) c. c. g., vid Arvore acima referida, e que no documento citado na nota 51 vem como «senhorio directo da Q.ta do Paço em Creixomil com os diferentes foros que se lhe pagão».

e Vasconcelos nascem quatro filhos: Dona Luiza, António, José e João. Sonha o pai ver a filha senhora do antigo vinculo das Poveiras, em S. Torcato. Morgadio instituído em 1612 pelas irmãs solteiras de seu antepassado João de Meira, acabada a geração legítima de Heitor de Meira, um dos irmãos das instituidoras, representa-o o ramo dos Senhores da Mota. É um morgadio vélhinho, envolto em lendas, romantico, só para senhoras: «que ande sempre em femia honesta legítima descendente de nossos pais». De tias para sobrinhas, a atravessar as gerações, vem vindo, quase sem proventos, rendendo em 1843 apenas 128$227, o «que não chegava para a sustentação decente da nobreza da família, e as últimas administradoras, Dona Antónia de Meira Peixoto e manas, «Cultivavam por suas proprias mãos as terras que lhes pertenciam». Tenaz no seu sonho, Manuel Coelho chega até aos tribunais. Enfrenta-o o filho do herdeiro de Dona Antónia de Meira Peixoto; perdem a questão os Mota Pregos. Nem Dona Luísa, nem mais ninguém, será Morgadinha das Poveiras ([50]), vínculo modesto de virtuosas donas a chegarem todas a uma avançada idade, vaidosas dos tradicio-

---

([50]) *«O vinculo de Poveiras no Couto de S. Torcato»*, de António Henriques Ribeiro da Cunha, in *«Revista de Guimarães»*, vol XII, nº 3. Aí se transcrevem, entre outros os seguintes documentos: 3 testamentos de Helena e Maria de Meira, filhas de Brás Afonso de Meira, instituidoras do vínculo; 2 testamentos de Dona Antónia de Meira Peixoto a favor de seu afilhado José António de Meira, estranho à familia Meira; o Despacho de 4.4.1832 abolindo o vínculo e a acção de Manoel Coelho da Mota Prego de Meira e Vasconcelos pedindo para anular a referida abolição.

Helena de Meira, instituidora do vínculo, teve, além de seis irmãs que não casaram, os seguintes irmãos: 1) Cosme de Meira, cónego da Colegiada em Guimarães † em 1609; 2) João de Meira × com Lucrécia Coelho de Vasconcelos (no texto), ascendente dos Mota Pregos; 3) Heitor de Meira, Fid. da C. R. que serviu em África e × em Guimarães com Catarina do Vale Peixoto, pais de: — a) Salvador de Meira c. g. ext.a b) Domingos de Meira s. g. c) Brás de Meira × com Cecília da Rocha; na sua geração manteve-se sempre, de tias para sobrinhas, até 1843, o vínculo de Poveiras e d) o cónego Baltazar de Meira, encarregado pelas tias de nomear numa sobrinha a sucessão do morgadio. Teve o cónego Baltazar de Meira um filho legitimado por Alv. Régio, Francisco de Meira Pinto † na Q.ta do Picouto de Baixo, freg.a de Gominhães, a 22.9.1679 (M 2), 7.º avô, com quebra na varonia, do Dr. João Monteiro de Meira, ilustre médico, professor e escritor vimaranense (1881-1913), Lente da Escola Médica do Porto, c. c. g.

nais pavões a passearem nos seus jardins. Desfez-se o Morgadio suave, engrinaldado de flores. Ouçamos, a 9-11-1869, Manoel Coelho da Mota no seu leito de morte «*que se faça um mansoleú de pedra marmore branca e vermelha de preferencia a qualquer outra côr, cujo mansoléu será liso mas elegante e apropriado ao objecto e terá esculpido o letreiro que está na urna de madeira dourada onde repousam os restos mortais da minha adorado filha Dona Luisa existente na Igreja de Sam Francisco e que para o dito Mansoleú sejam transferidos os restos mortais da mesma minha adorada filha, devendo para isso descolar-se o envolotório de chumbo que cerca o actual caixão e serão os ossos simples limpos do pó e colocados na pia do mansoléu com aquelle resguardo que se costuma usar em tais casos mas não com camadas de cal .....*» [51].

Calcetado de pedras, apertado por casa setecentistas. Numa esquina, esgueira-se o sol, desce a frescura na varanda da Casa das Rótulas. No outro correr, um tanque, romeiro vindo do Carmo para a Rua de S.to António e depois para aqui, chora por água. Contornado de muros, de ruas estreitas, impreciso na forma, o Largo do Dr. João da Mota Prego, o filho mais novo de Manuel Coelho da Mota Prego de Meira e Vasconcelos. Distinto agrónomo, professor notável, nasceu em Guimarães a 7.2.1859 e faleceu a 27.7.1931. A figura alta do Padre Roque curvado sobre as colmeias, o fidalgo Lopo de Donim a conversar, entre os lilazes, com a sua Conceição, os netos do Nicolau, a leitaria da Rosalina, um mundo simples de gente boa, de abelhas, de trutas, de bichos da sêda, de frutas, perpassa

---

[51] «Testamento do Excelentissimo Manoel Coelho da Mota Prego de Meira e Vasconcelos do Terreiro da Misericórdia desta Cidade». L° dos Registos dos Testamentos n° 50 (14-5-59). Arq. Mun. A. Pimenta. Diz mais este documento: «... que a colocação do dito mansoleú se os Excelentissimos Condes de Azenha derem licença será no mesmo sitio onde está a urna de madeira e não se podendo conseguir ali, então no recanto do claustro da Insigne Colegiada à mão direita metendo-se o mansoleú na parede adiante dos tumulos do Conde de Basto se o digníssimo Cabido der faculdade quer por generosidade quer por transacção, se não poder ser colocado em nenhum destes sitios q o seja noutro à vontade de meus testamenteiros mas não é a minha vontade seja colocado em o cemitério publico projectado ...».

nos seus livros [52]. Três filhos teve: dois rapazes, José Lopo e Luís Manuel de Castro da Mota Prego a continuarem a varonia da Casa, uma menina, Dona Luisa Constança, muito cedo arrebatada por Deus [53].

A quinta do Paço, com suas casas nobres, todo o vinho, pomares, quintais, matos da tapada «que ficam fronteiros ao Paço e contiguos à Capela da Senhora da Luz», todas as suas pertenças, excluindo os foros que se lhe pagam, pertence em usufructo, desde 1905 [54], ao Dr. José Coelho da Mota Prego, filho segundo de Manuel Coelho da Mota Prego de Meira e Vasconcelos, Bacharel formado em direito, Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal da Justiça, Deputado da Nação, Governador

---

[52] Escreveu na Col. «Biblioteca dos Meus Filhos» *«A Horta do Tomé»*, *«A Quinta do Diabo»*, *«A Leitaria da Rosalina»*, *«O Padre Roque»*, *«Os Netos do Nicolau»*, *«O Pomar do Adrião»*, *«A Lagôa de Donim»*, os livros tecnicos *«Guia practico para o emprego de adubos em Portugal»*, *«Olivais e Lagares»*, *«Manteigas e Queijos»*, *«Adubos e Terras»* e numerosos folhetos.

[53] Nasceram de seu casamento com Dona Virginia de Castro e Almeida, * em 1874, f.a leg. de Dom Luis Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, 1.º Conde de Nova Gôa, Moço-Fid. da C. R., Cav.º da O. de Malta, Bach. em Dir.t.º, Adm. de vários vinculos, e de sua m.er a Condessa Dona Virgínia Folque, neta pat. de Dom José Maria de Castro e Almeida de Sequeira e Abreu, Moço-Fid. da C. R., suc. a seus Pais, e de sua m.er Dona Veridiana Constança Leite de Sousa e Noronha, neta mat. de Felipe Folque, Gen. de Divisão etc., e de sua m.er Dona Maria Luisa Possolo Picaluga. Notavel escritora, destacamos da vasta obra de Dona Virgínia de Castro e Almeida os romances: *«Terra Bendita»*, *«Capital Bendita»* *«Trabalho Bendito»* *«Fé»* e *«Olhos de Alma»*; os volumes de contos, *«Inocente»*, *«Contos de Portugal»* e *«A Praga»*; livros de impressões de viagens, *«Coisas que Eu Penso»*, *«Cartas de Fabricio»* e *«Mar Tenebroso»*; o livro educativo, *«Como Devemos Educar os Nossos Filhos»*; literatura infantil, *«A Fada Tentadora»*, *«Céu Aberto»*, *«Em Pleno Azul»*, *«Histórias»*, *«Geografias»*, *«Pela Terra e Pelo Ar»*, *«Lições do André»*, *«Aventuras de Dona Redonda»*. Escreveu em francês: *«Navigateurs y Colons Portugais du XV et XVI siécle-Chroniques de Gomes Eannes de Azurara»* e *«La Vie de Camoens — Le Poéte des «Lusiades»»*, e traduziu várias obras de autores estrangeiros.

[54] Por morte de Dona Antónia Angelina Pereira Leite de Magalhães Camelo, na Quinta do Paço, em Maio de 1905, (in *«O Comércio de Guimarães»* de 23.5.1905), passou o usufruto da mesma quinta, segundo o testamento de seu marido, para o único filho solteiro na altura, o Dr. José Coelho da Mota Prego.

Civil de Ponta Delgada, Aveiro, Coimbra e Lisboa [55]. Solteiro até ao fim da vida, é o último dos filhos de Manuel Coelho a desaparecer deste mundo. Ilustre, como seus irmãos, a lembrança do Dr. José, na sua quinta do Paço, ainda é guardada por muitos.

Guimarães. Por detraz do Terreiro da Misericórdia, hoje Largo João Franco, corre uma rua estreita. Anteriormente Rua do Espírito Santo, remotamente Rua da Judiaria, é agora Rua Dr. António da Mota Prego. «Advogado distintíssimo, foi um político consciencioso trabalhando pela sua causa e a sua terra. Jornalista douto e muito ponderado escreveu artigos inflamados e cheios de afirmações patrióticas e bairristas principalmente quando da célebre questão bracara vimaranense. Ocupou todos os lugares de responsabilidade em Guimarães ...», publicou-se em *O Comércio de Guimarães*, a 6-10-1933, na morte do Dr. António Coelho da Mota Prego. Jornal contrário aos ideais republicanos do primogénito de Manuel Coelho, nele, e em todos os periódicos da época podemos ler o que foi a sua vida pública. Para lhe conhecer a família, recuemos para uma época alegre e despreocupada: Fevereiro de 1898.

Entram alegres nos salões do sábio Martins Sarmento as principais familias da terra, convidadas para um baile de Carnaval. São sete da tarde. Vestidos a caracter, entusiasmam-se na Dança Amarantina rapazes e raparigas, parentes e amigos dos donos da casa. Bate palmas a assistência; entre a juventude distinguimos Manuel Gaspar, único filho varão do Dr. Manuel Coelho da Mota Prego, que morrerá prematuramente. Acompanhadas por Dona Laura de Matos Chaves, as três meninas Mota Pregos, Dona Maria José, Dona Maria Emília e Dona Maria Antónia, bailam umas sevilhanas «com verdadeira salero arrancando estrepitosos aplausos, verdadeiras niñas». Sentada entre outras respeitáveis damas, Dona Teresa Elvira de Maga-

---

[55] Faleceu em Lisboa a 3.12.1943. Era sócio da Real Academia de Jurisprudencia e Legislácion de Madrid, e da Sociedade de Geografia de Lisboa. Pessuia as condecorações da O. Mil de N. Sr.a da Conceição de Vila Viçosa, O. de Isabel a Católica (comenda e grã-cruz) e O. del Mérito Militar. in «*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*», vol 17, Mota Prego, José Coelho da —.

lhães Brandão ([56]), esposa do Dr. António Coelho da Mota Prego, mãe das meninas, agradece, sorrindo, os cumprimentos. Conversa-se, brinca-se e «às três da manhã, ao sair levam todos a mais santa recordação daqueles belos momentos que voaram nas abas da musica, no meio de brindes e protestos de retribuída afeição ...» ([57]).

Pertenceu a quinta do Paço a Dona Maria José Coelho da Mota Prego, a mais velha das três filhas do Dr. António Coelho, que não casou e deixou-a a uma das filhas de sua irmã mais nova ([58]), a Dona Maria Antónia de Meira e Vasconcelos da Mota Prego Cunha, residente em Guimarães na casa ameiada de seu 5.º avô, o Senhor de Abadim e Negrelos, mulher do Dr. Bonfim Martins de Macedo Gomes e Silva, médico. São os actuais Senhores da Quinta do Paço. O imemorial senhorio da Mota, os vínculos da Carrapatosa e do Paço, a capela dos Pregos, possivelmente o suave morgadio das Poveiras, todas as gerações aqui desenroladas, representa-as hoje António Alberto da Mota Prego de Faria ([59]), sucessor de seus maiores, os fidalgos de S. Martinho do Campo, os proprietários do Paço, junto à Senhora da Luz.

([56]) Dona Teresa Elvira de Magalhães Brandão, era f.ª de Sebastião Augusto de Magalhães Brandão, último Juiz Ordinário de Guimarães, autor do *«Tratado do Jogo das Damas»*, e de sua m.er Dona Emilia Augusta Ribeiro de Abreu, neta pat. de Francisco José Mendes Brandão, Cav.º Prof. na O. de Cristo, e de sua m.er Dona Teresa Albina Moreira da Cruz, neta mat. de António José Ribeiro Gomes de Abreu.

([57]) Festa oferecida por Francisco Martins de Gouvea de Moraes Sarmento no Carnaval de 1898, in *«O Comércio de Guimarães»*, de 25.2.1898.

([58]) Dona Maria Antónia Coelho da Mota Prego × com o Dr. Raul Alves da Cunha, Juiz do Supremo Tribunal da Justiça. Tiveram: Dona Maria Antónia de Meira e Vasconcelos da Mota Prego Cunha, actual Sr.ª da Casa do Paço × em 1932 com o Dr. Bonfim Martins de Macedo Gomes e Silva, Lic.do em Medecina, f.º de Joaquim Martins de Macedo e de sua m.er Dona Maria Rosa Gomes e Silva, s. g., e Dona Maria José da Mota Prego Cunha × com o Dr. Bernardo Pacheco Pereira Leite, sr. da Casa de Espeçande, Cristelos, Paredes, f.º do Dr. Jerónimo Pacheco Pereira Leite e de sua m.er Dona ... Soares de Moura. C. G.

([59]) É o primogénito da Dona Maria Emilia Coelho da Motta Prego (f.ª do Dr. António Coelho da Motta Prego) † em Guimarães a 30-12-1973, e de seu marido o Dr. Alberto Ribeiro de Faria, médico, também já falecido, f.º de António Ribeiro de Faria, e de sua m.er Dona Claudina Rosa Leite de Faria. Casado com Dona Maria Antonieta Vieira Correia é seu filho

II

Já há dois séculos e meio na família dos senhores da Mota, a quem pertencia, anteriormente, a quinta do Paço? Mergulhemos, mais uma vez, nas raízes fundas, mostremos as mãos grossas, calejadas, vermelhas das geadas, queimadas dos sóis, dos senhores dos casais deste risonho Minho. Nomes, quase só nomes, na inocência das pias baptismais: a 7.4.1582 Domingas «f.a de G.ar Glz do Passo e sua m.er»: a 15.7.1584 Domingos «disseram ser seu pai D.os Glz f.o de João Glz do Paço». Esposos abençoados por Deus e pelos homens junto aos altares das brancas igrejas: — a 9.2.1586 «recebi Belchior Pires da freg.a de Sanctiago de Candoso cõ ana glz filha de João Glz do paço desta freg.a tes.tas Diego da Costa da porcariça e p° glz d'eiras e a maior parte da freg.a»; a 3.7.1608 a Sebastião Gonçalves, de S. João de Ponte, com Antónia Domingues (60). Escutemos mais repiques; os baptizados. Agora, a família vai tomando corpo, vamos conhecendo-os melhor: a João Gonçalves e mulher Maria Domingues, senhores do Casal do Paço, no Miradouro, e a três de seus filhos: Ana, mulher de Belchior Pires, Domingos Gonçalves a quem a mãe, já viúva passa uma procuração (61) e Antónia Domingues, a que herda o casal.

João Ferreira, duas Margaridas, Jerónima Ferreira, uma Catarina nascem a Antonia Domingues e marido Sebastião Gonçalves (62).

---

mais velho o Dr. António Alberto Correia Motta Prego de Faria. Do casamento de Dona Maria Emília Coelho da Motta Prego com o Dr. Alberto Faria, houve, além do actual representante da família Mota Prego, mais seis filhos, três senhoras e três varões, sendo o secundogénito, o Dr. João Alberto da Motta Prego de Faria, médico radiologista, * 26.10.1911, × com Dona Maria da Glória Santoalha, c. g.

(60) M 1 Creixomil.

(61) «Procuração de Maria Domingues viuva moradora no Casal do Miradouro do Passo», a 4.7.1625. Tab. Mateus de Freitas (12-3-30).

(62) F.os de Sebastião Gonçalves e de sua m.er Antónia Domingues: Margarida, b. a 27.7.1623, os padrinhos foram João Rodrigues, do Casal das Courelas, Ponte e Jerónima Gonçalves m.er de José Vaz, do mesmo casal; outra Margarida, b. 27.7.1625, tendo os mesmos padrinhos; Jerónima Ferreira, b. a 7.1.1629 e † a 5.6.1652, (sua sobrinha Maria Ferreira de Lima mandou fazes os oficios), × a 6.5.1652, em Creixomil, com João Francisco,

Conforme Deus vai chamando a Si esta gente simples e boa, aparecem nos livros paroquiais as ofertas pelos seus enterros no de Sebastião Gonçalves, a 16.1.1635, «dous taboleiros he dous cantaros de v° e hu cobro de tousinho repartido E ambos os taboleiros»; no ofício do mês «outro taboleiro cõ dous baqualhaus e outo pães molletes e hu cantaro de vinho». Por Maria Domingues «viuva e Cabaceira do Passo hu taboleiro E hua posta de toucinho E 4 canadas de v°» (63). Leva João Ferreira, ao casar com Isabel Vieira, da Quinta da Presa, em Urgeses, (64) em dote o casal do Paço; reserva sua mãe,

---

oleiro; Catarina, b. a 29.6.1632 † solt.ª «no Paço junto ao Miradouro», a 6.7.1656, todas nascidas no Paço, e João Ferreira de quem não encontro o assento de baptismo. M 1, 2 e 3 de Creixomil.

No M 1 de S. João de Ponte, freg.ª donde era natural Sebastião Gonçalves, vêm o baptisado de dois Sebastiões, um a 8.1.1567, f.º de João Martins, do Casal da Ribeira, outro a 10.2.1585, f.º de Cosme Gonçalves e de sua m.er Guiomar Gonçalves, neto mat. de Gonçalo Martins, do Casal da Ribeira; v. «Casa da Ribeira», freg.ª de S. João de Ponte.

(63) M 2 Creixomil. Maria Domingues † a 15.8.1635.

(64) Isabel Vieira, era f.ª de Domingos Ribeiro e de sua m.er Catarina Vieira, da Q.ta da Prêza, Urgêzes, neta mat. de António Vieira e de sua m.er Maria Dias, que viveram em Urgeses e em Guimarães, na Rua Escura. Felgueiras Gayo no *«Nobiliário»*, Tit.º de Vieiras & 143 e tit.º de Limas & 19, diz que António Vieira era f.º de Fernão Vieira, dos Vieiras do Morgadio de Aldão, e Maria Dias, a quem chama Maria Dias de Lima, f.ª bastarda de Diogo Lopes de Lima, Alcaide Mor de Guimarães. Na *«Pedatura Lusitana»*, vol. I, Tomo I, pag. 573. Alão de Moraes, começa com António Vieira e m.er, o parágrafo «Mais Vieiras», que é como quem diz Vieiras desentroncados. Sem elementos para confirmar ou desmentir esta ascendência, limito-me aos filhos e netos deste casal com os dados colhidos nos assentos paroquiais e livros de notas, pondo entre parêntesis as referencias feitas nos nobiliários.

António Vieira e Maria Dias tiveram: 1) Francisco Vieira de Lima, em 1616 estava em Angola. Num documento de 1652 fala-se num Capitão Francisco Vieira de Lima, F. C. R., já falecido nessa data, pai de Jerónimo Vieira de Lima. (No Gayo: «Fid. da C. R. como consta do letreiro da sepultura e Cav.º na O. de Cristo foi para o Brasil onde foi Coronel e lhe ficou um filho B. Sr. da Casa»; *na Ped.ª*: «foi cavaleiro do habito de Christo e cap.am de galés, casou em Lisboa com D. Leonarda Jacome f.ª de... de que teve: Jerónimo Vieira de Lima q estudou em Coimbra e se meteo p.e da Comp.a de Jesu onde morreo e duas filhas freiras»). 2) Inácio Vieira de Lima, em 1616 estava em Angola *(Na Ped.ª:* «foi Capitão Mor de Angola onde casou c. g.»). 3) Catarina Vieira, q segue. 4) Joana Vieira de Lima, segue na nota 74. 5) Isabel Vieira, b. em Urgêzes a 9.9.1584,

enquanto viva, «sem medidas de pão e a quarta parte do vinho que Deus der». Deste casamento nasce uma menina, Maria Ferreira de Lima ([65]).

Endividados estão João Ferreira e sua mulher. Movem-lhes execuções e penhoras. Rogam então *«por mercê à Rainha Nossa Senhora aja por seu Real Serviço dar o seu consentimento para venderem parte da quinta do Paço»*. Quem a compra é o principal crédor, Paulo da Silva de Freitas, Infanção da Governança da Vila, Familiar do Santo Ofício ([66]), senhor de uma das quintas do Miradouro, vizinha do Paço. Faz-lhes *«a eles vendedores grande obra em lhes fazer esta compra por se lhe não vender toda a dita quinta cõ o que ficavam desremediados e assy fiquão paguos das suas dividas e com remédio»*. *Aos 15.4.1646 «o campo da almuinha a leira da veigua e sua chave e bousa da rufina e seu monte e a lameira de alem do Rio com todas as suas pertensas arvoredo e uveiras e Agoas e serventias»* separam-se da restante quinta do Paço. Por tresentos e cin-

---

× na Olv[a] a 23.7.1617 com António Alvres. 6) Braz, b. a 27.8.1584. 7); João, b. a 6.7.1585. 8); José Vieira de Lima, b. a 5.8.1588; 9) Paulo, b. em Jan. 1590 (na Ped[a]: «† solt[o] no Brasil, s.g.» e Domingos Vieira («† solt[o] no Brasil»).

Catarina Vieira, com quem seguimos, × com Domingos Ribeiro, † na Qt[a] da Presa em 1642, e tiveram: a) P.e Domingos Vieira de Lima, sr. da Q.t[a] da Presa (na *Ped.ª*: «chantre na Baía); b) Guiomar Vieira de Lima, × a 17.11.1629 com Fernão Vicente de Oliveira, c. g.; c) Ana Vieira, × a 23.9.1640 com Francisco Gonçalves, do Casal da Cal, Urgeses, pais do cónego Domingos Vieira de Lima e António Vieira de Lima, senhores de vastissimas terras na Baia, citados por J. da Silva Campos em *«Vimaranenses na Baía»*, in *«Rev. de Guimarães»*, vol. XLVII, n.º 3-4; d) Paula Vieira, × a 29.10.1640 com Manuel Delgado, de S. Veríssimo de Lagares, Felgueiras c. g. (no Gayo: «Sr. da Casa e Q.t[a] da Goncinha, c. g. no tit[o] de Coelhos & 5 N 24»); e) Isabel Vieira, × com João Ferreira, no texto; f) Joana Vieira de Lima, b. a 10.3.1609 × a 2.2.1640 com Domingos Gomes, de St[a] M[a] do Souto c. g.; avós mat.s do cónego Manuel Vieira de Mesquita. Inq. da Genere do dito cónego, in *«Bol. de Trabalhos Históricos»*, vol. IX; g) António Vieira de Lima e h) José Vieira, padrinho em 1665.

([65]) Nasceu Maria Ferreira de Lima, na Qt[a] do Paço a 6.11.1641. M 2 Creix[o].

([66]) Processo para Familiar do Santo Oficio de Paulo da Silva de Freitas, a 4.12.1626. Maço 1. Dil 4. Torre do Tombo.

A 10.6.1636 Antónia Domingues, viúva de Sebastião Gonçalves, já hipoteca o Paço a Paulo da Silva. Tab. João Nogueira (22-1-19).

quenta mil reis unem-se aos bens dos Freitas do Miradouro. A outra metade continua nas mãos de João Ferreira [67].

Filhos e netos de mercadores, [68] os Freitas do Toural e da quinta do Miradouro são uma familia numerosa, mexida, viva. Crepitam os tons do outono nas parreiras a envolverem o Paço, atraem-nos os pedaços coloridos da sua história adormecidos nos livros de notas. Viúvo de Ana de Azerêdo, morta ao dar à luz o nono filho [69], pouco tempo possue Paulo da Silva de Freitas esta metade da quinta do Paço. Do Brasil regressa seu irmão mais novo [70], o capitão Bento de Freitas.

---

[67] «Venda q faz João frr[a] do Paço do miradr[o] a Paullo da Silva». Tab. Ant[o] Nog[a] do Canto (10-2-65), pag. 76.

[68] Paulo da Silva de Freitas era f[o] de João de Freitas Gião, mercador e de sua m.er Margarida da Silva (× em Creixomil a 16.2.1585, M 1), moradores em Guimarães e na Qt[a] do Miradouro, em Creixomil, neto pat. de Amador de Freitas, mercador, e sua m.er Maria Gião, m.res na Rua dos Mercadores, neto mat. de Hercules da Silva e sua m.er Ana de Freitas, sr.s de uma das q.tas do Miradouro, «falecidos ambos em hum dia e em hua hora», a 6.10.1589 (M 1 Creix[o]). Citado em m.tos documentos, Hercules da Silva, num, de 9.5.1580, aonde são testemunhas seus f.os (Tab. Fr.co Borges *(12-2-11)*), vem como Escudeiro Fidalgo, não tornando a aparecer como tal, nem sequer nas Inq. da génere dos netos. Teve vários filhos. No mesmo documento diz-se «parente dos Valadares pella geraçam dos Sylvas». Irmãos inteiros de Paulo da Silva de Freitas foram: o Rev.do cónego Manuel da Silva (nota 71); Isabel de Castro (nota 79); Hercules b. a 18.3.1590 (M 1 Creix[o]); Bartolomeu, b. a 11.12. 1592 (M 1 Olv[a]), o Capitão Bento de Freitas (nota 70) e presumivelmente Estácio de Freitas (V. «*Granja dos Pombais*»).

[69] Filhos de Paulo da Silva de Freitas e sua m.er Ana de Azeredo: 1) Francisca de Azeredo, b. a 10.10.1616, 2) Margarida, b. a 19.3.1618 3) Manuel, b. a 13.1619; 4) Maria de Azeredo, b. a 18.4. 1620 (nota 77); 5) o Rev.do Bento de Freitas da Silva, cónego Chantre da Colegiada, b. a 27.3.1621, † no Miradouro a 15.10.1672 (M 4), c. g.; 6) Jerónimo de Freitas da Silva, b. a 19.5.1622, † solt[o] no Miradouro a 23.1.1690 (M 4); 7) Dona Angela de Azeredo e Silva, b. a 16.6.1623, (nota 80); 8) Catarina, b. a 23.1.1626, e 9) Inácia da Silva, b. 26.5.1627 (M 2 Olv[a], como todos os outros), † a 29.11.1673 (M 2 S. Paio) × com seu primo co-irmão João da Silva de Freitas (nota 79) s. g., tendo o seu dote sido feito a 1.2.1666 nas notas do Tab. D.os da Cunha (12-4-26).

Ana de Azeredo, † a 29.5.1627 (M 2 Olv[a]), seu marido † no Miradouro a 5.10.1667 (M 3 Creixomil).

[70] O Capitão Bento de Freitas (nota 68), foi b. a 12.7.1594 (M 1 Olv[a]); partindo para o Brasil, em 1624 estava em Pernambuco donde à conta de André Camelo e em satisfação de um moleque manda para Guimarães

Chegou! Chegou! Triunfou! Muitos anos gastos nos palmeirais de Alagôas, nas praias da Baía, na azáfama de «pernãobuquo». A volta: carregado de patacas doiradas, escaldantes do calor dos trópicos, para espalhar sobre as terras verdes e cansadas das quintas minhotas. Muitas compra o capitão curtido pelo sol das Américas, sequioso de ribeirinhos, de campos, de courelas. A seu irmão mais velho, o reverendo Manuel da Silva, cónego prebendado da Colegiada da Oliveira ([71]), os casais da Lage, em S. Paio de Figueiredo, o do Outeiro, em S. João das Caldas, o das Fontes, em Joane, duas casas na Rua de Val de Donas e a quinta da Varziela, em Santiago d'Antas. Ao outro irmão, Paulo da Silva de Freitas, a 12.11.1648, o casal da Casanova, em S. João de Ponte, e em Creixomil, a «mea quinta do Passo» ([72]).

Na outra metade só viúvas, Isabel Vieira e sua sogra; só uma criança, Maria Ferreira de Lima. A 22.8.1647 dez padres acompanharam o enterro de João Ferreira «e veo de oferta trez taboleiros com nove pães e três cantaros de vinho verde e dous carneiros» ([73]). Em Urgêses, na quinta da Presa, refugiam-se, por vezes, Isabel Vieira e a filha. Sua tia, Joana Vieira de Lima, dona viuva de Pantalião de Paços ([74]), tece o

---

uma caixa de assucar de 17 arrobas (v. nota 19 do «Casal dos Pombais a que chamam Granjas»). Em 1632 continuava no Brasil; um mercador de Lisboa, por causa de uma divida, embarga-lhe as propriedades, prestando fiança seu irmão Paulo dà Silva e um sobrinho, Tab. João Bertoles (10-2-9). Em 1648 encontra-se de volta a Guimarães, como se vê nas várias escrituras de compras, contratos a juros, arrendamentos, etc., etc.

([71]) Ao Rev.do Manuel da Silva (nota 68) fizeram-lhe as inquirições sobre a pureza de sangue em Dez. 1646, in *«Boletim de Trabalhos Históricos»*, vol II, n.º 3; tomou posse do Canonicato a 18.1.1646 (Meia Prebenda).

No Tomo I dos Costados, do *«Nobiliário»*, de Gayo, dão a Dona Josefa da Silva de Freitas como sua bisneta na varonia, o que é erro como adiante veremos. O cónego Manuel da Silva † a 9.1.1653 (M. 3 Olv.ª), s. g.; seu herdeiro foi seu sobrinho, o Rev.do Chantre Bento de Freitas da Silva.

([72]) «Venda q faz Paullo da Silva a seu irmão bento de Freitas» e «Carta de compra q faz o capitão bento de freitas a seu irmão o Rev.do Coniguo M.el da Silva». Tab. Jer.º Moreira (12-3-14), pag. 20v.º e 22.

([73]) M 2 Creixomil.

([74]) Joana Vieira de Lima (nota 64), × a 23.9.1627 (M 2 Olv.a) com Pantalião de Paços, mercador e morador no Porto, f.º de Pedro Gonçalves

futuro da pequena Maria. Escolhe-lhe para marido um parente por afinidade, Tomé Afonso de Carvalho, assistente no Porto, a quem dôa «pelas suas m.to boas obras e serviços» umas casas no Porto na Rua de Belmonte (75). A 28.9.1656, na quinta da Presa, é a jovem esposada, Maria Ferreira de Lima, dotada por seu tio materno, o Licenciado Domingos Vieira de Lima, morador em Lisboa, com a Presa, e, por sua mãe, com os moinhos que tem no Rio de Selho e «o casal do Passo em que vive com todas suas pertenças e ausão q tem para Reunyr as terras q delle se venderão ao capitão Bento de Freitas da Sylva» (76).

Sucedem-se os acontecimentos no Miradouro, junto ao Paço. Paulo da Silva de Freitas, seu filho, o reverendo Chantre, seus irmãos, o cónego Manuel da Silva e o capitão Bento de Freitas, dotam sua filha, irmã e sobrinha, Maria de Azeredo. Casam-na com Sebastião Pereira do Lago, Moço-Fidalgo da Casa Real, morador em Braga (77). Institue um vínculo o capitão Bento de Freitas (78). Chama, para lhe suceder, não os filhos de Paulo

---

de Crasto e de sua m.er Leonor Gonçalves de Paços, da freg.a de St.a Maria de Ribeiros, Fafe. Deste matrimónio houve pelo menos um filho, Francisco de Passos Lima † em vida de sua mãe, × s. g. com Dona Isabel Brandoa. Joana Vieira de Lima, foi sr.a de muitas casas, quintas e prazos.

(75) «Doação que fez Joanna V.ra de Lima a Thomé Afonso de carv°.», a 7.8.1651. Tab. Balthazar Ferr.a de Araújo (22-1-15). Tomé Afonso de Carvalho morava no Porto, a 18.4.1645 passa uma procuração para receber o dinheiro das encomendas «q deste reino tinha mandado para a cidade de Salvador da Bahia de todos os Santos partes do Brasil».

(76) «Dote que fez o Lic.do D.os Vieira de Lima e sua irmaa Isabell Vieira da freg.a de Creixomil a sua filha e sobrinha M.a frr.a com tome afonso de Carv° da cidade do Porto». Tab. D.os da Cunha (12-4-22). Declara-se neste dote que o dotador pagará os gastos a haver com a dispença do parentesco por afinidade que havia entre os noivos.

(77) O casamento foi a 23.9.1648, M 2 Creixomil. O dote, feito no mesmo dia, está nas notas do Tab. Ant° Nogueira do Canto (10-2-21). Felgueiras Gayo, no *Nobiliário*», diz que houveram duas f.as deste matrinónio, Dona Mariana, Freira no Salvador, e Dona Maria, m.er de João Pereira Pinto, Morgado do Bom Jardim, s. g. Tomo IV, Araujos, & 279.

(78) No seu testamento feito a 28.5.1660, depois de declarar todas as suas propriedades e nomear por sucessor a seu sobrinho João da Silva de Freitas, diz o capitão Bento de Freitas: «... e quero que tendo ele filhos fiquem todas as propriedades de erdade que atraz fiquem nomiadas a seus filhos mais velhos e sendo machos e se nam tiver mais do que hum filho macho este seja erdeiro das ditas propriedades as quais avinculo para que sempre andem juntas nos filhos mais velhos da sua gerassam com obri-

da Silva, mas sim outro sobrinho, João da Silva de Freitas (79). Anexados ao morgadio vão também parte dos campos e bouças do Paço, foreiros à Senhora Rainha. Há mais um casamento, Dona Angela, filha de Paulo da Silva e de sua mulher Ana de Azeredo, casa a 15.6.1669 com Manuel de Valadares Vieira, Fidalgo da Casa Real, Professo na Ordem de Cristo, Mestre de Campo de um Terço de Volantes, combatente nas Guerras da Aclamação, Governador das praças de Montalegre e Traz-os-Montes (80). Entre as testemunhas, os primos, Paulo da Silva de Freitas e mulher, Ana Camela, das Granjas dos Pombais.

A 22.6.1666 «*Thome Affonso de Carvalho ora assistente na sua quinta do Passo sita no Miradouro freg.a de Creixomil diz*

---

gassam de dizerem treze missas cada ano às segundas feiras na misericórdia». Está este testamento transcrito a 15.9.1676 nas notas do Tab. D.os da Cunha (12-4-32), pag. 57, e a 15.10.1676 no Tab. D.os Frz Rocha (14-2-30). Foi aberto a 3.6.1660.

A 5.5.1669 no M 3 Olv.a, vem o casamento de António de Oliveira com Inácia da Silva de Freitas, «f.a natural do Capitão Bento de Freitas da Silva já defunto e de Angela Pereira da Rua de Valdedonas». Diz, em seu testamento o capitão Bento de Freitas: «Declaro que não tenho erdeyros forsados nenhuns. Declaro mais que em minha casa tenho huma menina a coal recolhi nella porque devia obrigaçõis a sua may e por ser irmãa de hum menino que tive da sobredita may da dita menina e porque eu a quiz casar e seu marido não querer a tal filha em casa pella rasão sobredita e por me ver livre do estado em que andava a Recolhi e a sustentei athe ao presente por lhe fazer essa esmola e nunqua a tive por filha por sua may morar fora em sua casa e hir a romarias gozando de toda a liverdade como he publiquo e notorio», e mais adiante. «...deixo a Inácia filha de Angela Pereira que tenho em minha casa pelas rasões atraz referidas quarenta mil reis para o seu dote contanto q seja onrrada e como tal case».

(79) João da Silva Freitas, sobrinho e sucessor do capitão Bento de Freitas, era f° de Gaspar Mendes, mercador, e de sua m.er Isabel de Castro (irmã do capitão, v. nota 68), † no Miradouro a 13.3.1651 (M 2 Creixomil). Foram seus irmãos: o Padre Alvaro Mendes, c. g. (nota 86, avô pat. de Dona Josefa Teresa Clara da Silva e Azeredo, citada no texto), Jerónima, b. a 4.10.1616 sendo os pais moradores à porta da Garrida, Leandro b. a 9.11.1624 (M 2 Olv.a) e Joana de Castro.

(80) O noivo morara na freg.a de São Salvador da Ribeira de Pena, era viuvo, c. g., de Dona Maria Correa de Sousa (M 4 Creixomil e M 3 Olv.a), f° de João Vieira e de sua m.er Dona Joana de Valadares. No documento citado na nota 88, diz Dona Angela: «... q ao tempo q ella casara com o dito seu marido tinha ella ainda idade de poder aver dele filhos como com efeito prencipio delles tivera q por ocasiões de muitos

q por causa de certas dividas q lhe ficou devendo Joanna Vieira de Lima alcansou contra ella sentença no juizo ordinário desta Villa e por ella não ter bens com q lhe pagar alcansou contra ella uma penhora na Q.ta da Ramada em Regilde» ([81]). Senhor da Ramada, morre nesse mesmo ano, a 13.10. «Thome affonso confessado e sacramentado na villa foi pera ella pera se curar» ([82]). Um ano depois, à porta fechada, recebe-se sua viúva, Maria Ferreira de Lima, com João de Azeredo de Faria dos Guimarães ([83]), senhor do Morgadio do Abade de Rio Mau, «um dos principais da villa, infanção della», parente dos filhos de Paulo da Silva. Na sua quinta do Paço, cedo vendida, retomada, hipotecada ([84]), em Guimarães, na sua casa da Rua Escura, decorre a vida deste casal sem filhos; ela o último elo da cadeia dos que lavraram e possuiram estas terras, os remotos senhores do Casal do Paço.

Silêncio! Morre a 13.9.1677 João da Silva de Freitas, 2.º administrador do Morgadio do capitão Bento de Freitas ([85]). Repousa na capela do convento de São Francisco, em Guimarães. Amortalhado no hábito franciscano, sobre ele vestem «hum vestido de droga, calção e casaqua com botas e esporas

---

q tivera e não chegarão a naser...». Dona Angela, além de muitas propriedades, foi sr.a do Miradouro. Dedicou-se aos sobrinhos, a quem fez muitas doações. † na sua q.ta de Cidrais, S. Romão de Mesãofrio, a 15.4.1711 (Ob. 1 Mesãofrio); a herdeira foi sua sobrinha Maria de Azeredo e Silva.

([81]) «Prazo do Mosteiro de Vilarinho feito a Thomé Afonso de Carvalho e a sua mulher M.a Ferr.a de Lima, da Q.ta da Ramada da fre.a de St.ª Comb de Regilde». Tab. Ant.º Nog.a do Canto (10-3-7). A quinta, descrita neste documento tinha casa e capela e fôra de Joana Vieira de Lima.

([82]) M 3 Creixomil.

([83]) Recebidos em Urgêses, em casa do Abade da Carreira, primo do noivo, a 24.10.1667, M 3 Olv.a. Para a ascendência paterna de João de Azeredo de Faria dos Guimarães ver a nota 64 da Casa de Laços, Creixomil.

([84]) Para pagarem as dividas que deixou Tomé Afonso de Carvalho, Maria Ferreira de Lima e seu 2.º marido vendem a Q.tª do Paço a 2.2.1673, por 600$000 a seu parente Jerónimo de Azerêdo e Miranda (v. quadro e Casa da Covilhã, Fermentões). A 11.7. do mesmo ano distratam a venda, ficando outra vez na posse da quinta. Tab. José de Morgade (22-1-29), pag.s 27v.º e 94. A hipoteca é feita mais tarde, a 30.10.1676, «Contrato de dr.º a juro q da paullo borges a João de Azeredo de Faria», Tab. Bento da Cruz Lobato (10-3-49).

([85]) M ? S. Paio.

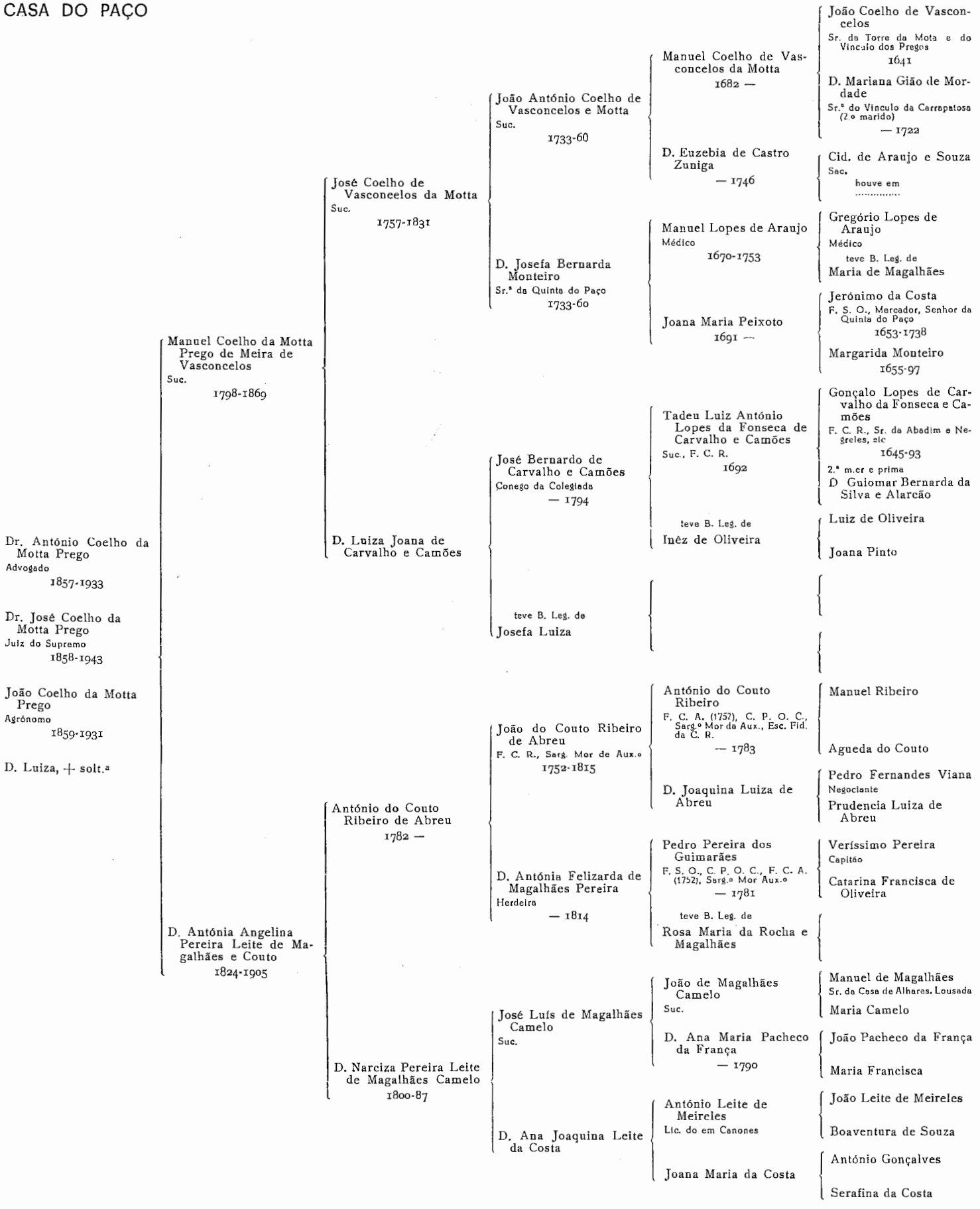
e espadim e talim bom cõ abito branco por cima e barrete vermelho escarlate na cabeça». Viúvo de sua prima co-irmã, Inácia da Silva, «de quem nunqua teve filhos», deixa em legados, dividas e recomendações muito do pitoresco da vida de então. Deve ao boticário «todas as mézinhas», ao sirgueiro «hua tressa q tenho em hum vestido vermelho», ao serieiro «hum encerado para huma liteira». Pede à escrava mulata deixada fôrra «q seja molher onrrada e tome o estado de casada podendo ser». Lega ao Licenciado Miguel da Silva de Lemos «hua faca para hir de cavallo à caça do coelho». Zangado com seu primo e cunhado, o chantre Bento de Freitas «por dilaçois e traspaças», estende a demanda a seus herdeiros. Volta-se para os filhos de seu irmão, o Padre Alvaro Mendes ([86]), encaminha-os. Um deles, Leandro Mendes, irá para o Brasil ter com o que já lá está, Francisco. Ambos «procurarão e cuidarão de todas as fazendas q em Pernambuquo me pertencem como erdeiro do Capitão Bento de Freitas». Outro, Jerónimo da Silva de Freitas, ficará no Reino, sucederá no vinculo e *«será obrigado a casar com Maria Mendes ... porque assim he meu gosto por ela ser minha parente por via de meu pai». «E por me criar na freiguesia de Sam Miguel de Creixomil e lhe ser muito afeiçoado ordeno que na Ermida de Nossa Senhora da Luz se faça hum alpendre da banda de fora com suas colunas madeira telha e assentos e que tudo fique bem feito».* Calou-se para sempre João da Silva de Freitas. Descansa na capela de S. Francisco. Aí aguardará seu corpo o final das obras no Convento das Capuchas, onde jazerá com os futuros administradores do vínculo «junto à Capela Maior no cruzeiro da igreja, tendo sobre a sepultura hum letreiro e Armas» ([87]).

([86]) Teve o Padre Alvaro Mendes, irmão de João da Silva de Freitas, em Maria Antunes, solt.a, da freg.a da Olv.a, os seguintes f.os naturais: Jerónimo da Silva de Freitas, suc. no vinculo, Leandro Mendes que foi para o Brasil, Francisco id., José da Silva e Jerónima de Castro.

([87]) Testamento de João da Silva de Freitas, transcrito nos livros de notas citados na nota 78.

N M 3, de Creixomil, a 17.4.1678 vem o casamento de Jerónimo Lopes do freg.a de S. Tomé de Caldelas com «Susana da Silva f.a de João da Silva de Freitas, já defunto e de Paula Alves casada depois com Brás Rodrigues moleiro de Creixomil». Em seu testamento declara João da Silva de Freitas: «... darão sincoenta mil reis a Susana filha de Brás Francisco

CASA DO PAÇO


Dr. António Coelho da Motta Prego
Advogado
1857-1933
Dr. José Coelho da Motta Prego
Juiz do Supremo
1858-1943
João Coelho da Motta Prego
Agrónomo
1859-1931
D. Luiza, + solt.ª
Manuel Coelho da Motta Prego de Meira de Vasconcelos
Suc.
1798-1869
D. Antónia Angelina Pereira Leite de Magalhães e Couto
1824-1905
José Coelho de Vasconcelos da Motta
Suc.
1757-1831
D. Luiza Joana de Carvalho e Camões
António do Couto Ribeiro de Abreu
1782 —
D. Narciza Pereira Leite de Magalhães Camelo
1800-87
João António Coelho de Vasconcelos e Motta
Suc.
1733-60
D. Josefa Bernarda Monteiro
Sr.ª da Quinta do Paço
1733-60
José Bernardo de Carvalho e Camões
Conego da Colegiada
— 1794
teve B. Leg. de
Josefa Luiza
João do Couto Ribeiro de Abreu
F. C. R., Sarg. Mor de Aux.º
1752-1815
D. Antónia Felizarda de Magalhães Pereira
Herdeira
— 1814
José Luís de Magalhães Camelo
Suc.
D. Ana Joaquina Leite da Costa
Manuel Coelho de Vasconcelos da Motta
1682 —
D. Euzebia de Castro Zuniga
— 1746
Manuel Lopes de Araujo
Médico
1670-1753
Joana Maria Peixoto
1691 —
Tadeu Luiz António Lopes da Fonseca de Carvalho e Camões
Suc., F. C. R.
1692
teve B. Leg. de
Inêz de Oliveira
António do Couto Ribeiro
F. C. A. (1757), C. P. O. C., Sarg.º Mor da Aux., Esc. Fid. da C. R.
— 1783
D. Joaquina Luiza de Abreu
Pedro Pereira dos Guimarães
F. S. O., C. P. O. C., F. C. A. (1752), Sarg.º Mor Aux.º
— 1781
teve B. Leg. de
Rosa Maria da Rocha e Magalhães
João de Magalhães Camelo
Suc.
D. Ana Maria Pacheco da França
— 1790
António Leite de Meireles
Lic. do em Canones
Joana Maria da Costa
João Coelho de Vasconcelos
Sr. da Torre da Mota e do Vinculo dos Pregos
1641
D. Mariana Gião de Mordade
Sr.ª do Vinculo da Carrapatosa (2.º marido)
— 1722
Cid. de Araujo e Souza
Suc.
houve em .....
Gregório Lopes de Araujo
Médico
teve B. Leg. de
Maria de Magalhães
Jerónimo da Costa
F. S. O., Mercador, Senhor da Quinta do Paço
1653-1738
Margarida Monteiro
1655-97
Gonçalo Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões
F. C. R., Sr. da Abadim e Negreles, etc
1645-93
2.ª m.er e prima
D. Guiomar Bernarda da Silva e Alarcão
Luiz de Oliveira
Joana Pinto
Manuel Ribeiro
Agueda do Couto
Pedro Fernandes Viana
Negociante
Prudencia Luiza de Abreu
Veríssimo Pereira
Capitão
Catarina Francisca de Oliveira
Manuel de Magalhães
Sr. da Casa de Alhares, Lousada
Maria Camelo
João Pacheco da França
Maria Francisca
João Leite de Meireles
Boaventura de Souza
António Gonçalves
Serafina da Costa

Não é com Maria Mendes que casa o 3.° administrador do Morgadio, Jerónimo da Silva de Freitas. «Nesta villa de G.es no Toural Rexio della e em suas casas de alpendrada», a 8.1.1678 tem lugar a escritura de seu casamento ([88]). A noiva é sua prima Maria de Azeredo e Silva, filha ([89]) do Rev.do Chantre Bento de Freitas. Dota-se o noivo com todos os bens do vínculo herdado de seu tio João da Silva. Tem a esposada muitos dos haveres

moleiro e de sua m.er Paula minha comadre para tomar seu estado», e depois de mais alguns legados, «... e não por outra obrigação por estar serto que nunqua tive filho ou filha demolher alguma e isto affirmo pellas contas que hey de dar a Deos».

([88]) «Dote de Jerónimo da Silva de fr.tas com Maria de Azeredo desta villa». Tab. D.os da Cunha (12-4-33).

([89]) O Rev.do Chantre Bento de Freitas da Silva perfilhou por um instrumento nas notas do Tab. André Lopes, a 2.10.1670, (14-1-9) três filhos: Miguel de Freitas da Silva, Maria de Freitas da Silva e Ana de Azeredo, havidos «sendo sacerdote e chantre na dita Real Colegiada», os dois primeiros em Angela de Araujo, da freg.a de St° Estevão de Briteiros, e a terceira em Catarina de Abreu. Miguel de Freitas da Silva foi padre as suas inquirições encontram-se no Arq. Dist. de Braga e no livro *«Padres do Arcebispado de Braga-Primaz do Seculo XVII»*, do Dr. Artur de Távora, vol. II, pag. 15; o seu património, feito pela tia Dona Angela a 17.6.1690, está nas notas do Tab. Fr.co Mendes de Alvarenga (22-1-50), pag. 45v. Maria de Freitas da Silva, nome que figura na perfilhação, deve ser a mesma que com o nome de Maria de Azeredo da Silva, veio a casar com seu primo Jerónimo da Silva de Freitas, como consta do texto. Assim deve ser, uma vez que em vários documentos, Maria de Azeredo e Silva, herdeira de seu pai, o Rev.do Chantre, e de sua tia Dona Angela, aparece como filha de Angela de Araujo, a indicada na perfilhação como mãe de Maria de Freitas da Silva. Ana de Azeredo, † solt.a, a 13.12.1675, em casa de sua tia Dona Angela (M 4 Creixomil).

Em *«Padres do Arcebispado de Braga-Primaz»* e em nota às Inq. do P.e Francisco Gomes da Costa seu descendente, vem uma Maria Freitas da Silva casada com Sebastião da Costa, como a filha perfilhada do Rev.do Chantre no documento acima referido. Casou esta, a 4.6.1668, em Creixomil (M 2) com o dito Sebastião da Costa, nat. da freg.a de Sta Maria de Vila Fria; no assento de casamento vem como «f.a de Paula Vaz, solt.a e de Bento de Freitas». Não é portanto a Maria de Freitas da Silva perfilhada pelo instrumento acima, pois essa é filha de Angela de Araujo. Sebastião da Costa e m.er viveram no Miradouro, tendo 10 filhos de seu casamento, todos aí nascidos. Foram também 4.os avós de João Pereira Lobo de Arrochela e Couros, v. Árvore da «Q.ta do Selho de Riba», Fermentões. Além destes quatro filhos do Rev.do Chantre, encontro um «Luis preto criado de D. Angela do Miradouro q dizião ser f.o do Chantre irmão de D. Angela falecido a 20.2.1699 só confessado por lhe dar hum mal de parlasie» (M 4 Creixomil).

de sua tia Dona Ângela de Azeredo, doações com reserva de vida e aprovação do tio, o Mestre de Campo Manuel de Valadares Vieira. Como curador e tutor dos noivos, ambos menores, está João de Azeredo de Faria dos Guimarães. Encontra-se assim, na pessoa de seus senhores, toda inteira, a Quinta do Paço nas felizes bodas de Jerónimo da Silva de Freitas com sua prima Maria de Azerêdo e Silva, a 10.1.1678 [90].

João de Azeredo de Faria dos Guimarães, Infanção da Governança, possue metade da quinta do Paço por ter casado, com Maria Ferreira de Lima. A outra parte da propriedade é dos Freitas do Miradouro, por seus avós a terem adquirido com «dinheiro soante corrente no Reino» ao pai de Maria Ferreira «cabeceira do Passo». Ao estudar a genealogia destes senhores do Paço encontramo-lhes um tronco comum: Azerêdos. Quem são? Recorramos aos Nobiliários. — «João Roiz de Azerêdo Cap.am, e homem m.tº honrrado natural de Guimarães» [91], «aí viveu nos reinados de el Rey D. Afonso V e D. João II. Serviu nas guerras de seu tempo no posto de Capitão» [92], casado com Inês Gonçalves ou Inês Gonçalves de Araújo. — «João Roiz de Azerêdo, cidadão do Porto, militou nas guerras contra Castella, acompanhado como fidalgo de um escudeiro seu pagem e outros creados de pé [93], marido de Inês de Sousa». Que são um ao outro? Não serão a mesma pessoa? Não encontramos resposta. Filho do 1.º mostram-nos os genealogistas: «Alvaro Miz ou Roiz

---

[90] M 3 Creixomil, pag. 58v.

[91] *«Nobiliário das Familias de Portugal»*, de Felgueiras Gayo, Tomo III, Azeredos, N 2. Segundo Fel. Gayo, João Rz de Azeredo é fº de Antº Rz de Azeredo, Esc. Fidalgo e Juiz da Cidade do Porto em 1469 e Chanceler da Prov. do Minho e de sua m.er Constança Soares de Araújo, neto pat. do Dr. Pedro Annes ou Francisco Annes Machado, Chanceler da Prov. de Entre Douro e Minho no tempo de El-Rei Dom Afonso V e possivelmente bisneto de Vasco Rodrigues de Araujo (Araujos & 205), Sr. da Torre de Azeredo na Galiza. Com alguns equivocos, aí vem a descendencia de João Roiz de Azeredo.

[92] *«Familias de Portugal»*, de Manso de Lima, vol. III, Familia dos Azeredos. Nesta obra, João Roiz de Azeredo vem como fº de Rodrigo Vasques de Azeredo, chefe dos Azeredos que viveu na Prov. de Entre Douro e Minho e neto pat. de Vasco Roiz de Araújo, o 1.º que usou o apelido de Azeredo por ser sr. dessa Torre na Galiza. A descendência de João Roiz de Azeredo vem mais completa e com menos erros que no Gayo.

[93] *«Azeredos de Mesãofrio, seus ramos e ligações»*, de Alvaro de Azeredo Pinto Melo e Leme.

de Azerêdo, um dos homens principais de Guimarães», casado com Inês Gonçalves da Fonseca. Filho do segundo é «João Anes de Sousa que viveu à lei da nobreza no concelho de Paiva onde casou com Maria Gomes de Vasconcelos». Aparece também «Alvaro Roiz de Azerêdo cidadão do Porto pelo ano de 1469 e se chamava escudeiro e vassalo d'el Rei» (94). Lemos então velhos livros de notas, muito gastos, roídos pelo Tempo (95). Surgem Azerêdos em Guimarães; há-os também no Porto. Uns, fidalgos; outros, mercadores. Uns dados às letras, outros lançados no enorme mundo do Portugal de seiscentos. Por fim, sem lhes

(94) Na «*Pedatura Lusitana*», vol I, Tomo II, pag. 398, diz em nota Alão de Morais: «...este Alvaro Roiz de Azeredo entendo ser hirmão de P° Eannes Machucho Chantre e Vigario gl. do Porto f.os ambos de outro P° Eannes cavalr.° e Cl.er da Correição e de Constança de Azeredo».

(95) Para compor o quadro da família dos Azeredos, li, com excepção dos muito deteriorados, todos os livros de notas existentes no Arq. de Guimarães comprendidos entre os anos de 1560 a 1625. Tirando os que cito noutras notas, tirei apontamentos dos seguintes documentos: Do Tab. Manuel Gonçalves. «Partilhas entre Bento de Azeredo e seu irmão Cristovão de Azeredo», a 13.10.1570 (10-1-30), «Pr.çam de Jorge de Azr.do e sua m.er», a 14.1.1594 (10-1-33). Do Tab. João Bertoles: «Empz.mto de Fernão de Iamano e sua m.er em 1590», «Emprestimo de Cristovam de Azr.do e Vale», a 13.1.1592 (101-48), «Pr.çam de Belchior do Canto» em 1594 (10-1-50), «Quitação de Briatis dazr.do a seu sobrinho mygueil dazr.do ausente no Brasil», a 20.11.1594 (10-1-51), «Doação q fizerão fr.co sodré de peneda e sua m.er a Fr.ca dazr.do sua sobrynha f.a de Paulo da Silva e m.er», a 29.3.1628 (10-2-6), «Quitação q derão m.ell antunes de freitas sua m.er e f.os» a 16.6.1629» (10-2-7), «Q.tam que da m.a esteves ao abade de santa ofemea», a 9.3.1599 (10-2-14), «Doação de Ana dazer.do, solt.a», a 11.9.1602 (10-2-15); do Tab. Fr.co Peixoto de Carvalho: «Arred.t° de M.el Antunes de Freitas da Com. de St.a M.a do Antime», a 2.5.1623 (12-3-16f). Do Tab. Cristovão de Azeredo e Vale: «Sentença de Gaspar Damill», a 22.4.1579, «Pr.cam de Briatis dazer.do», a 28.7.1579 (12-2-10), «Arrend.mto de Fr.co Coelho em casa de Belchior do Canto», a 9.5.1580 (12-2-11), «Doação de Joana Gomes a seu sobrinho o Lic.do Gaspar dazer.do», .6.1598 (12-2-12), «Doação de Fr.ca dazer.do a seu neto Tomé dazer.do» ..., «Outorga de Tomé dazer.do a seu pai Bartolomeu Dias» ... (12-2-13), «Carta de venda de Belchior do Canto e m.er», 4.6.1585 (10-2-19 Tab. Ant° Machado Magalhães), «Quitação do Lic.do Simão Lopes da Rocha a sua sogra Briatiz dazer.do», a 3.9.1584, «Pr.çam da Sr.a Micia dafons.ca», a ... 1584, (12-2-21), «Pr.cam de micia dafons.ca a seu genro fernão vieira leborão», a 6.6.1586 (12-2-22), «Quit.ao q da fernão da sylva a briatis dazer.do», a 1.9.1587, «Quit.ão de Diogo Ramalho a briatis dazer.do de trinta mill reys», a 4.9.1587 (12-2-25), «Doação da micia daffon.ca a sua f.ª m.ª dzer-do m.er de fernão vieira leborão»

aprofundar as origens, sabendo apenas que são uma só família, vamos compondo o quadro dos Azerêdos. Agora já os sentimos, já os vemos viver, mexer, sofrer, fazer história. Riscamos quatro linhas neste quadro. Uma a partir de Lucas de Azerêdo, morto no Brasil, (cuja viúva casará em Guimarães com Fernando de Lamano, Procurador do Dom Prior da Colegiada), e mais irmãos; outra, de Francisca de Azerêdo; a terceira, de Baltazar de Azerêdo; a última, de João Anes de Sousa.

Vejamos: com os primeiros vamos de largada até ao Brasil na leva dos conquistadores. Arrancamos de Guimarães com Belchior de Azeredo «Capitão de grande nome na Conquista da Capitânia do Espírito Santo» ([96]), e seus irmãos. Logo virão os sobrinhos: Miguel de Azeredo «governador da Capitânia do Espírito Santo no Estado do Brasil, o qual defendeu a Villa de Nossa Senhora da Vitória de grande número de Francezes que com sua poderosa Armada, depois de saquearem as Villas visinhas, acometerão, e alcansou delles huma gloriosa vitória» ([97]) e Marcos de Azeredo, ainda em Guimarães em 1576 ([98]).

(12-2-26), «Snt.ça de c.na dazer.do a Fr.co Sodré de pineda», a 16.10.1587, «Pr.çam de M.a dazer.do dona v.a», em 1588 (12-2-27), «Dote da sr.a mycia dazer.do com o lic.do andre da fonsequa», a 19.9.1592 (12-2-35), «Doação de m.a dazer.do a seu irmão», a 24.1.1598, «Doação de m.a dazeredo v.a a seu irmão o Conego G.ar dazer.do», a 25.3.1598 (12-2-45), «Pr.çam de P° do Canto a seu irmão Miguel dazer.do», «Pr.çam de ilena de azeredo», (12-2-53). Do Tabelião Cristovão de Azeredo: «Pr.çam de M.a dazeredo v.a», a 20.3.1602, «Venda de retro de x° dazere.do a João Frz Machado», «Arrendam.t° de illena dazeredo a ant° ferr.a», a 28.6.1602, «Dote q faz ilena dazer.do a sua filha m.a dazeredo com matias de faria», a 29.12.1602 (12-2-55), «Emprestimo de Custódio Nogueira», a 20.3.1603, «Praso de ilena dazer.do», a 23.4.1603, «Obriga.ção de G° Pires a m.a dazer.do», «Procuração nossa», (12-2-58). / Do Tab Jerónimo de Barros: «Prazo de Fr.co Sodré de Peneda e sua m.er» e Pr. cam que fazem Brites da Rocha de Azeredo e suas irmãs» a 21.7.1620 (12-3-34).

([96]) *«Ascendencia dos Pereira Ramos de Azeredo Coutinho Ramalho»*, pelo Bispo-Conde de Coimbra Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, in *«Revista do Instituto Heraldico Geneológico»*, Ano IV, n° 7, S. Paulo, Brasil. É o estudo da arvore do sobrinho do autor, Desembargador Manuel Pereira Ramos de Azeredo Coutinho Ramalho, documentado e com muito interesse.

([97]) *«Provas da Historia Genealógica da Casa Real»*, de Dom António Caetano de Sousa, Tomo VI, pag. 702.

([98]) Assina um documento como testemunha. «Pr.çam de Isabell e Cat.a Damill», a 4.4.1576.

Nas praias do Espírito Santo aparecem índios com as mãos cheias de pedras rutilantes. Além, mais adiante, há uma serra inteira, toda de vidro, a deixar ver, à transparência, milhares de esmeraldas faiscantes, encrustadas nas suas imensas entranhas. Tudo «tão verde, tão verde, que tudo em derredor, seres e coisas, tudo era também verde»; «o ryo que say daquella pedreira tem água verde; as hervas que dentro dele se criam são verdes; athé o peixe alli he verde» ([99]). Anos depois de Sebastião Fernandes Tourinho, de António Dias Adorno, entra Marcos de Azeredo pela selva desbravada, cheia de vida, de miséria, confusa de ruídos, profunda de silêncio, medonha de maldade, magnífica de força. Avancemos com ele e seus homens. A «varar matas, a dobrar morros, a correr chãos sem conta». Serra das Esmeraldas! Abrem-se as bocas, esbugalham-se os olhos frente a tanto deslumbramento. Unem-se os bons ventos ao cantar das ondas; regressa Marcos de Azeredo a Lisboa com a feliz nova. Em Guimarães agitam-se os seus primos, os seus tios, os cunhados, os sobrinhos: os fidalgos Damil, da Rua das Flores; os nobres Cantos Viegas Pachecos, da Rua Nova do Muro; os Barros e os Ramalhos, Tabeliões do Público e do Judicial ([100]). Bem recebido na Côrte, Marcos de Azeredo volta ao Brasil esperançado nas promessas de El-Rei. Falham. Cala-se. Surpreendido pela morte, não mais dirá onde são as Minas das Esmeraldas. Os filhos, todos nascidos na capitania do Espírito Santo, ainda vão, selva adiante, na esteira da fabulosa montanha. Nada! A sua muita descendência ([101]), os Azeredos Coutinhos, raça de capitães, de senhores do engenho, alastra, cresce pelo Brasil afora. Em Guimarães, na Rua Nova do Muro, ainda soa a visão da serra toda verde, evocada por sua irmã Helena de Azeredo, avó materna de João de Azeredo de Faria dos Guimarães, proprietário da Quinta do Paço, em Creixomil.

([99]) *«O Sonho das Esmeraldas»*, de Paulo Setubal, pag. 17. Tem dois capitulos dedicados a Marcos de Azeredo e às suas descobertas.

([100]) *«Familias de Portugal»*, de Manso de Lima, Tit° de Damil. Aí veêm Gaspar Alvares Damil e seus filhos.

Belchior do Canto, marido de Helena de Azeredo, era f° legitimo de Luis Viegas Pacheco, Fid. da C. R. Ver Tab. M.el Glz em 1567 (10-1-28).

([101]) *«Primeiras Familias do Rio de Janeiro»* (sec. XVI e XVII), de Carlos G. Rheingantz, vol I. Com base nos assentos paroquiais, tráz a descendencia de Marcos de Azeredo, o Velho.

No Brasil soam poderosos os nomes dos senhores do Engenho de Itaúna, do de Rio Comprido, das Terras de Maricá e de Marapicú no Rio de Janeiro, de Capavirí Furado em Campos de Goitacazes e de quantas mais, antepassados dos Marqueses de Itanhaem, dos condes de Condeixa, em Portugal, dos Viscondes de Aljezur, de muitos outros fidalgos, todos trinetos de Marcos de Azeredo, descobridor das Minas das Esmeraldas, natural de Guimarães.

Dividimos o quadro da família dos Azeredos em quatro partes; iniciamos a segunda com Francisca de Azeredo, dona viúva de Nuno Álvares. Mal a vemos, envolta na larga capa da sua viuvez, em casa de seu genro, o mercador Bartolomeu Dias, cidadão do Porto, Cavaleiro Fidalgo. Guimarães, Rua das Flores, fim da era de quinhentos. Com Francisca de Azeredo estão sua filha, Ana Nunes de Azeredo, suas netas, Catarina e Madalena e as bisnetas Ana e Maria, filhas de Catarina de Azeredo e de seu marido, o rico negociante Manuel Antunes de Freitas. Se um pintor as pintasse, mergulharia o pincel em tintas negras, passá-lo-ia pelas escuras ruelas do Porto a roubar-lhe as sombras para as vestir de cores sombrias. Pelo bairro da Sé, pelas casas de Maria Dias, a Mal Degolada, junto às vendidas por Bartolomeu Dias, pertenças de seus pais [102]. Correria aos campos extramuros da cidade a iluminar-se da brancura das flores para lhes pôr nos colos e gargantas, alvas e encanudadas gorgeiras. Buscaria entre as naus, arribadas de longe, os estofos mais preciosos para os seus trajes de festa. Austéras, tapadas por mantos, de fatos escuros e brancos toucados, alegradas de quando em quando por meadas e meadas de seda da China, cobertas de rendas e jóias, bordadas a pedras finas, entre móveis de charão, porcelanas de Goa e tinteiros de madre-pérola, ei-las: Francisca de Azeredo, as filhas e netas, e entre as bisnetas Ana de Azeredo, doce esposa de Paulo da Silva de Freitas, senhor, por compra, de metade da Quinta do Paço.

Aparece o terceiro ramo. Começa com Baltazar de Azeredo,

[102] «Venda de Bartolomeu Dias sua m.er e cunhada», a 16.7.1576. Tab. M.el Glz (10-1-34). Bartolomeu Dias era f° de Diogo Afonso, da cidade do Porto e irmão de Estevão Dias, cidadão do Porto, casado com Ana de Azeredo, naturalmente prima de sua mulher Ana Nunes de Azeredo.

casado com Catarina do Vale Peixoto, possivelmente o mesmo Baltazar de Azeredo a quem El-Rei Dom João III concede, por carta de 13 de Dezembro de 1530, o «brasão de seus antecessores» ([103]). Foi seu filho, Cristóvão de Azeredo do Vale, «que fizera m.tos servisos a sua Mag.de no tempo em q dom antonio prior do crato inquietou este reino de portugall com suas alterassois os coaes constam de hum instrom.tº autentico onde se vera quanto à custa de sua fazenda e com quanto risco de sua vida como taes servissos foram feitos e disseram mais q avendo peste nessa villa nos anos de mil e quinhentos e noventa e nove fizera m.tos servissos acompanhando as Justissas della a lugares perigosos e empedidos com guasto de sua fazenda e tanto periguo de sua pessoa q andando nestes servissos adoeceo de parlezia de que falesseo» ([104]). Nos livros de notas do tabelião Cristóvão de Azeredo do Vale, o sinistro partidário da Corôa espanhola e caridoso fidalgo entre os pestíferos, desenha-se a assinatura de seu irmão, o Licenciado Bento de Azeredo e Vale; salta toda a vida de Guimarães de quinhentos. Mais tarde, em outras notas, surje a tragédia de seu irmão mais novo, homónimo de seu pai. Mentecapto, quartanário da Sé de Évora, pelos familiares «sustentado e governado tratado e curado como era são», perdido sabe Deus em que mundos e angústias, vagueia sob a tutoria dos irmãos e sobrinhos ([105]). Cresce a árvore oriunda de Baltazar de Azeredo. Floresce por seu neto, o Reverendo João do Vale, cónego da Colegiada. Dobram-se os seus ramos ao peso dos cargos e honrarias: manposteiros-mores de cativos, desembargadores, morgados, titulares, homens de letras. Atravessa as eras, desafia o tempo.

Na última divisão tracejada no quadro está a descendência de João Anes de Sousa e sua mulher. Estão os Azeredos de Mesãofrio, linda vila, pousada sobre o Douro indómito e bravo.

([103]) *«Archivo Heraldico-Genealógico»*, de Sanches de Baena, pag. 98. As armas concedidas foram as dos Azeredos: — Escudo de campo azul com oito contrabandas de oiro, e por diferença uma meia brica de vermelho, e nela um anel de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul. Timbre: um meio leão contrabandado de oiro.

([104]) «Doação q faz João do valle e sua irmãa m.a de gois dazeredo a seu irmão fr.co de faria», a 20.11.1603. Tab. Cristovão de Azeredo (12-2-58).

([105]) «Fiança q da João do valle» em 1602, e «Pr.çam que faz Jm° do valle» em 1603. Tab. Cristovão de Azeredo (12-2-55 e 12-2-58).

Estão os seus solares, as suas alianças o colorido dos seus brasões. Está Jorge de Azeredo ([106]), Cavaleiro Fidalgo, escrivão da Correcção, morador em Guimarães. Rasga-se a noite. escura da medicina quinhentista em Portugal. Entre os mestres avulta o nome de um filho de Jorge de Azeredo, o Doutor Baltazar de Azeredo, médico, Físico-Mor do Reino, colegial de S. Paulo, o Hipocrates e o Galeno Português ([107]). Facho aceso pela ciência, até hoje permanece a luz nesta parte do quadro genealógico atraz esboçado.

Tendo os Azeredos como tronco comum, destinos diferentes, aguardam os senhores de «ambas as metades do Casal do Paço». Sem geração, presumivelmente já viúvo, falece a 21.10.1697. João de Azeredo de Faria dos Guimarães, deixa por herdeira a sua alma ([108]). A Jerónimo da Silva de Freitas, morto repentinamente a 13.12.1719 na sua casa de Cidrais ([109]), e a sua mulher Maria de Azeredo e Silva, sucede o rapaz mais velho ([110]), Francisco da Silva de Freitas, solteiro. Depois os netos, filhos da mais nova, Dona Josefa Teresa Clara da Silva

---

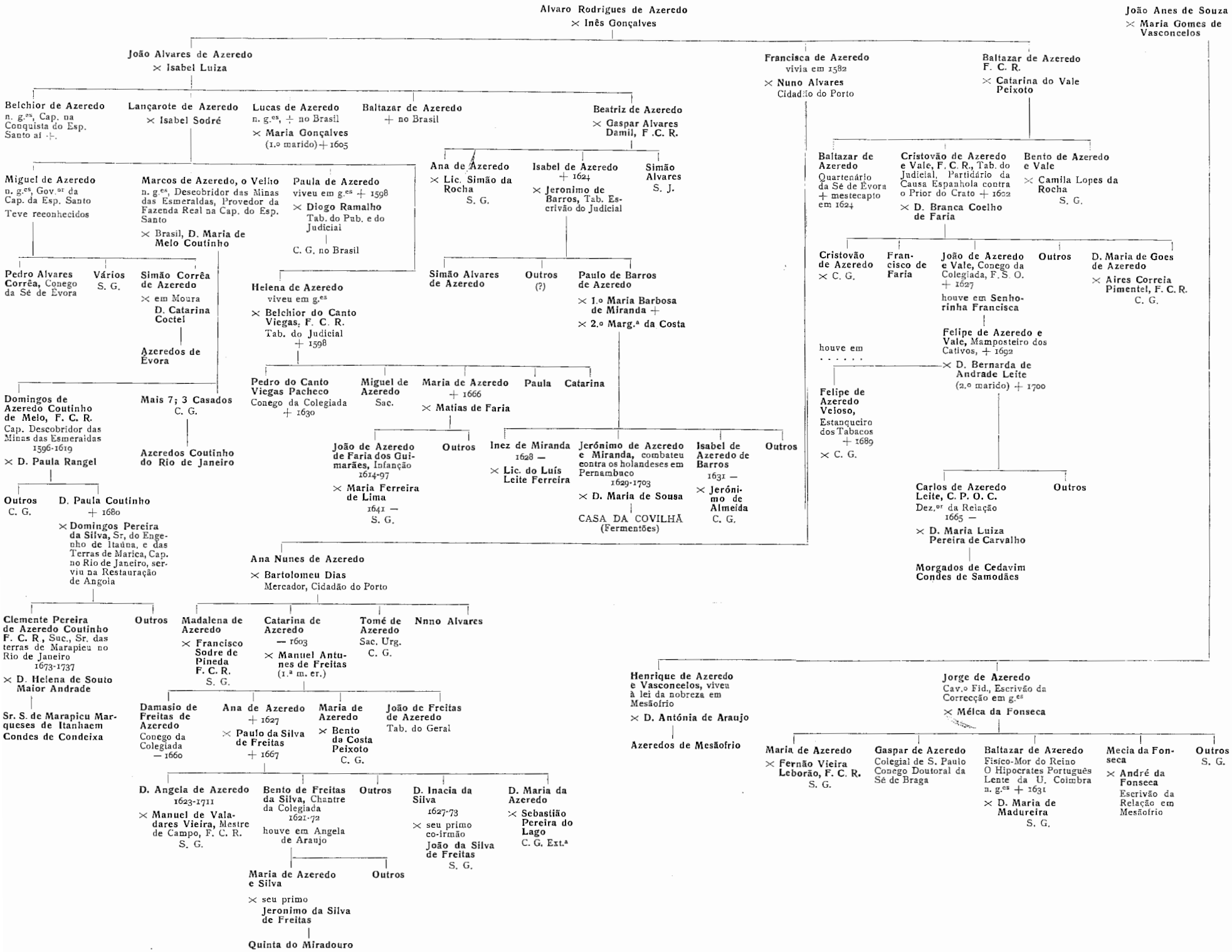
([106]) Nada tenho que prove a filiação dada no quadro a Jorge de Azeredo. Copiei-a do livro *«Azeredos de Mesamfrio»*, e dada a seriedade da obra suponho que o autor a tenha visto em algum dos documentos por ele consultados. Sei apenas que viveu em Guimarães e mantinha estreitas relações com os outros membros da familia.

([107]) Foi também Lente de Prima (1589-1609), Lente de Terça (1583-89), Lente da de Crisibus (1582-83). Das suas muitas obras só se imprimiu uma oração funebre de Felipe II, em Latim. Ver *«História da Medicina em Portugal»*, de Maximiano Lemos, vol I Lista dos Professores de Medicina na Universidade; *«Guimarães»*, do Padre Caldas, vol. I, pag. 219, *«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»*, vol 3º em Azeredo, Baltazar —, e *«Vimaranes»*, de Luís de Pina.

([108]) Ob. 1 Olv.a. Faleceu na Rua Escura. O assento do óbito de Maria Ferreira de Lima não está nos livros de Creixomil, Oliveira ou Urgêses.

([109]) Ob. 1 de S. Romão de Mesãofrio.

([110]) Foram filhos de Jerónimo da Silva de Freitas e de sua m.er: Helena de Azeredo, b. a 27.5.1680; Francisco da Silva de Freitas, suc. no vinculo, b. a 2.12.1681 (N 2 S. Paio), † solt° s. g.; Miguel, b. 24.2.1683 (M 4 Creixomil); Inocência, b. a 4.1.1685 (N 3 S. Paio); António, b. a 24.9.1688; Ana b. a 19.3.1690; Mariana, b. a 9.6.1692 (M 4 Creixomil); Bento, b. a 16.4.1695; Manuel, b. a 24.12.1698; Dona Josefa Teresa Clara da Silva e Azeredo, b. a 11.2.1699 (M 5 Creixomil), casada, c. g. (abaixo) e Angela Maria da Silva, solt.a. Alguns deles foram religiosos.


Alvaro Rodrigues de Azeredo
× Inês Gonçalves
João Anes de Souza
× Maria Gomes de Vasconcelos
João Alvares de Azeredo
× Isabel Luiza
Francisca de Azeredo
vivia em 1582
× Nuno Alvares
Cidadão do Porto
Baltazar de Azeredo
F. C. R.
× Catarina do Vale Peixoto
Belchior de Azeredo
n. g.es, Cap. na Conquista do Esp. Santo aí +.
Lançarote de Azeredo
× Isabel Sodré
Lucas de Azeredo
n. g.es, + no Brasil
× Maria Gonçalves
(1.º marido) + 1605
Baltazar de Azeredo
+ no Brasil
Beatriz de Azeredo
× Gaspar Alvares Damil, F .C. R.
Baltazar de Azeredo
Quartenário da Sé de Évora
+ mestecapto em 1624
Cristovão de Azeredo e Vale, F. C. R., Tab. do Judicial, Partidário da Causa Espanhola contra o Prior do Crato + 1602
× D. Branca Coelho de Faria
Bento de Azeredo e Vale
× Camila Lopes da Rocha
S. G.
Miguel de Azeredo
n. g.es, Gov.or da Cap. da Esp. Santo
Teve reconhecidos
Marcos de Azeredo, o Velho
n. g.es, Descobridor das Minas das Esmeraldas, Provedor da Fazenda Real na Cap. do Esp. Santo
× Brasil, D. Maria de Melo Coutinho
Paula de Azeredo
viveu em g.es + 1598
× Diogo Ramalho
Tab. do Pub. e do Judicial
C. G. no Brasil
Ana de Azeredo
× Lic. Simão da Rocha
S. G.
Isabel de Azeredo
+ 1624
× Jeronimo de Barros, Tab. Escrivão do Judicial
Simão Alvares
S. J.
Cristovão de Azeredo
× C. G.
Francisco de Faria
João de Azeredo e Vale, Conego da Colegiada, F. S. O.
+ 1627
houve em Senhorinha Francisca
Outros
D. Maria de Goes de Azeredo
× Aires Correia Pimentel, F. C. R.
C. G.
Pedro Alvares Corrêa, Conego da Sé de Évora
Vários
S. G.
Simão Corrêa de Azeredo
× em Moura
D. Catarina Coctel
Azeredos de Évora
Helena de Azeredo
viveu em g.es
× Belchior do Canto Viegas, F. C. R.
Tab. do Judicial
+ 1598
Simão Alvares de Azeredo
Outros
(?)
Paulo de Barros de Azeredo
× 1.º Maria Barbosa de Miranda +
× 2.º Marg.a da Costa
houve em . . . . . .
Felipe de Azeredo e Vale, Mamposteiro dos Cativos, + 1692
× D. Bernarda de Andrade Leite
(2.º marido) + 1700
Felipe de Azeredo Veloso,
Estanqueiro dos Tabacos
+ 1689
× C. G.
Domingos de Azeredo Coutinho de Melo, F. C. R.
Cap. Descobridor das Minas das Esmeraldas
1596-1619
× D. Paula Rangel
Mais 7; 3 Casados
C. G.
Azeredos Coutinho do Rio de Janeiro
Pedro do Canto Viegas Pacheco
Conego da Colegiada
+ 1630
Miguel de Azeredo
Sac.
Maria de Azeredo
+ 1666
× Matias de Faria
Paula
Catarina
João de Azeredo de Faria dos Guimarães, Infanção
1614-97
× Maria Ferreira de Lima
1641 —
S. G.
Outros
Inez de Miranda
1628 —
× Lic. do Luís Leite Ferreira
Jerónimo de Azeredo e Miranda, combateu contra os holandeses em Pernambuco
1629-1703
× D. Maria de Sousa
CASA DA COVILHÃ
(Fermentões)
Isabel de Azeredo de Barros
1631 —
× Jerónimo de Almeida
C. G.
Outros
Carlos de Azeredo Leite, C. P. O. C.
Dez.or da Relação
1665 —
× D. Maria Luiza Pereira de Carvalho
Outros
Morgados de Cedavim
Condes de Samodães
Outros
C. G.
D. Paula Coutinho
+ 1680
× Domingos Pereira da Silva, Sr, do Engenho de Itaúna, e das Terras de Marica, Cap. no Rio de Janeiro, serviu na Restauração de Angola
Ana Nunes de Azeredo
× Bartolomeu Dias
Mercador, Cidadão do Porto
Clemente Pereira de Azeredo Coutinho F. C. R, Suc., Sr. das terras de Marapicu no Rio de Janeiro
1673-1737
× D. Helena de Souto Maior Andrade
Sr. S. de Marapicu Marqueses de Itanhaem
Condes de Condeixa
Outros
Madalena de Azeredo
× Francisco Sodre de Pineda F. C. R.
S. G.
Catarina de Azeredo
— 1603
× Manuel Antunes de Freitas
(1.ª m. er.)
Tomé de Azeredo
Sac. Urg.
C. G.
Nnno Alvares
Damasio de Freitas de Azeredo
Conego da Colegiada
— 1660
Ana de Azeredo
+ 1627
× Paulo da Silva de Freitas
+ 1667
Maria de Azeredo
× Bento da Costa Peixoto
C. G.
João de Freitas de Azeredo
Tab. do Geral
D. Angela de Azeredo
1623-1711
× Manuel de Valadares Vieira, Mestre de Campo, F. C. R.
S. G.
Bento de Freitas da Silva, Chantre da Colegiada
1621-72
houve em Angela de Araujo
Outros
D. Inacia da Silva
1627-73
× seu primo co-irmão
João da Silva de Freitas
S. G.
D. Maria da Azeredo
× Sebastião Pereira do Lago
C. G. Ext.a
Maria de Azeredo e Silva
× seu primo
Jeronimo da Silva de Freitas
Outros
Quinta do Miradouro
Henrique de Azeredo e Vasconcelos, viveu à lei da nobreza em Mesãofrio
× D. Antónia de Araujo
Azeredos de Mesãofrio
Jorge de Azeredo
Cav.o Fid., Escrivão da Correcção em g.es
× Mélca da Fonseca
Maria de Azeredo
× Fernão Vieira Leborão, F. C. R.
S. G.
Gaspar de Azeredo
Colegial de S. Paulo
Conego Doutoral da Sé de Braga
Baltazar de Azeredo
Fisico-Mor do Reino
O Hipocrates Português
Lente da U. Coimbra
n. g.es + 1631
× D. Maria de Madureira
S. G.
Mecia da Fonseca
× André da Fonseca
Escrivão da Relação em Mesãofrio
Outros
S. G.

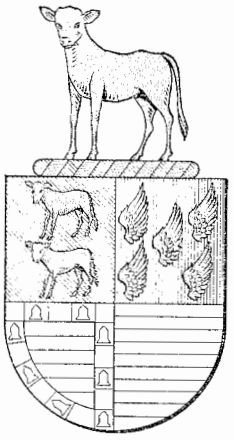
e Azeredo, casada com Jerónimo Vaz Vieira de Mello, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro de Cristo, Alcaide-Mor de Vila do Conde, Senhor do Morgadio de Tresmonde e da Casa do Toural. Guardará sua descendência, herdeira do vínculo do capitão Bento de Freitas ([111]), a quinta *«que confronta de Nascente com terras do Casal do Celeiro, pelo poente com terras de Sendelo na freg.a de Silvares, pelo norte com terras de Dona Luisa Joana de Carvalho e Camões, e pelo sul com terras do Casal das Eiras»* ([112]). Perdemos durante alguns anos o casal do Paço. Volta a aparecer, já em 1728, adquirido por Jerónimo da Costa, 6.° avô da sua actual senhora.

Quinta do Paço, foreira à Senhora Rainha. Fortes muros, rentes à estrada. Veículos a passar, a passar, em desatada correria. Paço de Riba. Dias de invernia a empaparem de água, de lama o eido da quinta. Casa grande, caiada, coroada por linda chaminé a aconchegar, a dar calor. Paço de Creixomil. Portais das traseiras abertos para a estrada; frente num recanto do Minho, tão lindo, ainda não assassinado pelos homens, junto à Ermida da Senhora da Luz, entre a paz das carvalhas e o seu portão armoriado.

([111]) Dona Josefa Teresa Clara da Silva e Azeredo × na igreja de S. Paio a 16.10.1720 com Jerónimo Vaz Vieira de Melo e Alvim (C 2 S. Paio), Moço-Fid. da C. R., sr. da Casa do Toural, etc. Em sua descendência seguiu o vinculo instituido pelo capitão Bento de Freitas. V. texto e nota 78 da «Casa da Covilha», Fermentões, e a 2.a parte da Casa do Costeado, em Creixomil.

([112]) «Dinheiro a juro do Cofre da Santa Casa da Misericórdia desta vila, ao Ill.mo António Vaz Vieira da Silva Mello e Alvim da m.ma e paga que lhe dão os diversos credores», a 27.6.1845. Tab. Fr.co José da Silva Basto (13-1-8). Ao pedir um empréstimo à Misericórdia hipotéca António Vaz Vieira, futuro Barão do Costeado e neto de Dona Josefa Teresa Clara, entre outras propriedades, os terrenos que neste documento vêm como Quinta do Paço, Creixomil.

Casal dos Pombais, a que chamam Granjas



Conhecemos Lucrécia Camela, fechada em velhos alfarrábios, encoberta pela neblina do tempo. Perguntamos então: — «Lucrécia Camela é mãe? É parente dos Camelos da Granja dos Pombais?» (1).

Lucrécia Camela é da Granja dos Pombais. É filha de Gonçalo Gonçalves, mercador, assistente em 21.3.1567 neste seu casal dos Pombais, a que chamam Granjas (2). É casada com André Gonçalves, sombreireiro. João, um dos seus muitos filhos, aqui nasce (3). É irmã de Violante Camela, mulher de Manuel de Araújo, pais de Ana, Francisco e José, também nascidos neste casal (4). Tudo ainda vago, ainda encoberto pelo peso dos anos.

Tudo ameno, esbatido de verde, pintado de bagos de uva, salpicado de doçura. Alinham-se os chapéus de pêlo de vaca, sedosos e brilhantes, obra de André Gonçalves. Tudo tão longe

---

(1) Vid «*Velhas Casas*», freg.a de Creixomil, Casa do Costeado.

(2) «Prazo do Casal dos Pombais que se chama as Granjas na freg.a de Creixomil feito pelos muito Reverendos Conigos da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães a Gonçalo Gonçalves mercador». Prazo nº 32 do Lº dos Prazos do Cabido da Colegiada (A-4-5-6). Arq. Mun. A. Pimenta.

(3) Bap. a 24.12.1598. M. 1 Creixomil. Foram seus padrinhos Pedro Barroso e Violante Camela.

(4) Ana é B. a 9.3.1582; Francisco a 2.12.1583; José a 3.7.1585. M 1 Creixomil.

Manuel de Araújo era f.º de Manuel de Araújo, já † em 1570, m.or que tinha sido no Reino de Parma. Violante Camelo levou em dote a metade da sua quinta dos Pombais. «Dote feito por Gonçalo Glz mercador a sua f.a Violante Glz Camela para casar com M.el de Araujo», a 12.10.1570. Tab. M.el Glz (10-1-30).

do rebuliço de Sevilha, do despertar de São Paulo de Luanda. Sevilha? A que vem Sevilha? À sua «Torre del Oro» chegam as mercadorias do mundo, as naves carregadas de esplendor. De lá vem para o sombreireiro dinheiro remetido por seu filho André Camelo (5). E Luanda? E São Paulo de Luanda?

Que importa que de Madrid venham as ordens d'El-Rei Dom Felipe? Que importa quando o génio do povo está cantado, está escrito nas ondas do mar? Batem as ondas em África, na Ásia, nas Américas, na Oceânia. São grandes, medonhas, bravas, as mesmas das praias de um Portugal donde há muito partem as naus marcadas com a Cruz de Cristo. Todos os portugueses acorreram ao mágico chamamento do mar furioso e apavorante. Consumiram-se e agitaram-se sob as águas imensas, vomitaram nelas as suas entranhas, choraram nelas o seu desespero. Uns foram tragados na gigantesca canção das vagas; outros aportaram banhados em alegres lágrimas de acções de graças. Abençoados pela fé, levados pelo cheiro da maresia «deram novos mundos ao mundo». Morreram nas ondas do mar, nelas ressuscitaram para a História.

A que vem *«hua casa sobradada emcorporada demtro na propriedade com as portas pª a estrada e outras casas de ter guado q parte do naçente com casas de samta maria em que ora vive maria velha e da parte do poente com casas q foram de martim vaas e ora são de guonçalo martins hum palheiro Jumto com sua eyra e huas casas Jumto deste palheiro que servem a metade pª guado e as outras pousam nelas e pª hospedaria H so campo nomeado pelo mesmo nome do casal ...»* (6), este casal dos Pombais, a que chamam das Granjas, na freguesia de São Miguel de Creixomil? Como o país inteiro, dá, manda para longe, para terras desconhecidas, os seus mais fortes suportes, as suas mais lindas esperanças! Para Angola irão André e Francisco Camelo, filhos de Lucrécia Camela e marido, André Gonçalves. Eles, os pais, nas Granjas ficam.

---

(5) «Quitação q da Andre Glz sombreireiro a domingos antunes he gaspar glz m.or na sidade de sevilha», a 7.9.1616. Tab. Mateus de Freitas (12-3-23) pag. 175v. André Camelo, filho de André Gonçalves, entrega em Sevilha a Gaspar Gonçalves Nogueira, morador nessa cidade, 49$000 para mandar a seu pai. Recebe-os este em Guimarães das mãos de Domingos Antunes, a quem passa quitação.

(6) Vid. nota 1.

Compra o sombreireiro umas casas na Rua dos Gatos [7]. É seu fiador Manuel António, acabado de casar com sua sobrinha Ana Mendes Camela, filha de Manuel de Araújo e de Violante Camela. Nesse mesmo dia, a 6.9.1612, falam André Gonçalves e sua mulher:

— «... *sendo tituores e procuradores de sua sobrinha anna mendes camella he a tinhão em seu poder e administração he ha casarão com manuel antonio he lhe entregarão toda a fazenda que hen seu poder tinhão e porquanto ha dita quinta dos pombais era de nomeação he lhe pertencia elles ha largavão como de feito largão doje pera todo o sempre pera a dita anna mendes camella he geração asi ho quinhão q lhe pertencia a dita assim como toda a parte he quinhão que elles Andre Gonçalves he sua mulher tinhão ou possam vir a ter na dita quinta ...*»

— «... *sendo caso q em algum tempo do mundo fiquem herdeiros de seu sobrinho manuel camello ausente filho de fr.co fernandes já defunto q tambem he herdeiro em parte da dita quinta tambem a davão a manoel antónio de maneira q per si ou por outrem não querem mais cousa alguma da dita qimta he de todos os bens moves e de raiz q ficaram por falecimento de seu pai e sogro gomçallo gomçalves por muito boas obras he amisades que tem recebido dos ditos manoel antonio he sua mulher ...*» [8]. Não estão ainda pagas as casas da Rua dos Gatos; é exigido o dinheiro, entra o fiador [9]. Nas Granjas dos Pombais começa a vida para os filhos de Manuel António: Leandro, Manuel, Ana [10].

---

[7] Eram as casas de Paulo Francisco, ourives (1.º marido de Monica Barbosa, v. «*Velhas Casas*», freg.a de Fermentões, Casa de Caneiros) e tinham-lhes sido dotadas por sua tia Ana Gonçalves, Morena. Tab. Fr.co Peixoto de Carvalho (12-3-14), pág. 142v.º Arq. Mun. A. Pimenta.

[8] «Concordia he contrato he quitação q fazem André Gonçalves e sua m.er lucressia camela he Manoel antonio». Mesmo l.º citado na nota anterior, pag. 145. As testemunhas foram «p.º roiz morador nos pombais gonçalo antonio m.or à ponte de são tomé de negrelos e Ant.º Glz criado de André Glz.

[9] «Quitação q da paullo fr.co mercador a mam de manoel antonio», a 21.1.1614. Tab. Fr.co Peixoto de Carvalho (12-3-15) pag. 184v. Arq. Mun. A. Pimenta.

[10] Leandro foi B. a 15.3.1613. Os padrinhos foram Alvaro Fernandes e Margarida Neves; Manuel a 28.2.1615, afilhado de Francisco Ribeiro, de

Até Luanda vai uma procuração de Ana Mendes Camela e marido para seus primos André e Francisco Camelo «*estantes em o Reino de Angola para poderem cobrar e arrecadar tudo o q a elles for devido*» (11). A 27.3.1614 Margarida de Morgade, dona viúva, entrega a Manuel António 80 mil reis para ele «tratar em mercadorias corentes neste Reino por terra e não por mar» (12). Porque vende, a 26.6.1620, Manuel António «o seu casal da Ribeira freg.ª de S. Tomé de Negrelos concelho de Refoios termo do Porto»? Sua mãe Catarina Gonçalves «*diz q fizera doação desta quinta a seu f.° e reservara para si a metade do usufructo*»; dão-lhe o filho e a nora, como compensação, parte dos rendimentos do Casal da Subcarreira, em Creixomil (13). Mas já a 14.6.1621 hipoteca Manuel António «a sua q.ta dos Pombaes onde vive e o seu casal da Subcarreira» (14). Aos «vinte he hum dias do mes de Abril do anno de 1624 estando o

---

S. Tomé de Negrelos e Marta Peixoto m.er do Lic.do Miguel de Morgade; Ana, a 15.1.1617, foram padrinhos Gregório do Amaral e Maria das Neves. M 1 Creixomil.

(11) «Pr.çam q fez Manoel António m.or nesta villa a André Camelo e seu irmam Francisquo Camello», L° citado na nota 5. Esta procuração é para os primos arrecadarem tudo quanto se deve a ele, Manuel António, principalmente as dividas de Francisco Vieira de Lima, natural de Guimarães «estante em o Reino de Angolla porto de Luanda ou em outra qualquer parte», e as de Inácio Vieira, ou seus herdeiros, também moradores em Luanda.

(12) «Contrato de companhia q fez margarida de morgade dona v.a com m.el antónio». Tab. Ant° Barreiros (12-3-22), Arq. Mun. A. Pimenta.

(13) «Venda que faz M.el António a Guaspar Frz do termo do Porto», a 26.6.1620. Tab. Jerónimo de Barros (12-3-34), pag. 95. Arq. Mun. A. Pimenta.

A q.ta da Sub-Carreira fora comprada por Manuel António em 27.1.1617 a Cosme Machado de Miranda, «...Manoel Antonio mercador ouvera o casal da Subcarreira por título de compra que fizera a Cosme Machado de Miranda que rematara a Roque Ferreira morador na dita freguesia por certa divida que lhe devia de uma fiança que lhe fizera em 1598 escrita por Bartolomeu Dias escrivão dos Reguengos ...». «Registo do Prazo da Sobre Carreira da Freg.a de S. Miguel de Creixomil que pessue Fr.co de Araujo m.or na Cidade do Porto». L° dos Reguengos de 1677 a 1696 (18-3-11). Arq. Mun. A. Pimenta.

(14) Manuel António pede a Baltazar Ferreira de Araujo, morador na sua quinta dos Pombais (v. Casa dos Pombais) 150$000, e hipoteca para isso os seus casais. Tab. Fr.co Peixoto de Carv° (12-3-16d), pag. 163. No mesmo livro, a pag. 78, vem o emprazamento do Casal da Sub-Carreira a 21.12.1621 pelo Lic.do Miguel de Morgado Golias a Manuel António e m.er Ana Camela.

Snr Arcebispo Dom Affonso furtado de mendoça nesta villa visitando e Crismou», entre muitos, a Manuel e Ana, filhos de «Manoel António dos Pombaes» ([15]); Leandro, o primogénito, apadrinha um bastardo de Dona Maria de Eça ([16]).

Para outras mãos vão indo as terras de Ana Mendes Camelo e Manuel António. Em princípios de 1625 vai o campo de Riba dos Pombais «cerquado de oliveiras he uveiras» que leva «de semeadura 16 alqueires de pão» e a terça parte dos montados do casal «q são no monte do Selho» para Diogo do Bouro ([17]). Para ele também o Casal da Subcarreira. Ao largarem as suas propriedades, Ana Mendes Camela e seu marido fazem com Diogo de Bouro um pacto por boca «q a todo o tempo q elles vendedores lhe tornassem o dinheiro elle Dioguo de Bouro lhes tornaria a propriedade» ([18]). Esperançados em melhores dias apagam-se, por ora, Manuel António e mulher destas páginas.

Novas dos filhos de André Gonçalves, o sombreireiro? Aos poucos as vou sabendo num ou noutro documento, aos poucos

---

([15]) M 1 Creixomil.

([16]) Foi a 5.9.1623, chamou-se esta criança Leandro. A mãe era solteira e deu por pai a «Manuel ... da Guerra, de Coimbra». A madrinha foi Mónica Antónia, solt.a que vivia com seu irmão Manuel António nas Granjas dos Pombais, onde † a 27.8.1677 (M 4) e que em 14.6.1626 teve um filho Diogo, de «Diogo de Guimarães q Deos tem». M 1.

([17]) Já em 5.6.1625 Diogo de Bouro apresenta a carta de compra, e nessa ocasião entra em entendimento com Manuel António e sua mulher para pagarem a meias a renda do Casal ao Cabido da Colegiada. L° de Vedorias da Colegiada de 15.11.1623 a 15.6.1637 (A 2-2-37), pag. 45. Arq. Mun. A. Pimenta.

([18]) «Distrate de Cristovam de queiroz com M.el Ant° dos pombaes», a 29.7.1647. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-45). Nesta escritura faz-se referência à venda feita por Manuel António e Ana Camela a Diogo de Bouro, do Casal da Sub-Carreira, nas notas do Tab. Paulo de Barros de Azeredo a 7.3.1625 e ao pacto tratado entre ambos. Diz mais «... tratando ele vendedor com o dito Diogo de Bouro lhe largasse a d.ta propriedade tornando-lhe seu dinheiro o Recusara fazer pello q elle vendedor dava contra elle libello o coal do d.t° diogo de bouro e sua m.er confessarão e não tiverão duvida largar-lhe a dita propriedade o coal termo de confissão se julgara por sentç.a com declarassão q elle manoel ant° seria obrigado em sua vida e na da d.t^a sua m.er Anna Camella a remir a dt.a propriedade ... a qual sendo pessuída pello dito comprador Diogo de Bouro e sua m.er lhe fora arrematada por Joam de Sequeira pay do dito Cristovam de queiroz ...».

as vou perdendo pelo mar afora, pela terra adiante. Primeiro em Guimarães, na Rua dos Gatos «lucressia camella e suas filhas Ilena Camella he m.ª camella» contam «que a ellas lhe mandara bento de freitas natural desta villa estante em pernaobuco hua caixa de asucre de dezassete arrobas em satisfação de hu moleque he isto por conta de andre camello filho he irmão dellas» ([19]). Muito além, ainda fora da barra do Douro, vem a nau Nossa Senhora da Conceição. É seu mestre Francisco de Oliveira, visinho da cidade do Porto. Chega de Pernambuco. Guincham as gaivotas, alvoroça-se a Ribeira. Depois, mais notícias. De João Camelo, o nascido nas Granjas dos Pombais, comprador do Costeado ([20]), a aparecer-nos em Lisboa ou no Porto, ora a mover causas contra João do Couto Carnide, morador no Rio de Janeiro ([21]). De Helena Camela, senhora do Casal das Aldeias, em Urgeses, casada a 30.6.1632 com Gonçalo Lopes de Carvalho, viúva desde 18.8.1645 ([22]), a instalar-se no Costeado, donde vende as propriedades que tem em Delães ([23]). De Roque Camelo, do Padre Jacinto Camelo «Clerigo de missa» também no Costeado, a mandar vender em Lisboa as casas que possue em Vila Galega ([24]). De Inácio Camelo, falecido antes de 1661. De Maria Camela, donzela, sempre a surgir entre os papéis das Granjas. De Francisco e André Camelo «capitão que tantos

---

([19]) «Pr.çam q faz anna camella e suas f.as ellena camella e m.a camella», a 22.11.1625. Tab. Mateus de Freitas (12-3-29), pag. 14v°. Trata esta procuração de um carregamento de açúcar remetido para André Gonçalves já falecido ;à data da chegada do navio, tendo-se recusado o mestre da nau a entregar a mercadoria a sua viuva. Há neste documento dois enganos: Lucrecia Camela vem como Ana (corrigido nas entrelinhas) e Manuel António, a quem é passada a procuração, como «Genro he irmão das constituintes».

([20]) V. nota 1.

([21]) «Pr.çam q faz João Camello m.or nesta villa», a 25.3.1639. Tab Ant° Nogueira do Canto (10-2-58), pag. 60v°. Arq. Mun. A. Pimenta.

([22]) O assento de casamento está no M 1 S. Paio, pag. 159v.°, o do óbito na pag. 2 dos defuntos do M 2 da mesma freg.a. Gonçalo Lopes de Carvalho era nat. da freg.a de Delães, Famalicão, e irmão da mulher de Belchior Pinto, mercador.

([23]) «Venda que faz Helena Camela dona v.a a Bento Dias de Delães, termo de Barcelos», a 19.9.1647. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-32). Arq. Mun. A. Pimenta.

([24]) «Pr.çam do Padre Jacinto Camello». Tab. Ant° Nogueira do Canto (10-2-69) pag. 137. O P.e Jacinto Camelo † a 17.1.1658 na Ribeira de Crei-

servissos fizera a El-Rei no Reino de Angola» a descobrirem com as notícias das suas mortes a história ignorada dos matagais africanos. Finalmente da mãe de todos, Lucrécia Camela, a mesma que aguardava a nau Nossa Senhora da Conceição, já no ocaso da vida, a pedir, a recorrer aos homens de negócios, aos capitães, aos feitores de Sua Magestade para não esquecerem as mercês, os serviços dos filhos mortos tão longe [25].

Estes Camelos, saídos das Granjas para o Costeado e para a Rua dos Gatos, dão, donde a onde, com seus negros escravos, cor às monótonas páginas dos primeiros mistos de Creixomil [26], ajudam a Manuel António [27]. Vão-se então no tempo, no redemoínho das viagens, no rasto das terras longínquas. Aqui, fica Maria Camela, a donzela. Agarrado à terra, junto ao seu antigo casal, na «Ribeira reguengo que parte com as Granjas dos Pombaes» o ramo de Ana Mendes Camela. Nas Granjas, o que é que se passa? Nos seus campos afastados do mar ouve-se mais uma vez o barulho das ondas. A 14-4-1632 baptisa-se Jacinto, aí nascido, filho «de dioguo de Bouro dos Pombaes» e de sua mulher Inácia Monteira [28].

Diogo de Bouro Coelho, homem de negócio [29], é filho legítimo de Luís Fernandes Escaramenta «com publica fama que era e tinha de raça de Christão Novo», e de sua primeira mulher Catarina de Bouro, natural do Couto de Pedralva. Seus avós

---

xomil. Sua irmã Maria Camela foi obrigada ao bem de alma como cabeceira e herdeira «e lhe fez de sua livre vontade por o dito padre não ter nada de seu». M 3 Creixomil.

[25] V. o texto e as notas 4,5 e 6 da «Casa do Costeado».

[26] Exemplos: o baptismo de Ana, a 15.8.1581 «f.a do negro de André Glz» (M 1); o de Domingas, a 28.5.1647, f.a de uma escrava de Helena Camela (M 2); a morte de Gracia, a 6-12-1657, «escrava de Maria Camela por quem se dá de oferta hum tabuleiro com des pães hua pescada sequa e hum frasco com vinho verde e no dia do seu enterro sua senhora lhe mandou dizer quinze missas e a acompanharão quatorze padres» (M 3).

[27] «Obrigassão e contrato de m.el antonio com Jm" camello e seu Irmão e Irmãas», a 19.9.1647. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-32), pag. 114v°.

[28] Este penúltimo filho de Diogo de Bouro é o primeiro a nascer nos Pombais; foram seus padrinhos a avó materna e Adriano de Sampayo. Nos Pombais também nasceu o filho mais novo, Diogo, B. a 22.5.1633; foi afilhado de Paulo da Silva, V. Casa dos Pombais. M 2 Creixomil.

[29] A 20.1.1622 Diogo de Bouro, então morador em Guimarães, na Rua das Molianas, arrenda, juntamente com Francisco Jorge Mendes, João Lopes e Domingos de Passos (v. Casa de Caneiros, freg.a de Fermentões)

Casa do Casal dos Pombais

paternos foram Marcos Fernandes e Catarina Mendes, moradores em Guimarães, cuja geração vem no «Nobiliário» do Padre Torcato Peixoto de Azevedo ([30]). Pelo lado da mãe e da avó materna, a Boura, também «se ouve dizer que tinha algua rassa de judeu» já não se sabe a quem, «nem porque linha de geração a tinha» ([31]). Seu pai, Luís Fernandes Escaramenta, passa a segundas núpcias, em Azurara, a 10.1.1604, com Luísa Francisca Monteira, a abadessa ([32]), viúva de António Luís Car-

---

a Siza da Renda do Vinho por 3 anos. «Contrato entre Fr.co Jorge Mendes, João Lopes e outros» (L° 12-3-3). A 10.5.1625 estando a Câmara em vereação nas eleições para sargentos, Diogo de Bouro obtem 9 votos. L° das vereações da Câmara. Arq. Mun. A. Pimenta.

([30]) No Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, existe um volume manuscrito do *«Nobiliário»* do Padre Torcato Peixoto de Azevedo, escrito em 1704 segundo nota do Dr. José de Sousa Machado. Tem este nobiliário os seguintes títulos: Ataydes, Alcoforados (ilustrado com as armas), Alvarengas, Barros, Britos, Camões (com o brasão pintado), Carvalho, Coutinhos (tem as armas), Castilhos, Figueiras, Freyres (ilustrado com brasão), Guedes, Loureiros, Malafayas (com as armas), Mendonças Furtado e Seabras.

No tit° de Barros, cap. 2.°, é citado Diogo de Bouro: «...f° de Diogo de Bouro como se vê na descendência de Marcos Fernandes no Cap. I n° 4». Ignoro onde se encontram, se é que ainda existem, os outros volumes do *«Nobiliário»*.

([31]) O texto entre aspas é copiado das diligências para a Habilitação do Santo Ofício de Frei António da Luz, Doutor Beneditino, filho de Diogo de Bouro. Lê-se no fecho da habilitação: «vi estas diligencias do Padre Dr. Frei António da Luz, Religioso da Ordem de São Bento, e pelo que dizem duas testemunhas fl. 25 v° e fl. 27 o não julgo por habilitado para servir no Santo Ofício, em rasão de ter parte de Christão Novo por via paterna. Lisboa, 8 de Março de 1677». Torre do Tombo, Hab. do Santo Ofício n° 198, Dil. 2965. Valiosa informação, entre outras, do insigne genealogista Ex.mo Sr. Dr. Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas. A cópia da habilitação foi-me amavelmente enviada pelo Exmo. Sr. Dr. José Pereira da Costa. Dig.mo Director do Arq. Nacional da Torre do Tombo.

Julgo que Frei António da Luz é o que o P.e Caldas cita a pag. 216 no *«Guimarães»*: — «Frei António da Luz foi monge de S. Bento e lente na universidade de Coimbra, donde El-Rei Dom Pedro II o quiz elevar à dignidade de bispo d'Angola, que nunca aceitou. Era tão douto e tão virtuoso, que o nosso vimaranense Frei Raphael de Jesus no tomo VII da «Monarchia Lusitana» chama-lhe luz sem sombras da familia beneditina.»

([32]) in *«Azurara-subsidios para a sua monografia»* por Bertino Daciano Guimarães, Engénio de Andrea da Cunha e Freitas e P.e Serafim Gonçalves das Neves, pag. 245.

Luís Fernandes Escarmenta † com testamento a 23.5.1629. M 1 S.

neiro, piloto de Vila do Conde, morador em Azurara. Com uma das filhas do primeiro casamento de sua madrasta, Inácia Monteira, casa Diogo de Bouro. Nas toscas pedras das Granjas dos Pombais sente-se, com Inácia Monteiro, a beleza do sol a descer devagar nas águas tranquilas do mar e a sua fé forte de filha e neta de mareantes ([33]).

Separa-as o Rio Ave. Dum lado Azurara, do outro Vila do Conde, tão linda. Entram navios, gritam vozes fortes do alto dos mastros. Reza-se às Senhoras da Guia, dos Navegantes, do Socorro, da Boa Viagem. Passeiam-se graves os mestres dos galeões, os pilotos mores da Carreira da Índia, dos Mares da China, do Japão. Capitães, marinhagem, pilotos da barra. Correm rapazes, vivos, mexidos como a maré. Balouçam barcos. Nascem aí as histórias contadas por Inácia Monteira a seus filhos ([34]).

Seb°. Era irmão de Dona Margarida Vieira, m.er de Geraldo Aranha de Vasconcelos, m.or no Toural (L° do Tab. João Bertoles (10-2-6)), do Padre Diogo Vieira, vigário de Urgêses, Eugénia Vieira, freira professa, e do Lic.do Estevão Fernandes Vieira × com Angela de Sampayo. «Quitação q fez o padre Diogo Vieira a seu irmão o Lic.do Estevão Frz Vieira». Tab. Fr.co Peixoto de Carv° (12-3-16f).

([33]) Era filha de António Luis Carneiro, piloto de Vila do Conde, morador na Rua do Porto, em Azurara, e de sua m.er Luisa Francisca Monteiro, recebidos a 6.11.1583 (in «*Azurara*», l° citado na nota anterior), neta pat. de outro António Luis Carneiro e de sua m.er Justa de Barros Fernandes (f.a de Gonçalo Fernandes e de sua m.er Isabel Pires, estalajeiros em Vila do Conde, v. «*Um caderno de Cristãos-novos de Barcelos*» de Luis de Bivar Guerra, & 9 Mata Setes, pag. 76), in «*Nobiliário*» de F. Gayo, Tomo IX, Carneiros & 39 n 3, e neta mat. de Francisco Gonçalves Monteiro, o Frade, Piloto, Provedor da Misericórdia de Azurara, Padroeiro da Capela Mor do Convento dos Capuchos da mesma vila, e de sua m.er Maria Pires, in «*Azurara*» pag. 243. Como se vê neste último volume a família de Inácia Monteiro era toda de gente do mar.

Inácia Monteiro, ao casar, ainda não recebera a legítima que lhe coubera por morte do pai. Entrega-a seu irmão Francisco Monteiro de Barros a 9.4.1619 em Silvares, na Q.ta do Paço e recebe em troca 29$000 para tomar o Hábito de São Bento. Tab. António de Andrade (22-1-3).

([34]) Foram seus filhos: Inácio Vieira Coelho, suc.: Frei António da Luz, Doutor Beneditino; Isabel, B. a 2.7.1620; João B. 22-11-1621; Maria, B. a 9.3.1624; Serafina Monteiro de Barros, B. a 22-11-1625 m.er do capitão José Gomes Ramos s. g.; Diogo, B. a 5.12.1626; Jerónima, B. a 3.4.1628; Maria Ana Monteiro, b. a 6.12.1629; provavelmente † solt.a, todos nascidos em Guimarães, freg.a de S. Seb° M 2. Baptisados em Creixomil: (nota 28) Jacinto e o Padre Diogo Monteiro de Carvalho. Suponho que muitos destes filhos de Diogo de Bouro † meninos.

Jacinto e Diogo são pequenos demais, não as entendem. António, Inácio, Serafina, Maria Ana ouvem-nas encantados. São contos rendilhados pela espuma das águas, entoados pelos ventos do mar.

Entra a doença em casa. Com ela a morte. A 16.3.1633 falece Inácia Monteira «mulher de Diogo de Bouro». Quinze dias depois, a 30 de Março «Diogo de Bouro marido da sobredita Inácio Monteira», a 9 de Setembro «Madalena escrava de Luísa francisca sogra do dito Diogo de Bouro» ([35]). Quem olha pelos órfãos de Diogo de Bouro? Uma irmã de Inácia Monteiro, Justa de Barros Carneiro, vem residir para os Pombais. Logo casa a 8.5.1634, na igreja de Creixomil, com Rafael Carneiro, prestes a embarcar para Angola ([36]). João Pinto Escaramenta, irmão de Diogo de Bouro, e sua mulher Paula de Carvalho, criam, pelo menos, o mais novo «e lhe tem muito amor» ([37]). Vende-se o casal da Subcarreira a Jerónimo de Sequeira de Castro e sua esposa Feliciana de Queiroz ([38]). Crescem os filhos de Diogo de Bouro. Vamos encontrá-los, passados anos, na quinta do Paço, em Silvares, morada do tio João Pinto Escaramenta. Serafina Monteira, Maria Ana Monteira e Diogo Monteiro de Carvalho,

---

([35]) M 2 Creixomil.

([36]) No assento de casamento, Rafael Carneiro vem como filho legítimo de Tomé Gonçalves e m.er Isabel de Faria. Tiveram geração. *«Nobiliário»* de Felgueiras Gayo, Tomo IX Carneiros, & 49 onde lhe é dada outra filiação. Transcrição de parte de um documento feito na Q.ta do Paço, em Silvares, a 30.11.1634. Diz Justa de Barros Monteiro: «... seu marido Rafael Carneiro se embarcava para as p.tes de angolla e sendo caso que noso Srnor que para si seja servido que o dito seu marido se falessa nas ditas p.tes de angola ou em outra qualquer parte deste Reino fazia seus procuradores em primeiro lugar os proc. que o dito seu marido tinha no Reino de Angola ou Indias de Castella, o capitão João de Gouveia no Reino de Angolla e ao capitão fr.co glz pimenta Luis glz bravo e Capitão Vicente Velho da Silva e aos mais irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Angolla para arrecadar todo o dinheiro e fazenda que se achar por morte do dito seu marido tudo quanto arrecadarem poderão remeter a Cartagena p.tes das indias de castella a casa e poder de m.el da fonsequa anrriques ou bras de... pinto toda a sua fazenda ouro prata escravaria ou armasão». Tab. Pero Novaes Soares (22-1-18), pag. 35v°.

([37]) «Património que fazem Jm° Pinto e sua m.er paula de carvalho a seu sobrinho Diogo Vieira», a 25.5.1660. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-55), pag. 61v°.

([38]) v. nota 18.

futuro abade de Golães, encarregam o tio materno, Jácome Carneiro de Barros, e o capitão Manuel Caminha «de lhes venderem as casas que ficaram de seus pais na villa de Azurar na rua do porto della pello presso que lhes parecer admitindo q dumas lembranças de Diogo de Bouro constava q as ditas casas valeriam cento e quarenta mil reis»; e tudo entreguem ao Juiz de Orfãos de Guimarães «para satisfazer o gasto que se fez ao tempo q se meteo religioso o Rev.do frey António irmam delles constituintes» (39).

Segue o destino, a traçar as vidas dos órfãos dos Pombais. Só casam dois: «a sr.ª Serafina Monteira» com o capitão José Gomes Ramos, «o sr.or inácio vieira» com Antónia de Faria, filha natural de Torcato de Barros de Faria (40). Serafina Monteiro não tem filhos, dedica-se aos sobrinhos (41). A 12.4.1702 vem moribunda de Silvares para Guimarães; devagar, com mil cuidados, e «chegar a esta vila e freg.ª quase morta» (42) receber a extrema-unção e entregar a alma a Deus. Inácio Vieira Coelho vive na sua quinta dos Pombais e no Toural em casa do capitão Bento de Freitas «p.ª remir a dita propriedade e pagar a seus Irmãos e Irmãs o q por ella lhes pertencia tem necessidade de c.tº e des mil reis em dinheiro e por lhe ser de maior utilidade tomallos a reditos que desfazerse de p.te da dita propriedade» pede emprestado a juros, e a este empréstimo «obriga

---

(39) «Pr.çam de Serafina Monteiro e seus Irmãos e Irmãs», a 28.11.1647. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-44), pag. 157v°.

(40) Torcato de Barros de Faria descendia em varonia de «Nuno Fernandes de Barros Sr. do Prestimo de Purozellos por m.cê del Rey Dom P. e confirmado por El-Rey Dom Fernando no anno de 1405» e foi casado com Dona Margarida Machado de Miranda, sr.a da Casa da Mogada, em S. Clemente do Sande, de quem não teve geração. «*Nobiliário*» do P.e Peixoto citado na nota 30. Foi o autor de um volume manuscrito: «*Livro-geneológico-segredos*». Teve dois filhos naturais que reconheceu, a mulher de Inácio Vieira Coelho e João de Barros de Faria, suc. nas casas de seu Pai e Madrasta, × c.g. Esta ilustre familia é hoje representada pelo Dr. Guilherme de Barros e Vasconcelos, * 28.12.1902, Lic.do em direito, advogado, Delegado, Inspector dos Tribunais do Instituto Nacional do Trabalho e Providência, etc. × com Dona Palmira Henriqueta de Carvalho Saraiva, c. g.

(41) «Doaçam q faz Serafina montrº de Barros v.a moradora na sua q.ta do Paço, Silvares a seu sobrinho o lic.do Jacinto Vieira de Barros em 1685». Tab. Fr.co Mendes de Alvarenga (22-1-48).

(42) Ob. 1 Olv.ª Foram seus herdeiros os sobrinhos, o lic.do Jacinto Vieira de Barros e sua m.er.

sua pessoa e todos os seus bens especialmente esta propriedade dos pombais» (43). Nela se extingue a sua curta vida, a 25.1.1657 (44). Deixa seis filhos, todos menores (45). O sucessor da casa, o Lic.do Jacinto Vieira de Barros de Vasconcelos, Fidalgo da Casa Real, Senhor da Casa do Paço, em Silvares, casará com sua parenta Dona Luísa Pacheco Monteiro, senhora dos três Morgados dos Monteiros de Azurara. Virá a sua descendência até aos nossos dias (46). Partiram-se as amarras da família de Diogo de Bouro com as Granjas dos Pombaes.

Quatro anos depois da morte de Inácio Vieira vamos en-

---

(43) Foi a 15.7.1652 Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-48).

(44) «Foi a enterrar à vila à Misericordia foi acompanhado das Irmandades da misericórdia de S. D.os e frades de S. Fr.co mandarão-lhe Dizer missas gerais foram seus herdeiros obrigados a lhe fazerem o bem d'alma na freg.a sua m.er lhe mandou fazer o primeiro oficio de nove liçois com des padres e de oferta des Pais e dous vacalhaus e meo almude de vinho verde». M 3 Creixomil. Antónia de Faria de Barros † a 10.1.1703 na Rua dos Fornos, Ob. 1 Olv.a.

(45) Foram, Dona Margarida Monteiro de Barros, B. a 15.1.1647; «Briatis», B. 28.2.1648; Frei João do Monte, B. 16.1.1650; Dona Benta Vieira de Barros, B. a 22.3.1651 (M 2 Creixomil); o Lic.do Jacinto Vieira de Barros, b. a 17.8.1653 e Jerónimo de Barros, b. a. 6.2.1653 (M 3).

(46) O Lic.do Jacinto Vieira de Barros, sr. da Casa do Paço, em Silvares, Fid. da C. R., × a 6.6.1689 em Azurara, Vila do Conde, com sua parenta Dona Luisa Pacheco Monteiro († em Guimarães, na Rua dos Fornos, a 28.9.1708, Ob. 1 Olv.a), Herd. de 3 Morgadios em Azurara. Tiveram: Inácio Vieira de Barros, Dona Benta Escolástica Monteiro de Vasconcelos e Dona Maria da Natividade Monteiro, m.er de Simão Gomes de Azevedo. Inácio Vieira de Barros viveu em Azurara, onde † com 30 anos, × com Dona Maria Teresa Abranches Leitão, deixando dois filhos: Dona Quitéria e António José de Sousa Monteiro e Vasconcelos, * em 1721, suc. da Casa, In Azurara pag.s 238 e 239.

Dona Benta Escolástica Monteiro de Vasconcelos x em Azurara com Veríssimo Pereira da Assunção, Tab. de Notas. Foi sua filha Dona Mónica Escolástica de Vasconcelos Monteiro de Barros e Almada que mandou construir a casa do Sub-Mosteiro, em Vila do Conde, e herdou os vínculos de seus maiores. Casou esta senhora com Paulo José de Lima, Cav.º Prof. na O. de Cristo, sr. da Casa vinculada de St.a Catarina. Representa hoje esta ilustre familia o Eng.º João de Vasconcelos da Costa e Melo, * em 1902 × com Dona Maria Madalena de Macedo Pinto, c. g., 4º neto por legítima varonia de Paulo José de Lima e sua m.er. Vid. *«Ultimas Gerações»* de José de Sousa Machado, *«Anuário da Nobreza de Portugal», II* — Vasconcelos Sousa Castro e Melo, *«Nobres Casas de Portugal»*, de António Lambert Pereira da Silva, vol. II: Casa do Sub-Mosteiro, Vila do Conde.

contrar a Maria Camela na sua quinta da Granja dos Pombais, «que pessue por arrematação». Encontramos, também, a Manuel António, já viúvo, outra vez senhor, por o ter comprado, do Campo de Cima, terra que foi de Diogo de Bouro ([47]). Em vida de sua mulher, Ana Mendes Camela, ajudaram-no os primos. João Camelo, Maria Camela, Roque Camelo, Helena Camelo emprestaram-lhe, ao correr dos anos, duzentos e oito mil reis para remir as medidas da Subcarreira, trinta mil reis para satisfazer a renda de São Jorge da Sé de Braga. Pagaram-lhe as dívidas que tinha ao Prebendeiro do Cabido, aos herdeiros de Francisco Gonçalves de Passos, a Francisco Jorge Mendes, ao Prebendeiro João de Faria. Receberam em hipotecas algumas das suas terras. E até «coatro mil reis para os enterros de sua mulher anna camella» fazem parte das muitas obrigações de Manuel António a seus primos ([48]). Morreu Ana Mendes Camela a 28.4.1648 ([49]). Agora, 1661, de volta às Granjas dos Pombais está Manuel António, mais uma vez senhor dos antigos casais de sua mulher.

Maria Camela, a donzela, conta as peças de oiro e prata para o bragal de sua sobrinha, Ana Camela de Araújo. Dá-lhe bastante dinheiro, perdoa as dívidas de Manuel António, pai da noiva. Recebe a esposada, doados por seu pai, a Ribeira, a Subcarreira, a propriedade de Propinhanços, os campos da Rufina, do Pinheiro, o de Pombais de Cima «pertenssa desta quinta dos Pombais que foram pertensas de Diogo de Bouro» ([50]). Manuel António e Maria Camela, na Granja dos Pombais e com o favor de Deus, consertam, contentes, o casamento de sua filha e sobrinha, Ana Camela de Araújo, com Paulo da Silva de Freitas, sobrinho do capitão Bento de Freitas ([51]). Nas veigas de Crei-

---

([47]) «Dote q fazem M.el António e M.a Camella a sua filha e sobrinha Anna Camella com Paulo da Silva de Freitas», a 21.1.1661. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-55) pag. 110.

([48]) Nota 27.

([49]) Morreu sem testamento. Foi a enterrar à Igreja de São Domingos, em Guimarães, por ser irmã do Rosário. Deu seu marido 6 razas de pão pelo obradório e 2 tostões de oferta e mandou-lhe fazer três ofícios de 3 lições com 5 padres. M 2 Creixomil, pag. 16 dos Defuntos.

([50]) Nota 47.

([51]) Paulo da Silva de Freitas foi Infanção da Vila de Guimarães, embarcou em novo para as Indias de Castela, gastando seu pai com esse embarque cem mil reis. Era f° leg. de Estácio de Freitas, da Governança da Vila, m.or

xomil, brincam, alegres, os sons dos sinos; despertam os campos para a primavera a chagar.

Estende Maria Camela a mão sobre os Evangelhos. Jura bem e verdadeiramente dizer tudo quanto pertence ao seu casal dos Pombais, chamado as Granjas. «*Hua casa de pedra com a fronteira p.ª a estrada cõ tres janellas e duas camaras e cozinha e outra camera na mesma cozinha com mais outra salla com duas cameras todas de pedra e repart.mtos de tijollo q são casas novas q se fizerão tem hua ginella p.ª o norte outra p.ª o sul outra p.ª o poente tem mais pera a parte do sul huma varanda he junto della hua larangeira hua adegua debaixo das casas novas e outras mais logeas nas casas e mais hua Camera pegada na varanda com seus Rexios q servem de serventia todos tapados de parede cõ hũa porta no meio do muro e tem hua Latada cõ seus esteios de pedra por traz da casa da cosinha a qual tem hua escada de pedra q vai para o mesmo rexio tudo tapado taobem pella parte da estrada q vai p.ª a codeceira de muro com sua porta fronha e diante da Latada está hum posso e tres casas terreas de perpianho e outra casa q serve de Curral p.ª a estrada q p.ª o norte tem tres portas e para dentro da fazenda duas portas*». São assim as Granjas dos Pombais em 11.12.1662 ([52]). Assim ficarão por mais cinquenta anos.

Há mais «*outras duas moradas de casas terreas q servem de palheiros tem porta p.ª a estrada e parte e todas as partes*

---

no Toural (irmão ou primo co-irmão do capitão Bento de Freitas, pois este em seu testamento trata seus filhos por sobrinhos, v. Q.ta do Paço, Creixomil) e de sua m.er Ana da Silva. Foram seus irmãos o Padre Diogo de Freitas, clérigo de missa, com o qual gastou o pai «mais de tresentos mil reis para o Livrar de crimes muito graves» e que é desherdado «pelas suas muitas desobediências e descortezias». «Cópia dos testam.tos de estassio de fr.tas e de sua m.er Ana da Silva e de sua filha damazia de freitas do Toural desta Villa». Tab. D.os da Cunha (12-4-32). Margarida de Freitas † solt.a a 19.9.1682; Luisa da Silva † solt.a a 4.2.1680 e Damázia de Freitas tambem † solt.a a 24.1.1675 (M 3 S. Seb°), deixando por herdeiros de todos os seus bens os Padres da Coraria. «Contrato de doassam e nomeassam q fazem Marg. da de fr tas e sua Irmãa Luisa da Silva filhas de estácio de freitas m.ores no toural com o R.do p.e prior e mais p.es da choraria desta vila». a 23.1.1668. Tab. Jorge Lobato da Cruz (12-3-59).

([52]) «Vedoria do Casal dos Pombais e por outro nome as Granjas arrabalde desta villa de G.es e freg.a de São Miguel de Creixomil feito a M.a Camella donzella», a 11.12.1662. L° de Vedorias do Cabido de 15.1.1657 a 18.2.1669 (2-2-3) pag. 89v°. Arq. Mun. A. Pimenta.

com terras do Cabido q são de Dona Ana da Silva», destas casas *«vay hu Lanço de Latada athe ao principio do Campo»*. Entramos nos campos, não cansa, a vista alcança-os bem. Medem desde *«o posso q esta debaixo das latas athe ao mato do pomar da Rib.r[a] fazenda de Paulo da Silva de Freitas»* duzentos e trinta e cinco varas. Têm valo, têm mato, uma laranjeira, um pinheiro, hortas, pomar, «uveiras por todas as partes». Não chegamos até aos montados; são ali no monte de sobre Selho. Há também devezas. Ficamos por aqui, nesta quinta das Granjas, que confronta com o Campo de Cima, já de Ana Camelo de Araújo ([53]), e com a estrada que vai para a Codeceira.

«Aos dois de abril de mil seicentos e sesenta e oito falece Manoel Antonio viuvo morador nos Pombais de morte apressada e de repente estava confessado de pouquo foi a enterrar à vila. Deo sua filha anna camella...» ([54]). Em nome de Deus, amem. Maria Camela, a donzela, dôa a sua quinta da Granja dos Pombais, com seu Privilégio das Tábuas Vermelhas, a Ana Camela de Araújo e marido, Paulo da Silva de Freitas. Faz as suas disposições. «Comera em vida» todos os frutos destes verdes campos. Por morte dos doados, irão as Granjas dos Pombais para outro sobrinho: Francisco de Araújo, residente no Porto, se desde já entregar a Ana Camela de Araújo e a seu marido quarenta mil reis para ajuda dos legados que ela, Maria Camela deixar ([55]). Em nome de Deus, amem. A 15.4.1676 morre *«Maria Camella solteira moradora nos Pombais fez manda e codecilio a sua sobrinha anna camella deixou a fazenda dos pombais e como testamenteiros Paulo da Silva e a Belchior Pinto»* ([56]). o Senhor chama a Si, a 19.11.1678, *«Ana Camella mulher de*

([53]) «Vedoria do Campo chamado de Cima q sahio do Casal dos Pombais da freg.a de São Miguel de Creixomil do termo desta villa ft.° a Anna Camello de araujo molher de paulo da silva de freitas», mesmo L° citado na nota anterior, pag. 91.

([54]) M 4 Creixomil, pag. 58v°.

([55]) «Doasão que faz m.a Camella donzella a sua sobrinha Anna Camella de Araujo e seu marido paulo da Silva de freitas», a 25.2.1671. Tab. André Lopes (14-1-9), pag. 107v°. No mesmo livro a pag.s 106v° e 114, Maria Camela faz mais doações: ao cunhado de sua irmã Helena, Belchior Pinto, mercador, (nota 19) dôa a Q.ta das Aldeias, freg.ª de Urgêses, que herdara dessa sua irmã, e a Bouça da Vigia, situada no Monte da Forca, também em Urgêzes.

([56]) M 4 Creixomil.

Paulo da Silva dos Pombais fez manda o marido é o erdeiro» [57]. Em nome de Deus, amem.

Em 1684 estão vagas as vidas do *«Campo que chamam das Granjas do casal dos Pombais sito na freg.ª de São Miguel de Creixomil q era de natureza de prazo de vidas ... e pertencia sua renovação a fr.co de araujo* [58] *solteiro e mercador morador na cidade do Porto por elle aver este campo por titullo de compra da mão de paullo da silva de freitas marido e erdr.º q foi de Anna Camella q forão os pessuidores delle»* [59]. Do Porto arrenda

---

[57] Mesmo l.º nota anterior, pag. 55.

[58] Francisco de Araujo * na freg.ª de Requião, Famalicão, e foi B. a 11.9.1643, fº de Francisco Simões e de sua m.er Maria Gonçalves, M. 1 Requião, Bib. Pub. e Arq. Dist. de Braga. Seu pai era nat. da Aldeia do Moínho, freg.a de St.a Marinha do Vale, e fº de Simão Pires, nat. da Aldeia do Pedreiro, e de sua m.er Isabel Antónia; sua mãe era f.a de Aleixo Gonçalves, da Aldeia de Azeiveiro, freg.a de St.a Maria do Telhado, e de sua m.er Catarina Francisca, nat. de Requião, todos lavradores. Hab. do Santo Ofício de Francisco de Araújo, M 13, nº 422. Arq. Nac. da Torre do Tombo.

Nos mistos 1 das freg as de Requião e S. Martinho do Vale, Famalicão. (Procurei na *«Corografia Portuguesa»* e no *«Portugal Antigo e Moderno»* e não encontrei nenhuma freg.ª de St.a Marinha do Vale), não vêm os assentos de casamentos dos avós de Francisco de Araujo, naturalmente por serem em datas anteriores ao princípio destes livros. Assim desconheço o nome de seus bisavós. Como M.a Camela no documento citado na nota 55 diz: «... e em terceira vida nomeara a fr.co de araujo sobrinho della doadora e morador na cidade do porto a quem faz tambémdoação da dita q.ta deles doados Anna camella de araujo e marido sendo q o dito seu sobrinho fique atraz delles», julgo que seria prima co-irmã do pai ou da mãe de Francisco de Araújo; mas sem os dados que me faltam nada posso afirmar. Há também a hipotese remota, mas existente, de se tratarem de duas pessoas diferentes: um Francisco de Araújo, sobrinho de Ana Camela, que apenas aparece neste documento; outro com o mesmo nome, também mercador e vivendo no Porto, e que foi o senhor das Granjas dos Pombais.

[59] «Prazo do Campo das Granjas por outro nome o Campo de sima dos Pombais na freg.a de São Miguel de Creixomil feito a Fr.co de Araujo, mercador no Porto», a 20.5.1684. Tab. D.os da Cunha (Prazos do Cabido) pag. 144vº. (12-4-39). Arq. Mun. A. Pimenta.

Francisco de Araujo também comprou a Paulo da Silva de Freitas por 200$000 «o casal da Sobre Carreira por outro nome da Ribeira e os campos da Rufina do Pinheiro e dos Franguinhos». «Registro do Alvará porque a Princeza nossa Senhora fez M.cê dar Licença e consentimento à compra q fes Fran.co de Araujo da Cidade do Porto a Paullo da Silva de fr.tas desta villa dos Cazais da Ribeira e o mais declarado em S. Miguel de Creixomil», a 9.12.1681. Lº de Prazos do Cabido (18-3-11). Arq. Mun. A. Pimenta.

Francisco de Araújo o Campo da Rufina, o «*que do sul parte com a estrada q vay para a ponte de serves e villa do conde*» ([60]). Todas as terras dos Camelos são agora de Francisco de Araújo.

Deixemos por agora as Granjas. Vamos até ao Porto, bairro da Sé. Da sua casa, na Rua das Aldas, sai Francisco de Araujo, mercador. Ao passar debaixo do Arco de Sant'Ana descobre-se perante as imagens da Virgem, de Santa Ana, do Menino. Tremelica a lamparina de azeite, alumiada dia e noite. Esgueira-se o sol pelo casario apertado, subindo a encosta, rumo à Sé. Há escadinhas, há fontes, há pátios e nichos. Rua das Aldas, estreita, toda torta a cheirar a gente, a animais, a pedra lavada, a águas sujas, cortada de becos, de risos, de vida, sombreada de mortos, de interrogações, marcada pelo tempo. Passam senhoras de cadeirinha, graves mulheres de mantilha. Dormitam velhos às portas. Francisco de Araújo vai alegre e contente. Esta é a sua cidade onde é conhecido, onde é respeitado.

Casara Maria Francisca, irmã de Francisco de Araújo, na igreja de São Silvestre de Requião a 9.1.1666 com António Monteiro, do lugar de Escuibó dessa mesma freguesia ([61]). Foram seus filhos morar para casa do tio, na Rua das Aldas, no Porto. Cresceram, constituiram família. Desponta o século XVIII. É domingo. No Largo da Sé passeiam-se os sobrinhos de Francisco de Araújo.

— «Façam favor, detenham-se um instantinho»! —

Pára José Monteiro de Araújo, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício, cidadão do Porto; param sua mulher e seus filhos ([62]). Custódia Monteiro e ma-

---

([60]) «Arrendam.t° que faz fr.co de araujo do porto a João Fr.co e sua m.er de são miguel de creixomil», a 12.9.1690. Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-2-68), pag. 63.

([61]) M 2 de S. Silvestre de Requião, Arq. Dist. de Braga. António Monteiro é f.° de Domingos Fernandes e de sua m.er Angela Monteiro, do lugar de Escuibó da mesma freg.a, recebidos a 3.3.1616 (M 1 Requião), neto pat. de António Fernandes e Isabel Gonçalves. Neste assento não consta os nomes dos avós maternos.

([62]) Francisca Xavier de Sampayo, m.er de José Monteiro de Araujo, era f.a de João Ribeiro de Campos, cidadão do Porto, e de sua m.er Maria Baptista de Sampayo, neta pat. de Damaso Ribeiro e m.er Maria Gonçalves, e neta mat. de André Dias, cidadão do Porto, e m.er Marinha de Sampayo. Era irmã do Dr. Crispiniano Ribeiro de Sampayo, abade de Capelos e da Igreja de São João Baptista da Raiva; de Frei António de São Paulo,

rido, Domingos Alvares da Cunha, Familiar do Santo Ofício, interrompem a ida para a sua quinta de Campanhã; atraz dos pais, meio escondidas, Mariana e Josefa, prestes a entrarem para o Convento de Santa Clara. Eugénia Maria Monteiro e esposo, Miguel de Almeida, cidadão do Porto, estacam, surpresos. Também fica quieta Mariana Monteiro de Araújo, recebida na Sé do Porto a 6.2.1700 com Manuel Correa de Afonseca ([63])...

— «Obrigada! Podem seguir o vosso passeio de gente séria, de senhoras de olhos baixos, crianças piedosas, de homens circunspectos, fitas das irmandades ao peito, veneras nas casacas, de burgueses do velho Porto» —.

Agora debruçam-se curiosos sobre o testamento de Francisco de Araújo, falecido a 5 de Agosto de 1708 ([64]). Dotadas pelo tio, ao casarem, nada tem a receber as sobrinhas; a José Monteiro de Araújo deixa um prato grande de prata com seu jarro, a sua insígnia de Familiar com o cordão «que sempre valerá 40.000 reis» e mil cruzados para comprar livros «para meu afilhado Jerónimo». A Ribeira de Creixomil, as Granjas dos Pombais já estão dadas, desde a boda, a Mariana Monteiro de Araújo. O resto, o grosso da fortuna de Francisco de Araú-

---

religioso de São D.os, e de Joana do Deserto, religiosa de St.a Clara. — Apontamentos tirados de uns manuscritos oferecidos ao Arq. Mun. de Guimarães pelo Sr. Armando Paul, um dos herdeiros do Dr. João de Freitas, referentes às questões havidas entre a familia Navarro de Andrade e os Viscondes da Azenha sobre a herança de Dona Ana Margarida dos Guimarães Golias.

José Monteiro de Araujo e sua m.er tiveram: Jerónimo, Francisco (ambos sem estado em 1710), Francisca Josefa de Sampayo, freira de St.a Clara no Porto, e Dona Joana Josefa Raimunda de Sampayo × com Francisco da Costa de Mesquita, s.r. da Casa das Lamelas em Guimarães. Deste casamento nasceram Dona Ana Margarida dos Guimarães Golias, adm. do Morgado dos Golias em Guimarães (v. «Casa da Covilhã», Fermentões) e Dona Guiomar Antónia, m.er de António Machado de Miranda, c. g. ext.ª.

([63]) M 4 Requião, pag. 107v°. O noivo é natural da freg.ª de St.ª Marinha de Paradela, Barcelos, a familia de sua mãe vem no *«Nobiliário»* de F. Gayo, Tomo XX, Mirandas & 46. Fiz a arvore geneológica que acompanha este estudo, com elementos tirados dos Mistos de Paradela e das Inquirições de Genere no Arq. Dist. de Braga na parte que se refere aos pais de Manuel Correa de Afonseca.

([64]) Ob. 2 da freg.ª da Sé, pag. 104v°. Arq. Dist.al do Porto.

jo, mercador, vai em herança para a Santa Casa da Misericórdia do Porto ([65]).

Em 1708 o «Casal dos Pombais e granjas» está quase como era em tempos de Maria Camela. Apenas as «duas moradas de casas terreas q dizia o prazo velho erão palheiros oje estão alagadas e não tem mais q as paredes» e estão vendidas a Pedro Ferreira da Cunha por «estarem misticas com seu eido» ([66]). Manuel Correa de Afonseca e Mariana Monteiro de Araújo, senhores das Granjas dos Pombais, pensam em obras. Contratam então, a 12.4.1713, com João Pinto de Sousa, mestre de Pedraria, morador em Guimarães, na Rua do Gado, para as dirigir: uma nova fachada nas mesmas casas dos Pombais. Nunca menos de «oito ofessiais» «em travalho aturado» empregará o mestre. Depressa, «sem dilassão» vai surgindo:

«*...uma fronteira de pedra de sessenta palmos de comprido com sua adentasão no meio pera duas sallas e na dt.ª fronteira na loge dois portais de entrada grandes e duas genellas de peitoril e por sima coatro portais de sacada com dois cunhais apilarados com seu ferro alquitrave e cornige e seus capiteis e vocas*». Aparecem mais «*tres portais de sacada feitos e aparilhados na mesma forma dos outros p.ª elle m.el correa os mandar assentar onde milhor lhe pareser*» e «*a parede q vay pella estrada p.ª a p.te da codeceira os brasos ó presso cada hua de des tostoins da pedra q esta na mesma parede de sorte q comdiga com a outra com seu feitio e alquitrave e cornige*». «*Tres palmos de alto asima da terra estão as soleiras dos portais das Lages e outrosim*» há «*mais a parede pela parte da orta da mesma casa igual e ao presso da que ha de fazer da p.te de pedro frr.ª*». Mandara Manuel Correa, à sua conta, abrir os «lisesios»; dará o mestre os «atrepairos». E a obra fica pronta! Feita «com voa Labrage como costuma» João Pinto de Sousa

---

([65]) O testamento de Francisco de Araujo foi aprovado a 31.5.1708 pelo Tab. Gonçalo Luís e encontra-se no Cartório da Santa Casa da Misericórdia do Porto. Elementos oferecidos pelo Ex.mo Sr. Dr. Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas.

([66]) «Prazo q fez o Rev.do Cabido do Casal dos Pombais e granjas sito na freg.ª de Sam Miguel de Creixomil feito a Manoel Correa da afonseca e a sua m.er Mariana Monteiro dafreg.a de Requião do termo de Barcellos», a 8.11.1708. Tab. Antº Fernandes (22-1-76), pag. 94vº. Arq. Mun. A. Pimenta.

«e feita toda na forma e maneira q estão feytas as casas de carllos Cardozo na Rua do Canno de Sima (67) assim em Labrage como em pronta na mesma forma sem diferenssa alguma». Por isso levão «as genellas por sima suas simalhas na forma das ditas casas do canno» (68). Vozes de homens animam os «carretos» de «pedra, de cal, de saibro, de barro». Ao ruído do trabalho insano, com o suor dos corpos dos «ofessiais» de mestre João Pinto, ergue-se a fachada da Granja dos Pombais.

Um Manuel, uma Mariana, duas Marias são os filhos que aparecem a Manuel Correa de Afonseca e a sua mulher Mariana Monteiro de Araújo nos assentos de baptismo do misto 4 de S. Silvestre de Requião (69). Uma das Marias, Dona Maria Luísa Correa de Afonseca, casa com José Bezerra de Abreu e Lima, Morgado de S. Gil de Perre, junto a Viana do Castelo; dos pais herda as Granjas dos Pombais, as casas de Paradela e de Requião. E a quinta em Creixomil, nascida na simplicidade das gerações dos campos, embalada pelos ventos de àlem-mar, firmada na sólida burguesia do Porto antigo, une-se às fidalgas linhagens da Ribeira Lima, entrançando-as mais uma vez com a paz da lavoura, com o bulício do mercadejar.

Sobre os Bezerras de S. Gil de Perre deixemo-nos guiar por Manuel Gomes de Lima Bezerra, autor de «Os Estrangeiros

---

(67) Esta casa era dos Cardosos da Arcela, ramo dos Cardosos do Cano, descendentes de Amador Gonçalves e de sua m.er Maria Pires moradores no Cano, em Guimarães, nos meados do sec. XVI. Dizem que Maria Pires era f.ª bastarda de Pero Cardoso do Amaral, instituidor do Morgado de Nespereira em 1538, sendo o apelido Cardoso ainda hoje usado por sua muito numerosa descendencia. Na carta d'armas de seu neto João Gomes Cardoso (in *Brasões Inéditos*, no Suplemento, pag. 22), Maria Pires vem como f.ª de Lançarote Pires e sua m.er Leonor Pires Cardoso, dos verdadeiros Pintos, Meiras e Cardosos. Actualmente encontra-se esta casa na posse do Ex.mo Sr. Dr. Alberto de Castro Sampayo Carneiro e Silva, Lic.do em Medicina.

(68) «Contrato de Manoel Correa da Fonseca m.or nos Pombais arrabalde desta villa com João Pinto de Sousa mestre de pedreiro m.or nesta villa», a 12.4.1713. Tab. José de Sousa (14-1-35), pag. 107. Foi esta obra ajustada em cento e noventa mil reis, fora os alicerces, a cal, o saibro e o barro que foram por conta de Manuel Correa.

(69) Maria, b. a 30.3.1704; Manuel, a 5.12.1706; Mariana, a 29.12.1710 e Maria, a 22.9.1712. Não sei qual destas Marias é D. Maria Luísa. O M 4 de Requião é o ultimo livro de assentos que desta freg.ª existe no Arq. Dist.al de Braga. Termina em 1725.

no Lima» ([70]), primo de José Bezerra de Abreu e Lima. «Esta casa de S. Gil foi vinculada por Pedro Nunes Bezerra no anno de 1594, e instituído em Morgado por Provisão Regia de 20 de Junho de 1595; e era filho de Heitor Nunes Bezerra, Administrador das Capellas do S. Crucifixo, e do Senhor Jesus dos Mareantes da Igreja Matriz de Vianna do Castelo, senhor também do prazo de Perre». Sua herdeira foi «D. Francisca Bezerra, Senhora do Morgado de S. Gil ... e casou à sua vontade com João Moreira de Figueiredo, Capitão de Infanteria e filho de Domingos Moreira, da Quinta de S. Christina em a Freguesia deste nome junto ao Convento Benedictino de S. Tyrso e de sua mulher Susana Fernandes da Casa do Paço em Vila Nova de Famalicão e tiverão entre outros, trez filhos varoens, a saber João Bezerra que foi o mais velho, que não casou. O segundo foi Manoel Bezerra de Mesquita, que por morte de seu irmão, foi Senhor da Torre, Casa e Quinta de S. Gil onde sempre viveu e deixou huma filha natural ([71]). O terceiro foi Luiz de Mesquita Bezerra, que nasceu em Meixêdo e foi Familiar do Santo O. da Inquisição» ([72]), casado com Dona Ana de Noronha Abreu e Lima,

---

([70]) *Os Estrangeiros no Lima ou conversações cruditas*, de Manoel Gomes de Lima Bezerra, Coimbra, na Real Officina da Universidade, MDCCLXXXV (1° Tomo) e MDCCLXXXVI (2° Tomo), pag. 121. Engana-se este autor dando como pai de Dona Francisca Bezerra a seu avô. Era filha de Francisco de Mesquita Bezerra e de sua mulher Dona Madalena Leite, e sucedeu no Morgadio de S. Gil de Perre por morte de seu irmão Luiz de Mesquita, já casada, indo então viver para Perre. Inq. da Génere de seu filho o Padre José de Mesquita Figueiroa, Letra J, ano de 1690-499. Arq. Dist. de Braga.

([71]) Foi Dona Rosa da Silva Bezerra, mulher de João Gomes de Lima, que tiveram: o autor de *Os estrangeiros no Lima* e a João António Bezerra de Lima, Professor Régio de Retórica na U. de Coimbra. Vid. *Os Estrangeiros no Lima, Nobiliário* de F. Gayo, tit. do Bezerras & 3 e & 13 e *«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»*, em Bezerra e Gomes de Lima.

([72]) Carta de Familiar de 3.9.1708, Maço 11, Dil. 270. Torre do Tombo. Seu pai, João Moreira de Figueiredo, foi preso em 29.9.1640, com o sequestro dos seus bens, denunciado por cristão novo, por seu primo o «capital inimigo» o abade de Meixedo, Rev.do P.e Alvaro da Silva. Em 1640, por sentença do Tribunal da Inquisição de Coimbra, foi declarado inocente, e o abade de Meixedo condenado a degredo para Angola. Provou-se que a fama de cristão novo lhe vinha por sua mãe Susana Fernandes de Figueiredo, da aldeia do Paço, Vila Nova de Famalicão, irmã do P.e António Dias. Herdou este sacerdote todos os bens duma sua paroquiana, cristã nova, nat. de Vila do Conde, daí a fama que se estendeu pela restante família. Pesquisa amàvelmente feita pelo Ex.mo Sr. Dr. Manuel Artur Norton.

da nobre Casa do Outeiro, em Ponte do Lima. São estes os pais do marido de Dona Maria Luísa Correa de Afonseca, senhora que a 7.2.1755 falece na sua Casa das Granjas dos Pombais ([73]).

José Bezerra de Abreu e Lima, viúvo de Dona Maria Luísa, reside, habitualmente, com os filhos, em Viana. A 11.6.1770 «na sua quinta dos Pombais extramuros desta villa» requere «a sua Magestade Fidelissima e a sua Santidade» a legitimação e a perfilhação de um filho natural ([74]). Por sua morte, cerca de 1780, fica «vago e dezemprazado e findas as vidas do Casal das Granjas e Pombais Priveligiado do número das tábuas Vermelhas hum dos dez descritos na Carta do Senhor Rey Dom Affonço Quinto e sito na freguesia de Sam Miguel de Creixomil». O direito da sua renovação pertence a Luís Bezerra de Noronha e Abreu de Lima, como filho mais velho de José Bezerra de Abreu e Lima, e de sua mulher Dona Maria Luísa Correa de Afonseca.

Nova vedoria é feita ao Casal das Granjas e Pombais a 29.5.1784. Luís Bezerra de Noronha e Abreu de Lima vem de Viana do Castelo mostrar «*hua casa de pedra com a fronteira p.ª a estrada que tem quatro janellas rasgadas sobre a estrada q vay para o miradouro divedidas em duas sallas e pera a parte do Norte tem tres janellas que cai sobre a estrada que vai para a Codeseira e pera a parte do Poente tem hua janella rasgada e outra de peituril adonde fica a cozinha que he de sobrado e da parte do mesmo poente tem hua outra salla que parte com a cozinha com seus quartos pello meyo e com hua baranda Ladrilhada com seus Limoeiros encostados as escadas e Larangeiras, e nesta casas por baixo tem seu Escritorio para a parte da Estrada publica q vay para a Villa com dous quartos com loges de serventias da mesma casa em que fica a adegua que tem huma porta para o poente e janella e outra porta para o norte e tem debaixo da Baranda que fica para o Poente trez casinhas e tem a mesma baranda escadas de pedra para hua porta que sai para a Estrada e tem da parte do Norte junto a Cosinha hum rexio com seu poso e suas Latadas com esteyos de pedra da banda das ortas com sua porta fronha junto as*

([73]) M 8 Creixomil. Neste livro vem tambem o óbito de Dona Antónia, filha de José Bezerra de Abreu e Lima, a 22.7.1759.

([74]) «Perfilhassam fez Joze Bezerra de Abreo e Lima a seu filho Francisco Bezerra de Abreo e Lima». Tab. D.os Fernandes (14-2-42), pag. 38v. Arq. Mun. A. Pimenta.

casas do caseyro que he cozinha caza de celleyro e corte as cortes colmadas e a caza de cozinha e selleyro de telha ...» [75]. Mostra também os campos e montados, pertenças deste casal, agora do novo Morgado de S. Gil de Perre.

Bezerra, Abreu, Noronha e Lima, apelidos do senhor da Casa, esquartelados num escudo. De difícil interpretação, lê-se o 1.º e o 2.º quartel, imagina-se o 3.º e o 4.º, adivinha-se o timbre [76].

---

[75] «Prazo que faz o Illmo Cabbº desta Villa a Luiz Bezerra de Abreo do Casal dos Pombais priveligiado das Taboas Vermelhas e sito na freg.a de São Miguel de Creixomil arrabaldes desta villa». Lº 38 dos Prazos do Cabido (A-2-1-41), pag. 192. Arq. Mun. A. Pimenta.

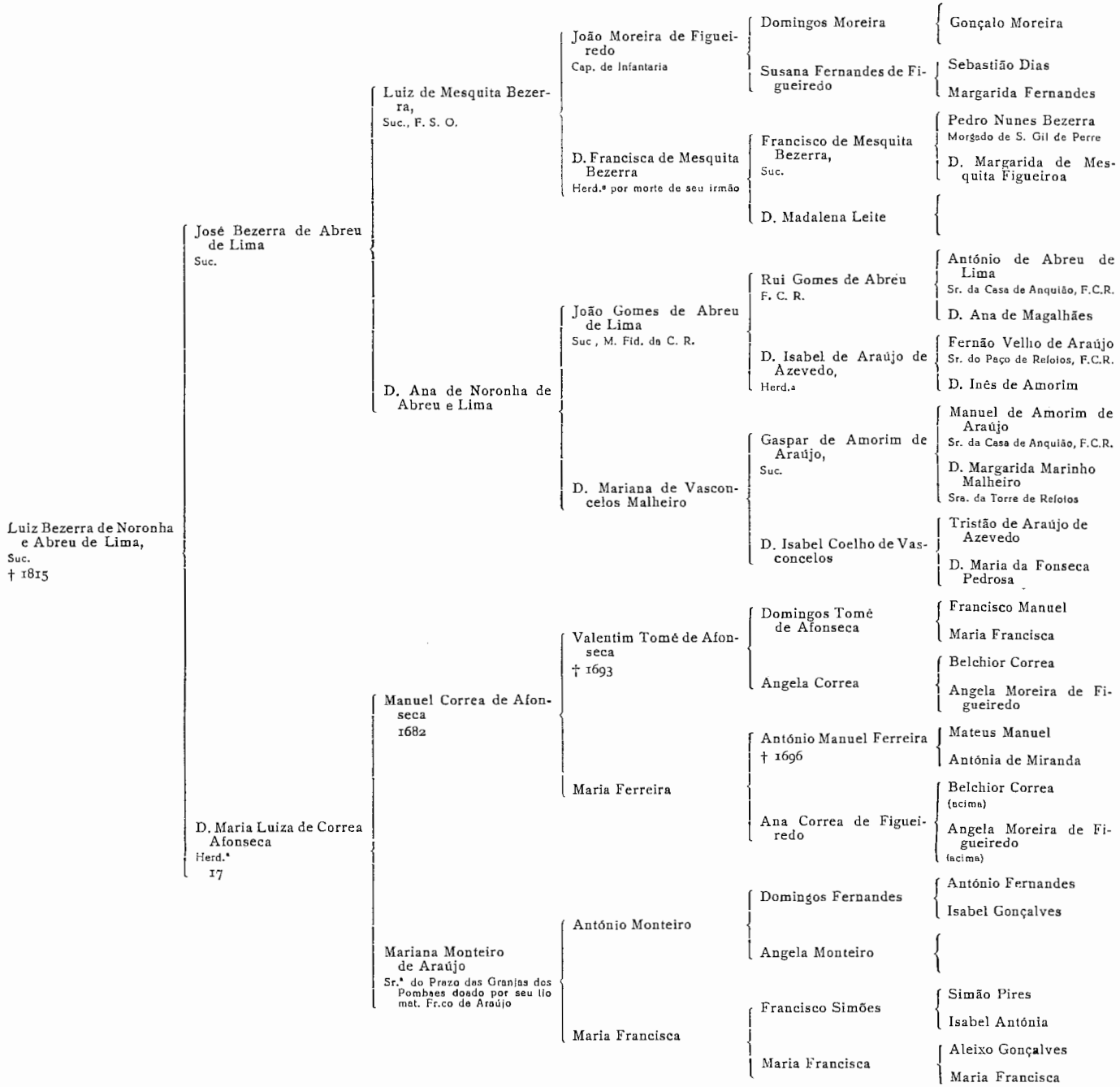
Lê-se neste documento: «... este prazo q antigamente foi emprazado a Gonçallo Annes sapateiro e morador na Rua dos Gatos feito aos vinte e nove dias do mes de Janeiro de mil hequinhentos he vinte he dous Tabaliam Manoel Gonçalves e depois se renovou ou emprazou a Gonçallo Gonçalves morador no mesmo casal dos Pombais aos vinte he hum dias do mes de Março do anno de mil he quinhentos he sesenta e sette Tabalião Manoel Gonçalves e depois ultimamente se fez prazo a Manoel Correya da Afonseca e a sua molher Marianna Monteyro de Araujo do dito casal dos Pombais e Granjas aos oito dias do mes de Novembro doannode mil setecentos he oito Tab. António Fernandes e também no anno de mil e seiscentos e oitenta he quatro e aos vinte dias do mes de Maio se fez prazo a Francisco de Araujo morador na cidade do Porto do campo das Granjas por outro nome o Campo de Sima dos Pombais ... e este prazo foi emprazado a quem se declara na vedoria com seu privilégio das Tabuas Vermelhas e pessuido que foi por Maria Camella e Francisco de Araujo e Manuel Correya de Afonseca e José Bezerra de Abreo e Lima ...».

[76] Diz sobre estas armas Armando de Matos nas *Pedras de Armas de Portugal*, pag. 208, fotografia nº 46: «— Época: sec. XVIII. — Lição Heraldica. — Classificação: heraldica de Familia; Composição: esquartelada; Leitura: Bezerra, Abreu, ...?. .....?. Elmo com timbre de Resende».

Julgo que Luís Bezerra de Noronha e Abreu de Lima quiz colocar na fachada desta casa as armas de seus apelidos. 1º Bezerras — De verde, com duas bezerras de ouro, uma sobre a outra. Timbre: uma bezerra do escudo. 2º Abreus: — De vermelho com cinco asas de ouro em sautor. Timbre: uma asa do escudo. 3º Noronhas — Esquartelado. o primeiro e o quarto de prata com cinco escudetes de azul em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes de campo, bordadura de vermelho, carregada de sete castelos de ouro e por diferença um tilete de negro sobreposto em banda; o segundo e o terceiro com um castelo de ouro, aberto, e iluminado e lavrado de azul, mantelado de prata com dois leões afrontados de purpura, armados e lampassados de vermelho, bordadura composta de ouro e veiros, de dezoito peças. Timbre: um leão do escudo, nascente. 4º Limas (antigos) — De ouro, com quatro palas de vermelho. vid «*Armorial Lusitano*».

Na fachada da Granja dos Pombais a forma do escudo é o boleado de

CASAL DOS POMBAES
A QUE CHAMAM GRANJAS



Paquife e elmo emprestam à fachada das Granjas dos Pombais um ar de nobreza, de gente d'algo. Armas mandadas colocar por Luís Bezerra de Noronha e Abreu de Lima, pedra a marcar o senhorio dos Bezerras de S. Gil de Perre em Creixomil. Na casa onde «solteiro sem ascendentes nem descendentes» acaba os seus dias a 23.12.1815 (77). Onde em vida rezou ao Senhor dos Passos, à Senhora do Rosário do Convento de S. Domingos de Guimarães, ao Senhor do Socorro, acima de Ponte do Lima, à Senhora das Necessidades da «Veira-Mar», à Senhora da Abadia «ao phe do Gerez», à Senhora do Amparo do Couto da Apulia. Onde distribuiu esmolas «aos entrevados, segos, alejados e viúvas pobres» da freguesia de Creixomil. Onde o serviram entre outros muitos «a minha criada Bernarda Manuela de Azevedo». Onde haviam duas meigas jumentas e cabras, alegres cabras que devoravam o verde dos campos e bouças. Onde dita o seu testamento, sem o poder escrever «por molestia de mãos tremolas», Luís Bezerra de Noronha e Abreu de Lima. Institue sua universal herdeira «minha Prima a Excelentíssima Donna Francisca Jacome do Lago Bezerra molher do Ilustrissimo Sebastião Correa de Sá da Cidade do Porto» (78). Entreabre para estas páginas um pouco das suas devoções, da sua vida e costumes.

Para encontrar o parentesco de Luís Bezerra de Noronha e Abreu de Lima com Dona Francisca Jacome do Lago Bezerra recuamos até Heitor Nunes Bezerra, administrador das capelas do Santo Crucifixo e do Senhor Jesus dos Mareantes em Viana, Senhor do Prazo de Perre. Como vimos, um dos seus filhos

---

bico com chefe de linhas concâvas. É esquartelado e embora sem as cores estarem representadas distingue-se bem o 1° e o 2° quartel. O 3° quartel neste brasão está muito confuso; consegue ver-se seis faixas e a bordadura carregada de veiros. Penso que é uma forma simplificada das armas dos Noronhas. No 4° quartel em vez das palas dos Limas estão quatro faixas. O timbre está desproporcionado com o resto do escudo, calculo que a figura de animal, direi mesmo mamarracho, que encima este brasão represente o timbre dos Bezerras e não a cabra, timbre dos Resendes.

(77) A data da morte de Luis Bezerra vem na abertura de seu testamento. O assento não está no L° Ob. 2 de Creixomil (1793-1859); nele faltam os óbitos de 1806 a 1826.

(78) «Reg° do Testam.t° de Luis Bezerra de Noronha e Abreu de Lima dos Pombaes, desta v.a», feito a 28.4.1815. L° dos Testamentos Cerrados N° 49 (7-3-36), pag. 107v. Arq. Mun. A. Pimenta.

foi Pedro Nunes Bezerra, 1.° Senhor do Morgado de S. Gil de Perre; outro foi Fernão Gonçalves Bezerra, Almoxarife de Entre Douro e Minho, instituídor dos vínculos de Paredes e Paço de Geraz do Lima de quem foi filha herdeira Dona Brites Gonçalves Bezerra. Casou esta senhora com João Jácome de Araújo, que em 1478 recebeu ordens menores, dos Jácomes da cidade de Braga, futuros senhores da Casa do Avelar ([79]); na sua geração seguem os morgadios de Paredes e da Torre do Paço de Geraz do Lima. Seu terceiro neto, Baltazar Jácome do Lago Bezerra e França, senhor dos mesmos morgados, teve de sua mulher Doña Angela de Moscoso Omazus y Angulo, dama sevilhana, a Dona Francisca Jácome do Lago Bezerra ([80]). Parenta remota de Luís Bezerra de Noronha e Abreu de Lima, naturalmente a mais próxima em Portugal pela linha dos Bezerras ([81]), dele

---

([79]) *«Da verdadeira origem de algumas familias ilustres de Braga e seu termo»* — Jacomes —, de Domingos de Araújo Affonso, pag. 6. É hoje senhor e representante da Casa do Avelar, em Braga, Vasco Francisco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcelos, Cav° da Honra e Devoção da Ordem de Malta, rep. da Casa de Proence e do vínculo de S. Vicente de Barcelos, * a 21.5.1922 (f.o de Fernando Jacome de Sousa Pereira de Vasconcelos, sr. da Casa do Avelar, Suc.° a seu pai, eng.° electrotecnico, já † e de sua m.er Dona Maria Luisa da Costa Cabral (Tomar)) × com Dona Ana Luisa de Jesus Cardoso de Macedo e Menezes, neta pat. dos 1.os Condes de Margaride e neta mat. dos 2.os Viscondes de Pindela. c. g.

([80]) L° citado na nota 71, Tomo 2° pag. 128, Jacome do Lago.

([81]) Felgueiras Gayo no *«Nobiliário»*, Tomo VII, Tit° de Bezerras & 4 diz que Domingos Bezerra × com Dona Brásia Monteiro e que foi para o Brasil onde teve muita descendência, era f.o de Pedro Nunes Bezerra, instituidor do Morgado de S. Gil de Perre. Se assim fosse, os netos e bisnetos de Domingos Bezerra seriam parentes mais próximos de Luis Bezerra de Noronha e Abreu de Lima do que de Dona Francisca Jacome do Lago de Abreu Bezerra. Na *«Nobiliarchia Pernambucana»* de Ant° Borges da Fonseca, Tit° de Bezerras Felpa de Barbuda, vem que Domingos Bezerra era f° de António Bezerra Felpa da Barbuda e de sua m.er Maria de Araujo que de Ponte de Lima foram para o Brasil com o 1.° Donatário da Capitania de Pernambuco (que Felgueiras Gayo cit no Tomo VII do *«Nobiliário»*, Tit° de Bezerras & 1 N11) e também dá por sua mulher a Brásia Monteiro, f.a do 1° Sr. do Engenho de S. Pantaleão de Capiraribe; são um dos troncos da principal nobreza de Pernambuco, rara sendo a familia que deles não descende. Nos Tit.os de Bezerras Jacomes e Bezerras Barrigas vem mais Bezerras oriundos dos Bezerras de Perre e estabelecidos no Brasil. *«Nobiliarchia Pernambucana»*, vol I pag.s 35 a 44 e 164 a 170.

herda todos os bens «em qualquer parte do Reino» anexando à sua grande Casa esta quinta dos Pombais e Granjas.

Casados, desde 3.7-1791, Dona Francisca Jácome do Lago Bezerra, Dama Honorária da Rainha, e Sebastião Correia de Sá, filho 2.° da nobre Casa de Bertiandos, em Ponte de Lima ([82]), só tem uma filha, pois a primogénita morreu nova: Dona Maria Emília Jácome Correa de Sá, mulher de José Maria Brandão de Melo Cogominho Pereira de Lacerda, 9.° senhor do Morgado da Casa e Torre da Marca, no Porto, 19.° da Torre de Coelheiros, em Évora, 14.° da Honra de Farelães, 8.° Morgado de S. Paio de Guimarei, em St.° Tirso, Morgado de Carvalho d'Arca, em Guimarães ([83]). Sebastião Correa de Sá é, em 1824, agraciado por

---

([82]) Sebastião Correa de Sá, * a 20.2.1766, era f° segundo de Gonçalo Pereira da Silva de Sousa e Menezes, 1° sr. da vila de Bertiandos. 9° sr. do 1° Morgado de Bertiandos, Moço-Fid., Brigadeiro de Infantaria, Cav° da O. de Cristo, e de sua m.er Dona Inês César de Lancastre, sr.a dos Morg. de Agrelo, Fontão e Rua Escura; neto pat. de Damião Pereira da Silva de Sousa e Menezes, 8° sr. do Morg. de Bertiandos etc, etc, e de sua m.er e prima Dona Luisa Joana de Sousa e Menezes, da casa dos Lemos da Trofa, neto mat. de Sebastião Correa de Sá (Asseca), Gov° Interino das Armas do Porto, Moço-Fid., e de sua m.er Dona Clara de Amorim Pereira de Brito, sr.a dos Morg. de Fontão, e do Agrelo e do da Rua Escura, em Guimarães. Sebastião Correa de Sá, com quem se principia esta nota, foi sr. dos morgadios de sua mãe e era irmão, entre outros, de José Pereira da Silva de Sousa e Menezes; (v. Casa das Lameiras, freg.a de Creixomil.)

([83]) José Maria Brandão de Melo Cogominho Pereira de Lacerda, 2° Conde de Terena, * no Porto a 15.9.1793, era f° de Luís Brandão de Melo Pereira de Lacerda e Menezes, sr. das casas e morgados da Torre da Marca, Carvalho d'Arca e de S. Paio de Guimarei, F. C. R., etc, e de sua m.er Dona Antónia de Portugal e Menezes; neto pat. de João Rodrigues Brandão Pereira de Lacerda, sr. dos mesmos morgados, e de sua m.er Dona Vitória Porcia de Mendonça e Melo Cogominho; neto mat. de Dom António Maria de Menezes e Silva, com.or de S. Silvestre de Requião, sr. do Reguengo e do Paul da Badoeira, e de sua 2.a m.er Dona Ana Policena de Menezes. V. *«Valles Peixotos de Villas Boas, da Casa de Carvalho d'Arca»*, de Vaz-Osório da Nobrega.

O 2° Conde de Terena era 10° neto por varonia legítima e sucessor de João Sanches, Vereador no Porto em 1512, e de sua m.er Isabel Brandão, (in *«Livro de Oiro da Nobreza»*, III vl. pag. 411), que em 1492 compraram a Pedro do Sem a Q.ta da Boavista com sua Torre (Torre do Sem), hoje conhecida por Torre da Marca, no Porto, e o Padroado de S. Paio de Guimarei, em St° Tirso, e cujo filho, Rui Sanches Brandão, instituiu em morgadios; in *«Nobres Casas de Portugal»*, vol II, pag. 185. O Palácio da Torre da Marca, como é conhecida a antiga residencia da familia Terena,

Dom João VI com o título de Visconde de S. Gil de Perre. Deputado em 1826, a sua casa no Porto é um facho aceso das ideias liberais que a tiros de canhão vão matando a tradição portugueza.

Contam as *Memórias* do Marquês da Fronteira «a sociedade, tanto da aristocracia do Porto, como do corpo comercial na maior parte estrangeiro, era quanto se podia dezejar numa cidade de 2.ª ordem. Na Torre da Marca, rezidência de meu amigo José Maria Brandão, mais tarde Conde de Terena, tanto ele como sua mulher e família se esmeravam em fazer as honras da cidade». E mais adiante: seu sogro, «o bem conhecido Sebastião Correa, ... era um verdadeira fidalgo em toda a extensão da palavra, pelas suas excelentes maneiras. A sua casa estava sempre aberta a todos os seus amigos e dava ameudadamente lautos jantares». Por entre as rendas do leque do tempo procuremos ver os novos senhores desta quinta em Creixomil. Grandes fidalgos do Porto constitucional, é agitar o leque com as notícias que temos, é tremelicar as suas plumas nas suas vitórias, é fechá-lo quando o silêncio desce.

Toda a família imigra quando ao trono sobe El-Rei Dom Miguel. Em 1833 «havia muitos degredados políticos da alta sociedade na província do Alentejo, e alguns tinham podido evadir-se para a Extremadura Hespanhola, depois da mudança política em Espanha. O bravo General Luís do Rego e o Visconde de S. Gil de Perre entraram nesse número e apressaram-se a vir, a apresentar-se em Extremoz ...» ([84]). Governador Civil do Porto em 1834, Perfeito da Província do Douro em 1835, 1.º Conde de Terena nesse mesmo ano (decreto de Dona Maria II), Chanceler da Relação, Governador das Justiças, Sebastião Correa de Sá é em 1840 nomeado Reitor da Universidade de Coimbra. Encontra-a num caos motivado pela guerra civil. Reorganiza-a com muita inteligência ([85]).

---

no Porto, é o actual Paço do Bispo. Nos terrenos pertencentes ao Palácio de Cristal havia antigamente uma torre a servir de marca aos navios que entravam; essa era a verdadeira Torre da Marca e foi destruída pelos canhões de El-Rei Dom Miguel, in «*Silva de História e Arte*», de A. de Magalhães Basto, pag. 214.

([84]) «*Memórias do Marquês da Fronteira e Alorna*», 3 e 4.a partes (1824-33) pag.s 161 e 184; 5.a e 6.a partes (1833-42) pag.s 93,301 e 307.

([85]) «*Nobreza de Portugal*», vol III, pag. 432.

Em 1842 hospeda na sua casa, no Porto, a «Junta e os generaes e a mim (Marquês da Fronteira) com aquela magnificencia que o caracterisava. Os seus oitenta anos não o impediam de ter as maneiras mais aristocraticas e distintas e o mais apurado gosto nos arranjos da sua elegante casa, um excelente cosinheiro francêz raz as delicias da sua meza e as boas adegas do Porto forneciam finissimos vinhos». Na Torre da Marca continuam as recepções: «... assisti a um jantar na Torre da Marca ... onde encontrei o Bispo e todas as autoridades civis e militares, e muitos dos respeitáveis habitantes da cidade, tanto nobres como comerciantes, que eu não via desde a bela época do sitio do Porto». Um ano antes de morrer, em 1848, é Sebastião Correa de Sá, 1.º Visconde de S. Gil de Perre e 1.º Conde de Terena, feito 1.º Marquês de Terena por Dona Maria II. Na enorme herança que recebe dos pais, Dona Maria Emília Jácome do Lago Correa, 2.ª Condessa de Terena e 2.ª Viscondessa de S. Gil de Perre, casada com o senhor da Casa e Torre da Marca, está também perdida, entre muita grandeza, a Casa das Granjas e Pombais, talvez refúgio para breves dias de verão, talvez repouso em curtos instantes de passagem.

Portugal é mais uma vez ameaçado pela guerra civil. As lutas dos partidos, as quedas dos ministérios, as revoltas, os políticos, as influências estrangeiras agitam o país e a Corte. A Revolução de Setembro, a Belenzada, a Revolta dos Marechais, as sublevações a arrebentar do Minho ao Algarve, a apoiarem cartistas ou setembristas, os levantamentos miguelistas, a Maria da Fonte. A simpática figura de Rainha e de Mãe de Dona Maria II, coração posto no berço dos pequenos Infantes que o Céu todos os anos lhe envia, verga ao tremendo peso da Coroa. Reina a revolta. Ao desembarcar no Porto com seu Estado Maior, o Duque da Terceira [86] hospeda-se em casa do

---

[86] António José de Sousa Manoel e Menezes Severim de Noronha, 7º Conde (de juro e herdade) e único Marquês de Vila Flor, 1º e único Duque de Terceira (1792-1860), foi um valorosíssimo militar. Distinguiu-se na Batalha da Vitória e apenas com 22 anos foi Gov. e Capitão General do Pará e depois Gov. e Cap. General da Baía e Gov. das Armas do Alentejo. Seguiu a causa do liberalismo, venceu as tropas miguelistas nos combates de Coruche, da Beira e da Ponte do Prado, defendeu a Ilha Terceira e submeteu as restantes ilhas do arquipélago às forças de Dom Pedro. Desembarcando no Mindelo, tomou o comando das forças de terra. O Marechal

seu amigo, o 2.° Conde de Terena. Aí, durante o jantar, começam a ouvir o barulho da populaça amotinada na rua. À frente, José da Silva Passos, Passos José que levantára a cidade e alguma tropa contra o Governo de Lisboa. Arrastam o Duque e o seu Estado Maior; encarceram-os no Castelo da Foz. Arrebenta o rastilho, desde há muito ateado: aparecem por toda a parte as Juntas Revolucionárias, as guerrilhas, a dor dos tempos da luta. Dom Miguel é efémeramente aclamado em Guimarães e Braga, batem-se uns contra os outros os partidos constitucionais, surge mais acesa a guerra.

Negoceia-se diplomaticamente para acabar o conflito. Dá-se a intervenção estrangeira. Desde Londres está álerta o governo da Rainha Vitória para não perder a influência na Nação Portuguesa ([87]). A expedição do Conde das Antas é aprisionada no

---

Duque de Saldanha salientou-se sempre nas vitórias ou nos revezes por uma coragem sem limites. Acabada a guerra, foi ministro dessa pasta. Grande figura política da época, fiel aos princípios da Carta, várias vezes chamado a formar ministério, foi preso no Porto ao iniciar-se o movimento da Patuleia. Depois da Convenção de Gramido foi ainda 1° Comandante da 1.a Divisão Militar, ministro da Guerra e era Chefe do Governo ao ser surpreendido pela morte. Possuia as mais altas condecorações nacionais e estrangeiras. Por um privilégio especial foi sepultado no Panteon Real. Não teve geração dos seus dois matrimónios, nunca mais sendo renovado o título de Duque da Terceira. O título de Conde de Vila-Flor pertence hoje a Dom Francisco Maria Martinho de Almeida Manoel de Vilhena, 9° Conde deste título, 2' Conde de Alpedrinha, eng° agrónomo, professor extraordinário do Instituto Superior de Agronomia, descendente do 2° Conde de Vila Flor, e que de seu casamento com Dona Maria de Lurdes Correia de Sampayo de Melo e Castro (Castelo Novo) teve primogénita a Dona Maria Luisa da Conceição de Almeida Manoel de Vilhena (a escritora Luisa Manoel de Vilhena) × c. g.

([87]) Em *«The Letters of Queen Victoria»*, Londres, 1908, vol. II numa selecção de cartas da rainha inglesa do período de 1837 a 61, encontro várias referencias à politica portuguesa da época. Da Rainha para Lord John Russell em Jan° de 1847: «... The further infusion of democracy into the Charter would at this moment be quite misplaced, but this opportunity shoul be takem by the Queen of Portugal to establish a state off legality and security by compelling any new Ministry to lay the accounts every year before the Cortes (which has not been done for the last ten years, either by Progressistas, Septembristas or others), ... these are the principles which the Queen would wish to see her representative urge upon the Portuguese Court and Government ...». Ao mesmo no mês de março: «... once more the Queen earnestly warns Lord John of the imminent danger of England loosing all legitimate influence in Portugal, which ought now more than ever, to be of the greatest importance to us. The Queen has in all this

mar pela esquadra inglesa; sobe a bandeira da Grã-Bretanha no mastro dos navios de Portugal. Avançam tropas espanholas. Ocupam Elvas, Extremoz, Marvão, Portalegre, Bragança e Valença. Na defeza desta praça, em 1846, ganha a Torre e Espada o Capitão da 3.ª Companhia do Batalhão Móvel de Caçadores de D. Maria II (2.ª linha) Sebastião Correa de Sá, filho segundo dos 2.os Condes de Terena, Moço Fidalgo com exercício por sucessão desde os quatro anos (alv. de 1822) [88], que de sua mãe herdará as Granjas e Pombais.

— Esta Casa foi dos Bertiandos. Ali, depois dos Pombais, tenho a certeza que a casa era dos Bertiandos! — dizem em Guimarães os que se referem às Granjas. Bertiandos era o marido de Dona Francisca Jácome do Lago Bezerra, e seu neto, Sebastião Correia de Sá Brandão, foi 2.º Conde de Bertiandos pelo casamento com sua prima Dona Joana Maria do Rosário Francisca de Sales Pereira da Silva de Sousa e Menezes, 2.ª Condessa de Bertiandos, 10.ª e 12.ª senhora do 1.º e 2.º Morgado de Bertiandos, senhora da Casa dos Biscaínhos, em Braga. Suponho que nunca viveram nos Pombais e Granjas, mas deles foi a casa e, depois, de seu filho e sucessor Gonçalo Pereira da Silva de Sousa e Menezes, 3.º Conde de Bertiandos.

Em *O Solar de Bertiandos* está Gonçalo Pereira da Silva de Sousa e Menezes, 3.º Conde de Bertiandos, retratado pela prosa leve e bonita de seu sobrinho, o Conde d'Aurora. Curiosa figura de fidalgo dos começos do século XX, teve relevo «nas letras, no jornalismo, na política, na Corte». Era bacharel em direito, Grã Cruz da Torre e Espada, sócio da Academia de Ciências de Lisboa, último presidente da Câmara dos Pares, Viador de S. M. a Rainha a Senhora Dona Maria Pia, presidente da Real

---

spoken solely of English influence, but this influence becomes of still greater importance to her when the Sovereigns of that country are her near and dear relations». Para o Rei dos Belgas em Jun. de 1847: «... but only think that the Radicals and Protectionists join to attack the Government for our interference in Portugal!», e em out de 1847 em carta para o Visconde Palmerston: «... our Fleet should naturally give protection to the persons of the King and Queen and Royal Family in case off danger for we cannot allow them to be murdered, even if we should not be able to prevent their losing their Crown (which God forbid) ...».

[88] Foi bacharel formado em direito, Moço-Fid. com exercicio, secretário-geral do Governo Civil de Coimbra, * 8.3.1818 † em Braga, na Casa dos Biscaínhos, a 5.7.1874, *Nobreza de Portugal*», vol. II, pag. 418.

Associação Central da Agricultura Portuguesa, fundador do Partido Nacionalista. Conversador, cheio de graça ([89]), recolheu os lindos contos do povo, juntou-os nas «*Lendas*» e em Bertiandos, na Fonte da Mal-degolada, pelas páginas de Gonçalo Pereira, podemos ouvir o cantar da linda moira «tão suaves armonias, que os passaros vinham escutá-la e aprender-lhe o canto ...» ([90]). Não teve filhos do seu casamento com Dona Ana de Bragança de Sousa e Ligne Portugal e Castro Alvares Pereira de Melo, dos Duques de Lafões; passam a Casa e os títulos para seu irmão imediato, Sebastião Eduardo Pereira da Silva de Sousa e Menezes, Conde de Tarouca ([91]).

Nas Granjas, então alugadas, nasce Dona Maria José do Amaral Ferrão Lobo Machado, senhora do Costeado e da Covilhã ([92]). A uma sua afilhada, sobrinha-neta de sua mulher Dona Maria Filomena de Bragança Correa de Sá, dos Viscondes de Asseca, deixa em seu testamento, que tanta polémica levantará ([93]), o 3.° Conde de Bertiandos esta quinta cuja história

---

([89]) «*O Solar de Bertiandos*», do Conde d'Aurora, 1956.

([90]) «*Lendas*», do Conde de Bertiandos, Lisboa 1898.

([91]) Sebastião Eduardo Pereira da Silva de Sousa e Menezes, Conde de Tarouca, * 27.3.1855 e † a 11.2.1934, × em 1877 com Dona Eugénia Telles da Sylva, 12.a Condessa de Tarouca, representante dos títulos de Marqueses de Alegrete e Penalva. Foi seu f.o primogénito, Fernando Telles da Sylva Caminha e Menezes, 6° Marquês de Alegrete, que faleceu em vida de seus pais e tio, o 3.° Conde de Tarouca, deixando um único f.o de seu casamento com Dona Beatriz Roque do Pinho (Alto Mearim), Fernando Telles da Sylva Caminha e Menezes, 7° Marquês de Alegrete e 7° Conde de Vilar Maior que em si reuniu toda a grande Casa de sua avó, a Condessa de Tarouca, e de seu tio, o Conde de Bertiandos, sendo representante dos títulos de Marquês de Penalva e de Terena, Conde de Tarouca, Bertiandos e Terena, Visconde de S. Gil de Perre e todos os vinculos e Senhorios de seus maiores. Faleceu o 7° Marquês de Alegrete a 9.11.1957, tendo sido casado com Dona Maria Amélia de Abreu Saraiva, deixando apenas uma filha, Dona Ana Maria da Piedade Telles da Sylva Caminha e Menezes, condessa de Vilar Maior, representante de todas estas nobilissimas casas, × com José Luís Xavier da Costa Cardoso de Menezes (Margaride) c. g. sendo primogénito Dom Fernando José Telles da Sylva e Menezes, * a 9.4.1958.

([92]) Vid. «Casa da Covilhã», em Fermentões e «Casa do Costeado», em Creixomil.

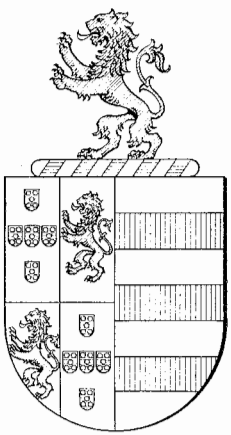
([93]) † o 3° Conde de Bertiandos em 1929. O seu testamento está registado no livro 198, fls. 47 da Administração do 1° Bairro de Lisboa.

tentamos contar. Depois da remissão de vários foros (94), vende-a, em 1963, Dona Maria Filomena Correa de Sá, religiosa dominicana. Compra-a Joaquim Teixeira, industrial em Guimarães.

Levanta-se o sol para as bandas da cidade. No mesmo céu, no mesmo azul, nos mesmos cambiantes. Já não bate numa estrada feita de paz, no silêncio quebrado por um canto de pássaro, um passar de diligência, uma voz fresca de rapariga. Acorda para o barulho dos motores, o arrepiar das travagens, o caos da era moderna. Não ilumina nos Pombais e Granjas a «adegua e demais serventias», reflete-se nas janelas, as feitas de «voa labrage», agora cheias de roupa, de gente, agora montra de sanitários de operosa oficina. Cai o tecto da «baranda ladrinhada». Onde os limoeiros? Onde as laranjeiras? Cresce o barulho da estrada, vão-se apagando as Granjas. Pensa o seu actual proprietário em transferi-la para sítio de mais sossêgo, em arrancá-la aos seus amargurados campos, que os homens com suas extranhas máquinas transformam, matam, devoram.

(94) A escritura da remissão dos foros foi lavrada a 28.1.1957 no 1º do notário da Secretaria Notarial de Guimarães, Lic.do Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

Casa dos Pombais



A escavadora revolve a terra. Mata os campos, as árvores, as ervas. Surgem grandes buracos, feios, medonhos. Neles, colocam os homens estruturas de ferro. Enchem-nos de terra, morta, deslavada. Põem por cima tijolos, muito cimento. Crescem os edifícios para o alto, rasgam-se janelas. Nasce a cidade nova, sem a sombra duma velha árvore, sem a graça duma pedra amiga, igual, monótona, fria. Descansam, então os olhos na brancura da Casa dos Pombais, devassada pelos prédios modernos. Esqueçamos o barulho das máquinas, entremos no portal do seu jardim.

Primeiro, uma remota figura da era de quinhentos: Diogo Rebelo de Azevedo, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real. Vem da geração dos Padroeiros do Mosteiro do Souto (1), e a 29.11.1602 vive em Creixomil, numa *«casa sobradada com hua salla e duas Camaras e hua Cozinha terreira peguada na Casa e hua estre-*

---

(1) Diogo Rebelo de Azevedo era «cavalleyro fydalguo e vreador na vylla de Guimarães», onde foi juiz. — «Prazo de hu dos cazais dos pombais q foi de Jm.º glz neves da freg.ª de são miguell de creyxumill termo desta villa ft.º a dy.º rabello e a sua molher em tres vidas», a 2.1.1602. Tab. João Bertoles, Prazos do Cabido (3-3-5b), pag. 71. Arq. Mun. A. Pimenta. Margarida Neves, m.er de Diogo Rebelo, trouxe em dote esta quinta; era f.ª legitima de Jm.º Glz Neves. No *«Nobiliário das Familias de Portugal»*, em tit.º de Rabelos 81, n.º 14, diz Gayo que Diogo Rebelo era f.º de Gonçalo Rabelo de Azevedo, m.or em Guimarães, e de sua m.er Brites Sanches e neto pat. de Pedro Gonçalves Tição e de sua m.er Margarida Rebelo, Padroeiros do Mosteiro do Souto, bisneto por sua avó pat. de Afonso Vieira de Souza (Souzas & 244, N 19) e de sua m.er Catarina Rebelo. Não lhe dá filhos do matrimónio, mas sim um bastardo: «Gonçallo Rabello na qt.ª de Guminhães que vendeo».

baria com hua corte Mais duas casas terreiras q estão na entrada do Casal ao longuo da estrada» (2), neste Casal dos Pombais onde o vento canta nos castanheiros, «q dão dous alq.res de castanhas», e o ribeiro «q vem do Proposto», corre entre as vides: trinta almudes de vinho fresco e saltitante. Fôra a quinta de «João Alvres sapateiro e emprazada a Sezilia Alves e ã sua sobrinha Maria Neves no anno de mil e quinhentos e sinquoenta e sete em o primeiro de fevereiro tabalião Jeronimo Pires e depois emprazada a Diogo Rebello de Azevedo e molher Margarida Neves no anno de mil seiscentos e dous aos dous dias de dezembro tabalião João Bertoles» (3). A Diogo Rebelo, Fidalgo Cavaleiro, e a sua mulher Margarida Neves, primeiras sombras a esvoaçarem nestes quadros evocativos

---

(2) Documento citado na nota 1 e «Vedoria dos Pombaes freg.ª de São Miguell de Creyxumill», a 29.11.1602, L.º 22 dos Prazos do Cabido (2-6-62), pag. 60. Arq. Mun. A. Pimenta.

Nessa época havia quatro casais dos Pombais, em S. Miguel de Creixomil: o das Granjas (v. «Casal dos Pombais, a que chamam Granjas»), o de Diogo Rebelo de Azevedo, o de Salvador de Magalhães Machado (situado entre os outros dois e que fora de Martim Vaz Pedreiro) chamado Pombais de Cima, emprazado a 9.6.1612 (L.º 22 dos Prazos do Cabido, pag. 214), anexado mais tarde ao de Diogo Rebelo, e o de João Pires, da Codeceira, e sua f.ª Catarina Alvres, que o emprazaram a 22.6.1584 (Prazo 9 do Livro de Prazos da Colegiada (4-5-56). Casou esta Catarina com Frutuoso Pires Cardote, (receberam-se a 12.1.1586, M 1 Creixomil), m.or na Rua dos Gatos; ambos doam o casal, a 9.4.1622, a sua f.ª e genro, Jerónima Rodrigues e Francisco Nogueira (rec. a 23.6.1609, m 1 Creixomil).«Doaçam e nomeaçam que faz fruitozo piz cardote e sua molher catarina alvres moradores no casal dos pombais freg.ª de são miguel de creyxumill a sua f.ª e genro Fr.co nog.ª e geromina ruiz». Tab. Fr.co Pex.to de Carvalho (12-3-16e). Nestes Pombais viveu depois Tomé Fernandes, que suponho f.º de Frutuoso Pires, sucedendo-lhe sua filha Maria Fernandes, m.er de João Alvres, que o emprazaram a 1.2.1652; Jeronimo Alvres, f.º dos anteriores, emprazou a 27.3.1704 e a 12.12.1709 renunciou em seu f.º João Alvres da Cunha. Deste foi hed.ª sua filha Antónia Alvres da Cunha, casada com João de Almeida Fernandes (rec. a 19.6.1728, M 7 Creixomil), pais de Rosa Maria Alvres de Almeida, m.er de Feleciano Antunes, moradores no lugar do Real, S. Gens de Montelongo, que emprazaram esta quinta a 25.6.1746. (Prazos n.os 13, 14, 15 e 17 do L.º de Emprazamentos da Colegiada (4-5-56). João de Almeida Fernandes e esposa tiveram também a D. Antónia Alvares da Cunha m.er de Manuel Henriques de Sampaio, Sr. da Casa de Fundevila, em Junqueiros, c. g. V. *«Costados de Familias Ilustres»*, de Barbosa Canaes, Costado 225, Casa da Nogueira.

(3) Prazo n.º 27 do L.º acima citado.

do antigo Casal dos Pombais, nasce, a 9.2.1603, um filho: Inácio (4).

Ao levantar novamente o pano, diferente é o cenário: «Gonçallo Ferreira e Maria da Costa Pretos do Gentio da Guiné escravos de balthezar frr.a estão contratados de cazar e tem corrido pregões neste freg.a de S. Miguel onde são fregueses — porquanto são estrangeiros e por virem já grandes há pouco de fora não os ricibi — dizem elles são do Reino de Engola donde em suas terras não fazem casamentos e são de diferentes partes ... não tem impedim.t° e pera servirem bem a seu snor he melhor na ordem do cazam.t° q pedem». Ouçam os repiques: «Vem casar G.l° frr.a com maria da costa gentio da guiné escravos de balthezar fr.a morador nos pombais. Aos 23 de outubro os recebi nesta igreja de S. Miguel. T.as Pedro Andre rendeiro e M.el preto cativo e companheiros dos esposados e o f° do caseiro e vesinhos e muitas outras pessoas» (5). Abram-se alas: passam os noivos de sorriso de meninos, rumo a casa do amo Baltazar Ferreira de Araujo, tabelião de notas (6), Procurador do Concelho, e de sua mulher Maria Mendes, novos senhores do Casal dos Pombais. Pelo menos, desde 1621 aí moram. Empresta então Baltazar Ferreira, dinheiro a Manuel António, o da Granja dos Pombais (7). Conheçam-lhes os filhos: Luzía Ferreira de Araújo, já uma senhora, Madalena Ferreira, Angela de Barros e Baltazar, crismadas as duas últimas raparigas em S. Paio (8); nascidos os dois mais novos nos Pombais, baptisados a 8.8.1624 e a 15.2.1627 (9).

1635. «*Uma casa sobradada com sua salla e duas cameras e hua cosinha e hua despença e hua estrabaria e hua*

---

(4) M 1 Creixomil; desconheço o destino de Inácio.

(5) L.° citado na nota 4 .

(6) No Arq. Mun. A. Pimenta, em Guimarães, existem livros de notas do Tabelião Baltazar Ferreira de Araújo de 22.10.1630 a 27.6.1658.

(7) «Emprestimo de dinheiro q faz balthazar fr.ª de araujo a m.el antónio», a 14.6.1621. Tab. Fr.co Pxt.° de Carv.° (12-3-16d), pag. 78. Baltazar Ferreira empresta 150$000, Manuel António hipoteca a sua Qt.ª dos Pombais e o seu Casal de Subcarreira, v. nota 14 do «Casal dos Pombais a que chamam Granjas».

(8) Foram crismadas a 17.5.1637. Vivia o pai, então Procurador do concelho, atraz da Igreja de S. Paio. M 1 S. Paio, Arq. Mun. A. Pimenta.

(9) M 1 Creixomil.

corte; item duas casas terreiras na entrada e diante da casa hua eyra com um palheiro» [10]. Estão os Pombais quase iguais ao que eram no tempo de Diogo Rebelo. São agora de Luzía Ferreira de Araújo, filha de Baltazar Ferreira de Araújo, casada na igreja de São Lazaro, a 14.11.1634, com Bartolomeu do Vale, filho de António Francisco e de sua mulher Catarina Antunes do Vale, da freguesia de S.tª Maria de Ribeiros, em Fafe [11]. Perante os Dignatários do Cabido, «ao som da campa tangida», renuncia Bartolomeu do Vale a *«todo e qualquer direito que tenha em hum dos casais dos pombais que lhe foi dotado por Maria do Rozairo* [12] *com sua molher Luzia ferreira ...»* [13]. Paga de renda *«todos os anos por dia de são miguel de septembro oitocentos reis em dinheiro de contado e por dia de todos os Santos duas galinhas boas e de receber»*. O seu primogénito chama-se Bento; nasceu a 18.11.1635 nos Pombais [14]; Maria, a outra filha, só nasce a 3.10.1653 [15]. Arrasta-se o dia a dia, apagado pelo tempo, escurecido pelos anos. «Aos vinte e quatro dias de janeiro de mil seiscentos e sinquoenta e sete anos falleceo com todos os sacramentos bertollomeu do valle dos pombais foi a enterrar à villa e acompanhado por duas irmandades da misericórdia e rozairo e clerigos e frades de são fr.co e são domingos ... sua m.er Lusia ferreira lhe mandou fazer o pr° officio de nove liçõis com des padres deo de oferta hum taboleiro com des pãis e dous vacalhaus e hum frasquo de v° verde de des canadas» [16]. Devagar desce a

---

[10] «Prazo q fizerão os senhores do Cabido de hun dos casais dos pombais a Bertolomeu do Vale em tres vidas da freg.ª de São Miguel de Creixumil», a 5.2.1635. L.° de todas as propriedades, quintas e cazaes que o reverendo cabido, da Colegiada, insigne, real, igreja, de nossa senhora da oliveira da villa de Guimarães tem no termo da dita villa. Tab. João Bertoles (1-2-3), pag. 263. A vedoria deste prazo foi feita a 2.2, e encontra-se no L.° 25 dos Prazos do Cabido (2-1-65), pag. 203.

O outro casal, o dos Pombais de Cima, que fora de Salvador de Magalhães, foi também pessuido por Bartolomeu do Vale, e desde então anexado ao que estudamos. Prazo 12 do L.° (4-5-56).

[11] M 2 Creixomil.

[12] Desconheço quem foi Maria do Rosário; aparece neste emprazamento e na vedoria feita a este prazo.

[13] v. nota 10.

[14] M 2 Creixomil.

[15] M 3 Creixomil, o padrinho foi Paulo Borges, de Laços.

[16] mesmo 1.° da nota anterior, pag. 71.

cortina a esconder as mãos dos frades em oração, a abafar os sons plangentes dos requiens, a extinguir o bruxelear das velas.

Passos de criança atravessam o palco. Jorra a luz do sol. Música dos riachos, de pássaros, de risos. Assim nos aparecem os sete anos de Maria do Vale, 3.ª vida neste prazo dos Pombais por nomeação do testamento de seu pai Bartolomeu do Vale [17]. Passa apenas. Meiga, pequenina, iluminada pela infância, deixando no ar a interrogação do que terá sido a sua vida. Mais nada. Volta a casar sua mãe, Luzía Ferreira de Araújo. Muda completamente o cenário.

Grades, cadeias, correntes, humidade. Presa na Cadeia das Conversas, por ordem de seu segundo marido Sebastião Aires de Faria, encontra-se Luzía Ferreira de Araújo. Já há muito *«q ella tinha contratado de vender o seu casal de pombaes a Dona Anna da Silva muito tempo antes de ser preza e pera fazer a escritura era necessario sair da cadea porque não podiam hir a ella todos os contrahentes e seu marido q a fizera prender vinha para isso pedindo licença ao alcaide para que a levasse ao lugar onde se fizesse a escritura».* Sai temporariamente da prisão Luzía Ferreira. Respira, sorve o ar, espreita um pouco a vida das ruas da vila, ali cantam, acolá negoceiam, aqueles, além, no fundo da viela, levantam os braços, prontos a baterem-se. Deixamo-la em casa de Dona Ana da Silva, a vender-lhe por *«240 mil reis dos quais já tinha recebido bastante para pagar as suas dividas o seu casal chamado dos Pombais»* [18].

Clarins anunciam a entrada de Dona Ana da Silva na história da Casa dos Pombais. Nobre é a sua ascendência [19].

---

[17] «Nomeassam de Luisa ferr.ª e sua filha solt.ª», a 1.8.1660. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-22), pág. 85 v.º, Neste documento, Luísa Ferreira, de acordo com o testamento do 1.º marido, nomeia o prazo em sua filha Maria.

[18] «Carta de venda q fazem Sebastião Ayres de Faria e Luzia ferreira sua m.er a Dona Anna da Sylva», a 5.8.1661. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-56), pag. 23 v.º.

[19] Dona Ana da Silva foi bap. a 7.6.1628 pelo Chantre do Porto, Fr.co de Freitas (M 2 Ol.ª); era f.ª de Fernão Rebelo de Almeida, suc a seus pais, e de sua m.er Dona Guiomar da Silva Peixoto, herd.ª da casa de seus Pais, neta pat. de Gaspar Rebelo de Carvalho, Adm. do Vínculo do Pinheiro, ou da Rua Escura, em Guimarães (Almeidas), e de sua m.er Dona Ana

Almeidas, Morgados da Rua Escura, em Guimarães, Carvalhos e Macedos, em Alenquer, Calçada, em Penafiel, Casais de Melres e Honra de Canelas, Donatários das Terras e Reguengos de Penafiel, Adaís-Mores do Reino são as Casas e representações de seu irmão, Gonçalo Peixoto da Silva, o «q servio na guerra da Aclamação e achou-se no sitio de Valença e Monção e na restauração de Évora havendo-se bem em todas as ocasiõens» [20]. Silêncio. Alcácer-Kibir. Chão sagrado. Deixemos o silêncio entrar, retalhar as nossas almas. Um silêncio onde há entrechocar de espadas, tropel de cavalos, gritos de guerra. Encharcado de sangue, a jorrar com entusiasmo, com loucura, a desbaratar-se. Morre devagar o Portugal, senhor dos mares, dos ventos, das novas terras descobertas. Ao sol, aos bichos, jaz descarnada a flor da sua nobreza, a alegria da sua juventude. Rotos os estandartes, esfarrapadas as bandeiras, arrastam-se os prisioneiros. Dobram-se os nossos joelhos nesta terra, coberta de agonia, iluminada de esperança. Alcácer-Kibir! ... Entre os cativos Pedro Peixoto da Silva, Senhor das casas acima citadas, Almirante da Armada que foi à India em 1558, General das Galés em Portugal, Adaíl Mor do Reino, bisavô de Dona Ana da Silva. Soam com força os clarins. Passam os antepassados da nova senhora da quinta dos Pombais.

Ao comprar os Pombais já D. Ana da Silva é viúva de Luis Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, Senhor de Abadim e Negrelos [21]. Não assistimos ao drama da morte de seu marido, assassinado por mascarados em dia de Santo António [22]. Vamos acompanha-la e a seu filho, Gonçalo Lopes de

---

Machado de Miranda, neta mat. de Manuel Peixoto da Silva, 6.º Donatário das terras de Reguengo de Penafiel e dos direitos reais dela, e da Honra de Canelas, das Casas da Calçada e Melres, Adaíl-Mor do Reino, Chefe do nome e armas dos Peixotos, e de sua m.er Dona Isabel de Macedo, sr.ª dos Morgados dos Carvalhos e Macedos, em Alenquer. Mais tarde, por casamento, foi esta casa incorporada à dos Alcaides-Mores de Lindoso, Adms. do Vínculo do Salvador, no Cano, em Guimarães, depois agraciados com os títulos de Viscondes, Condes e Marqueses de Lindoso. É actualmente seu representante Gaspar Peixoto de Sampaio e Bourbon, c. c. g., residente em Guimarães.

[20] in «Nobiliário», de Felgueiras Gayo, Tomo XIX, Machados, & 36 N 24.

[21] v. nota 14 da «Quinta do Paço», Creixomil.

[22] in «*Guimarães e Santo António*», do Abade de Tagilde, pag. 143.

Carvalho da Fonseca e Camões [23]. Pedem ao Licenciado Jerónimo Vaz [24] *«mil cruzados para satisfazerem um contrato que tinham feito com os religiosos de Nossa Senhora da Penha da França de Lisboa para largarem a posse do Morgado da Carreira e assim hipotecão especialmente as propriedades dos Pombais assi o prazo de baixo como o de cima»* [25]. Vemos então, a 6.5.1666, Jerónimo Vaz passear-se *«pelas ditas propriedades e casas tomando terra pedra e telha das casas e das terras terra he cova e Ramos das arvores assy de fruto como sem elle»* [26]. Assim toma posse da quinta dos Pombais.

O pano só volta a correr em 1672. Uma mulher, Margarida Nunes de Sousa, embala sua filha Inês, nascida nos Pombais, baptizada a 16.10.1672 [27]. Junto à janela, seu marido, o mercador Manuel Gonçalves, o Borreco [28]. Dispersas pela sala as outras filhas do casal: Senhorinha e Isabel. Vidas de negócios, de lucros e perdas, escritas por cifras nos livros notariais. Vesti-las de poesia, de cantares, de água, de flores. Com esta quinta dos Pombais onde assistem, com os alegres frutos desta terra fértil. Com o arrendamento feito a caseiros por

---

[23] Dona Ana da Silva e seu marido tiveram: Dona Guiomar, b. a 22.9.1643; Diogo, b. a 8.8.1644; Gonçalo Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, suc. da Casa, b. a 29.9.1645; Diogo, b. a 23.8.1646; Dona Jerónima, b. a 8.10.1647 e Dona Luísa, b. a 17.10.1648 N 1 Olv.ª.

[24] O Lic.º Jerónimo Vaz vivia em Guimarães, na freg.ª da Oliveira, x c. g. com Jerónima Pinta (N 1 Olv.ª). Penso ser este o referido no texto e não o Lic. Jerónimo Vaz Vieira, da Casa do Toural, contemporâneo do 1.º e que é citado na nota 67 da «Casa do Costeado», de Creixomil.

[25] «Contrato a juro do Lic.º Jerónimo Vaz com Dona Ana da Silva», a 28.5.1666. Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-58).

[26] «Posse dada pela escritura atraz», a 6.6.1666, mesmo l.º nota anterior.

[27] M 3 Creixomil. A madrinha foi a m.er de Gonçalo Francisco, do Costeado. No N 2 Olv.ª vem o baptisado de mais outras filhas: o de Senhorinha, a 14.11.1666 e o de Catarina, a 28.11.1667.

[28] Manuel Gonçalves, o Borreco, era nat. de Braga, b. na freg.ª de S. Vítor, f.º de Bartolomeu Gonçalves, Borreco, nat. de Vila Nova de Sande, Guimarães, mercador em Guimarães, e de sua m.er Maria Gonçalves, nat. da Rua do Sardoal, freg.ª de S. Vítor, Braga. Sua mulher, Margarida Nunes de Sousa, nasceu em St.ª Maria de Alvarenga, Lousada, f.ª do Capitão Gonçalo Fernandes de Sousa e de sua m.er Margarida Nunes, naturais e morad. na Qt.ª do Bairro, freg.ª de St.ª M.ª de Alvarenga. Processo para Familiar do Santo Ofício de Pedro Ferreira da Cunha, v. nota 43.

Casa dos Pombais

Manuel Gonçalves e sua mulher, a 12.6.1674. Cedem «a casa, torre, cozinha e cortes pegadas a João Alvres», para si «reservam as casas grandes com suas ortas e latadas desde as portas para baixo e mandarão semear os linhos onde quiserem» [29]. Com frescos grelos, viçosos nabais, água a correr nos carreirinhos. Campos de linho, muito azul, a balouçar ao vento. Com esse azul menineiro refrescamos este quadro, o de uma família de negociantes, que por largos anos terá em mãos a Casa dos Pombais.

Senhorinha de Sousa, «moça solteira e mayor de vinte e sinquo annos f[a] legitima de legitimo matrimónio que ficou por fallecimt[o] de m.el glz mercador [30] e sua m.er marg[a] nunes» diz que seu pai *«no testamento que fizera nela nomeia entre outros bens uma morada de casas na Rua da Sapateira junto ao canto da viela do Ospital do Anjo»* [31]. Uma das casas está arruinada, são precisas obras. Um mês depois tanto ela como os Pombais sofrem uma hipoteca. Senhorinha de Sousa, já casada com Pedro Ferreira da Cunha [32], obriga-as a um empréstimo de *«coatrocentos e sincoenta mil reis a juros para o seu negóssio de mercanssia he juntamente terem de pagar a sua irmã e cunhada ines de sousa o q lhe devião de sua*

---

[29] «Arendam.[o] que fes m.el glz borrequo a Thomé João de benlhevay», a 2.6.1674. Tab. André Lopes (10-3-48), pag. 10 v.[o]. Segundo um documento no Arq. Part. da Casa dos Pombaes, a quinta foi comprada por Manuel Gonçalves a 31.7.1670.

[30] Faleceu Manuel Gonçalves, o Borreco, na Casa dos Pombaes a 26.11.1690. M 4 Creixomil.

[31] «Prazo q fizerão os off.os do ospictal do Anjo da Rua Sapat.[a] a Senhorinha de Souza dos pombais», a 10.4.1692. Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-2-70), pag. 53 e «Prazo q os officiais do ospictal do anjo da Rua sapat.[a] fizerão a Senhorinha de Sousa f.[a] de m.el glz borreco», a 20.4.1692. Mesmo l.[o], pag. 55.

[32] Pedro Ferreira da Cunha era mercador e Familiar do Santo Oficio. Nasceu em Fafe, freg. de St.[a] Eulália Antiga, concelho de Montelongo, f.[o] de Bento de Crasto e de sua m.er Ana de Bastos, aí moradores, neto pat. de João Pires e m.er Maria Gonçalves, que também aí viveram, e neto mat. de Pedro Antunes, da freg.[a] de St.[a] Cristina de Arões e morador em Fafe, e de sua m.er Maria de Basto, da freg.[a] de S. Tomé de Esturãos, do mesmo concelho de Montelongo. Processo para Familiar de Santo Ofício de Pedro Ferreira da Cunha, Carta de 1.2.1704. Processo — Pedro, maço 14, n.[o] 321. — Torre do Tombo.

legitima» (33). Recebem por um pedaço dos Pombais de Baixo, vendido no tempo de Luzía Ferreira, 90$000 (34), questionam com os da Casa do Paço (35), aumentam o casal (36). Dadas as tornas (37), Senhorinha de Sousa e Pedro Ferreira da Cunha moram, e vão povoando de filhos, na sua quinta dos Pombais.

Pai! Mãe! É um coro de meninos: Feliciana, Francisco, Lucas, Sebastião, Josefa, Jerónimo, Pedro, Diogo e António,

---

(33) «Contrato de dr.º a juro que deu o L. do Fr.co Barbosa a p.º frr.ª e sua m.er m.ores nos pombais», a 30.5.1692. Mesmo 1.º da nota 31.

(34) «Venda que fazem p.º frr.ª e sua m.er senhorinha de sousa a d.os dias dos muinhos freg.ª de feramentãos», a 30.4.1694. Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-2-73). Bartolomeu do Vale e sua m.er Luzia Ferreira venderam a Miguel Dias, do Casal dos Moinhos, Fermentões, pai de Domingos Dias, um pedaço de terra dos Pombaes com seu privilégio das Tábuas Vermelhas, escritura feita nas notas do Tab. D.os Lopes a 23.5.1649. Por falta de pagamento, Pedro Ferreira e m.er apresentam um libelo contra Domingos Dias.

(35) «Doasam e trespaçam de direito que fes Jacinto de Oliveira e sua m.er a p.º ferreira da Cunha todos da freg.ª de sam miguel de Creixomil e D.os Fr.co pontes desta vila de Guimarães», a 30.7.1716. Tab. Salvador Lopes (13-3-39). Queriam os 1.os «mover e demandar a jeronimo da silva de freitas e a sua molher maria de azeredo por hum libello de bens de Raiz por hua Rezam inormissima por lhe arrematarem o seu heido chamado das Amarillas sito na dita freg.ª que sam sinco cazas e hua estrinaria de estallagem e hua leira com sua orta e hum posso...» «e esta asam que tem contra os ditos jeronimo de freitas e m.er por deverem m.tos favores a pedro ferreira da cunha e a d.os fr.co neles cedem e trespassam a dta asam».

(36) «Compra de P.º Frr.ª da Cunha dos pombaes de Junto desta v.ª a M.el Correa de Afonseca e m.er de S. Silvestre de Requião», a 10.12.1709. Tab. Agostinho Ferreira da Silva. (Arq. Part. da Casa dos Pombaes). É a escritura da compra de umas casas das Granjas dos Pombaes, que ficaram então encorporadas à Casa dos Pombaes. São citadas no Reconhecimento no Tombo que faz Pedro Ferreira da Cunha (nota 44).

(37) «Paga a quitação q da Isabel de Sousa mossa donzella moradora na Qt.ª dos Pombaes arrabalde desta villa de guimarães a seu cunhado p.º ferreira da Cunha morador na mesma quinta», a 9.2.1711. Tab. M.el Machado Gomes (14-1-33). Isabel de Sousa, que † solt.ª nos Pombaes a 13.1.1728 (M 7 Creixomil),, deixando por herdeiro seu sobrinho António, dá nesse documento quitação do que lhe coube por falecimento de seus pais: «roupas de linho, dos moveis, das pessas de ouro e prata e de tudo o mais». A outra irmã, Inês de Sousa, em 1692 já estava casada com Marcos Fernandes Machado, mercador e morador na Rua dos Gatos.

todos nascidos na Casa dos Pombais de 1692 a 1710 ([38]). Coro risonho de vozes, fortes e fracas. De onde a onde um trinar de pássaros, os pequenitos a voarem para o Céu: Francisco? Sebastião? Josefa? Pedro? quem sabe? A soar entre o incenso, as rezas cantadas por Feliciana, a «que o mais breve q possa ser a metam num Convento Professo» ([39]), as de Jerónimo da Cunha e Sousa, entra a 25.12.1721 «com o consentimento paterno na Patriarcal Ordem de S. Domingos» ([40]). Vozes a chorarem o desespero da morte: «Lucas solt° f° de Pedro Ferreira morador na sua quinta dos Pombais falece a 7.2.1714» ([41]); o Ben° António Ferreira morre a 25.11.1735, no lugar dos Pombais «herdeiro foi seu pai Pedro Ferreira» ([42]). Uma voz a sobressair, a do sucessor da casa, Diogo de Sousa Peixoto. Cala-se o coro, emudece. A 14.11.1715 Deus chama a Si Senhorinha de Sousa ([43]). Soluça-se baixo, nas *«casas nobres muito bem feitas com fachada ao moderno com suas janellas rasgadas fabricadas de pedra e escadaria com seu escritorio e Repartidas em varias sallas e mais Repartimentos e junto a ellas outras casas terreas de currais e outras cazas sobradadas»*. Onde há *«Recios com arbores de fruito e sem elle hum pinheiro e tem hua entrada nobre com latas e por sima com seu portal muito bem feito com sua cruz por sima no meyo de duas piramedas»*, nesta quinta dos Pombais, reconhecida no Tombo a 3.2.1723, propriedade dos filhos de Pedro Ferreira da Cunha ([44]).

([38]) Nasceu Feliciana a 29.2.1698; Francisco a 5.9.1693; Lucas a 2 4.1645; Sebastião a 1.2.1698; Josefa, a 28.6.1702; Jerónimo, a 30-11-1704; Pedro a 29.3.1706; Diogo a 4.1.1708 (M 5 Creixomil e este último também no N 4 Olv.ª) e António, a 6.10.1710 (M 6 Creixomil).

([39]) «Treslado do testam.° de Senhorinha de Sousa m.er de Pedro fr.ª da Cunha», a 21.7.1717. Tab. Agostinho Teixeira da Silva (6-1-65), pag. 30.

([40]) «Doação e Renunciação de L.as q fes antes de entrar Religiozo Jym.° da Cunha e Souza a seu Irmão Ant.° frr.ª da Cunha ambos f.os de P.° frr.ª da Cunha dos pombays desta v.ª». Tab. José da Costa (22-2-5), pag. 71 v.°.

([41]) M 6 Creixomil.

([42]) M 7 Creixomil.

([43]) M 6 Creixomil.

([44]) «Reconhecimento que fes Pedro Ferreira da Cunha como admenistrador das pessoas e bens de seus filhos possuhidores das propriedades dos Pombais freiguezia de Creixomil, termo de Guimarães», a 3.2.1723. Tombo da Real Colegiada na Villa e freiguesias della». (1-2-3). (Arq. Mun. A. Pimenta). Pedro Ferreira apresenta dois prazos: o acima descrito e o

Ali *«huas casas grandes sobradadas e telhadas com tres janellas pera o Sul e tres pera nascente com duas portas por baixo nas lajes as quais são repartidas por dentro com varias sallas Alcovas cozinha e outras cazas com sua Baranda com sua escada para a parte do norte e com suas latadas sobre o terreiro qui fica ao redor da caza»* (45). Foi este casal possuido por João Alvres e emprazado a Cecília Alves e sua sobrinha Maria das Neves; depois por Margarida Neves e marido Diogo Rebelo de Azevedo; por Baltazar Ferreira de Araujo e filha Luzia Ferreira de Araujo, casada em primeiras núpcias com Bartolomeu do Vale; por «D. Anna da S.ª hora Hieronimo fr.co cazeiro da dita D. Anna», nesse «está P.º Ferreira da Cunha mercador cazado com Senhorinha de Sousa f.ª de M.el Glz mercador e nele achamos por caseiro a seu f.º legitimo Diogo de Sousa Peixoto» (46). Agora não há cenário, não há falas, não há mímica. Apenas um personagem, Diogo de Sousa Peixoto, senhor destes prazos. Em 1752 implora *«para certo negócio de sua utilidade e remir as suas dividas dois contos e coatrocentos mil reis em dinheiro prestavel e para não se desfazer de seus bens, dá em penhor a sua quinta dos Pombais e todas as suas pertenças»* (47). No caso de falecer sem ter pago o empréstimo, nomeia no credor, o rico negociante João Pereira Ribeiro, «nequela vida ou vidas do mesmo prazo». Ali ficam os Pombais de Baixo e de Cima. Diogo de Sousa Peixoto, acabrunhado por dívidas e azares, afasta-se, separa-se, perde a casa onde nasceu.

---

dos Pombais de Cima que nessa altura eram só campos incorporados à restante quinta.

(45) «Prazo dos Pombais de Baixo feito a Diogo de Sousa Peixoto», a 28.7.1757. (Prazo n.º 27 do L.º 4-5-56 do Arq. Mun. A. Pimenta). Diogo de Souza sucedeu nos Pombaes por morte de seu pai. Pedro Ferreira da Cunha, aí + a 8.3.1745 (M 7 Creixomil).

(46) «Livro dos Privileg. de N. Senhora da Oliveira — Freg.ª de Creixomil tr.º da Villa em que há outo casaes», in *«Boletim de Trabalhos Históricos»*, vol. V-n.º 1, pag. 6.

(47) «Dr.º a Juro de João Per.ª Ribr.º a Diogo de Sousa Peixoto», a 13.3.1752. Tab. José da Costa (13-4-4), pag. 154. Entre as testemunhas está Sebastião de Araújo Guimarães, que nesse mesmo dia recebe uma quantia que lhe devia Diogo de Souza Peixoto. «Dinhr.º de Seb.am de Ar.º G.es a Diogo de Sousa Peixoto desta v.ª», mesmo l.º, pag. 155.

Último acto. Praça do Toural ou Praça da Senhora da Oliveira? Praça da Vila. Cheia de cor, de gente, de burburinho. Manchas garridas de roupas domingueiras, fatos do campo, dos diversos costumes, severos trajes da burguesia alastram no movimentado largo. 1765. «... e sucedendo eu passar vestido em corpo pela Praça da vila de G.es e sem levar vara alsada e por ahi estarem m.tas pessoas me persuadirão a que Lamsasse na Q.tª dos Pombais que andava a pregão e tendo avido vários Lansos e por não aver quem desse tanto como eu assignei o meu Lanso» ([48]). É o Senhor António de Souza da Silveira, Dezembargador dos Agravos e da Casa da Suplicação, Conselheiro da Real Fazenda.

«— Arredem! Deixem passar!».

«— Arrematou por seis mil crusados e duzentos e cincoenta mil reis! Mais do dobro do que rende!».

Além, juntam-se mais grupos. João Pereira Ribeiro tentará contestar a posse da quinta; tarda quinze anos em faze-lo ([49]). «Por justo titulo de arrematação feita com todas as solenidades de Direito», é a Quinta dos Pombais dos Souzas da Silveira, futuros Viscondes de Viamonte da Silveira.

Baltazar de Souza, infanção da Governança, mercador de panos de linho, natural da freguesia de Santa Eufémia de Pra-

---

([48]) «Libelo contra João Per.ª Ribr.º». (Arq. Part. da Casa dos Pombaes). Este documento está incompleto.

([49]) Mesmo doc. da nota 48: «...Pr.º e consta do Libelo intentar a Acção de Rezão inormissima quando nem assim lhe competia se estivesse dentro do tr.º da Ley, quando não está, porquanto o R. (Ant.º de Souza da Silveira) está e estava e está de posse da Qt.ª de que se tracta à mais de quinze annos antes q a presente acção se intentasse, e o R. está pessuindo a Qt.ª dos Pombais por justo titulo de arrematação feita com todas as solenidades de direito...».

De João Pereira Ribeiro, «reputado como um dos homens mais ricos da villa», + 21.12.1780 (Ob 5 S. Paio), ficou por herdeira sua sobrinha, f.ª de seu irmão Fr.co Pr.ª Ribr.º,, Dona Joana Joaquina Baptista Pereira Vaz Veloso. m.er de António Joaquim de Paços de Probem de Barbosa,, srs. da Casa de Caneiros. (V. esta Casa).

zins, casa na igreja de S. Sebastião, a 18.11.1702 ([50]), com Plácida da Silveira, filha perfilhada ([51]), e legitimada por Alvará Régio e Breve de Sua Santidade, do Rev.do João Vaz da Silveira, Dig.mo cónego da Colegiada de Guimarães. Com procuração da noiva assiste seu tio, o Rev.do Conego João Vaz da Silva ([52]). Instalam-se na Rua da Fonte Nova; ali nascem e crescem seus filhos ([53]). Entre eles, António de Souza da Sil-

---

([50]) M. 3, Plácida da Silveira, estando na freg.ª de S. Cristovão de Riba de Selho, numa quinta do pai, chamada o Cardido, passa procuração a seu tio, o Rev.º Conego João Vaz da Silva, para a receber «em face eclesiae». Tab. Braz Lopes (13-2-54). O seu dote está no mesmo livro.

([51]) «Perfilhasão q faz o Rev.º João Vaz Sillveira a seus filhos chamados João Vaz Sillveira e placida Sillvr.ª avidos de m.ª nogr.ª sendo solltr.ª desta villa de G.es»,, a 16.1.1691. Tab. D.os da Cunha (12-4-41), pag. 121. O filho estava no Brasil, pedindo o Rev.º Conego a «Sua Magestade os ouvesse assim por bem de os legitimar e mandar lhe passar disso seu titolo e carta costumada». Em 1704, nas notas de Braz Lopes (13-2-55), perfilha outra filha: Ana Maria.

([52]) O Conego João Vaz da Silva,, f.º de Domingos Gonçalves, enxambrador e de sua m.er Catarina Vaz, + a 4.5.1737, in *«Boletim dos Trabalhos Históricos»*,, vol. VI n.º 3, pag. 140. Era primo do Conego João Vaz da Silveira.

([53]) I Baltazar de Souza, + na Qt.ª do Cardido, S. Cristovão de Riba de Selho, a 1.10.1735 «donde o trouxerão morto para as suas casas da Rua da Fonte Nova aos 2 do dito mez». Foi sep.º no Conv.º de S. D.os Sua m.er, Plácida da Silveira, + na mesma q.tª, dois dias antes do marido, «e foi tarzida morta para esta freg.ª e sep.ª no Conv.º de S. D.os». Ob 2 S. Paio.

Tiveram:

1. (II) Catarina, * na Rua da Fonte Nova, Guimarães, b. a 2.12.1703 (B 4 S. Paio), + m.
2. (II) Maria do Espírito Santo, Religiosa no Convento de St.ª Rosa de Lima em Guimarães (Dominicas), A 16.4.1725, ao entrar para freira, dôa o que futuramente receber da herança de seus pais a seus irmãos António e Teresa. Tab. José de Souza (14-1-44a), pag. 107.
3. (II) Jerónimo de Souza da Silveira, que segue.
4. (II) Jerónima, * nasceu na Rua de Fonte Nova a 4.6.1710, + m.
5. (II) Catarina, * na mesma casa 13.12.1712.
6. (II) Josefa, * na mesma casa a 11.8.1715 (B 5 S. Paio).
7. (II) António de Souza da Silveira, * na Qt.ª do Cardido a 22.9.1717 (B 5 S. Paio), de quem tratamos no texto.
8. (II) Teresa Maria, * na Rua da Fonte Nova a 20.10.1720 (B 6 S. Paio.)

II Jerónimo de Souza da Silveira, * na Rua da Fonte Nova a 12.7.1708 (B 5 S. Paio), Lic. em Leis por Coimbra, advogado em Guimarães. Proprietário de um dos oficios de Tabelião do juizo do Geral da Vila de Guimarães,

veira, licenciado em leis por Coimbra, almoxarife juiz executor dos Direitos Reaes em Guimarães, Juiz de Fora em Braga, do Civel em Guimarães e em Braga, do Crime no Porto, e com Alçada do Tombo da Rainha nas comarcas de Guimarães,

---

cujo cargo lhe foi cedido por «Manuel de Magalhães q se acha servindo no oficio de escrivam do Judicial da villa de G.es de que era proprietário havia mais de trinta anos com boa satisfaçam e limpeza de mãos e de presente tinha muitas dividas contrahidas no meu Real Serviço nas muitas diligencias a que foi mandado à sua própria custa e assim esta exausto de meios para as poder pagar e em idade decrepita para poder continuar a servir o dito oficio e pedia por mercê para renunciar...», a 27.8.1738, sendo a posse dada em 1743.«Copia de hua carta de encartamento de hum dos oficios de Tabelião do juizo do geral desta villa de Jm.º de Souza da Silveira da mesma Lansada nesta nota por virtude da petição e despacho abaixo». Tab. André de Freitas (13-4-54). Jerónimo de Souza da Silveira, + na Rua do Guardal a 28.6.1781. x na Igreja de S. Paio, sendo aluno da universidade, a 17.11.1732 com Getrudes Cardoso de Azevedo, f.ª de António da Costa Marinho e de sua m.er Angela Pereira de Azevedo, e que + na Rua do Guardal, c. test.º a 14.3.1762. Tiv.:

1. (III) Manuel José de Souza da Silveira, Escrivão do Geral da vila de Guimarães, + solt.º a 1.11.1781, deixando uma filha natural: Maria Clara (Ob. S. Seb.º).

2. (III) Dona Gertrudes Bernarda, * na Rua da Fonte Nova a 12.11.1735, + antes da mãe.

3. (III) Dona Rosa Clara, * na Rua de Val de Donas (Olv.ª n.º 6), a 25.5.1737, + antes da mãe.

4. (III) Dona Ana Maria da Silveira, * na mesma rua a 26.7.1738 (Olv.ª N 6), Recolhida no Convento de Santa Rosa, em Guimarães.

5. (III) Carlos, * na Rua do Guardal (S. Seb.º) a 20.1.1740. + antes da mãe.

6. (III) José António de Souza da Silveira, sacerdote, abade de Santa Eulália de Pentieiros, * na mesma casa a 6.1.1743.

7. (III) Dona Josefa Cardoso da Silveira, * na mesma casa a 1.6.1744, + antes da mãe.

8. (III) Dona Teresa Maria, idem a 20.7.1746, + idem.

9. (III) António, idem a 5.4.1748, + idem.

Fora do matrimónio, em Jerónima Francisca, solt.ª, teve Baltazar de Souza a

9. (II) Angela de Souza, + na Rua da Fonte Nova a 15.1.1767 (Ob. 4 S. Paio), x a 6.8.1730, na igreja de S. Paio (C 2), com António de Figueiredo, violeiro, da Rua da Fonte Nova, * em Azurém a16.2.1701, + na Rua da Fonte Nova a 2.4.1756, f.º ileg.º de Jerónimo de Figueiredo, violeiro, e de Ana Francisca, neto pat. de Francisco de Figueiredo (f.º nat. do Lic. Marcos de Figueiredo e Morgade, instituidor de um vínculo em Guimarães, e de Angela de Faria) e de sua m.er Ana Antunes. Tiv.:

Aveiro e Viseu ([54]), Professo na Ordem de Cristo ([55]), Familiar do Santo Oficio ([56]), Desembargador dos Agravos e da Casa da Suplicação, Conselheiro da Real Fazenda. Estudemos as suas origens. Deixêmo-nos ir pelos caminhos da freguesia de Prazins, uns muito claros, iluminados de sol, outros pouco palmilhados, cobertos de mato e tojo, veredas a cheirar a terra molhada, à erva dos campos. Vejamos onde nos levam as ruas da vila, a música dos passos nas suas pedras.

Tentamos seguir a varonia. Baltazar de Souza é filho legítimo de Domingos Fernandes, do Casal de Segade, Santa Eufémia de Prazins, e de sua mulher Maria de Souza, do casal da Roda, da mesma freguesia, recebidos nessa igreja a 3.2.1675 ([57]). Tempos atraz nascera-lhes Joana, baptisada a 22.8.1673 «Fª de Maria de Souza soltª, sendo o pai Domingos solto de Segade» ([58]). No casal viveram outro Domingos Fer-

---

1. (III) Rosa Benta de Figueiredo e Sousa, * na Rua da Fonte Nova a 7.6.1731 e + a 8.7.1799. x na igreja de S. Paio, a 14.5.1760, com Francisco Machado das Neves, negociante, * no Assento, freg.ª de Corvite, a 21.1.1708, + na Rua da Fonte Nova a 25.2.1773, f.º de Domingos Francisco e de sua m.er Rozário das Neves Machado. Foram pais de a) Dona Maria Rosa de Figueiredo e Sousa, m.er de Domingos José Cardoso de Macedo, Cav.º Prof. na O. de Cristo, Fid. C. d'Armas, sr. da Casa de Margaride, etc., c. g. (Condes de Margaride); b) Manuel + novo e c) Francisco Machado de Figueiredo, + a 7.10.1790.

2. (III) Jerónimo, * na Rua da Fonte Nova a 15.8.1732 aí + a 8.2.1742.

3. (III) Bernardo António, em religião Frei Bernardo, Religioso na O. de S. Domingos, * na mesma casa a 24.5.1734.

4. (III) Manuel António, em religião Frei António de St.ª Rosa, religioso na o. de S. Francisco, * na mesma casa a 19.10.1735.

5. (III) Bartolomeu de Figueiredo, * na mesma casa a 28.9.1737. Em 1767 estava na India, sem se saber se era vivo ou morto.

([54]) Tirei este e outros apontamentos de «Souza da Silveira», de um manuscrito amavelmente oferecido pelo Exmo. Sr .Dr. Domingos de Araújo Afonso.

([55]) Assim o declara em seu testamento.

([56]) Carta da Inquisição de Coimbra de 1743. M dil. «Em 1743 vivia de seus rendimentos que andavam por 100$000, sendo 80$000 reis do ordenado de almoxarife e o resto do que ganhava pela advocacia», in «Souza da Silveira», nota 54.

([57]) M 1 St.ª Eufémia de Prazins. (Arq. Mun. A. Pimenta).

([58]) N 2 St.ª Eufémia de Prazins. Faltam vários anos neste livro; assim, além de Joana e Baltazar, só tenho noticia de mais os seguintes

nandes e sua mulher Catarina Rodrigues, falecidos em 1645 e 1644, pais de vários filhos ([59]) e, possívelmente, de Domingos Fernandes, pai de Baltazar de Souza ([60]). Uma eira virada ao sol, água a secar no verão, vento a brincar nos campos. Estacamos. A massa imensa, ignorada mas viva, misturada com o ar, com o pão de cada dia, a lavra do chão, a humildade do colmo, a paz dos bichos. Escutamo-la na terra, sentimo-la nas veias. Dela nada mais sabemos. Não iremos mais álem, voltemo-nos para o Casal da Roda.

Aí nasceu Maria de Souza juntamente com sua gémea Serafina, baptisadas a 25.10.1637 ([61]), primeiras raparigas dos nove filhos havidos ([62]) do casamento de Salvador Jorge e Jerónima de Souza ([63]). Por Salvador Jorge vem o casal da Roda, levam-nos os seus atalhos ao mar, a terras distantes, sempre perto dos lares minhotos: seu pai, João Jorge, «falesseo nas partes do brazil» por 1640 ([64]); sua mãe foi Margarida Jorge, moraram ambos no Souto da Roda. E Jerónima de Souza que traz ao casal? *«Dous vestidos de pano de cor huma cama de roupa de uzo, hum manteo de lam, hum gibão de tafeta negro,*

---

filhos de Domingos Fernandes: Angela Fernandes, + soit.ª em 1727, mãe de António Gomes de Souza, mercador em Lisboa, e Sebastião de Souza + em Traz os Montes em Maio de 1716. M 1 St.ª Eufémia.

([59]) Catarina Rodrigues, + a 13.12.1644; Domingos Fernandes a 24.1.1645, ambos em Segade. Encontro-lhes estes filhos: Manuel, b. a 24.5.1620; Ana, b. a 26.9.1621; Francisco Fernandes, suc, no casal, b. a 8.12.1623 + a 8.1.1671; Gregório, b. a 25.3.1626 e Maria, de quem não achei a certidão de baptismo, + solt.ª a 15.12.1652. M 1 St.ª Eufémia.

([60]) Domingos Fernandes + «no Souto da Roda homem pobre mandou-lhe seu filho Balthazar de Sousa da vila de G.es fazer hu officio de sinco padres pella sua alma», a 11.12.1708. Maria de Souza + a 15.5.1681. M 1 St.ª Eufémia.

([61]) Mesmo l.º da nota anterior.

([62]) Além das duas citadas no texto, tiveram mais: Martinho de Souza, * em Guimarães, freg.ª da Olv.ª, b. a 11.11.1636 (N 1); Domingos, * no casal da Roda, como todos os irmãos seguintes, b. a 18.3.1640; Torcato de Souza, suc. no casal, b. a 27.8.1642, + «de hum estupor», a 12.8.1720, c. c. g.; Jorge, b. a 15.6.1644; Mariana de Souza, b. a 25.3.1648 + solt.ª a 1.4.1727; Madalena de Souza, b. a 22.7.1650, x. a 30.1.1692 com Mamede da Silva, do Casal da Bouça, c. g.; Inácio de Souza, b. a 17.9.1652. N 1 e M 1 St.ª Eufémia. Salvador Jorge e Jerónima de Souza, faleceram ambos no Casal da Roda, respectivamente a 23.8.1683 e 30.12.1673. M 1.

([63]) Casaram em St.ª Eufémia de Prazins a 13.5.1633. M 1.

[64] Mesmo l.º da nota anterior.

hum carro de pão, trinta razas de milho, dez de centeio, hum carro de vinho mole», e uma casa *«feita e acabada e terra para huma orta»* (65). Traz também para a sua descendência o apelido de Sousa, «de la grande Caza de Sousa, que desde las ruinas de la Monarchia Gothica, passou gloriosamente a ser porcion angusta del Lusitano Império» (66).

Tomamos esse caminho, perdemo-nos no passado. Desde Lagos envia El-Rei Dom Sebastião, em 1574, as suas ordens: às cidades, às vilas, aos capitães, aos nobres: «Conformandome com as ocasiões do tempo, e procedendo nos intentos, practicas e resoluções passados sobre as materias de Africa, assentey irme a Cidade de Ceuta, e della a de Tangere, tanto que chegar gente com que me pareça que o devo fazer; pelo que vos encomendo muyto, e vos mando, que logo tanto que esta virdes, vos venhaes a Tavira com todos os cavallos, que puderdes ajuntar, logo sem dillação deixando ordem para virem apoz vós todos os mais com que me puderdes servir». De Tavira seriam transportados a Tanger, mas quem quizesse seguir directamente «poderia embarcar em outra parte» (67). Desde a portuguesa Ceuta, desde Tanger, baluarte de Portugal entre a moirama, fácil será, querendo-o Deus, atirar-se aos muçulmanos, varar infieis, cobrir-se de glória. Largam, rumo a África, a rirem-se das tempestades, transportados pela mística de um

(65) «Dote de casamt.° que fez o Reverendo abade de Santa Eufémia a Jerónima de Souza moradora em penido freg.ª do mosteiro do Souto com Salvador Jorge morador em santa ofemea todos deste termo», a 27.3.1633. Tab. Fr.co Peixoto de Carvalho (12-3-21). É o abade de St.ª Eufémia, Rev.° Manuel de Souza, quem faz o contrato e dá a casa à noiva. Neste documento declaram-se os pais dos nubentes: Jerónima de Souza é «f.ª de ana fernandes moradora em penido mosteiro do souto e de francisco de souza de gouvea morador na villa de Guimarães».

(66) *«Teatro Historico Genealogico e Penagyrico erigido a la Immortalidade la Excelentissima Casa de Sousa»*, por Manuel de Sousa Moreyra, Paris, em la Emprenta Real, MDCXCIV. Suponho que Francisco de Souza de Gouvea descenda, por sua mãi, da Casa de Souza; não tenho provas. Na *«Justificação da Nobreza de Baltazar de Souza»*, existente no Arq. Part. da Casa dos Pombaes, vem que este procede, por sua avó materna, da mesma geração que os Marqueses de Minas, descendendo do pai do 1.° Marquês. Não encontro tal ligação nos Nobiliários, nem, vendo as datas, me parece coisa possível.

(67) In *«História de Portugal»*, Edição monumental, Direcção literária do Prof. Damião Peres, V volume, pag. 83.

Rei menino, valente, alheio ao conselho dos mais experimentados, desejoso de se bater. Param em Ceuta, para Tanger seguem. Caçam o porco do mato, treinam-se em cavalhadas, espreitam o inimigo, provocam-no. Ali vem o Vice Rei de Mequinêz num reconhecimento! São milhares e milhares de homens a cavalo! Ao ataque! É agora! Nessa refrega, arma El-Rei Dom Sebastião cavaleiro a Belchior de Gouveia de Melo, fidalgo de geração ([68]) «e pello seu grande esforço e servissos

---

([68]) Não tenho documentação sobre a ascendência de Belchior de Gouveia. Felgueiras Gayo no *«Nobiliário»*, vol. XV, tit.º de Gouveias, & 68, diz que é bisneto na varonia de Afonso Gil de Altero ou Gouveia (Queirozes & 2 N 11) ou mais provavelmente de Fernão Alvares Cabral, Alcaide Mor de Belmonte, e de sua m.er Isabel de Gouveia, o que é desmentido com provas nos *«Subsídios para uma biografia de Pedro Alvares Cabral»*, excelente e documentadíssima obra de Luís de Mello Vaz de Sampayo.

Transcrevo da *«Pedatura Lusitana»*, de Cristovão Alão de Moraes, Tomo 3.º, vol. II, pag. 461, edição ao tit.º de Gouveia, a ascendência de Belchior de Gouveia.

«1. Gil Afonso de Gouvea era sobrinho de Afonso de Gouvea e avô materno de D. Jerónimo Osório, Bispo do Algarve, todos parentes destes Gouveas de Vallelhas de q escrevemos, x como dizem com Brites Veloso viuva de António Chainho e filha ... e teve

2 Luis Afonso de Gouvea

2 Francisca Gil de Gouvea m.er de João Osório da Fonseca.

Parece que casou também com M.ª de Mina Fonseca e teve:

Felipa de Mina m.er de P.º Dias Rebelo.

(Hua memoria o faz neto de Vasco Frz de Gouvea n 2. e a este Gil A.º dá por filho do 2.º a J.º de Queiroz de Gouvea Tomo 1.º fls.332).

2. Luis Afonso de Gouvea, foi correo-mor do reino x Ines Fernandes de Melo, hirmã de Fr. António de Mello, Dom Abade de Alcobaça, f.os ambos de Baltazar Frz e de sua m.er ... f.ª de João Roiz Marmeleiro como consta de hu alvará da R.ª D. Cn.ª passado por João de Castilho no anno de 1562 cujo treslado autentico esteve em nosso poder. (Este Luis Af.º foi o 2.º Correo mor deste Reino por m.e del Rei D. J.º o 3.º o qual instituiu este oficio em Luis Homem Cav.º da sua Casa cõ tit.º de Mestre dos Correos e coreo mor. Ele foi o 1.º por sua morte nomeou Luis A.º em Lx a 13.1.1532) e tiv.:

3 Balthazar Luiz de Gouvea de Mello, Mestre Escola no Algarve.

3 Joseph de Landim de Gouvea.

3 Luis A.º de Gouvea, morreo na India.

3 Belchior de Gouvea de Mello.

3 ... m.er de Fr.co Coelho que foi Correo mor e tiverão

lhe deo a seta que traz no habito de Christo e o proveo de comendas». Inverno à porta, com falta de cavalos e trigo, prometidos pelo Rei de Espanha, regressa El-Rei ao Reino. Volta, já provada a força da sua gente, mais decidido que nunca a viver a triste agonia de Alcácer-Kibir, ainda um sonho, uma grande esperança de glória.

Comendador do Mosteiro do Salvador do Souto [69], no termo de Guimarães, Belchior de Gouveia, visita-o pelo menos de três em três anos, como é sua obrigação. Acompanham-

---

Inês da Guerra q levou o oficio de Correo Mor e casou por ordem do Rei cõ M.el de Gouvea por cujo morte vagou o oficio p.ª a coroa e El Rei D. Felipe 3.º o vendeu a Luis Gomes da Mata, F. da sua Casa por 70 mil cruzados em Madrid a 19.7.1606.

Belchior de Gouvea de Mello, f.º 4.º de Luis A.º de Gouvea n 2. Foi armado Cavalleiro em Affrica no recontro dos Pomares por El-Rei D. Seb.º no ano de 1574 E vimos a certidão E o mesmo Rei por seu grande esforço e serviços lhe deu a seta q trazia no hábito de Christo E o proveo em Comendas. Casou com Dona Branca, al. Dona Maria de Souza, neta de P.º Eanes de Abreu, Contador Mor e Vedor do Infante Dom Henrique e neta pella parte materna de Diogo de Souza Pereira, da qual teve

4 Matheus A.º de Gouvea x D. Catarina de Valadares.
4 Agostinho de Gouvea.
4 Francisco de Gouvea.
4 D. Inês.
4 D. Joana de Eça».

[69] «As comendas de Guimarães, sobretudo as de Ronfe, Serzedelo, Mosteiro do Souto e S. Martinho de Sande, eram de magnifico rendimento, e todas elas andaram sempre na mão principesca de nobres Freires e Cavaleiros fidalgos, e no costados dos seus descendentes quando pelo armorial herdassem as honras e títulos honoríficos». Dom Teodósio I, Duque de Bragança quando por morte de seu pai teve em doação a vila de Guimarães «conseguiu dos altos poderes reais e pela ligação de parentesco que tinha com o perpétuo Administrador da Ordem Militar de Cristo, que para algumas comendas deste termo fossem nomeados Comendadores, certos Cavaleiros Professos, da mais alta cepa da nobreza que ficavam a usufruir, pela rendição de graças, todos os rendimentos... «in *Curiosidades de Guimarães», (XIII) - Comendas da Ordem de Cristo no Termo de Guimarães»*, por Alberto Vieira Braga. Lê se no mesmo volume que o Mosteiro do Souto foi dos cónegos de St.º Agostinho até 1552. Reduzido nesse ano a secular, apresentaram como prior Martim Rebelo de Macedo, o qual alcançou de Pio IV dá-lo em comenda a seu sobrinho Rui Drago, Cav.º de Cristo. Lê-se também que em 1572 foi Comendador Rui de Melo, e em 1618 Belchior de Gouvea.

-no por vezes seus filhos, havidos de seu casamento com Dona Branca ou Dona Maria de Souza, neta de um Contador Mor e Vedor do Infante Dom Henrique. É então que no velho Mosteiro do Salvador do Souto, a 28.12.1608, começam os Souzas do Casal da Roda: baptisa-se «Jeronima fª de Ana soltrª do barral fª de Ilena Glz viuva forão padrinhos Balthezar Gomes do reguengo estudante fº de fr.co Glz do reguengo e deu por pai a fr.co de souza f.º do Comendador do Souto» (70). Desperta para a vida Jerónima de Souza, uma vida simples, chã como a urze dos montes, a espalhar o seu sangue fidalgo pelos casais dos lavradores minhotos.

Se é junto das velhas pedras do Mosteiro do Salvador do Souto que principia este ramo dos Souzas, é nos claustros da Colegiada da Senhora da Oliveira onde os Silveiras, que em breve se unirão aos do Casal da Roda, provam, na pessoa do Reverendo Conego João Vaz da Silveira, «Homem muito grave», a sua ascendencia. A 4.7.1663, mão direita sobre os Santos Evangelhos, desfilam infanções, mercadores, sacerdotes e fidalgos, unanimes em que «joão Vas Silveyra filho legitimo de joãovas Silveyra edesuaprimeiramulher jullia deCrasto, mercador emorador nacidadedo Porto eneto pella parte paterna, de Amador Lourenço edeysabelbas naturaes, e moradores na freyguesia de Sam Sebastião destaVilla e neto materno deDiego deCrasto edesua mulher Maria Rodrigues naturaes emoradores na Villa deponte dolima», é «Christão velho, sem rassade mouro, judeu, christão novo, ou de alguma outra seita dos novamente Comvertidos anossa Santa fee, Catolica» (71). Nas ruas das vilas de Guimarães e Ponte de Lima ressoam os passos de mais estes antepassados dos novos senhores dos Pombais.

Entram na Casa dos Pombais o Desembargador António de Souza da Silveira e sua mulher Dona Custódia Maria da Guerra e Cunha (72). Vêm cansados do longo peregrinar pelas

(70) M 2 Salvador do Souto. (Arq. Mun. A. Pimenta). Esta certidão tamvém está transcrita na *«Justificação de Nobreza de Baltazar de Souza»*, v. nota 66.

(71) «Provanças domeoprebendado João Vaz Sylveyra que tomou posse aos quatro de julho de 1663 — Auto deynquerição depuritate sanguinis de joão vaz silveyra», in *«Bol. de Trabalhos Históricos»*, vol. VI, N 1, pag. 21.

(72) Dona Custódia Maria da Guerra e Cunha e António de Souza da Silveira x na Igr.ª de S. Seb.º a 14.5.1739(C 1, p. 137 v.º).Nasceu Dona

«comarcas de Braga, Viseu e Aveiro». Deixou ele o cargo de «Juiz de Crime da cidade do Porto e sua comarca, Auditor geral da Gente da Guerra»; agora é em Guimarães «Juiz do

---

Custódia a 17.10.1722 (N 6 S. Paio), f.ª de Manuel Lopes da Guerra, negociante em Guimarães, e de sua m.er Angélica Maria da Cunha (rec. em Infias a 27.12.1721). De seus pais, fals. nas Lages do Toural, respectivamente a 19.11.1755 e 21.3.1753, herdou os prazos seguintes: o de S. Mart.º do Conde, priv. das Tabuas Vermelhas; o da Qt.ª de Passos de Baixo e a propriedade da Deveza da Torre, em Infias; o da Herdade, em S. Tomé de Abação, o campo da Garrida, em Azurém, e as casas nas ruas de S. Dâmaso, Couros e Toural com a condição de dar uma mensalidade a seus irmãos, Frei João de St.º António, Frei Lourenço da Guerra, Frei Domingos e Frei Manuel da Guerra.

A familia pat. de Dona Custódia Maria é oriunda do Casal de Entre as Vinhas, freg.ª de S. Tomé de Abação; procedem de Salvador Pires e de sua m.er Maria Gonçalves, lavradores e m.res nesse casal (M 1 Abação). Dos trisavós de Dona Custódia, Salvador Pires, o Novo e m.er, Maria Lopes, foi bisneto, também na varonia, Manuel Lopes Cibrão, sr. do Casal de Entre as Vinhas (M 1 2 Abação) avô pat. de Dona Maria Josefa Gonçalves Cibrão (N 1 Abação e M 3 Tabuadêlo), sr.ª da Qt.ª da Lama, em Tabuadêlo, actualmente Paço de S. Cipriano, x com José da Costa Santiago (C 1 Tabuadêlo), de onde descendem os Senhores do Paço de S. Cipriano, e de Dona Maria Rosa Joaquina do Espirito Santo Cibrão (C 1 Tab.º), m.er do Dr. António José Veloso da Costa, sr., por compra, da Casa do Passadiço, em Braga, sogros de José Maria de Souza da Silveira (v. adiante no texto). De Manuel Lopes da Guerra, pai de Dona Custódia Maria, foi irmã Maria Lopes da Silva, m.er de Gaspar Francisco Simões (x em Abação a 31.8.1729), pais de Dona Rosa Maria da Guerra x com Francisco José Felgueiras, ascendêntes da família Felgueiras, de Guimarães. Quanto ao apelido Guerra, provém de Simão Gonçalves e de sua m.er Isabel Mendes, srs. do Casal do Assento, St.ª M.ª de Matamá (freg.ª em que o M 1 só começa em 1668), que foram pais, pelo menos, de Gaspar Mendes da Guerra, administrador da capela de St.ª Margarida e da Ot.ª de Sentiais, em Vizela, «mercê recebida pelos serviços que a El-Rei fizera nas fortalezas da India por mar e terra» (petição de uma sua f.ª para se encartar na dita administração, a 20.2.1702, Tab. Braz Lopes (13-2-53), + em Sentiais a 23.2.1671 (O 1 S. Faustino de Vizela), x Jerónima de Castro Salgado, sr.ª da dita Qt.ª (dote em 1621, Tab. Mateus de Freitas (12-3-33) c. g.; de Gonçalo Mendes, + em Sevilha, e Simão Mendes, estante em Sevilha em 1621 (Pr.çam de sua mãe nesse data, Tab. Fr.co Px.to de Carv.º (12-3-53) e de Pascoal Mendes da Guerra, sr. do Casal de seus pais, x em Pencêlo a 2.6.1619 com Margarida Francisca (M 1) e que tiveram, pelo menos: a) Padre Dâmaso Mendes da Guerra, Vigário de Matamá; b) Catarina Mendes da Guerra (prova se a sua filiação por um bap. duma sobrinha a 28.11.1655 no M 2 de Vila Nova de Infantas) x por 1642 com Bartolomeu Ennes, sr. do Casal do Sairrão, Mesãofrio, c. g. (4.os avós na varonia do 1.º Conde de Margaride); c) Silvestre Mendes, x a 24.1.1655 com Isabel Ribeiro, sr.ª do

Tombo do Reguenguo da Senhora Rainha». Trazem movimento, alegria, muita gente a esta casa: todos os seus filhos, o seu irmão e cunhado Frei Manuel da Guerra, os criados, os moços. Ao deixarem a Rua das Lagens, ao Toural, exploram a nova residência João José, Francisco António, Dona Maria Josefa, Dona Ana Perpétua Rosa, José Vicente, Dona Luíza, Dona Margarida, Dona Inês e Dona Joana, filhos dos donos da casa [73].

Casal da Pupa, Vila Nova de Infantas (M 1 Infantas e dote no Tab. D.os da Cunha (12-4-20), levando ele em dote 60$000, 1 boi que vale 6$000, 1 porquo e 1 bácoro, hum vestido de cazamt.° e hua manta), c. g.; d) Maria Mendes, x por 1657 com João Francisco, sr. do Casal da Corredoura, Lobeira (dote a 9.5.1657, Tab. D.os da Cunha (12-4-22), c. g.; e) António Mendes, x a 15.9.1658, em Mesãofrio, (M 2) com M.ª Rib.° + s. g., e que depois passou as 2.as nupcias, vivendo no Casal do Outeiro, Matamá, c. g.; f) Inácia Mendes, x por 1658 com Domingos Gonçalves, sr. do Casal da Ribeira e dos Encados, em Mesãofrio (dote a 2.1.1660, Tab. d.os da Cunha (12-4-24), c. g.; g) Domingos Mendes, suc. no Casal do Assento, x a 13.10.1658, em Infantas, com Catarina Ribeiro (M 2), c. g.; h) Ana Mendes, x João Martins, sr. do Casal da Murteira, Matamá, pais, de entre outros, Pascoal Mendes, sr., pelo casamento, do Casal da Bica, Urgêses (a 26.7.1702, M 3 Urgêses) (trisavô de Dona Emília Francisca Teresa Pereira Teixeira, x com Manuel Baptista de Sampayo, v. nota 48, da Casa do Paço, Creixomil) e de Inácia Mendes, avó de Dona Custódia Maria da Guerra e Cunha.

Pela família paterna descende Dona Custódia, segundo Felgueiras Gayo, de Fernão Vasques de Abreu (*«Nobiliário»*, Tomo I, Abreu de Regalados, &27) por sua neta Francisca de Macedo, (Abreu &31) casada com João Regadas, pais de Paula Regadas da Cunha, m.er de Gaspar de Quiro (tit.° de Vasconcelos & 101 N17). Destes, segundo a mesma fonte, foi filha Jerónima da Cunha, (v. árvore) casada com Manuel Pacheco, a quem no tit.° de Pachecos &10, Pachecos Pereiras do Porto, F. G. chama Manuel Pacheco Pereira e diz ser filho de Manuel Pacheco, que vivia no Porto, sr. da Qt.ª da Ledesma, em St.° Estevão de Barrosas, e irmão de João Pacheco Pereira, Fid. da C. do Inf. Dom Duarte por alvará de 1574, sr. das casas de seu pai, no Porto, e da Qt.ª de Ledesma. Sem elementos para confirmar ou desmentir esta ascendência, sei apenas que Manuel Pacheco, trisavô de Dona Custódia, + na Qt.ª da Ledesma, Barrosas, Lousada, a 21.10.1642 (M 1, Arq. Dist. do Porto), aí nasceram os seus filhos. Destes, os que casaram, levaram dotes comuns a todos os lavradores abastados da época.

[73] F.os do Dr. António de Souza da Silveira e sua m.er foram: Bento, (Frei Bento de S. José), Monge Beneditino, * em Guimarães, na Rua das Lages, a 21.3.1741; Dona Angélica Maria Bernardina, (Freira em St.ª Clara), * na mesma casa a 1.12.1742; João José de Souza da Silveira, Suc., * na mesma casa a 10.2.1744; Francisco António de Souza da Silveira, * em Braga, na Rua do Forno, freg.ª da Sé, a 13.4.1745; Dona Maria Josefa, * em Braga a 20.5.1746, + solt.ª nos Pombaes «inesperadamente e vivia em demencia»

Faltam os mais velhos: Frei Bento de São José, já monge beneditino, e Dona Angélica Tomásia da Silveira, a que em 1758 António de Souza da Silveira «tendo-a debaixo do seu pátrio poder com grande devoção, recolhimento e honestidade e virtudes devidas» dezejando muito dar-lhe o seu estado ela com muito gosto tinha escolhido ser religiosa principalmente na clausura do Convento de Santa Clara», dota para freira (74). Falta Dona Teresa Angélica, então já falecida. Têm familia, têm bens, têm felicidade. Tudo deixa ao adormecer no Senhor, a 14.7.1766, Dona Custódia Maria da Guerra e Cunha, a quem o marido «devia todas as obrigações pella boa educação que deu a seus filhos e pella sua muita caridade».

Em Abril de 1771, vai o Desembargador António de Souza da Silveira «assistir em Lisboa por conta de Sua Magestade fidelissima o aver despachado Desembargador da Casa da Suplicação». Já casado (77), encontra-se em Chaves, onde é Juiz de Fora, o filho terceiro, Francisco António de Souza da

---

a 23.1.1780; Dona Teresa Angélica, * em Guimarães, na Rua das Lages, a 18.6.1747, deve ter + m.; Dona Ana Perpétua Rosa de Souza da Silveira, * na mesma casa a 20.5.1749, x em Braga, freg.ª de S. Lázaro, a 18.5.1775, com António Pereira Marinho Falcão e Melo, adm.or do vínculo do Lamôzo, Caldelas, Amares, c. g.; José Vicente de Souza da Silveira, * na mesma casa a 15.7.1750 (afilhado do futuro 1.º Marquês de Pombal) sacerdote; Dona Luísa, de quem ignoro a data do nascimento, + nova; Dona Margarida, (freira no Conv.º de St.ª Rosa de Lima), de quem também não sei a data do nascimento; Dona Inês, (freira, como sua irmã), * nas Lages do Toural a 2.5.1760, e, finalmente, Dona Joana, religiosa como as suas irmãs, * na Qt.ª do Cardido, freg.ª de S. Cristovão de Riba de Selho, a 28.10.1763.

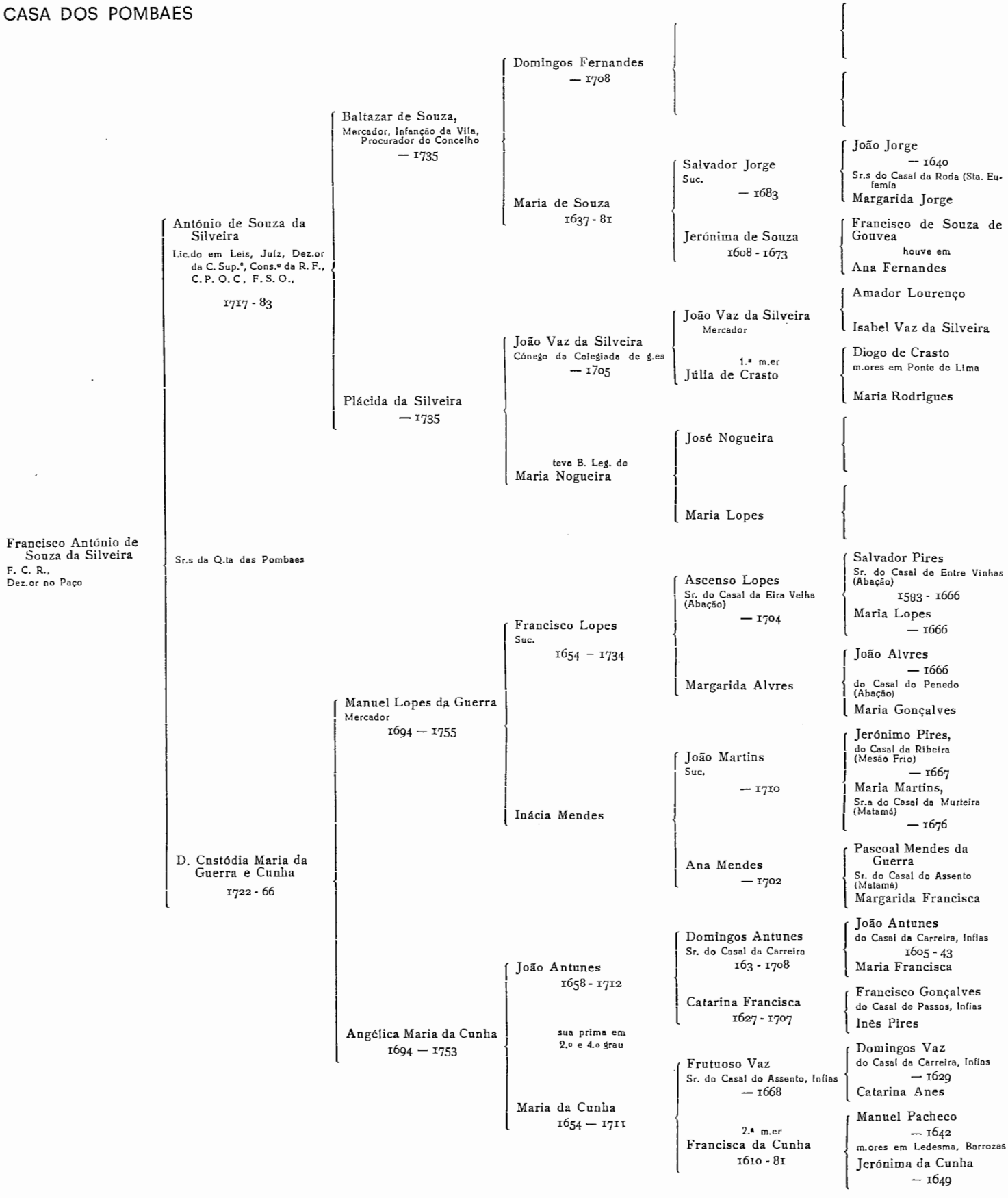
(74) Dote do Doutor António de Souza da Silveira, Juiz de crime na Cidade do Porto e sua comarca, Auditor Geral da Gente da Guerra, Almoxarife dos Reguengos, a sua filha Dona Angélica Tomásia da Silveira (noutros docs. é Angélica Maria Bernardina), a 11.4.1758, para entrar para o Convento de St.ª Clara. Dá um conto de reis de dote. Tab. D.os Frz Mendes (22-2-60).

(75) Em muitas escrituras dessa época lemos várias compras de casas e propriedades no termo de Guimarães, feitas pelo Desembargador António de Souza da Silveira e sua m.er.

(76) Faleceu nos Pombaes, foi sep. em S. Domingos. M 8 Creixomil.

(77) Francisco António de Souza da Silveira x a 22.7.1770 com Dona Joana Perpétua Joaquina de Sequeira e Melo Queiroga, sr.ª da Casa de Boticas, perto de Chaves, f.ª de João Baptista Queiroga, lic. em Leis juiz de fora em Braga, corregedor em Santarém, ouvidor em Chaves, etc., e de sua m.er Dona Ana Micaela de Sequeira e Melo, sr.ª da Casa de Boticas. in «Souza da Silveira», manuscrito citado na nota 54.

CASA DOS POMBAES



Silveira. Antes de partir para a capital faz António de Souza da Silveira o seu testamento. Conseguiu, por decreto real, recolher todas as suas filhas «até as mais pequeininas», no convento de Santa Rosa de Lima, em Guimarães. Nomeia os seus haveres, o vínculo que instituiu nas notas do escrivão João Ferreira, de Pombeiro, e os oficios de almoxarifado em seu filho João de Souza da Silveira; põe-lhe diversos encargos: *«sustentar todas as minhas filhas recolhidas com aquela disencia que eu pratiquei emquanto não tomarem estado, tratando-as sempre com amor», sustentar, vestir e calçar a seu irmão Jozé Vicente athe elle tomar estado de religiozo* [78] *ou ter beneficio com que se contente»*, dar de dois em dois anos um hábito a sua irmã freira *«assistindo-lhe em tudo quanto puder nas suas necessidades»*. Recomenda-lhe *«muito que cuide de sua Caza e seja muito temente a Deus e a Sua Magestade Fidelissima e viva sempre no Santo Temor de Deus e sera obrigado a cazar querendo com mulher limpa e de limpo sangue sem infamia»*, e se casar *«com dote avultado meta freiras a suas irmãs»*. Pede a seus *«Sucessores que não se misturem com pessoas infamadas e que tenham vileza e que se fação familiares do Santo Oficio, que é honrra muito estimavel»*. Doze anos depois, a 15.11.1783, aparece morto na cama [79] o Desembargador António de Souza da Silveira, Conselheiro de El-Rei [80].

Ao estudar a Casa do Costeado, indo até à capela da Senhora da Luz, lá encontramos o sucessor dos Pombaes a receber as bençãos nupciais com Dona Josefa Ventura de Palhares Coelho de Brito [81] educanda no convento de Vairão. João de Souza da Silveira, Fidalgo da Casa Real [82], Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Capitão Mor, Sargento Mor [83] e Juiz dos

---

[78] O Padre José Vicente de Souza da Silveira era em 1810 abade de Vila Cova; foi Capelão Fidalgo da Casa Real e Comissário do Santo Oficio.

[79] Ob. 1 Creixomil, pag. 9 v.°. Aí vem o seu testamento.

[80] «...altura da carreira em que se apresentou». Ms citado na nota 54

[81] V. «Casa do Costeado», Creixomil.

[82] Alv. de

[83] Em 1781 era Sargento Mor de Ordenanças, na Lista dos Sargentos Mores em Guimarães — Ordenanças de Guerra — Sargentos Mores, in *«Para as Naus da India e do Brasil»*, de Alberto Vieira Braga, pag. 148.

Direitos Reais em Guimarães, Familiar do Santo Ofício ([84]), Senhor da Casa e vinculo dos Pombais, não tem filhos de seu casamento. Morre a 21.8.1804, é sepultado em São Domingos, «com a decencia devida às pessoas de sua qualidade» ([85]) Segue-se a morte, também nos Pombais, a 18.1.1806, de seu sobrinho António de Souza da Silveira ([86]). Na Casa fica só uma senhora, Dona Josefa Ventura, a viúva de João de Souza. Que há? Que novas entram pelo portal da quinta? Que escutam Dona Angélica no seu convento e as «mais pequeininas», agora já freiras no de Santa Rosa de Lima? Que notícias chegam até às sobrinhas, Dona Ana Casemira e Dona Maria José, em Amares, no vínculo de Lamoso? Soldados a marchar, reinos a cair, fronteiras a desaparecerem. Regidas por um corso, desconhecido até há pouco, agora um Imperador, avançam as tropas. Europa afora, alastram, saqueiam; domina a Águia Imperial da França. Estão cinzentas as águas do Tejo. Ao largo, à espera da acalmia dos mares, balouçam as naus, os bergantins, as embarcações mais variadas. Levam uma Raínha, perdida entre gritos e fantasmas, levam o Principe Regente, a Princesa, os Infantes, o Principe da Beira. Parte o Governo, a Côrte, os servidores. 15.000 almas deixam Lisboa na manhã de 29.11.1807. Rumo ao Brasil, lá vai o futuro Dom João VI certo de cumprir o seu dever, seguro de ganhar, com esta fuga aparente, a primeira das batalhas contra o exército de Napoleão.

([84]) Carta da Inquisição de Coimbra, de 9.8.1768. Nessa altura, ainda em vida do pai, tinha de renda anual entre 500$000 a 600$000. Ms. citado na nota 54.

([85]) Ob. 2 Creixomil. Não fez testamento.

([86]) Mesmo L.º citado na nota anterior. António de Souza da Silveira, f.º do Desembargador Francisco António de Souza da Silveira, * na comarca de Viseu, foi Fid. da C. R., Alv. de 24.3.1791, L.º 26 das Mercês da Rainha Dona Maria I, in *«Dicionário Aristocrático»*, de João Carlos Feo Cardoso de Castelo Branco e Torres, pag. 259. Lê-se no *«Bol. de Trabalhos Históricos»*, vol. III, n.º 1, na cópia do «Livro das Sepulturas que tem esta Igreja do Convento das Religiosas da Madre de Deos desta Villa de Guimaraens», o seguinte: «Sepultura 4-1804 — Nesta Sepultura se enterrou D. Maria Rita, Mulher de António de Souza da Caza dos Pombaes d'esta Viila; e p.º constar em todo o tempo fiz esta clareza. Hoje Convento da M.e de Deos. Guim.es 22 de Novembro de 1804 a». Suponho que seria mulher deste António de Souza da Silveira e não tiveram geração.

Onde os Souzas da Silveira nesta época agitada? Rio de Janeiro, capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Movimento, côr. Janelas engalanadas com palmas e arruda. A dançarem nas ruas cantam pretos, executam cabriolas, marcam compasso. Passam as procissões, solenes, ricas, carregadas de tradições portuguesas. Marejam-se de água, uns ou outros olhos saudosos da terra, da família, das facilidades de Lisboa. Logo secam: tudo é tão lindo, tão diferente, tão novo. Vai-se estendendo a civilização, surgem as chacaras pelos arredores, nascem os benefícios, é a capital do Reino. Ali uma mulata dengosa, toda sêdas, toda rendas. Além, na sua carruagem, um grande fidalgo em uniforme de gala. Mais perto, mesmo aqui «uma traquitana de dezembargador da Casa da Suplicação, com sua beca de sêda negra, e ao pescoço o colar carmezim de Cristo» [87]. Pode bem ser as de Francisco António de Souza da Silveira, licenciado em leis, Fidalgo da Casa Real [86], comendador na Ordem de Cristo, Desembargador do Paço, no Rio de Janeiro. Longe, muito longe das comarcas de Chaves e Viseu onde foi juiz, das suas casas em Guimarães e em Boticas, dos filhos [89], olha o vento a dansar nas palmeiras reais, vê-as crescer com graça para o alto.

---

[87] In *«Dom João VI no Brasil»*, por Oliveira Lima, vol. II, pag. 966, 1.ª edição.

[88] Alv. de 20.4.1809, in «Souza da Silveira», ms. citado na nota 54.

[89] Filhos do Dez.or Francisco António de Souza da Silveira e sua m.er: 1) António de Souza da Silveira, no texto e v. nota 86; 2) José Maria de Souza da Silveira, no texto; 3) João de Souza da Silveira, + solt.º em Guimarães, em casa de seus pais, na rua de St.ª Maria, a 1.3.1789 (Ob. 4 Olv.ª); 4) Dona Maria José, solt.ª, em 1792; 5) Joaquim Alberto de Souza da Silveira, «marechal de campo dos exércitos português e brasileiro, Veador de S. M. a Imperatriz do Brasil, D. Maria Leopoldina, x no Rio de Janeiro, freg.ª de St.ª Ana, a 20-7-1825, com D. Antónia Margarida de Mendonça Figueira de Azevedo, Dama da citada Imperatriz, f.ª do Des.or Dr. Joaquim José de Mendonça Cardoso e de sua m.er D. Maria José Figueira de Azevedo. Foi sua f.ª única. D. Maria José de Mendonça da Silveira, * em Pati do Alferes, x 1.º no Rio, a 5.12.1844, com Jorge Firmo Loureiro, adido à Legação no Rio, de S. M. F., e a 2.ª, também no Rio, com João António Martins Tinoco, negociante, nat. de Amares. Teve do 1.º casamento: a) D. Carolina da Silveira Loureiro, * no Rio, freg.ª da Glória a 17.4.1857, + em Braga, em 1943, x em Braga, freg.ª de S. João do Souto, a 13.4.1873, com o Dr. Joaquim José Malheiro da Silva, médico, c. g. (Silveira Malheiro); e do 2.º matrimónio: b)Francisco da Silveira Tinoco, ° em Braga, freg.ª do Souto, a 2.5.1867, x

Em Portugal há guerra. Escurecem os montes, as serras, sob o peso das tropas inimigas, miseráveis, rôtas, mas a passar, a avançar, sem nada que as detenha. Alastra a vergonha e as lágrimas correm dos olhos humildes dos homens ao verem os seus campos destruidos e a força dos seus varapaus impotente para conter a torrente vinda de França. Entre o sangue, a lama dos caminhos passa Junot semeando a desgraça. Em Lisboa fica. Um brado, o primeiro, vem do Porto; segue-se-lhe Braga e o de Sepúlveda; em Bragança; levanta-se aos poucos a alma portuguesa; uma a uma as cidades e vilas vão aclamando Dom João VI. Em 1.8.1808 do Real Corpo da Marinha é transferido para o Regimento de Infantaria 18 José Maria de Souza da Silveira, tenente graduado em 5 de Agosto [90], filho de Francisco António. O exército de Portugal, primeiro hesitante, indisciplinado, revive debaixo do comando de Wellesley e, depois, de Beresford, cresce e toma com garra a sua antiga grandeza. Vimeiro, Roliça, a triste convenção de Sintra, a gargalhada dos franceses vencidos, a retirar carregados de despojos. A segunda invasão: as tentativas de Soult para atravessar o Rio Minho, Chaves, Traz-os-Montes em sangue, Carvalho d'Este, o assassinato do General Bernardim Freire, o desastre das barcas no Porto, o prostrar vergonhoso dos seus governantes, a queda e o ressurgir de terras e cidades, a gigantesca luta por Amarante, a entrada dos aliados no Porto, a fuga

---

com D. Engráca Moreira de Sá, c. g.; c) D. Amélia da Silveira Tinoco, x com António Clemente de Sousa Geão, c. g.». Apontamentos tirados do ms. citado na nota 54.

[90] José Maria de Souza da Silveira assentou praça como voluntário aos 19 anos, em 20.12.1800; cadete em 1.1.1801, alferes a 11.12.1801, tenente graduado a 7.7.1804; efectivo a 13.8.1804, passou do Real Corpo da Marinha para o Regimento de Infantaria 18 na data referida no texto. Promovido a tenente graduado a 5.8.1808, major para este Regimento a 22.6.1815, Tenente Coronel graduado a 22.1.1818, fez as campanhas na Europa desde 1808 até 1814, sendo sempre efectivo, e as campanhas na «margem oriental do Rio de Janeiro» desde 1816 a Set. 1818. «É quanto consta dos assentos do I.º e Guia do Reg.º N.º 18, Quartel das casas do ...Seco, 18.5.1821, as. João Crisóstomo Calado, Coronel do 2.º Reg.º de Inf.ª dos Voluntários Reais d'El-Rei. Lisboa 6.12.1821. Em 1820 passou da Divisão dos Voluntários Reais d'El-Rei para o exército do Porto, fez as campanhas da Restauração de Lisboa. Está este doc. na Caixa n.º 259 no Arquivo Histórico Militar, Lisboa. As pesquisas neste Arquivo foram todas pacientemente feitas por minha prima Dona Helena Maria Cardoso de Macedo e Menezes (Margaride), a quem muito agradeço.

de Soult, o seu encontro com Loison «perto de Guimarães», as suas marchas pelos montes entre o Ave e o Cávado. A entrada de Beresford em Chaves, as forças do general Silveira a guarnecer o norte, as restantes tropas aliadas a avançar sobre Talavera, o regresso a Portugal pelo vale do Guadiana.

Em 1810 começa Massena a terceira invasão, espantosamente dificultada por uma população que queima os seus víveres e haveres para que o inimigo nada tenha. Repetem-se as mortes, o saque, as atrocidades. Wellesley, futuro Duque de Wellington, ao ver que os franceses avançam pela Beira Baixa concentra as tropas anglo-lusas no Buçaco. Entre os vários regimentos, aí está também Infantaria 18, onde é capitão José Maria de Souza da Silveira (91). Dá-se a grande batalha. A luta é heróica, por entre o nevoeiro, num corpo a corpo renhido. Retiram, vencidas, as forças de Napoleão. Junot saqueia Coimbra, ardem Condeixa, Pombal, Alcobaça, inflige severas baixas em Alenquer; desguarnecem os franceses a primeira parte das Linhas de Torres. Imobiliza-se Massena frente às mesmas Linhas. Em novembro de 1810 começam, lentamente, a retirar; meses depois abandonam Santarém. Recontros da Foz de Arouce e Casal Novo e aí vão os anglo-lusos na perseguição das tropas imperiais. Combate de Ferrarias e, já em Espanha, Fuentes de Oñoro; agora a recuperação de Almeida; quase ao mesmo tempo Beresford bate Soult na batalha de Albuera, depois de ter libertado Campo Maior. Concede Beresford, Marquês de Campo-Maior, ao Capitão José Maria de Souza da Silveira, 19 dias de licença, ao fim de seus 11 anos e 5 meses de serviços (92).

Pausa neste mundo de guerra. Desaparece nos Pombaes, a 3.1.1812, Dona Josefa Ventura de Palhares Coelho de Brito (93). *«Todos os meus bens moveis à excepção de meu Adereço de Diamantes que deixo a seu Primo Jozé Maria para a Senhora com quem houver de cazar, são para meu sobrinho, comigo*

(91) V. nota anterior.

(92) Caixa 2023, Arquivo Histórico Militar, Lisboa, v. nota 90.

(93) O seu testamento encontra-se no Livro de Testamentos Cerrados n.º 42 c., p. 5 v.º. «Testamento de Dona Josefa Ventura Lobato de Palhares Coelho, e Brito da Casa dos Pombaes». (Arq. Mun. A. Pimenta).

assistente, Francisco Felipe de Souza da Silveira» (94), filho segundo do Morgado de Lamôzo. *«Todas as mais peças de diamantes que me pertencem para suas irmãs, minhas sobrinhas Ana Cazemira e Maria José».* Dois mil e oitocentos reis por uma só vez a cada uma das cunhadas, freiras em Santa Rosa de Lima; seis mil e quatrocentos reis para a mais velha, religiosa em Santa Clara. Para José Maria de Souza da Silveira, «filho de meu cunhado Francisco António de Souza da Silveira», a Casa e o vínculo dos Pombaes. Mais legados, mais sufrágios, mais lembranças. Morre Dona Josefa Ventura. Contas que ficam por rezar, rendas a amarelecer, flores arrancadas das jarras, luto a cobrir as paredes da casa.

«Solteiro com 31 anos tem boa saúde faz exercicio moderadamente e é capaz de suportar o exercicio continuo e violento, respeita os superiores e é respeitado pelos inferiores, mais por subordinação que por dispozição natural a subordinação aos superiores» e que no juizo do Coronel de Infantaria 18, Manuel Pamplona, «tem qualidades porem tem alguma

(94) Francisco Felipe de Souza da Silveira, era f.º 2.º de António Pereira Marinho Falcão e Melo, sr. do vínc.º do Lamozo, em Amares, e de sua m.er Dona Ana Perpétua Rosa de Souza da Silveira (nota 73). Citado nas *«Apóstilas à Memória Genealógica e Biographica sobre Marinhos Falcões»* de J. Sousa Machado, (pag. 54), Francisco Felipe viveu nos Pombaes na companhia de sua tia, aí se conservando depois da morte de Dona Josefa. Pelas «Velharias Vimaranenses», in Rev. *«Gil Vicente»*, temos conhecimento de alguns factos da sua vida: a 1.7.1826 «entre outros, é proposto pelo cónego João Baptista de Sampayo (constitucional) que seja expulso e riscado da Irmandade da Misericórdia Francisco Felipe de Souza da Silveira (miguelista)»; a 30.1.1827, no auto de Aclamação, em Guimarães, de S. M. El-Rei Dom Miguel, aparece como Cadete de Inf.ª 12; a 24.3 toma posse do cargo de vereador da Câmara; a 7.12 é determinado «para melhor solenizar a chegada do Infante D. Miguel se mande vir uma Efigie iluminada, em meio busto, para a iluminação da frontaria da Câmara, nos 3 dias seguintes ao da chegada, a qual iluminação será de cera com o maior aceio e grandeza possível, feita à descrição do vereador Francisco Felipe de Souza da Silveira»; a 29.10.1828 assina como almotacé no «Auto de aclamação e ratificação do já feito a 12.4., aclamando El-Rei Dom Miguel como Rei absoluto; a 4.7 é eleito na Câmara juiz almotacé; a 17.3.1829, como irmão da St.ª Casa, assina a acta que elimina da Irmandade todos os Irmãos que seguissem a Causa Liberal. Francisco Felipe x com Dona Maria José de Alpuim, tendo, pelo menos, uma f.ª, Dona Maria, + solt.ª, enterrada a 29.9.1822 no Conv.º da Madre de Deus, em Guimarães. L.º das sepulturas desse mesmo Conv.º in *«Bol. de Trabalhos Históricos»*, vol. III, n.º 2.

pequena dispozição para a insubordinação» ([95]), avança, com o seu regimento, o capitão José Maria de Souza da Silveira, Senhor dos Pombaes. Em 1812, Wellesley toma Ciudad Rodrigo e Badajoz; trava-se a batalha de Arapiles. Soult levanta o cerco a Cadiz, reunem-se os jacobinos. Retira glorioso o Marquês de Wellington, agora em Portugal Duque da Vitória, Marquês de Torres Vedras e Conde de Vimeiro, a juntar forças.

Na primavera de 1813 está Wellington de novo em luta. Entra em Madrid. 24 de Julho de 1813 — Batalha da Vitória. Sucedem-se os combates, penetra em França. A 11.4.1814 conquista Toulouse, abate-se por fim o Império de Napoleão. Faz toda esta campanha o Senhor dos Pombais, de quem escreve Henrique Pyna, Tenente Coronel de Infantaria 18, a 1.1.1814, no Quartel de Vieux Mouqueront: «este oficial tem as qualidades necessarias para ser um bom oficial superior», contrariando o que dissera em Vergara, a 1.7.1811, onde o acusara de «ter uma forte inclinação para a insubordinação e para não cumprir as ordens de seu chefe» ([96]). Findo o conflito, José Maria de Souza da Silveira, medalha de 6 Campanhas da Guerra Peninsular, pede a 22.9.1814 licença de um ano para ir à Corte no Rio de Janeiro ([97]); a 22.6.1815 é promovido ao posto de Major ([98]).

Olivença, Caiena, o tráfico de escravos, delicadas questões que não são escutadas no Congresso de Viena, nem a Inglaterra nem as outras potências fazem justiça aos sacrifícios de Portugal durante a Guerra Peninsular. Do Brasil, elevado a Reino, capital de Portugal, reage Dom João VI. Nos limites do Rio Grande do Sul nasce, como nação, a Argentina; ferve, chefiada pelo caudilho Artigas, a Banda Oriental do Rio da Prata. Ordena El-Rei a invasão deste último território: alarga as fronteiras do seu imenso Brasil, vai contra os desejos dos ingleses,

---

([95]) Caixa 2023, Arq.° Hist.° Militar, nota 90.

([96]) V. nota anterior.

([97]) José Maria de Souza da Silveira é na altura capitão do 2.° Regimento de Infantaria de Linha da Cidade do Porto. Assina este documento o Marquês de Aguiar, no Rio de Janeiro. Nas caixas n.°s 141, 311 e 504 no Arq. Histórico Militar há variados papéis referentes a José Maria de Souza da Silveira: pedidos de pagamentos de soldos, tanto de efectivo como já na reforma de 1821 a 1843, v. nota 90. Esta licença está entre eles.

([98]) Nota 90.

humilha os castelhanos. Pelas pampas sopra o minuano, pelos rios e florestas passam, conquistam, juntamente com a tropa do Rio, «5.000 veteranos da campanha da guerra peninsular, aguerridos pelos repetidos combates e disciplinados pela mão ferrea do marechal Beresford» (99). «Vencem os neo-espanhois em São Borja, São Gabriel, Curambé, Catalão, invadem Entre-rios, entram em Montevideu, ocupam a colónia do Sacramento (100). Entre eles, até 1818, encontra-se o Tenente Coronel Graduado José Maria de Souza da Silveira (101), medalha das campanhas do Rio da Prata. Regressa a Portugal antes de Taquarembó, e do Uruguai ser incorporado à Corôa Portuguesa sob o nome de Província Cisplatina. Em Lisboa ainda vai, com infantaria 18, em 1823, até Vila Franca, para restaurar os direitos de El-Rei Dom João VI como Rei Absoluto. No ano seguinte, em Braga, constitue familia: a 30.6.1824, no oratório da Casa do Passadiço, recebe, como mulher, sua parenta Dona Margarida Fortunata Veloso da Costa, Senhora dessa mesma casa (102). Aí nascem seus filhos: a nova geração dos Souzas da Silveira: Francisco António, Dona Ana Casemira, Dona Maria José e José Maria (103).

20 de Abril de 1840. Incendeia-se durante a noite a cavalariça da Casa dos Pombaes. Arde toda. Pega em armas Infantaria 18 (104). Anos depois no terreiro da casa soam os clarins e tambores. O 8 de Infantaria, a 12.4.1845, presta honras fúne-

(99) Livro citado na nota 87, pag. 582.

(100) «*História do Brasil*», de Afranio Peixoto, Porto 1940 , pag. 160.

(101) Nota 90.

(102) Dona Margarida Fortunata Veloso da Costa, * em Braga, foi bap. no Oratório da Casa do Passadiço a 21.2.1797, f.ª e herd.ª do Dr. António *José Veloso da Costa, lic.do em leis, advogado em Braga, opositor aos lugares de letras, etc., sr. da Casa do Passadiço, em Braga, (que comprou* a D. Rodrigo de Lyra e Menezes ou a seus herdeiros), e de sua m.er Dona Maria Rosa Joaquina Cibrão, neta pat. de António Fernandes Veloso e de sua m.er Ascensão Vieira, neta mat. de Domingos Gonçalves Cibrão, sr. da Qt.ª da Lama, S. Cipriano de Tabuadêlo, Guimarães (v. nota 54), e de sua m.er Valentina Alves, in «Souza da Silveira»,, nota 54

(103) Francisco António a 31.5.1825; Dona Ana Casemira a 15.5.1826; Dona Maria José a 25.4.1827 e José Maria de Souza da Silveira a 30.6.1828. Este último andou pelo Brasil e veio a + solt.º na Póvoa de Varzim, in «Souza da Silveira», nota 54.

(104) «Velharias Vimaranenses», in Rev. «Gil Vicente», vol. XVI, n.ºs 3 e 4.

bres ao Tenente Coronel José Maria de Souza da Silveira, Senhor Donatário de Fafe, Moço Fidalgo com exercício no Paço ([105]), Alcaide Mor de Montalegre, Senhor da Casa dos Pombais, medalhas das 6 Campanhas na Guerra Peninsular, do Rio da Prata e da de distinção na Restauração de Lisboa. Sepultam-no em Braga ([106]). No Passadiço vivem sua viúva e filhas. Já nos quarenta, no oratório da casa, contrai matrimónio a mais velha, a 5.10.1868, com António José Torres Portocarrero e Mendonça; ambos aí falecem sem deixar geração ([107]). Ainda de mais idade que a primeira, casa a segunda, com o futuro 1.º Visconde do Passadiço, Luís Óscar Pires Toste ([108]). E a mãe? «na Q.tª dos Pombaes sentada em uma poltrona com saude e bom juizo», queixa-se em 1877:

— «... ao retirar-me do Passadiço para Guimarães, ficaram minha filha e genro, bem contra a minha vontade com objectos de muita estimação que são variadas joias, antigas e modernas brilhantes, diamantes e fios de pérolas um cruxificio de ouro de muito valor e merecimento e grande estimação para mim por ser uma joia antiga de familia, cordões e vários objectos de ouro alguns do meu uzo várias roupas e alem disto todas as acções que pessuo de Bancos e Companhias e do Caminho de Ferro do Minho e do Douro, tendo sido muito prejudicada por não me serem entregues e não receber os rendimentos delas, o meu adereço de diamantes composto de colar e de flor de cabeça de subido preço e estimação o meu anel de casamento de brilhantes de subido valor com que me presenteou meu marido um broche de ouro e diamantes rosas de muito rara qualidade enfim vários documentos e dinheiro» ([109]).

([105]) Alv. de 7.12.1819 e 30.3.1821, in«Souza da Silveira», nota 54.

([106]) O assento de óbito está no Ob. 2 Creixomil. O Abade de Tagilde num dos seus livros manuscritos, existentes na Soc. Martins Sarmento, refere-se a esta efeméride.

([107]) Dona Ana Casimira Veloso da Silveira + a 2.1.1880; seu marido era nat. de Torre de Moncorvo, + a 24.10.1878, in «Souza da Silveira».

([108]) Casaram a 25.12.1872. O 1.º Visconde do Passadiço era nat. de Angra, ignoro a data da concessão do título. Não tiveram geração.

([109]) «Registo do testamento com que faleceu a Exma. Margarida Fortunata Veloso da Silveira, viuva moradora que foi na Casa dos Pombaes, freg.ª de S. Miguel de Creixomil, subúrbios desta cidade». L.º 77 dos Testa-

Anos volvidos, a Casa do Passadiço irá para mãos estranhas à família ([110]).

Jardins e casa «brilhantemente adornados e iluminados», tem lugar nos Pombaes o baile dado a 21.5.1858 pela Sociedade Recreativa Vimaranense para comemorar a chegada a Lisboa da Rainha Dona Estefânia. Aí se propõe a creação em Guimarães de um asilo de meninas: o de Santa Estefânia, de Amor de Deus e do Próximo ([111]). Música a tocar, saias a rodopiarem em balão, surge a ideia da benemérita instituição, linda homenagem à doce princesa de Hohenzollern, recem-chegada a Portugal para viver com seu Rei um breve sonho de amor, de bondade, de beleza, logo espezinhado pela morte.

Modernizam-se os tempos. Ficam longe os perigos das jornadas; de comboio já se atravessa toda a Europa. — «Apontamentos de minha viagem a Madrid — Sete Dias em Madrid —

---

mentos Cerrados, p. 3. Arq. Mun. A. Pimenta. Dona Margarida + a 8.1.1883 na Casa dos Pombaes.

([110]) Aos 75 anos, em 1902, Dona Maria José Veloso da Silveira, passou as 2.as núpcias com Don José Moreno Sanches de Dion, * em Vila dc Conde a 19.10.1878 (v. «Anuário da Nobreza I» — Moreno Sanches de Dion, dos Condes de la Lisea em Espanha). Universal herdeiro de sua mulher, falecida em 1908, Don José Dion deixou a Casa do Passadiço, e todos os bens herdados, aos sobrinhos, filhos de seus irmãos.

([111]) «Ephemerides Vimaranenses», vol. II, ms de João Lopes de Faria na Bib. da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães. Transcrevo ... «com a nobre e generosa annuencia do Ex.mo Francisco António da Silveira às nove da noite reuniram-se os sócios da Sociedade Recreativa Vimaranense e suas famílias na Casa dos Pombaes a illuminação começava às portas de ferro, seguia pela larga rua de elevada murta, largo da entrada, escadório, pateo, janellas e fachada da mesma casa, causando de longe a vista mais agradável, mais deslumbrante. Às 10 horas estavam as salas cheias e então reunidas as senhoras na terceira sala do lado que olha para o sul mais que as outras ricamente mobilada e toda forrada a damasco, se descobriu ao som do hyno real o retrato de S. M. el Rei sobre o trono e a luminosa legenda «Pedro Estephania» que foi saudado com entusiasticos vivas ...». Seguiu-se um discurso do professor Francisco António de Almeida dando a ideia da fundação do asilo, às 11 foi servido o chá começando o baile propriamente dito à meia noite.»

Despeza que fiz na viagem a Madride

Out 21	Levei da Foz ...	
	Levei em ordem sobre D. Juan de Vagem, Calle de Atocha 25 ou 26 — 4000 reales	
	Despeza	
Out 21	charutos que levei	
	carruagem das taipas ao Porto	
	gratificação ao cocheiro para levarme ao hotel	
	gratificação ao mesmo por irme buscar a ...	
	um óculo	
	bagagem que levei 15 K	
	Bilhete de comboio de ida e volta a Madrid	10$000
	condução do carro da estação	60 r
	Barbeiro	60 r
	Hotel da Estrela cama e chá com pão e manteiga	420
Out 22	carro pª as Devezas	200
	1.º de Janeiro	
	Almoço em Coimbra chá e pão com manteiga frango com macarrão e vitela	500
	Jantar no Entroncamento (caldo e assado)	300
	Em Badajóz cafe e pão com manteiga a meia noute	183
	Em Almo ... chocolate e pão	cem reis
	Em Ciudade Real jantei	
	Em Alcazar de S. Juan 2 charutos	94 r».

E mais, direcções de alfaiates, de fatos feitos, de museus, de cocheiros, de hoteis. De quem são estes apontamentos? [112]

[112] Estes apontamentos, sem data nem assinatura, encontram-se no arq. part. da Casa dos Pombaes.

De Francisco António de Souza da Silveira, senhor dos Pombais, filho mais velho do Tenente Coronel José Maria de Souza da Silveira, casado com Dona Julia Eugénia Dias Oliveira de Viamonte, filha dos 1.os Barões de Viamonte da Boavista? ([113]) Ou de seu filho José de Sousa de Viamonte da Silveira, 1.º Visconde de Viamonte da Silveira ([114]), Morgado dos Pombais, marido, em primeiras e segundas núpcias, de senhoras da Casa da Freiria? ([115])

([113]) Francisco António de Souza da Silveira, Moço-Fid. com exercício no Paço (alv. de 1853), sr. da Casa dos Pombaes, aí + a 1.5.1891. Sua m.er, Dona Júlia Eugénia Dias Oliveira de Viamonte, * a 19.10.1837, f.ª de José Joaquim de Viamonte, 1.º Barão de Viamonte de Boavista, Tte. Coronel das Ext.as Milícias de Vila Real, Med. das 3 Campanhas da Guerra Peninsular, e de sua m.er Dona Silvina Severa da Cunha (f.ª de João da Cunha Pinto, Fid. da C. R., Coronel adido ao Castelo de S. João da Foz, Medalha de 6 Campanhas da Guerra Peninsular, e de sua m.er Dona Rosa Joaquina Baptista).

([114]) Decreto de El-Rei Dom Luís, de 11.4.1889. O 1.º Visconde de Viamonte da Silveira, * a 10.11.1867 + a 29.6.1933.

([115]) O 1.º Visconde de Viamonte da Silveira casou duas vezes. A 1.ª com Dona Maria da Assunção Correa Leite de Almada, Viscondessa de Viamonte da Silveira pelo seu casamento, * na Casa da Freiria, S. João de Ponte, a 14.8.1871 e + a 12.7.1910, f.ª de António Pereira da Silva Leite, sr. da referida Casa, e de sua 1.ª m.er Dona Emília Leite Correa de Almada (Azenha); a 2.ª, a 29.12.1912, com sua cunhada Dona Luísa Leite Pizarro, Viscondessa de Viamonte da Silveira, pelo seu casamento, * 30.10.1876 + a 21.5.1964, f.ª do acima citado António Pereira da Silva Leite e de sua 2.ª m.er Dona Rita de Cácia de Sá Soutomayor Pizarro. V. «Casa da Freiria», S. João de Ponte. Tiv.º do 1.º casamento:

1. Dona Júlia de Almada de Viamonte da Silveira, + em Guimarães a 10.7.1927, x na igreja de S. Miguel de Creixomil a 14.11.1921 com Fernando José Peixoto de Sampayo de Bourbon (de quem foi 1.ª m.er), * em Guimarães a 20.11.1887, aí + a 19.4.1948, f.º de Gaspar Tomaz Peixoto da Sylva e Bourbon, representante da Casa e título de Marquês de Lindoso, e de sua m.er Dona Amélia Augusta Baptista de Sampayo S. G.

2. Dona Maria José de Almada de Viamonte da Silveira, * 19.11.1895, x 19.3.1928 com Luís Trepa de Oliveira Ramos, * a 16.11.1893, f.º de António de Oliveira Ramos e de sua m.er Dona Júlia Trepa. Tiv.: a) António de Viamonte da Silveira Trepa de Oliveira Ramos, + solt.º no Brasil, b) Dona Maria da Assunção, solt.ª e c) Dona Maria Júlia que segue adiante, x com seu primo co-irmão Francisco Calheiros de Noronha Pereira Coutinho de Almada de Viamonte da Silveira, c. g.

3. Dona Ana de Almada de Viamonte da Silveira, * a 19.2.1896, x 5.9.1925 com José Figueira de Sousa, * a 22.12.1894 + a 11.1.1958, f.º

Os anos correm. 2.º Visconde, e também senhor desta casa, foi Francisco Leite de Almada de Viamonte da Silveira, engenheiro civil, único filho varão dos 1.os Viscondes de Viamonte, casado com Dona Maria dos Prazeres de Abreu Calheiros de Noronha Pereira Coutinho, filha dos 1.os Condes de Paço Vitorino. Aqui vive hoje esta senhora com seus filhos. Sucessor

---

de Domingos de Sousa Júnior e de sua m.er Dona Felicidade Figueira. Tiv.: a) Dona Maria Felicidade, x com o Eng.º José Manuel da Silva Carvalho, c. g., c) D. Maria das Dores, x com Manuel Nunes da Ponte de Sousa Guedes, c. g., c) Dona Maria Ana, x com Victor Manuel de Oliveira Pimentel Torres, médico, c. g., d) Domingos José de Viamonte da Silveira Figueira de Sousa, x com Dona Maria Angelina Dias da Silva Ferreira Braga, c. g. e e) José Eduardo de Viamonte da Silveira Figueira de Sousa, x Dona Maria Branca de Abreu Novais Malheiro, irmã da actual Viscondessa de Viamonte da Silveira, c. g.

4. Francisco Leite Correa de Almada de Viamonte da Silveira, que segue.

5. Dona Joana de Almada de Viamonte da Silveira, * na Póvoa de Varzim, a 13.9.1898, x a 8.9.1919 com seu primo, Paulo Lobo Machado do Amaral Cardoso de Menezes, * em Guimarães a 11.7.1895, aí + a 19.9.1930, f.º de Pedro Lobo de Sousa Machado Cardoso de Menezes (Paço de Nespereira) e de sua m.er Dona Maria Margarida de Melo Sampayo (Pombeiro de Riba Vizela). Tiv.: a) Dona Maria da Assunção de Viamonte da Silveira Lobo Machado, x com António Augusto de Almeida Rodrigues Pinto Barbosa, eng.º civil, c. g., b) Dona Maria Margarida, x com Manuel Cabral Villa Lobos Machado, c. g., c) Dona Maria Julia, + com 8 meses e d) Dona Maria José, solt.ª.

Do 2.º casamento:

6. Dona Maria Henriqueta Soutomayor Pizarro de Viamonte da Silveira, * a 20.9.1917, x com Amilcar de Sousa + em 1967. Tiv.: a) Dona Maria Luisa, solt.ª e b) Francisco de Viamonte da Silveira de Sousa, x com Dona Maria José Vieira de Castro, c. g.

— Francisco Leite Correa de Almada de Viamonte da Silveira, eng.º civil, 2.º Visconde de Viamonte da Silveira, Alv. do Cons. de Nobreza de 25.6.1946, sr. da Casa dos Pombaes * a 7.5.1897 + 22.12.1963 x em Paço Vitorino, Ponte do Lima, a 7.8.1925, com Dona Maria dos Prazeres de Abreu Calheiros de Noronha Pereira Coutinho, Viscondessa de Viamonte da Silveira pelo seu casamento, * a 18.10.1894, f.ª de Francisco de Abreu Lima Pereira Coutinho, suc. a seus pais, 1.º Conde de Paço de Vitorino, e de sua m.er Dona Sebastiana Calheiros de Noronha Castelo Branco Pita de Avilez, herd.ª de seus pais, Condessa de Paço de Vitorino pelo seu casamento, neta pat. de Francisco António de Abreu Pereira Coutinho, adm. do vínculo do Paço, em Vitorino das Donas, e do vinc. do Sabadão, ambos em Ponte do Lima, e de sua m.er Dona Catarina de Sena de Sá Pereira Pimenta Furtado de Mendonça, neta mat. de Francisco Xavier Calheiros de Noro-

a seu pai é o primogénito, José Calheiros de Abreu Coutinho de Almada de Viamonte da Silveira, 3.º Visconde de Viamonte da Silveira, marido de Dona Maria Guilhermina de Novais Leite Malheiro, da Casa das Torres, na Facha, Ponte do Lima. A casa vai ficando cercada por edifícios. Continua branca, armoriada

---

nha, sr. da Casa da Torre, em Geraz do Lima, e de sua m.er Dona Joaquina Werneck de Abreu Brandão e Vasconcelos. Tiv.:

1. José Calheiros de Abreu Coutinho de Almada de Viamonte da Silveira, que segue.

2. Francisco Calheiros de Noronha Pereira Coutinho de Almada de Viamonte da Silveira, * 4.5.1929, x com sua prima co-irmã Dona Maria Júlia de Viamonte da Silveira Trepa Ramos (v. acima). Tiv.: a) José Luís Trepa Ramos de Viamonte da Silveira, * a 18.12.1965. b) Dona Maria José Trepa Ramos de Viamonte da Silveira, * a 12.9.1967. c) Dona Maria Cristina Trepa Ramos de Viamonte da Silveira, * a 14.12.1968. d) Pedro Manuel Trepa Ramos de Viamonte da Silveira, * a 29.12.1969. e) Dona Maria Júlia Trepa Ramos de Viamonte da Silveira, * a 4.12.1972.

3. António de Abreu de Viamonte da Silveira, * a 5.7.1935.

4. Dona Maria da Assunção de Abreu de Viamonte da Silveira, * a 4.8.1937, x 7.11.1962 com Fernando António Pereira dos Santos, oficial do exército, * em Braga, a 15.11.1933, f.º de João Evangelista Pereira dos Santos e de sua m.er Dona Maria da Conceição Pereira. Tiv.: a) Dona Paula Maria, * 26.10.1965, b) José Miguel de Viamonte da Silveira Pereira dos Santos, * a 30.1.1969 e c) Dona Maria Catarina, * a 14.1.1972.

— José Calheiros de Abreu Coutinho de Almada de Viamonte da Silveira, 3.º Visconde de Viamonte da Silveira, alv. do Cons. de Nobreza de 15.10.1966, * 18.3.1928, x na Facha a 18.10.1961 com Dona Guilhermina de Novais Leite Malheiro, * na Facha a 23.8.1936, Viscondessa de Viamonte da Silveira pelo seu casamento, f.ª de Eduardo Augusto Correa Malheiro Pereira Peixoto, lic.do em ciências Histórico Filosóficas, e de sua m.er Dona Júlia Clementina Leite Gomes de Abreu Novais, sr.ª da Casa das Torres, na Facha, Ponte do Lima, neta pat. de Gaspar Malheiro Pereira Peixoto, adm. dos vinc. de Nossa Senhora da Misericórdia e Nossa Senhora dos Reis, na Gemeeira, e do de Barreiros, Ponte do Lima, e de sua m.er Dona Maria José Guilhermina Correa de Oliveira, neta mat. de Dr. João José do Couto de Amorim Novais e de sua m.er e prima Dona Rosa Bárbara de Amorim Novais Leite. Tiv.:

1. Dona Maria Júlia Malheiro Calheiros de Viamonte da Silveira, * a 3.9.1962.

2. Francisco José Malheiro Calheiros de Viamonte da Silveira, que segue.

3. Dona Maria da Conceição Novais Leite de Viamonte da Silveira, * a 24.5.1967.

— Francisco José Malheiro Calheiros de Viamonte da Silveira, * a 21.12.1964.

de Souzas e Silveiras ([116]). Nas crianças que brincam no seu jardim segue vivo o sangue do Desembargador António de Souza da Silveira e de sua mulher Dona Custódia Maria da Guerra e Cunha, seus 5.os avós, primeiros senhores da Casa dos Pombaes nesta família.

MARIA ADELAIDE PEREIRA DE MORAES

---

[116] Escudo partido de Souza (do Prado) e Silveira, por diferença uma brica de..... Timbre: Souza. in «Pedras de Armas de Portugal», de Armando de Matos, pág. 200.